



UNIVERSIDADE CATÓLICA DO SALVADOR
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FAMÍLIA NA SOCIEDADE
CONTEMPORÂNEA

ANDERSON DOS SANTOS DIAS

**ENTRE TEXTOS AUTORAIS E CONTEXTOS EDUCACIONAIS E FAMILIARES:
A CONTRIBUIÇÃO DA ESCRITA DE SI DE CAROLINA MARIA DE JESUS PARA A
CONSTRUÇÃO DAS SUBJETIVIDADES DE MULHERES NEGRAS DE ESCOLA
PÚBLICA**

Salvador

2023



UNIVERSIDADE CATÓLICA DO SALVADOR
Pró-reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação
Programa de Pós-Graduação em Família na Sociedade Contemporânea

ANDERSON DOS SANTOS DIAS

**ENTRE TEXTOS AUTORAIS E CONTEXTOS EDUCACIONAIS E FAMILIARES:
A CONTRIBUIÇÃO DA ESCRITA DE SI DE CAROLINA MARIA DE JESUS PARA A
CONSTRUÇÃO DAS SUBJETIVIDADES DE MULHERES NEGRAS DE ESCOLA
PÚBLICA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Família na Sociedade Contemporânea da Universidade Católica do Salvador – (UCSal), como requisito parcial à obtenção do grau de Mestre em Família na sociedade Contemporânea. Linha de Pesquisa: Família nas Ciências Sociais.

Orientadora: Professora Doutora Livia Alessandra Fialho da Costa

Salvador

2023

Dados de Catalogação na Publicação (CIP)
Ficha Catalográfica. UCSal. Biblioteca.

D541 Dias, Anderson dos Santos

Entre textos autorais e contextos educacionais e familiares: a contribuição da escrita de si de Carolina Maria de Jesus para construção das subjetividades de mulheres negras de escola pública / Anderson dos Santos Dias .__ Salvador, 2023.
174 f.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Católica do Salvador.
Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação. Mestrado em Família na Sociedade Contemporânea.

Orientadora: Profa. Dra. Lívia Alessandra Fialho da Costa.

1. Autobiografia 2. Carolina Maria de Jesus 3. Decolonialidade
4. Educação 5. Família I. Costa, Lívia Alessandra Fialho da – Orientadora
II. Universidade Católica do Salvador. Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação III. Título.

CDU 316.356.2:929

TERMO DE APROVAÇÃO

ANDERSON DOS SANTOS DIAS

**“ENTRE TEXTOS AUTORAIS E CONTEXTOS EDUCACIONAIS E
FAMILIARES: A CONTRIBUIÇÃO DA ESCRITA DE SI DE CAROLINA
MARIA DE JESUS PARA A CONSTRUÇÃO DAS SUBJETIVIDADES DE
MULHERES NEGRAS DE ESCOLA PÚBLICA”**

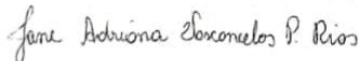
Dissertação aprovada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Família na Sociedade Contemporânea da Universidade Católica do Salvador.

Salvador, 28 de abril de 2023.

Banca Examinadora:



Prof.ª Dr.ª Livia Alessandra Fialho da Costa
Orientador(a) - (UCSAL)



Prof.ª Dr.ª Jane Adriana Vasconcelos Pacheco Rios (UNEB)



Prof. Dr. Rafael Cerqueira Fornasier (UCSAL)

A todas as Carolinas que passaram por minha vida e deixaram seus testemunhos escritos com letras, sangue e suor.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus pela sua fidelidade e pelo seu amor que sempre me constringe, e a Nossa Senhora, que sempre me acompanhou durante essa jornada.

Dedico essa conquista a minha adorável esposa, amiga e cúmplice, Camila, que alimentou esse sonho e amparou-me nas quedas. Sem o seu amor e companheirismo, não teria conseguido.

Sou muito grato aos meus pais pelo dom da vida e amor incondicional; a minha irmã Vivian (*in memoriam*), que continua zelando e cuidando de mim; aos meus outros irmãos e sobrinhos, por todo carinho.

Agradeço a minha sogra Evilásia, madrinha Andria, afilhados e amigos pelo incentivo e por compreenderem os momentos de minha ausência.

Obrigado à Prof.^a Dr.^a Vanessa Cavalcanti por me apresentar a Carolina Maria de Jesus. Sem você nada disso seria possível! Serei sempre grato pelo seu incentivo, carinho e tantos Ui!

Obrigado a minha orientadora, Prof.^a Dr.^a Livia Alessandra Fialho da Costa, por sua dedicação e por ter acreditado e depositado sua confiança em mim ao longo desse tempo. E a todos os professores da Universidade Católica pela partilha de conhecimentos.

Agradeço as minha “Outras” Carolinas, colegas do mestrado – Sandra, Olgair, Maiara, Jane, Maria das Graças, Ana Cristina, Marineuza, Lígia –, que trilharam esse caminho comigo e que não largaram a minha mão. Ao meu querido Matheus, testemunho de perseverança e solidariedade, agradeço seu carinho e amizade.

Agradeço a todos os funcionários, ao corpo docente e discente do Colégio Estadual Professor Edilson Souto Freire pelo apoio. De maneira muito especial à diretora Nancy Araújo, que “agilizou” para que a pesquisa acontecesse. E as minhas queridas alunas, que carinhosamente chamo de “minhas Carolinas”, essa conquista é de cada uma de vocês. Obrigado por compartilharem a vida de vocês. Estarão sempre comigo!

Agradeço a minha ex-aluna Gláucia Pereira por ser uma fonte de inspiração, Isaias Beltrão por partilhar comigo do seu carinho por Carolina, e a psicóloga Janaina Fragoso por todo o incentivo e compreensão durante esse tempo.

Por fim, o meu agradecimento mais que especial à escritora negra, favelada, mãe solo, catadora de lixo e escritora, Carolina Maria de Jesus, que me proporcionou uma nova compreensão do ato de ensinar e do quanto somos capazes de superar nossas dificuldades e fazer a nossa vida e a dos outros melhor e mais feliz.

Para que as luzes do outro sejam percebidas por mim, devo por bem apagar as minhas, no sentido de me tornar disponível para o outro. (MIA COUTO, 2015, p. 27).

RESUMO

De letras e tintas, a vida e as obras de uma mulher negra desvelam o real, o vivido e o narrado. A pesquisa é um convite para percorrer os caminhos trilhados pela escritora negra Carolina Maria de Jesus, em suas vivências sociais até o reconhecimento literário. Os seus diários autobiográficos estabelecem relações entre passado e presente, são retratos individuais que podem se aproximar do cotidiano de estudantes negras de uma escola pública e propor discussões sobre as relações étnico-raciais. O objetivo desta pesquisa é analisar elementos presentes na autobiografia de Carolina que impactam na escrita de si de estudantes negras de uma escola pública da Bahia. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, apoiada nos métodos autobiográficos e foram utilizadas entrevistas, rodas de conversas e oficinas de “escrita de si” para obtenção de dados, interativos e dialógicos, valorizando narrativas, sentidos e expressões dos sujeitos participantes. Os ateliês autobiográficos reuniram dez estudantes em sessões de escrita de cartas direcionadas a Carolina de Jesus. Os resultados mostram que alguns aspectos da vida de Autora ganham relevância na escrita autobiográfica das estudantes negras, sobretudo na percepção dos mecanismos sociais que tornam suas vozes marginalizadas e invisíveis. Ao mesmo tempo, a escola emerge, para as estudantes, como espaço de subversão, onde são possíveis resistências e outras construções das subjetividades, igualdade de direitos e oportunidades.

Palavras-chave: autobiografia; Carolina Maria de Jesus; decolonialidade; educação; família.

ABSTRACT

In letters and paints, the life and works of a black woman reveal the real, the lived and the narrated. The research is an invitation to walk the paths trodden by the black writer Carolina Maria de Jesus, in her social experiences until literary recognition. Her autobiographical diaries establish relationships between past and present, they are individual portraits that can approach the daily life of black students in a public school and propose discussions on ethnic-racial relations. The objective of this research is to analyze elements present in Carolina's autobiography that impact on the self-writing of black students in a public school in Bahia. This is a qualitative research, supported by autobiographical methods and interviews, conversation circles and “self-writing” workshops were used to obtain data, interactive and dialogical, valuing narratives, meanings and expressions of the participating subjects. The autobiographical workshops brought together ten students in letter writing sessions directed to Carolina de Jesus. The results show that some aspects of the Author's life gain relevance in the black students' autobiographical writing, especially in the perception of the social mechanisms that make their voices marginalized and invisible. At the same time, the school emerges, for the students, as a space of subversion, where resistance and other constructions of subjectivities, equal rights and opportunities are possible.

Keywords: autobiography; Carolina Maria de Jesus; decoloniality; education; family.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Quadro 1 –	Perfil das entrevistadas	47
Quadro 2 –	Etapas do processo de Análise	50
Quadro 3 –	Codificação da Terceira Etapa da Análise	51

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

CEP –	Comitê de Ética e Pesquisa
CEPESF –	Colégio Estadual Professor Edilson Souto Freire
CFCH –	Centro de Filosofia e Ciências Humanas
COVID-19 –	Corona Vírus Disease-2019
EJA –	Educação de Jovens e Adultos
LDB –	Lei de Diretrizes e Base
MEC –	Ministério da Educação
MMN –	Movimento de Mulheres Negras
PPFSC –	Programa de Pós-Graduação em Família na Sociedade Contemporânea
UCSal –	Universidade Católica do Salvador
UFMG –	Universidade Federal de Minas Gerais

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	12
2	CONSTRUINDO UMA PERSPECTIVA TEÓRICO-METODOLÓGICA	22
2.1	REFERENCIAL TEÓRICO E CONCEITUAL	22
2.1.1	A Literatura Marginal e Periférica	24
2.1.2	Construção de subjetividades	29
2.1.3	Interseccionalidade de gênero, raça/etnia e classe	33
2.1.4	Estudos pós-coloniais e da decolonialidade	39
2.2	MÉTODO E METODOLOGIA DA INVESTIGAÇÃO	44
3	ENTRE OS TEXTOS AUTORAIS E CONTEXTOS EDUCACIONAIS E FAMILIARES: UMA MULHER NEGRA CHAMADA CAROLINA MARIA DE JESUS	52
3.1	“ESCRITA DE SI”: RELATO DE VIDA	62
3.2	AS MARCAS IDENTITÁRIAS DE CAROLINA MARIA DE JESUS	66
3.2.1	Mulher e Negra	67
3.2.2	Favelada e Catadora de Papel	69
3.2.3	Mãe Solo e Companheira	72
	Escritora	75
4	SOMOS TODAS CAROLINAS!	78
4.1	DIREITOS ESCRITOS COM SANGUE, SUOR E LETRAS	79
4.2	PROJETO LITERÁRIO CAROLINA MARIA DE JESUS	82
4.3	CARTAS A UMA NEGRA – TRANSCRIÇÕES DOS CADERNOS DAS OFICINAS “ESCRITA DE SI”	86
4.3.1	“O Sapato que não era de cristal, mas que não impediu meus sonhos de princesa preta.” (JARID, 18 anos)	86
4.3.2	“Sou uma mãe solo e luto por uma educação antirracista.” (MARIA FIRMINA, 18 anos)	90
4.3.3	“Minha mãe é uma ‘Carolina’.” (CONCEIÇÃO EVARISTO, 16 anos)	94
4.3.4	“Quem disse que sou um sexo frágil? Sou mais mulher que muito homem [risos].” (MIRIAM, 18 anos)	98
4.3.5	“Somos tudo que vivemos e muito mais o que esperamos viver.” (GENI, 15 anos)	100

4.3.6	“Eu e meu lugar de fala, enfrentando gigantes.” (RUTH, 19 anos)	105
4.3.7	“O lugar de uma estudante negra de escola pública é onde ela quiser.” (ALZIRA, 18 anos)	110
4.3.8	“Valorizar minha beleza negra é uma das formas de preservar a minha identidade.” (ELIZANDRA, 19 anos)	114
4.3.9	“Minhas andanças.” (ANA MARIA, 62 anos)	118
3.3.10	“Minhas lembranças, meus sonhos e minha vida.” (LIA, 62 anos)	122
4.4	CAROLINA COMO ATO DE UM ATO	125
4.4.1	Através do espelho vejo você, Carolina	126
4.4.2	Eu também estou vendo vocês, “Carolinas”	129
4.4.2.1	Os primeiros contatos com Carolina de Jesus	130
4.4.2.2	Percorrendo os caminhos trilhados por Carolina de Jesus	132
4.4.3	Os reflexos das “Carolinas” para o mundo	140
5	CONSIDERAÇÕES (NUNCA) FINAIS	142
	REFERÊNCIAS	145
	APÊNDICE A – Roteiro da entrevista – Etapa 1	157
	APÊNDICE B – Roteiro das rodas de conversas – Etapa 2	159
	APÊNDICE C – Roteiro para as oficinas da “escrita de si” – Etapa 3	163
	APÊNDICE D – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido	166
	APÊNDICE E – Termo de Assentimento do Menor	169
	APÊNDICE F – Declaração Antiplágio	173

1 INTRODUÇÃO

A vida é igual um livro. Só depois de ter lido é que sabemos o que encerra. E nós quando estamos no fim da vida é que sabemos como a nossa vida decorreu. A minha, até aqui, tem sido preta. Preta á a minha pele. Preto é o lugar onde eu moro. (JESUS, 2014a, p. 167).

De letras e de tintas, a vida e as obras de uma mulher negra desvelam o real, o vivido e o narrado. A escolha de me debruçar sobre as obras da escritora negra Carolina Maria de Jesus¹ se deu por um motivo muito especial: descortinar minhas formações frente a necessidade de reconhecer que as produções autobiográficas são marcas registradas das vivências e contextos de uma investigação acadêmica.

O desejo de estudar a desigualdade social e a exclusão dos indivíduos iniciou-se na primeira graduação em História. A participação em movimentos estudantis, nesse período, produziu vários questionamentos e reflexões sobre as vulnerabilidades (BUTLER, 2003). Nos anos iniciais de docência no ensino médio na rede pública estadual da Bahia, os relatos de humilhação social vivenciada pelos jovens aumentaram essas inquietações. Contudo, foi na segunda graduação, em Psicologia, que os estudos sobre invisibilidade social (COSTA, 2004) me levaram a uma pesquisa empírica com pessoas em situações de rua, principalmente mulheres negras, e a influência da Comunidade da Trindade em suas vidas.²

As observações, vivências, entrevistas e participações nas atividades propostas do Projeto Levanta-te e Anda³ e do *Jornal Aurora da Rua*⁴ trouxeram a importância da autobiografia para construção identitária e dos marcadores sociais da diferença (CASTRO, 2013) como gênero, raça/etnia e classe na afirmação das subjetividades.

Como uma pessoa comum, professor, historiador e psicólogo, gostaria de ver, ler, compreender, interpretar pessoas comuns, principalmente mulheres, já que a sala de aula e os ambientes nos quais estou inserido são repletos de mulheres negras que estão sendo introduzidas ao letramento e escolaridade formal. Os relatos de humilhação social, opressões, subalternidades e violências vivenciadas pelas alunas representam ainda as amarras coloniais.

¹ Todas as vezes que for mencionado o nome de Carolina Maria de Jesus, será utilizado o seu nome completo em respeito à sua autoria, identidade e seu percurso, contrapondo-se ao silenciamento imposto à escritora ao longo da história.

² Comunidade que acolhe pessoas que vieram das noites das ruas e encontram na antiga Igreja da Trindade, localizada na avenida Jequitaiá, nº 165, no bairro Água de Meninos, próximo ao Mercado do Peixe, um ponto de apoio e um espaço de vida comunitária (COMUNIDADE DA TRINDADE, 2009).

³ Projeto social realizado pela Comunidade da Trindade que tem como objetivo resgatar pessoas vulnerabilizadas à dignidade humana com amor, respeito e acolhimento.

⁴ Jornal criado por integrantes da Comunidade da Trindade para humanizar o olhar da sociedade sobre as pessoas em situações de rua e gerar uma fonte renda.

Refletir sobre essa situação e a necessidade e direito de falar, de ser ouvida é um ato libertador. Não se pode apagar e/ou silenciar, dessas mulheres, a voz narrativa (EVARISTO, 2017), pois ela representa resistência e (re)construção de identidades.

Gosto de escrever, na maioria das vezes dói, mas depois do texto escrito é possível apaziguar um pouco a dor, eu digo um pouco [...] escrever pode ser uma espécie de vingança, às vezes fico pensando sobre isso. Não sei se vingança, talvez desafio, um modo de ferir o silêncio imposto, ou ainda, executar um gesto de teimosia esperança. Gosto de dizer ainda que a escrita é para mim o movimento de dança-canto que o meu corpo não executou, é a senha pela qual eu acesso o mundo. (EVARISTO, 2017, p. 202).

O anseio de propagar e ecoar essas vozes marginalizadas e invisíveis foi o primeiro passo para aproximação da literatura marginal-periférica, produzida por mulheres negras que através dos seus relatos experienciais são compreendidas como sujeitos do conhecimento, protagonistas capazes de discutir, definir e criar categorias próprias, singulares e subjetivas da sua história de vida (CARNEIRO, 2018). E para compreender melhor a importância da autobiografia para a construção das subjetividades e como indicador de contextos históricos, educacionais, sociais e culturais, resolvi retornar ao ambiente acadêmico.

Escrever me permitiu organizar e qualificar a reflexão que, na fala, se manifestava desconexa e irritada pela insegurança da oratória. Depois tornou-se instrumento de combate respondendo à necessidade de produção de argumentos para os confrontos que o racismo e o sexismo impuseram. Cada um dos meus escritos reflete um momento dessa luta, além da permanente disputa pela verdade histórica que se esconde atrás das narrativas construídas pelos opressores. (CARNEIRO, 2018, p. 8).

As leituras das pesquisas de duas alunas – a dissertação de mestrado de Leide Fernanda de Oliveira Queiroz (2020), *Levante-te e anda: pessoa em situação de rua, vida familiar e direitos humanos*, e da tese de Doutorado de Franciele Engelmann (2019), *Processos de constituição dos vínculos familiares em pessoas adultas que vivenciaram a situação de rua, membros da comunidade da Trindade* – foram fontes de aproximação ao Programa de Pós-Graduação em Família na Sociedade Contemporânea da Universidade Católica do Salvador (UCSal).

Já como aluno especial de mestrado em 2020.2, na disciplina Família, Ética, Violência e Direitos Humanos, fui apresentado, pela professora Dr^a. Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti, às autobiografias da escritora Carolina Maria de Jesus, que utilizou do poder da escrita como uma possibilidade para (re)construir suas subjetividades distorcidas pela miséria e exclusão social entre os anos 1914 e 1977.

A “narrativa do eu” presente nos seus diários apresentou-se como uma tentativa de comunicação que ultrapassou o tempo e trouxe inquietações e reflexões sobre como ampliar as discussões das relações étnico-raciais para fora do muro da escola. Ao aproximar pedagogicamente as discentes de uma escola pública estadual da autobiografia de Carolina Maria de Jesus, propus uma discussão sobre as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana⁵ através da história de vida dessa “escritora negra favelada” reconhecida mundialmente e dos seus contextos educacionais e familiares.

O caminho trilhado por Carolina Maria de Jesus e os seus escritos estabelece relações entre passado e o presente vivenciados hoje por outras semelhantes – mulheres negras e mães solo,⁶ – espalhadas nos barracos das favelas ou nas casas de alvenaria, trabalhadoras, as que sofrem qualquer espécie de violência, e sobretudo as sonhadoras. São as “Carolinas Outras”, sobre as quais dedico-me nesta pesquisa e que, assim como essa autora, são protagonistas de uma história que precisa ser escrita, eternizada: “[...] a literatura negra não é uma questão de pele, é uma questão de mergulhar em determinados sentimentos de nacionalidade enraizados na própria história do Africano no Brasil e sua descendência, trazendo um lado do Brasil que é camuflado.” (CUTI, 2010, p. 6).

É desse lugar especial, tão presente atualmente, que refletimos de que forma podemos produzir explicações a respeito do mundo no qual essa autora estava emergida, incluída e integrada? Faz-se necessário uma descolonização (FANON, 2008; SEGATO, 2015) desses conhecimentos produzidos através das narrativas biográficas e leituras das suas obras que foram realizados por sujeitos à margem e distantes de qualquer método de experimentação, pois tais conhecimentos afetam a subjetividade e a singularidade das realidades vivenciadas (DOSSE, 2016; GUTFREIND, 2015).

⁵ Em 09 de janeiro de 2003, o governo federal sancionou a Lei nº 10.639/03 (BRASIL, 2003), que altera a Lei de Diretrizes e Base (LDB) e institui a obrigatoriedade do ensino da História da África e dos africanos no currículo escolar do ensino fundamental e médio. Trata-se de um resgate histórico da contribuição dos negros na construção e formação da sociedade brasileira e uma valorização cultural dos matizes africanos que formam a adversidade cultural brasileira. Em 10 de março de 2008, a Lei nº 10.639/03 (BRASIL, 2003) foi alterada pela Lei nº 11.645/08 (BRASIL, 2008), incluindo também a obrigatoriedade do estudo da cultura indígena.

⁶ O termo ‘mãe solo’ será utilizado nesta pesquisa para remeter ao fato de ser a mãe, não necessariamente a progenitora, a principal responsável pela criação e educação de uma criança, tanto por questões financeiras, quanto por dedicação de tempo. Por considerar inadequado e pejorativo, o termo “mãe solteira” não será usado, pois remete ao estado civil e intencionalmente transmite uma imagem negativa e a impressão de que algo está faltando nesse tipo criação. Ou seja, como se a presença da mulher não fosse suficiente para ser considerada como mãe.

Carolina Maria de Jesus buscou a matéria poética da vida em meio às adversidades, e sem pedir licença adentrou os salões canônicos, brancos, masculinos e burgueses da literatura brasileira em meados do século XX. Com a sua escrita, ocupou a sala de visita e problematizou sobre quem tem o direito de produzir explicações a respeito do seu mundo. A importância histórica e social desse momento fomentou a pergunta de investigação desta pesquisa, qual seja, de que maneira a autobiografia pode ser utilizada como uma ferramenta para construção das subjetividades e para o protagonismo e os encontros das realidades vivenciadas por mulheres negras?

Dessa forma, o objetivo geral da pesquisa é analisar elementos presentes nas autobiografias de Carolina Maria de Jesus que impactam na escrita de si de estudantes negras de uma escola pública. E os objetivos específicos são: estudar a autobiografia de Carolina Maria de Jesus à luz de uma expectativa do método autobiográfico; promover ateliês autobiográficos com inspirações nas obras de Carolina Maria de Jesus; comparar os elementos da “escrita de si” nas autobiografias das estudantes negras de uma escola pública que se aproximam das experiências de vida descrita nas obras de Carolina Maria de Jesus; e identificar diferenças e semelhanças nas vivências de estudantes negras de uma escola pública de gerações distintas. Metodologicamente, portanto, esta dissertação é apoiada nos estudos de perspectiva autobiográfica.

O importante na obra de Carolina não é o quanto ela escreveu, mas sim o quê. Sendo assim, a pesquisa assume um papel de representatividade da mulher negra e uma abordagem prática e de reconhecimento da produção relevante e impactante para alunas negras de escola pública, pois “a força e lucidez emitidas por meio de suas palavras escritas representam espelhos refletindo cada uma de nós. Por isso, somos todas Carolinas” (GUIMARÃES, 2014, p. 78).

A educação é direito fundamental de natureza social. É nos espaços educacionais formais e não formais que se produzem comportamentos, se instigam ou superam preconceitos, e defendem valores e conhecimentos. A educação como um instrumento de construção sociocultural deveria ser um espaço protetivo de Direitos Humanos (MARTINS, 2019).

O homem não pode participar ativamente na história, na sociedade, na transformação da realidade se não for ajudado a tomar consciência da realidade e da sua própria capacidade para transformar. Ninguém luta contra forças que não entende, cuja importância não mereça, cujas formas e contornos não discirna. (FREIRE, 2017, p. 48).

A pesquisa assume o papel de representatividade da mulher negra dentro dos espaços educativos e familiares. “Preconceitos e discriminações são aprendidos tanto na família quanto na escola. Ninguém nasce discriminador e nem preconceituoso, torna-se produto do meio em que se vive ademais de processo social intenso de reprodução” (CAVALCANTI; GOMES, 2015, p. 35), por isso é preciso “Educar para e pelos Direitos Humanos” (CAVALCANTI; SILVA, 2019), romper com paradigmas construídos socialmente em torno de pensamentos individuais e coletivos de uma sociedade excludente e alienante, educando para o desenvolvimento humano: “Nesse sentido, a educação libertadora, problematizadora, já não pode ser o ato de depositar, ou de narrar, ou de transferir, ou de transmitir ‘conhecimentos’ e valores aos educandos, meros pacientes à maneira de educação ‘bancária’, mas um ato cognoscente.” (FREIRE, 1997, p. 67).

A proposta de uma educação libertadora mencionada por Paulo Freire vai além dos muros de uma escola. Ela possibilita mudanças e transformações nas concepções de pensamentos e nas ações. A leitura das obras de Carolina permite (re)pensar as práticas do determinismo sobre a vida da mulher negra imposta pela colonialidade e estabelecer diálogos sobre os marcadores sociais das diferenças, das relações familiares e das múltiplas opressões e violências, e como os espaços educacionais podem se constituir em espaços de resistências e transformação social e histórica através das perspectivas decoloniais e pós-coloniais.

À luz dos estudos sobre as intersecções e conexões que compõem trajetórias e expressões das vivências sociais, familiares e individuais, portanto, enfatizando as camadas identitárias e as múltiplas desigualdades (social, relacionais-familiares e gênero, raça e classe) e violências inseridas nos relatos da história de vida da escritora é que necessitamos romper com o silêncio ao qual sua reprodução foi relegada e convidar as diversas “Carolinas” a refletirem e escreverem suas histórias.

Ao transitar sobre sua vida e obras, reconheceremos as vicissitudes das minorias, de populações vulnerabilizadas e em situação de exclusão (CAVALCANTI, 2018; DIAS, 2016) e assim, como a autora, somos convidados(as) e/ou convocados(as) a identificar, propagar e ecoar as vozes das “Carolinas Outras”, mulheres negras, pobres, marginalizadas e invisibilizadas de tempos de crises em tempo presente, que através dos seus relatos experienciais (sejam das relações sociais, sejam das vivências familiares e individuais) serão compreendidas como sujeito do conhecimento, protagonistas capazes de discutir, definir e criar categorias próprias, singulares e subjetivas da sua história de vida.

Mulher, negra, favelada,⁷ catadora de papel, mãe solo e companheira, e mesmo assim, escritora, é um convite para percorrer os caminhos trilhados pela mulher negra e escritora favelada, Carolina Maria de Jesus, em suas vivências sociais e múltiplas identidades (CRENSHAW, 1999; HALL, 2004), até o reconhecimento literário e a ampla difusão de suas narrativas.

A trajetória pessoal de Carolina Maria de Jesus são retratos individuais que podem também se aproximar do cotidiano das estudantes negras de uma escola pública da Bahia – mulheres negras e suas famílias, provedoras e cuidadoras de prole, na vizinhança e comunidades onde vivem – espalhadas nos barracos das favelas, catadoras de papéis, domésticas, as mães solo, as que sofrem qualquer espécie de violências e sobretudo as sonhadoras. E no lugar de propor conceitos estruturantes, convidá-las a conhecer Carolina e apenas oferecer-lhes papéis, canetas e lápis de cor para que novos diários produzam categorias próprias de conhecimentos. Afinal, como Carolina, elas possuem a capacidade de se afirmar como sujeitos de sua própria história.

A pesquisa é qualitativa em razão de seu objetivo e escopo. Considera-se pertinente desenvolver um estudo com método qualitativo, uma vez que aborda questões relacionadas às singularidades das pessoas e permite explorar o contexto e os atores sociais de maneira mais aprofundada. As características das pesquisas qualitativo-subjetivas implicam análises em que a mensuração numérica não desempenha papel primordial e os resultados dependem mais intensamente de uma análise interpretativa.

A pesquisa qualitativa preocupa-se com uma realidade que não pode ser quantificada, respondendo a questões muito particulares, trabalhando um universo de significados, crenças, valores e atitudes que correspondem a um espaço mais profundo das relações, dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis. (MINAYO, 2000, p. 21-22).

Ao analisar elementos presentes nas autobiografias de Carolina de Jesus que impactam na “escrita de si” de estudantes negras, a pesquisa preocupa-se muito mais com o processo do que com o produto, com a interação do pesquisador com o campo na pesquisa, com as relações que os sujeitos estabelecem com o meio, e atribui uma valorização maior às experiências de vida.

A investigação proposta tem um caráter autobiográfico, o que justifica a escolha do método autobiográfico e a utilização de procedimentos como entrevistas, rodas de conversas e

⁷ Utilizarei sempre o nome para valorizar não somente a autoria, mas o reconhecimento da integralidade de sua produção e de suas subjetividades e personalidade tão amplamente registradas em suas escrituras.

oficinas de escrita. Todos em busca de dados qualitativos, interativos e dialógicos, valorizando narrativas, sentidos e expressões de sujeitos participantes.

Para Delory-Momberger (2012), o método autobiográfico consiste em uma abordagem narrativa, seja biográfica ou autobiográfica, utilizando-se da história de vida para observações, construções de análises e reflexões dos fenômenos narrativos. Ao priorizar a história de vida, ao valorizar as identidades e subjetividades, as narrativas autobiográficas contribuem para a compreensão do sujeito individual e social.

O referencial teórico deste trabalho justifica o porquê da escolha do método autobiográfico, uma vez que foram utilizadas as autobiografias de Carolina Maria de Jesus através das suas principais obras: *Quarto de Despejo: diário de uma favelada* (JESUS, 2014a), *Casa de alvenaria* (JESUS, 1961) e *Diário de Bitita* (JESUS, 2007), e escritos e biografias de outros pesquisadores como: José Carlos Sebe Bom Meihy e Robert Levine (2015) – *Cinderela negra: a saga de Carolina Maria de Jesus*; Eliana de Moura Castro e Marília Novais da Mata Machado (2007) – *Muito bem, Carolina!*; Joel Rufino dos Santos (2009) – *Carolina Maria de Jesus: uma escritora improvável*; Tom Farias (2018) – *Carolina, uma biografia*; e Wesley Henrique Alves da Rocha (2021) – *Diário de Bitita, de Carolina Maria de Jesus: saltando os muros da subalternidade*.

Hoje sabemos que a integridade da obra não permite adotar nenhuma dessas visões dissociadas; e que só podemos entender fundindo texto e contexto numa interpretação dialeticamente íntegra, em que tanto o velho ponto de vista que explicava fatores externos, quanto o outro, norteado pela convicção de que a estrutura é virtualmente independente, se combinam como momentos necessários no processo interpretativo. Sabemos, ainda que o *externo* (no caso, o social) importa, não como causa, nem como significado, mas como elemento que desempenha um certo papel na constituição da estrutura, tornando-se, portanto, *interno*. (CANDIDO, 2000, p. 14, grifo do autor).

Da mesma forma, o método autobiográfico justifica-se pelo fato de a coleta de dados se amparar, sobretudo, na produção da “escrita de si” de mulheres negras, discentes de uma escola pública estadual, a partir de entrevistas, rodas de conversas e oficinas de escrita, tendo como base propulsora a leitura de trechos autorais de Carolina Maria de Jesus.

O material produzido por Carolina está disponível em vários sites de bibliotecas e acervos digitais. Existe ainda um grande acervo audiovisual no Youtube, com entrevistas, filmes retratando a vida de Carolina de Jesus e documentários com jornalistas e familiares dessa autora. Esse material foi objeto de estudo, tanto para a dissertação, como contribuiu para uma melhor compreensão e construção dos eixos temáticos e recursos pedagógicos para as rodas de conversas, e para as motivações das oficinas da “escrita de si”.

A pesquisa empírica foi realizada no Colégio Estadual Professor Edilson Souto Freire (CEPESF), com alunas entre 15 e 62 anos, cursando o Ensino Médio e a Educação para Jovens e Adultos (EJA) dos turnos vespertino e noturno. Na unidade de ensino já existe, desde 2012, um projeto estruturante construído pelos professores para a aplicabilidade da Lei nº 10.639/03 (BRASIL, 2003) que torna obrigatório o ensino de História da África e dos afro-brasileiros nas escolas. A proposta de intervenção foi realizada pelo pesquisador durante os meses de agosto e setembro de 2022. Já a devolutiva da pesquisa empírica (os diários) será compartilhada com a Comunidade Escolar, na Culminância do Projeto da Consciência Negra, em novembro de 2023.

Pensando na contribuição da “escrita de si” para a construção das subjetividades e nos enfrentamentos das realidades sociais vivenciadas pelas mulheres negras como um processo educativo que acontece por meio de uma interação social de diferentes maneiras, a proposta pedagógica da pesquisa se constituiu em utilizar a temática Carolina de Jesus: mulher, negra, favelada, catadora de papel, mãe solo e companheira, mesmo assim, escritora, como um dos eixos do projeto estruturante realizado pela unidade de ensino, e através das entrevistas, rodas de conversas e oficinas de “escrita de si” promoveu discussões sobre os temas propostos que incentivaram a escrita de autobiografias.

Tais encontros, tendo como base o estudo das obras de Carolina, teve a finalidade de romper e modificar essa estrutura enrijecida do mundo acadêmico. As estudantes negras representam as vozes das “anastácias encarnadas” (VAZ, 2017) no tempo presente, que ainda permanecem emudecidas por uma história patriarcal e hegemônica, e através de uma obra testemunhal podem representar as minorias, uma pluralidade de existências de vida “vivíveis” (BUTLER, 2019).

A literatura negra caracteriza esses direitos escritos com sangue, suor e letras, pois registra as injustiças, discriminações, as dores e os silêncios que de outra forma permaneceriam ocultos e esquecidos. Nela, segundo Ângela Davis (2016), a resistência se apresenta como uma condição para a própria existência da mulher negra, já que “ao voltar-se para o seu passado e reconstruir seu percurso de vida, o indivíduo exercita sua reflexão e é levado para uma tomada de consciência tanto no plano individual como no coletivo” (BUENO, 2002, p. 23).

Estabelecendo uma noção de organização e metodologia da pesquisa, detalhamos a seguir cada seção que compõe a dissertação. Desse modo, a pesquisa está dividida em quatro seções: esta introdução; dois capítulos com característica dissertativa, com uma análise teórica das autobiografias e das principais biografias de Carolina Maria de Jesus; e o último capítulo com uma abordagem mais propositiva, desenvolvido através dos resultados da pesquisa-ação,

a partir da coleta dos dados das entrevistas, rodas de conversas e oficinas de escrita, com o objetivo de analisar os elementos presentes nas autobiografias da escritora que impactam na “escrita de si” de estudantes negras de uma escola pública na Bahia.

A primeira seção, “Construindo uma perspectiva Teórica-Metodológica”, apresenta toda a trajetória percorrida para a realização da pesquisa. Dividido em duas subseções, na primeira serão desenvolvidos os principais referenciais teóricos e conceitos a serem utilizados, e a explanação sobre literatura marginal e periférica, a construção de subjetividades, a interseccionalidade de gênero, raça/etnia e classe e os estudos pós-coloniais e da decolonialidade, como forma de subsidiar o trabalho. A segunda subseção abordará o método e a metodologia utilizados na pesquisa.

“Entre os textos autorais e contextos educacionais e familiares: uma mulher negra chamada Carolina de Jesus” é o título da seção 3. Nela mergulharemos na história de vida de Carolina Maria de Jesus, sua ascensão meteórica e o esquecimento e silenciamento da sua obra. A seção apresenta duas subseções, as quais vão delimitar a proposta mencionada de percorrer os caminhos trilhados por Carolina desde a sua infância e as suas andanças, até realizar o sonho de ser escritora. Na primeira subseção, “Escrita de si’: o relato de vida”, descrevemos como Carolina enfrentou a desigualdade social através da escrita e reinventou a sua realidade para construir a si mesma. Na segunda subseção, “As marcas identitárias de Carolina Maria de Jesus”, apresentaremos a Mulher, Negra, Favelada, Catadora de Papel, Mãe Solo e Escritora. É o convite a percorrer os caminhos trilhados pela escritora favelada em suas vivências sociais e múltiplas identidades até o seu reconhecimento literário e difusão de suas narrativas.

A seção 4, intitulada “Somos todas Carolinas”, traz a importância dos ateliês autobiográficos para a construção das subjetividades de mulheres negras como um processo libertador e ao mesmo tempo um potente instrumento de (re)afirmação e resistência das literaturas tidas como marginais e periféricas. Divido em três subseções, a primeira apresenta o Projeto Literário Carolina Maria de Jesus, que representa uma forma diferente de estudar e refletir sobre as relações étnico-raciais nas escolas e a aplicabilidade da Lei nº 10.639/03 (BRASIL, 2003), através das rodas de conversas e das oficinas de “escrita de si”. Na segunda subseção, “Cartas a uma negra”, constarão as transcrições dos textos produzidos pelas alunas nas oficinas de “escrita de si” como um processo de apropriação do sentido da vida e um reconhecimento da importância da singularidade e do enfrentamento coletivo das múltiplas opressões e violências. E na terceira subseção, “Carolina como ato de um auto”, apresentaremos a interpretação e a análise dos dados obtidos durante a pesquisa empírica.

Finalizaremos os questionamentos e postulações utilizando o título de “Considerações (nunca) finais”, onde se fecha esta investigação, mas não os tantos pontos que ainda podem ser vistos nesse legado literário e na vida pessoal das “Carolinas”, sujeitos da pesquisa, protagonistas das suas histórias de vidas. Afinal, como afirmou o jornalista Audálio Dantas: “O Quarto de despejo não é um livro de ontem, é de hoje. Os quartos de despejos, multiplicados, estão transbordando.” (JESUS, 2014a).

2 CONSTRUINDO UMA PERSPECTIVA TEÓRICO-METOLÓGICA

Esta primeira seção apresenta a trajetória percorrida para a realização da pesquisa. Apresentaremos os teóricos, as teorias e os principais conceitos utilizados para refletir sobre os elementos presentes nas autobiografias de Carolina Maria de Jesus que impactam na escrita de si de estudantes negras de escola pública. Assim como as principais obras bibliográficas que serviram de embasamentos para as reflexões, o método, a metodologia e a proposta utilizada para a análise dos dados obtidos.

2.1 REFERENCIAL TEÓRICO E CONCEITUAL

Nessa subseção serão desenvolvidos os principais referenciais teóricos e conceitos que amparam esta dissertação, como forma de subsidiar o trabalho da pesquisa. Para além das autobiografias e biografias de Carolina de Jesus, alguns/algumas pesquisadores(as) colaboraram para uma melhor compreensão do processo epistemológico e histórico que envolve os contextos educacionais e familiares e a construção das subjetividades das mulheres negras.

O referencial teórico é formado pelos/as principais autores(as), subdivididos em grupos teóricos, acompanhados de suas respectivas obras. O primeiro grupo é formado por teóricos(as) que abordam a temática literatura; o segundo grupo, formado por aqueles(as) que abordam a conceitualização de identidade e subjetividade; o terceiro cujos estudos estão direcionados à interseccionalidade de gênero, raça/etnia e classe; e o último grupo composto por teóricos(as) que abordam a modernidade, colonialidade, estudos subalternos e a decolonialidade.

No primeiro grupo teórico utilizamos, para o conceito e discussão entre o que é literário ou não, as contribuições do sociólogo e crítico literário Antonio Candido, em suas obras intituladas *Literatura e sociedade* (CANDIDO, 2000) e *O direito à literatura* (CANDIDO, 2011), e do filósofo Terry Eagleton (2006), na sua obra *Teoria da literatura: uma introdução*. As historiadoras Sandra Jatahy Pesavento (2012), com *História & história cultural*, e Mary Del Priori (2009), com o artigo *Biografia: quando o indivíduo encontra a História*, fomentam a discussão sobre a função social da literatura e da história e o seu papel na construção das identidades e subjetividades. E para uma melhor compreensão dos diários de Carolina Maria de Jesus e das estudantes da pesquisa, foram utilizados os escritores Luiz Silva Cuti (2010), com seu livro *Literatura Negro-Brasileira*,

e Maria da Conceição Evaristo (2008), com o artigo *Escrivivências da afro-brasilidade: história e memória*.

As reflexões sobre as temáticas de identidades e subjetividades do segundo grupo foram permeadas pelas ideias dos sociólogos Stuart Hall, nas obras intituladas *A identidade cultural na pós-modernidade* (HALL, 2006) e *Quem precisa da identidade?* (HALL, 2004), e Norbert Elias (1994), em *A sociedade dos indivíduos*; do psicólogo Antônio da Costa Ciampa (2007), em *Identidade*; e do antropólogo Kabengele Munanga (1999), em *Rediscutindo a mestiçagem no Brasil – identidade nacional versus identidade negra*.

Como a pesquisa pretende compreender a contribuição da “escrita de si” de Carolina Maria de Jesus e suas possíveis reverberações na construção das subjetividades para estudantes negras de uma escola pública que a leem, adotamos nesse terceiro grupo de teórico os/as estudiosos(as) da interseccionalidade de gênero, raça/etnia e classe. A criadora da teoria da interseccionalidade, a jurista estadunidense Kimberlé Williams Crenshaw (1999), menciona o conceito em sua compilação de escritos intitulada *Black men on race, gender, and sexuality: a critical reade*; e as pesquisadoras Carla Akotirene (2020), em seu livro *Interseccionalidade*, e Helena Hirata (2014) com *Gênero, classe e raça: interseccionalidade e consubstancialidade das relações sociais* fundamentam as discussões sobre a teoria.

Para os conceitos e as reflexões sobre gênero, utilizou-se a historiadora Joan Scott (1995), em *Gênero: uma categoria útil de análise histórica*, a filósofa Donna Haraway (2004), em *Gênero para um dicionário marxista: a política sexual de uma palavra*, e a também filósofa e ativista antirracismo Sueli Carneiro (2003), em *Mulheres em movimento*; a definição de raça/etnia foi abordada pelo antropólogo Kabengele Munanga (2003) em *Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia*, pelo sociólogo Antônio Sérgio Alfredo Guimarães (2003) em *Como trabalhar com ‘raça’ em sociologia*, pela antropóloga Rita Laura Segato (2006) em *Raça é signo. Inclusão social, identidade e diferença: perspectivas pós-estruturalistas de análise social* e pelo advogado e filósofo Silvio Luiz de Almeida (2021) em *Racismo estrutural*; e finalizamos com o sociólogo Jessé José Freire de Souza (2012) em *A construção social da subcidadania: para uma sociologia política da modernidade periférica*, para o conceito e reflexões sobre classe.

A revisão dos conceitos de modernidade/colonialidade, estudos subalternos e decolonialidade apresentada pelo quarto grupo de teóricos ajudou a compreender os

diários de Carolina e das estudantes negras na perspectiva dos estudos pós-coloniais e da decolonialidade. Para o conceito de modernidade/colonialidade utilizamos os pensamentos do sociólogo Anibal Quijano (2005) em *Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina* e *Colonialidade do poder e classificação social* (QUIJANO, 2010), e do semiólogo e teórico Walter Mignolo (2017) em *Colonialidade: o lado mais escuro da modernidade*. A crítica teórica Gayatri Spivak (2010), em *Pode o subalterno falar?*, fundamentou a importância dos estudos subalternos para uma leitura pós-colonial. A definição de decolonialidade e as contribuições do movimento para a resistência da colonialidade foram abordadas pelas pesquisas do professor Boaventura Santos (2008) em *A gramática do tempo: para uma nova cultura política*; do sociólogo Stuart Hall (2003) em *Da diáspora. Identidades e mediações culturais*; e da escritora Grada Kilomba (2019) em *Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano*.

A base do referencial conceitual desta pesquisa são a literatura marginal e periférica; a construção de subjetividades; a interseccionalidade de gênero, raça/etnia e classe; e os estudos pós-coloniais e decolonialidade. Os conceitos se entrelaçam para formar os assuntos apresentados ao longo da pesquisa, acrescentando-se também os termos: contextos educacionais e familiares, desigualdade social, violências e direitos humanos, dentre outros que irão enriquecer a discussão sobre a importância da autobiografia para o protagonismo da mulher negra.

2.1.1 A literatura marginal e periférica

A chamada literatura marginal produzida atualmente tem recebido uma atenção da mídia e uma crítica especializada de diversos artistas. Tornou-se objeto de estudo dos pesquisadores sociais e uma importante ferramenta de autoafirmação dos escritores da periferia.⁸ Contudo, essa literatura que retrata e especifica uma realidade social já existia e resistiu através das histórias orais nas senzalas, guetos e vielas do Brasil, e por muito tempo foi silenciada e apagada.

A literatura é uma forma de expressão e representação cultural de um povo. É uma modalidade artística que tem a palavra como matéria-prima e instrumento de comunicação, produção de histórias ou expressões de emoções e ideias. O texto literário, para a historiadora Mary Del Priori (2009), possui um importante papel na construção de

⁸ Na pesquisa a definição quantitativa do termo periferia foi associado a dois elementos: geográfico e socioeconômico.

identidades, pois através dele o/a escritor(a) ou leitor(a) poderá apresentar formas diferentes de observar, dizer e descrever o mundo perceptível aos seus olhos e ao seu imaginário.

Como uma arte, a literatura é capaz de registrar uma realidade e de proporcionar uma reflexão sobre si mesma e acerca do mundo no qual estamos inseridos. É um convite desafiador a voltar ao passado para compreender o presente e transformar o futuro. A leitura proporciona no tempo atual adentrarmos na História e interagir com os fatos. Essa função humanizadora e transformadora da literatura, segundo Antonio Candido (2011), está relacionada à complexidade enquanto forma não só da representação coletiva, mas individual do(a) escritor(a) e do leitor(a) que, juntos, inseridos na história, compartilham vivências, experiências, conhecimentos e emoções.

A escritora e historiadora Sandra Jatahy Pesavento (2012) atribui à História e à Literatura um importante papel de função social por mobilizar os indivíduos em cada época de sua história a produzir reflexões sobre a sua realidade. Para essa autora, a literatura, como uma fonte privilegiada para a leitura do imaginário, se destaca pelo seu caráter subjetivo e conotativo que “[...] permite o acesso à sintonia fina ou ao clima de uma época, ao modo pelo qual as pessoas pensavam o mundo, a si próprias, quais os valores que guiavam seus passos [...]” (PESAVENTO, 2012, p. 81-82).

Para Luiz Silva Cuti (2010, p. 48):

A literatura, em suas inúmeras tentativas de definição e conceituação, constitui uma das instancias discursivas mais importantes, pois atua na configuração do imaginário de milhões de pessoas. Textos literários, como vimos, chegam a ser impostos como leitura obrigatória em vários momentos de nossas vidas.

É nesse sentido que a literatura é compreendida como formadora de identidades culturais, pois ao identificar-se através do imaginário veiculado e experimentado em comum com a personagem e/ou narrador(a), ou com os elementos da história vivida ou fantasiada, o/a leitor(a) é convocado(a) a repensar sobre si e sobre o mundo e dessa forma a literatura contribui para o processo de construção de subjetividades.

Utilizamos o conceito de literatura como algo funcional e relacional para definir o que é literário. Terry Eagleton (2006) e Antonio Candido (2000) afirmam que a discussão entre o que é literário ou não está intrinsecamente relacionada à sociedade onde a escrita foi produzida e será lida, assim como à funcionalidade das relações sociais que

ela proporcionará. Portanto, para Wesley Rocha (2021), entender quem consome a escrita é tão importante quanto o lugar de sua fala.

Esse caráter vivo da criação literária enquanto processo humanizador feito pelo homem imprime a ela uma função de reflexão relacionada à necessidade de representação do mundo e por isso a idealização e a produção de saberes do(a) narrador(a) estão associadas a fatores sociais, culturais e históricos que estão ao seu redor. Sendo assim, compreender a si e ao outro requer pensar nas constantes interações entre o sujeito e a sociedade.

Quando falamos da literatura brasileira em meados do século XX no Brasil, fazemos referência a uma sociedade patriarcal, cujos salões canônicos eram compostos por homens, brancos e burgueses. Tratava-se claramente da visão imposta pelo colonizador de caráter machista, racista e dominador. Para Antonio Candido (1972, p. 805), a literatura não se reduz aos valores morais a ela impostos:

A literatura pode formar; mas não segundo a norma oficial, que costuma vê-la ideologicamente como um veículo da tríade famosa, o Verdadeiro, o Bom, o Belo, definidos conforme os interesses dos grupos dominantes, para reforço da sua concepção de vida. Longe de ser um apêndice da instrução moral e cívica [...], ela age com o impacto indiscriminado da própria vida e educa como ela, - com altos e baixos, luzes e sombras. [...] Dado que a literatura, como a vida, ensina na medida em que atua com toda a sua gama, é artificial querer que ela funcione como os manuais de virtude e boa conduta.

O livro *Quarto de despejo: diário de uma favelada*, de Carolina Maria de Jesus (2014a), publicado em 1960, é considerado por muitos pesquisadores como um importante marco da escrita marginal e periférica por trazer ao conhecimento do mundo as histórias das pessoas que viviam em situações de vulnerabilidade social na favela de Canindé, em São Paulo.

Considerada na época como uma escritora exótica, Carolina não fazia parte do grupo seleto de escritoras brancas e não obedecia à norma culta da literatura brasileira, mas conseguiu despertar o interesse dos leitores para o cotidiano do lugar que chamou de “quarto do despejo”. Segundo o Jornalista Audálio Dantas, “Carolina foi transformada de um dia para outro numa patética Cinderela, saída do borrar do lixo para brilhar intensamente sob as luzes da Cidade” (JESUS, 2014a).

Ao referir-se a Carolina como a Cinderela negra que saiu do borrar do lixo, o jornalista faz alusão ao conto de fadas infantil repleto de sonhos e ao mesmo tempo a uma realidade imposta à escritora – mulher, negra, favelada, catadora de papel e mãe solo. O

que a escritora que recolhia papéis no lixo poderia dizer? A faixa no dia da publicação do livro *Quarto do Despejo: o diário de uma favelada*, na entrada da Livraria Francisco Alves, no dia 19 de agosto 1960, que dizia “Da favela para o mundo”, respondia a essa pergunta ao atrair mil e quinhentos convidados.

Em relação à escritora, Meihy e Levine (2015, p. 21) afirmam que:

[...] a seu favor, Carolina tinha o fato de usar a favela como cenário e a miséria como matéria do cotidiano. Estratégias de sobrevivência e reações ao comportamento social alimentavam páginas avessas ao papel da ficção elegante, dos livros eruditos, e punham em questão as políticas públicas e os estudos sociológicos.

A denominação literatura marginal e periférica, que foi utilizada ao longo da pesquisa, refere-se aos autores que, como Carolina, estão à margem da sociedade, do mercado literário ou do cânone, assim como aquelas obras classificadas pelo denominado “rigor literário” como não enquadradas no perfil “tido” como padrão e fogem da estética e das normas de escrita pré-estabelecida em cada época. Para uma melhor compreensão, optamos pela definição do termo literatura marginal e periférica na perspectiva do uso das palavras e significados.

A pesquisadora Érica Peçanha do Nascimento (2006, p. 11-12), em sua dissertação de mestrado sobre a “literatura e os autores marginais”, assim definiu o termo Literatura Marginal:

Associado à literatura, o termo marginal adquiriu usos e significados, variando de acordo com a atribuição dos escritores, ou mais frequentemente, com a definição conferida por estudiosos ou pela imprensa num dado contexto. Para Gonzaga (1981), tais usos e significados estão relacionados à posição dos autores no mercado editorial, ao tipo de linguagem apresentada nos textos e à escolha dos protagonistas, cenários e situações presentes nas obras literárias. O primeiro significado se refere à produção dos autores que estariam à margem do corredor comercial oficial de divulgação de obras literárias – considerando-se que os livros se igualam a qualquer bem-produzido e consumido nos moldes capitalistas – e circulariam em meios que se opõem ou se apresentam como alternativa ao sistema editorial vigente. O segundo significado está associado aos textos com um tipo de escrita que recusaria a linguagem institucionalizada ou os valores literários de uma época, como nos casos das obras de vanguarda. Enquanto o terceiro significado encontra-se ligado ao projeto intelectual do escritor de reler o contexto de grupos oprimidos, buscando retratá-los nos textos. Sob outro ponto de vista, “literatura marginal” designaria os livros que não pertencem aos clássicos da literatura nacional ou universal e não estão nas listas de leituras obrigatórias de vestibulares. Ou ainda, como nos estudos mais recentes, o emprego da expressão denotaria as obras produzidas por autores pertencentes a minorias sociológicas, como mulheres, homossexuais e negros.

A literatura periférica surgiu no Brasil por volta de 1970. É uma escrita que exhibe características próprias, com uma linguagem coloquial que foge à linguagem formal oriunda das classes dominantes. Está ligada à periferia, produzida por autores que vivem nesses espaços e através da escrita trazem um olhar interno sobre a experiência de viver na situação de marginalizados. Através de conteúdos, estruturas e personagens específicos, caracteriza-se como uma literatura de forte envolvimento social, movimentos de resistências dos moradores dos bairros periféricos.

Assim como os textos dos autores da “literatura marginal” são considerados à margem do que é tido como legitimado, os textos da literatura periférica encontram-se na periferia do canônico. Segundo o pesquisador Mei Hua Soares (2008, p. 88), “as duas concepções literárias detêm o duplo sentido: tratar-se de literatura ‘não atualizada’, feito por aqueles que estão excluídos socioeconomicamente e culturalmente”.

O livro *Quarto de despejo; diário de uma favelada* (JESUS, 2014a) foi considerado um marco, pois apesar das interferências do jornalista Audálio Dantas na escrita, Carolina viveu o que escreveu. Contudo, os seus outros livros, *Casa de Alvenaria: diário de uma ex-favelada* (JESUS, 1961) e *Pedaços da fome* (JESUS, 1963a), não atingiram o mesmo sucesso, pois a sua saída do “quarto de despejo” (favela do Canindé) para a “sala de visita” (centro da cidade) começou a incomodar a elite brasileira da época. A ideia de sentar-se à mesa com uma mulher, negra, com pouco letramento e pobre trouxe uma grande indignação aos homens brancos, letrados e ricos da Academia Brasileira de Letras, fundada em 1897.

Partindo desse pressuposto, o silenciamento, esquecimento e apagamento da escritora Carolina de Jesus tornou-se uma ocultação do saber proposital (STOLER, 2010). Ao determinar o que será lido ou esquecido, a elite branca, burguesa e patriarcal do século XX, utilizando como critérios de exclusão o gênero, a raça/etnia e a classe, colocaram à margem (à periferia) tudo que foge de um padrão eurocêntrico. A leitura dos cadernos recolhidos no lixo foi uma exceção, pois Carolina deixou a sociedade abismada com sua narrativa do cotidiano da favela não somente como tema, mas como uma maneira de olhar a si e a cidade de São Paulo.

Nos seus diários, Carolina narra a trajetória da sua vida desde as memórias da sua infância e adolescência em Sacramento, contidas no *Diário de Bitita* (JESUS, 2007), as vivências na favela de Canindé transcritas no *Quarto de despejo – o diário de uma favelada* (JESUS, 2014a) e as experiências de residir em uma casa de tijolo, escrita em *Casa de Alvenaria – o diário de uma ex-favelada* (JESUS, 1961). Suas reminiscências

exploram ao fundo a ideia da função terapêutica da narrativa, na medida em que, ao narrar os acontecimentos que considera importantes, expõe sua vida e ao mesmo tempo produz uma ressignificação e enfrentamento das realidades vivenciadas nos espaços por onde passou.

Nesse sentido, segundo Antonio Candido (2011), podemos definir a narrativa de si caroliana como uma literatura marginal e periférica, tanto pela sua autoria, por ser escrita por aquela que historicamente foi colocada à margem da sociedade, quanto pela sua produção, por não obedecer ao padrão literário. A escolha dos seus diários como fonte documental e testemunho das suas vivências atende a proposta da pesquisa em trabalhar com autobiografia por considerar, na esfera ampla da produção literária, a sua importância na construção das subjetividades. Enquanto pesquisadores, procuramos analisar esses elementos presentes nas autobiografias de Carolina Maria de Jesus que impactam na escrita de si de estudantes negras de uma escola pública.

2.1.2 Construção de subjetividades

Antes de percorrer a trajetória pessoal de Carolina de Jesus, em suas vivências e construções identitárias para afirmar-se como sujeito de sua própria vida, faz-se necessário discutir os conceitos de identidade e subjetividade que estarão presentes durante a pesquisa. Os sociólogos Stuart Hall (2006) e Norbert Elias (1994) definiram a identidade como um produto social resultante da interação entre o sujeito e o mundo social, e a subjetividade como uma particularidade de cada indivíduo diante das experiências das relações sociais.

Pensando no processo educativo como uma ferramenta de enfrentamento e conscientização sobre o pertencimento e a autoafirmação social, é preciso refletir como se dá o autorreconhecimento de cada pessoa, ou seja, como cada indivíduo percebe a si próprio e a partir desta compreensão se reconhece como parte de uma sociedade. Assim como as memórias são importantes para resgatar as histórias de vida, compreender a construção identitária individual e coletiva permitirá uma maior representatividade e afirmação das mulheres negras.

Nesse contexto, Stuart Hall (2006) afirma que o sujeito que vivia uma identidade unificada, centrada e estável, está se desagregando, se tornando fragmentado devido às constantes transformações ocasionadas pelas relações e representações dos sistemas culturais que nos rodeiam. Se levarmos em consideração que os sujeitos assumem

diferentes papéis para representar em cada determinado contexto social e cultural, podemos concluir que nesses papéis ele irá apresentar múltiplas identidades, ou seja, há várias faces do “Eu” no processo de construção e de constituição da identidade frente à realidade vivenciada.

A identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia [...] somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar – ao menos temporariamente. (HALL, 2006, p. 13).

Para além dessa representação do “Eu” existe a necessidade de se fazer pertencente a um lugar e grupo social, assim, a representação se dá através da identidade individual que forma a identidade coletiva através da interação do sujeito em um determinado grupo específico e por consequências pertencentes a uma sociedade que produz uma cultura. Essa cultura gerada, segundo Hall (2006), será transmitida, vivenciada e reconhecida publicamente.

As identidades parecem invocar uma origem que residiria em um passado histórico com o qual elas continuariam a manter uma certa correspondência. Elas têm a ver, entretanto, com a questão da utilização dos recursos da história, da linguagem e da cultura para a produção não daquilo que nós somos, mas daquilo no qual nos tornamos. Têm a ver não tanto com as questões ‘quem nós somos’ ou ‘de onde nós viemos’, mas muito mais com as questões ‘quem nós podemos nos tornar’, ‘como nós temos sido representados’ e ‘como essa representação afeta a forma como nós podemos representar a nós próprios’. (HALL, 2006, p. 109).

As identidades utilizam-se dos recursos da história, cultura e linguagem para representar o que somos e como essa representação afeta a forma como podemos representar a si próprios (HALL, 2004). A construção identitária de um indivíduo é marcada pelas diferenças, e através do convívio com o outro se tem a percepção daquilo que se é, a subjetividade. Logo, a identidade é construída e “funciona por meio da exclusão e por meio de um exterior constitutivo” (HALL, 2006, p. 129).

Enquanto indivíduos, estamos em constante relação com o ambiente, que indiretamente ajudará na construção da base da nossa identidade. Para Stuart Hall (2006), as identidades são formadas e transformadas continuamente pelo contato do indivíduo com a cultura, ou seja, ela é definida historicamente e não biologicamente. Sendo assim, a identidade é o fruto de um processo de socialização, entendido como a interação do indivíduo com a sociedade, por isso não poderá ser compreendida como um atributo

individual e sim como um fenômeno social. Esse processo de construção ocorre de forma gradativa e continua através de um contexto relacional no qual o indivíduo está inserido.

O psicólogo Antônio da Costa Ciampa (2007) compreende essa construção identitária como uma constante transformação que tem sua base nas influências sociais e históricas. Em sua obra *A estória do Severino e a História da Severina: um ensaio de Psicologia Social* (CIAMPA, 2001), ao analisar dois personagens (Severino, pertencente à ficção, personagem do poema Morte e Vida Severina, de João Cabral de Melo Neto, e Severina, pertencente à vida real), compara esse processo de construção identitária a uma metamorfose que vai acontecendo à medida que cada personagem vai se inserindo socialmente, ou seja, “as personagens são momentos da identidade, degraus que se sucedem, círculos que se voltam sobre si em movimento, ao mesmo tempo, de progressão e de regressão” (CIAMPA, 2001, p. 198).

Pensar na identidade como metamorfose e que o homem é um produto inacabado, sujeito às constantes transformações ao longo da sua construção identitária, é compreender que cada indivíduo se apresenta como representante de si mesmo e ator de diferentes personagens, que se movimentam, articulam e revezam perante os outros. O resultado dessas relações interpessoais é a expressão do Eu, por isso, segundo Ciampa (2007), é impossível que o indivíduo se apresente em sua totalidade, já que em cada realidade vivenciada poderá representar um personagem diferente e, ao mesmo tempo, todos esses personagens fazem parte de sua identidade, pois possibilita o reconhecimento de si no mundo e desenvolve um protagonismo frente ao meio social inserido.

Em uma sociedade multifacetada, pertencer a um determinado grupo não representa uma marca identitária, o sujeito contemporâneo encontra-se performático, pois as concepções étnicas, raciais e culturais não estão delimitadas, sofrem rupturas que desconstroem a noção de uma identidade integral, originária e unificada. O conceito tradicional de identidade, que não contemplava o sujeito ativo da ação individual, já não serve mais. O sociólogo Norbert Elias (1994, p. 43) afirma que toda ação individual é resultado do processo de socialização pelo qual “o caráter individual e a decisão pessoal podem exercer considerável influência nos acontecimentos históricos”.

Ainda segundo Elias (1994), mesmo que o indivíduo seja influenciado nos seus atos pela ação dos outros, ele não é tão passivo assim, pois seus pensamentos individuais estão presentes nas ações idealizadas e realizadas, e estes atos são resultados do autocontrole na busca do mecanismo estabilizador. Por isso a identidade é vista pelo sociólogo Zygmunt Bauman (2005, p. 37) “como um manto leve pronto a ser despido a

qualquer momento”, e conforme esse pesquisador, alterar a identidade é algo fácil e comum, pois dependerá da relação do indivíduo com o meio, tendo assim uma “identidade líquida” como uma forma de experimentação infundável.

Para Kathryn Woodward (2000), os termos subjetividades e identidades são interligados. Logo, ao falarmos de identidade individual estaríamos falando de subjetividade, que diz respeito a um perfil único, um modo de ser caracterizado pelos sentimentos, emoções e traços morais. A subjetividade particulariza, individualiza e torna mais pessoais as relações sociais do indivíduo, permitindo uma apropriação de forma única e singular das realidades vivenciadas.

O conceito de subjetividade é formado por dois elementos centrais: o indivíduo e as estruturas que interferem na sua formação. Falar sobre subjetividade envolve pensamentos e as emoções do consciente e inconsciente, assim como o contexto social que atribui significados às experiências individuais. Segundo Félix Guattari (2000), a subjetividade tratar-se de quem somos como pessoas individuais e que nos diferencia de outras pessoas.

Essa particularidade resulta na compreensão que temos do nosso “Eu” e contribui de forma significativa na construção identitária como uma mediação entre o que é singular e universal, e a partir da forma como o sujeito vivencia o mundo, produz significações, e como ser significante, vivencia a sua singularidade diante do coletivo. Segundo Kathryn Woodward (2000), a subjetividade permite apurar os sentimentos envolvidos na construção das identidades e explicar as razões de escolhas de identidades específicas diante dos contextos e relações sociais.

Para que serve então essa identidade individual (subjetividade), que é atribuída no nosso registro geral? Para marcar a diferença! Para participar no princípio das construções identitárias do chamado jogo excludente dos opostos – homem/mulher, branco/negro, rico/pobre – que trazem em si os estereótipos e os “estigmas” (GOFFMAN, 1988) que cingem os marcadores sociais das diferenças. Hall (2006) afirma que ao construir uma identidade, os sujeitos delimitam “posições”, identificam-se ou não, e quase sempre são modelados por elas.

Carolina sempre foi marcada por essa diferença – mulher, negra, pobre e mãe solo –, precisou ser vários papéis sociais, tornando-se performática para superar as dificuldades nas quais estava inserida. Ela não se identificava com o contexto em que vivia, por isso sonhava em ascender socialmente. E ao projetar-se na sala de visita

(cidade), utiliza-se da “narrativização do eu” (HALL, 2006) para (re)construir suas identidades distorcidas pela miséria e exclusão social.

Kabengele Munanga (1999) afirma que para melhor compreender o processo de construção das identidades negras, não podemos estudar as pessoas negras isoladamente. Se o processo da identificação se dá na relação indivíduo e sociedade, é necessário compreender essa construção partindo do pressuposto da representação negativa do povo negro desde o período da colonização. Essa imagem negativa e inferiorizada, perpetuada até os dias atuais através do racismo estrutural, interfere diretamente na construção identitária e nas suas subjetividades, uma vez que dificulta o pertencimento e a autoafirmação.

Seu passado histórico como herdeiros dos escravizados africanos, sua situação como membros de grupo estigmatizado, radicalizado e excluído das posições de comando na sociedade cuja construção contou com seu trabalho gratuito, como membros de grupo étnico racial que teve sua humanidade negada e a cultura inferiorizada. Essa identidade passa por sua cor, ou seja, pela recuperação de sua negritude, física e culturalmente. (MUNANGA, 1999, p. 14).

Os obstáculos no processo de construção identitária de Carolina de Jesus vão além da cor da pele; os contextos sociais impregnados de machismo, racismo e intolerância foram verdadeiros obstáculos. Carolina, por meio da escrita, transgrediu a subalternidade imposta pela dominação colonial (SPIVAK, 2010), enfrentou a sociedade patriarcal e, ainda através da escrita, reinventou a sua realidade para construir a si mesma.

Sendo assim, para entender as identidades de Carolina, fruto de uma socialização pela qual ela vai adquirindo novas formas de pensar e agir, é preciso compreendê-la como um fenômeno relacional, influenciado pelo mundo interno e externo, em constante transformação (HALL, 2006). As relações e interações vivenciadas pela escritora ao longo da vida contribuíram para o desenvolvimento da sua subjetividade, através de um processo de identificação em razão dos vínculos estabelecidos com diferentes grupos sociais (família e sociedade) e por uma interligação entre a estrutura social e o seu comportamento individual.

2.1.3 Interseccionalidade de gênero, raça/etnia e classe

As reflexões nos campos de gênero,⁹ raça¹⁰ e classe¹¹ aparecem a todo momento nos diários de Carolina Maria de Jesus. Como mulher, negra e moradora da favela, Carolina não teria como pensar numa consciência de gênero sem articulá-la com um recorte racial e de classe. Ela, como muitas mulheres de seu tempo, vivenciou discriminações, segregações e violências. Ainda vivemos em uma sociedade pautada na diferenciação de cor e/ou raça e/ou classe e por valores sexistas, racistas e patriarcalistas que se constituem como poderosos mecanismos de estratificação social.

O conceito “gênero” é uma construção social e não está vinculado a características naturais. Abrange as relações entre os indivíduos enquanto possibilidade de “entender processos de construção/reconstrução das práticas das relações sociais que homens e mulheres desenvolvem/vivenciam no social” (BANDEIRA; OLIVEIRA, 1990, p. 8). Esse conceito transcende a distinção biológica homem e mulher, utilizada ao longo do tempo pela sociedade para definir papéis, funções ou comportamentos de alguém com base em traços de caráter ou traços sexuais.

Como uma tentativa de resistência a esse determinismo biológico, segundo Donna Haraway (2004), os discursos das diferenças de sexo/gênero explodiram na literatura sociológica e psicológica nos Estados Unidos em 1970. As feministas americanas, na tentativa de explicar as persistentes desigualdades entre mulheres e homens, começaram a utilizar a palavra gênero como “uma forma de entender, visualizar e referir-se à organização social das relações entre os sexos” (GUEDES, 1995). Neste sentido, diante da primazia da cultura-gênero sobre a biologia-sexo, o termo gênero tornou-se uma forma de indicar “construções culturais” e uma categoria social imposta sobre o corpo sexuado (HARAWAY, 2004).

⁹ A palavra “gênero” como uso gramatical envolve regras formais que resultam da atribuição do masculino ou do feminino e sugere uma relação entre categorias que tornam possíveis distinções ou agrupamentos separados. No contexto analítico desta pesquisa, gênero foi empregado a partir do seu sentido mais amplo, será utilizado na perspectiva feminista para enfatizar o caráter social das distinções baseadas no sexo. Portanto estará implícita uma rejeição ao determinismo biológico no que tange ao uso do termo “gênero” como sexo ou diferença sexual. Gênero será entendido como aquilo que diferencia socialmente as pessoas, tornando-se um elemento constitutivo das relações sociais e históricas.

¹⁰ Considerando a inexistência científica da raça e a inoperacionalidade do próprio conceito, o termo aqui utilizado enquanto categoria analítica está relacionado ao uso do conceito como uma realidade social e política, considerando a utilização do termo como uma construção histórico-sociológica e uma categoria que remete ao processo de dominação e exclusão social.

¹¹ O conceito de classe atribuído à pesquisa não está reduzido a uma aquisição econômica ou uma distribuição de renda. Utilizaremos a “teoria das classes sociais” do sociólogo Jessé Souza, que define classe social não somente como uma posição econômica, mas como “um conjunto de práticas similares que possibilitam estratégias e consequências comuns mesmo diante da ausência de qualquer acordo feito” (SOUZA, 2012, p. 55). Neste sentido, além do capital econômico, o “capital cultural”, como soma de “capital educacional” e origem familiar, ganha destaque na disputa e as classes que ocupam a posição dominante na sociedade se caracterizam pela posse diferencial desses dois capitais.

A historiadora Joan Scott (1995), em *Gênero: uma categoria útil de análise histórica*, afirmou que o gênero deveria ser entendido como uma maneira de classificar fenômenos, um sistema de distinções que tem aprovação social e não uma descrição objetiva de traços inerentes, e por isso “é um elemento constitutivo de relações sociais baseadas nas diferenças percebidas entre sexos e [...] uma forma primária de dar significado as relações de poder” (SCOTT, 1995, p. 86).

As relações desiguais entre os sexos, mesmo tendo suas origens na sexualidade, está representada em todo o sistema de relações sociais. E mesmo se tratando de gêneros semelhantes, podemos perceber uma segregação entre ser uma mulher branca e ser uma mulher negra. Tais relações são reflexos do período colonial, de uma sociedade patriarcal que via nas mulheres brancas os papéis de mãe e dona de casa, e nas mulheres negras somente os das mulatas, domésticas/mucambas e babás (GONZALES, 1984).

Para Louro (2014, p. 125), “as desigualdades só poderão ser percebidas – e desestabilizadas e subvertidas – na medida em que estivermos atentas/os para as suas formas de produção e reprodução”. Essa afirmação pressupõe também uma reflexão sobre o conceito de raça/etnia,¹² pois é por meio da construção da identidade que se pode reconhecer os marcadores sociais como indicadores dos lugares onde essas “mulheres negras deveriam estar” (CARNEIRO, 2003).

Segundo o antropólogo Kabengele Munanga (2003), o conceito “raça” foi primeiramente utilizado na zoologia e na botânica para classificar animais e vegetais. No período medieval passou a designar a descendência e a linhagem baseado em características físicas em comum. Em 1964, o francês François Bernier emprega o termo para classificar a diversidade humana dos grupos fisicamente contrastados e o conceito de raça passa a ser utilizado pelos franceses para a diferenciação entre a nobreza, dotados de sangue puro, e a plebe, considerados misturados. Essa classificação com base na diferença e semelhança foi utilizada no século XVIII, sendo a cor da pele o critério para a segregação das raças.

Nos séculos seguintes, outros critérios morfológicos, genéticos e químicos foram acrescentados, mas apesar dos estudos comparativos, a ciência não conseguiu comprovar a existência de diferentes raças humanas. Contudo, infelizmente, as classificações foram

¹² Etnia “é um conjunto de indivíduos que, histórica ou mitologicamente, têm um ancestral comum; têm uma língua comum, uma mesma religião ou cosmovisão; uma mesma cultura e moram geograficamente num mesmo território” (MUNANGA, 2003, p. 12).

mantidas como uma forma de hierarquização para estabelecer valores entre as raças. Ou seja, biologicamente e cientificamente, as raças não existem e o termo “serviu mais para justificar e legitimar os sistemas de dominação racial do que como explicação da variabilidade humana” (MUNANGA, 2003, p. 19).

Ao refletir sobre o impacto desse processo de legitimação de poder na construção da identidade negra e das relações interpessoais, o pesquisador Antônio Sérgio Alfredo Guimarães (2003) considerou essa classificação como uma construção histórico-social, configurando-a como uma forma de discriminação e perpetuação das desigualdades sociais.

Raça não é um termo fixo, estático. Seu sentido está inevitavelmente atrelado às circunstâncias históricas em que é utilizado. Por trás da raça sempre há contingência, conflito, poder decisão, de tal sorte que se trata de um conceito relacional e histórico. Assim, a história da raça ou das raças é a história da constituição política e econômica das sociedades contemporâneas. (ALMEIDA, 2021).

Ser classificado(a) como negro(a) não seria somente uma condição fixa e padronizada. Segundo a antropóloga feminista Rita Segato (2006), a cor é o signo capaz de determinar a mobilidade social e espacial dos indivíduos, pela qual os/as negros(as) são afetados socialmente. Para Lélia Gonzalez e Carlos Hasenbalg (1982, p. 87), a cor como signo também determina o lugar que o/a negro(a) ocupa na sociedade brasileira ao “trazer a alegoria da favela como o não-lugar do senhor”.

Num país como o Brasil, quando as pessoas ingressam a um espaço publicamente compartilhado, classificam primeiro – imediatamente depois da leitura de gênero binariamente, os excluídos e os incluídos, lançando mão de um conjunto de vários indicadores, entre os quais a cor, isto é, o indicador baseado na visibilidade do traço de origem africana, é o mais forte. (SEGATO, 2006, p. 4).

Esses indicadores sociais provocados pela legitimação de poder, gênero e “raça” contribuem para uma hierarquia das causas das desigualdades. Não tem como isolar a variável racial, que deve ser “percebida, tendencialmente, como um dado absoluto e não como um dos elementos que explicam a especificidade de nossa desigualdade” (SOUZA, 2005, p. 44), assim como a ideia de classe social no sentido sociocultural.

Os princípios marxistas da determinação de classe pelo comportamento humano em sociedade e a noção weberiana da bidimensionalidade da estratificação social sob o capitalismo foram utilizados por Pierre Bourdieu (1987) para construir uma noção de

estratificação social relacionando os aspectos econômicos e socioculturais e vinculando o pertencimento do indivíduo a uma determinada classe da sociedade com uma “condução da vida específica”, que segundo a dimensão weberiana do ‘status’, permitirá a sua ascensão econômica e o seu prestígio social.

No seu livro *A construção social da subcidadania: para uma sociologia política da modernidade periférica*, o sociólogo Jessé Souza (2012) aproxima a “topografia moral do Ocidente”¹³ de Charles Taylor (1993) e o conceito de *habitus*¹⁴ de Pierre Bourdieu (1994) para construir um projeto teórico dividido em três teorias: da modernidade, das classes sociais e da relação entre ideias e práticas sociais.

Para Jessé Souza (2000), a modernidade em geral está alicerçada nessa “topografia de moral” imbricada nas instituições centrais da vida social e entrelaçada na luta entre classes constituídas por *habitus* distintos. O *habitus* específico de um indivíduo estará diretamente ligado ao seu pertencimento de classe. E em uma sociedade capitalista, como é a sociedade moderna, as instituições são internamente atravessadas por lutas de classes, e as ações impostas entre elas correspondem ao que Bourdieu (1987) denominou “*habitus de classe*”.¹⁵

Para Bourdieu (1987), as diferentes classes desenvolvem suas próprias características específicas de acordo com suas trajetórias e objetivos. Ou seja, cada classe apresenta seus próprios padrões, que vão promover a aproximação de indivíduos que formarão os grupos sociais. A diferenciação oriunda do “*habitus de classe*” tende a justificar o processo de dominação e desigualdade entre as classes como uma espécie de diferença “merecida, correta e justa já que supostamente se basearia nos talentos inatos de seus possuidores” (SOUZA, 2012, p. 58).

¹³ A teoria da “topografia moral e do Ocidente”, de Charles Taylor (1993) é caracterizada por dois princípios: da interioridade e da afirmação da vida cotidiana. Jessé Souza (2012) caracteriza o princípio da interioridade como um traço apto para distinguir os seres humanos dos outros seres vivos por terem acesso privilegiado a seu próprio interior e a afirmação da vida cotidiana como valorização da praticidade, em contraste com a concepção contemplativa da Antiguidade Clássica.

¹⁴ A definição de *habitus* corresponde a um “sistema de disposições duráveis, estruturas estruturadas predispostas a funcionar como estruturas estruturantes, isto é, como princípio gerador e estruturador das práticas e das representações que podem ser objetivamente ‘regulamentadas’ e ‘reguladas’ sem ser o produto de obediência a regras, objetivamente adaptadas a seu fim sem supor a intenção consciente dos fins e o domínio expresso das operações necessárias para atingi-los e coletivamente orquestradas, sem ser o produto da ação organizadora de um regente” (BOURDIEU, 1994, p. 61).

¹⁵ “*Habitus de classe*” é percebido por Bourdieu (1990 apud SOUZA, 2005, p. 53) como “um aprendizado não intencional de disposições, inclinações e esquemas avaliativos que permitem ao seu possuidor perceber e classificar, numa dimensão pré-reflexiva, signos opacos da cultura legítima. Esses fios invisíveis interligam e cimentam tanto afinidades e simpatias, constituindo tanto as redes de solidariedade quanto rejeições por antipatias soldadas pelo preconceito de classe, cor ou gênero”.

Nesse contexto, Segundo Jessé Souza (2005), a antiga distinção social marxista entre burguesia e proletariado assume uma nova roupagem na modernidade, entre os “classificados” e os “desclassificados” sociais. Quem são estes?

Classificados com prêmios equivalentes em salário, *status* ocupacional e prestígio relativos, são os indivíduos que logram se adaptar às demandas implícitas do complexo estado/mercado. Desclassificados, por outro lado, são todos aqueles que não atendem a essas demandas adequadamente e são castigados por baixos salários e baixo respeito social. (SOUZA, 2005, p. 51).

As reflexões sobre gênero, raça/etnia e classe possibilitaram aos movimentos feministas uma maior compreensão sobre as múltiplas opressões vivenciadas por mulheres ao longo do tempo, e como resultado surgiram em 1970 os chamados Estudos de Gêneros, que questionaram as desigualdades entre homens e mulheres. Logo, os ambientes acadêmicos tornaram-se espaços de debates interdisciplinares que fortaleceram a militância dos movimentos coletivos e de um feminismo (ALVAREZ, 2014).

Ao nomear essas múltiplas opressões, não podemos hierarquizá-las, ou seja, não existe uma primazia de uma opressão sobre a outra, pois quando se trata das relações de poder ligadas a questões racial e de práticas sexistas e classistas é preciso compreender como as diferentes formas de discriminação e preconceitos aparecem conectadas e como isso interfere nas vidas das mulheres negras atingidas.

A interseccionalidade¹⁶ é vista como uma das formas de combater as múltiplas formas de opressões que estão interligadas, portanto é considerada por Patrícia Hill Collins (2021) como um “projeto de conhecimento” que produz justiça social e, ao mesmo tempo, uma arma política. Para Carla Akotirene (2020, p. 20), “a interseccionalidade pode ajudar a enxergarmos as opressões e combatê-las” e “permite às feministas criticidade política a fim de compreenderem a fluidez das identidades subalternas impostas” (AKOTIRENE, 2020, p. 37).

A interseccionalidade remete a uma teoria transdisciplinar que visa apreender a complexidade das identidades e das desigualdades sociais por intermédio de um enfoque integrado. Ela refuta o enclausuramento e a hierarquização dos grandes eixos da diferenciação social que são as categorias de sexo/gênero, classe, raça, etnicidade, idade, deficiência e orientação sexual. O enfoque interseccional vai além do simples reconhecimento da multiplicidade dos

¹⁶ Termo criado pela jurista estadunidense Kimberlé Crenshaw (1999) para designar a interdependência das relações de poder de raça, gênero e “classe”. A interseccionalidade, segundo Carla Akotirene (2020, p. 18), seria “a maneira sensível de pensar a identidade e sua relação com o poder, não sendo exclusiva para mulheres negras” e “permite-nos enxergar a colisão das estruturas, a interação simultânea das avenidas identitárias, além do fracasso do feminismo em contemplar mulheres negras, já que reproduz o racismo” (AKOTIRENE, 2020, p. 19).

sistemas de opressão que opera a partir dessas categorias e postula sua interação na produção e na reprodução das desigualdades sociais. (BILGE, 2009, p. 70 apud HIRATA, 2014, p. 62).

Para a intelectual Kimberlé Crenshaw (1999), criadora do termo, a teoria da interseccionalidade não está direcionada a grupos distintos de pessoas e sim aos grupos sobrepostos. Portanto, a análise interseccional das relações sociais e dessas múltiplas formas conjugadas de opressões tem como finalidade combater a (re)produção das hierarquias raciais e a existência da discriminação.

Compreende-se como opressões conjugadas as formas de injustiças que estão entrelaçadas, como o sexismo,¹⁷ o racismo¹⁸ e as violências sobrepostas.¹⁹ Tais opressões estão presente na obra de Carolina Maria de Jesus e são representadas por ela ao narrar suas experiências ou das suas personagens de diferentes formas nas quais podemos perceber como a estrutura social brasileira está alicerçada em relações hierárquicas e violentas.

Identificar as intersecções de gênero, raça e classe na obra de Carolina de Jesus é transitar por toda uma estrutura racista e machista de dominação em que a sociedade brasileira foi alicerçada. Compreender a interseccionalidade como um projeto de conhecimento (COLLINS, 2021) e como uma forma de combater as opressões múltiplas (HIRATA, 2014) é reflexo da necessidade da produção de textos sobre mulheres negras sendo escrito por mulheres negras protagonistas da sua própria história.

2.1.4 Estudos pós-coloniais e da decolonialidade

¹⁷ O sexismo é uma forma de discriminação com base na categoria de gênero/sexo e está fundado na crença de que o gênero masculino é superior. A filósofa e feminista espanhola, Tereza Meana Suárez (2004) afirma que o sexismo é um pensamento hierárquico que atribui valores, capacidades e papéis diferentes a homens e mulheres, exclusivamente em função do sexo, desvalorizando tudo que é feminino. Essa hierarquia de gênero/sexo é transmitida, aprendida e reforçada através da linguagem, e os efeitos que produzem na língua “poderiam ser agrupados em dois fenômenos. Por um lado, o silêncio sobre a existência das mulheres, a invisibilidade, o ocultamento, a exclusão. Por outro, a expressão do desprezo, do ódio, da consideração das mulheres como subalternas, como sujeitos de segunda categoria, como subordinadas ou dependentes dos homens” (MEANA SUÁREZ, 2004 apud FRANCO; CERVERA, 2006, p. 14).

¹⁸ Segundo Silvio de Almeida (2021, p. 32), podemos afirmar que “racismo é uma forma sistemática de discriminação que tem a raça como fundamento, e que se manifesta por meio de práticas conscientes ou inconscientes que culminam em desvantagens ou privilégios para indivíduos, a depender do grupo racial ao qual pertencam”.

¹⁹ O uso da categoria “violências sobrepostas”, segundo a pesquisadora Vanessa Cavalcanti (2021, p. 2), “indica que violações, exclusões, discriminações, abusos em quaisquer das esferas de vida cotidiana, sejam públicas ou privadas, devem trazer o caráter interseccional, cumulativa e exponenciada pela vulnerabilidade e urgências nas ações jurídicas, institucionais, sociais e pessoais”.

Considerando a importância dos estudos pós-coloniais para a pesquisa como uma crítica à homogeneidade histórica do colonialismo eurocêntrico de supremacia do colonizador (FANON, 2008; LEITE, 2016) e a importância de um vetor histórico na percepção de um povo (SEGATO, 2015), o método de “desconstrução” de Jacques Derrida²⁰ (2014), no qual busca revisar o passado, desconstruindo as imposições canônicas a fim de oportunizar espaços de falas, ajudará a compreender o quanto a leitura das obras de Carolina Maria de Jesus possibilita o entendimento do que podemos traduzir como luta e resistência ao silenciamento, esquecimento e apagamento da escrita afro-brasileira.

A revisão dos conceitos de modernidade, colonialismo e colonialidade proposta por intelectuais e pesquisadores da perspectiva teórica Modernidade/Colonialidade²¹ ajudará a compreender, sob a perspectiva dos estudos pós-coloniais, como a formação do povo brasileiro foi influenciada por uma visão eurocêntrica e como essa concepção ideológica legitimou o processo de construção social e econômica através do poder hierarquizado, produzindo as desigualdades estruturais vivenciadas pelas mulheres negras.

Segundo essa perspectiva teórica, a modernidade foi uma invenção da elite europeia e surgiu de um conjunto de transformações econômicas que possibilitaram a consolidação do capitalismo e a necessidade de uma constante expansão do sistema capitalista através da exploração da força de trabalho, da monopolização dos meios de produção pela burguesia e da centralização política.

A combinação desses fatores e as conquistas de novos territórios nos séculos XV a XVII estabeleceu uma predominância imperialista da cultura europeia, em degradação

²⁰ A “desconstrução”, conceito elaborado pelo filósofo francês Jacques Derrida (2014), é uma crítica à ideia de centralidade do pensamento ocidental. A visão da Europa como um centro, uma origem, uma forma ideal, um deus ou como um ponto fixo imóvel, originava opostos binários, nos quais um termo é central e o outro, marginal. Para Derrida (2014), o centro não é uma realidade, mas uma construção do pensamento ocidental que precisava ser desconstruída. O termo não significa destruição, mas sim desmontagem, decomposição dos elementos da escrita para perceber o componente central e propor uma inversão na qual a parte marginalizada passasse a ser o foco. Segundo a sua perspectiva desconstrutivista, esse tipo de abordagem permite descobrir partes no texto que estão dissimuladas e a busca por um ângulo diferente, ou seja, pelas margens, que permitirá formular uma compreensão mais relevante sobre o processo histórico e a construção identitária de um povo.

²¹ O Grupo Modernidade/Colonialidade propõe uma crítica ao paradigma da modernidade a partir da experiência histórica da colonialidade latino-americana. Ele foi criado nos Estados Unidos na década de 1990 e se fortaleceu em 1998, quando aliou-se ao Grupo Sul-Asiático dos Estudos Subalternos, que desde 1980 enfatizava a importância do “discurso colonial” e do “sujeito colonial” (BALLESTRIN, 2013). Entre os/as pensadores(as) pertencentes a esse grupo, utilizaremos como referencial teórico para a pesquisa o sociólogo peruano Aníbal Quijano, a socióloga-pedagoga Catherine Walsh, o filósofo argentino Enrique Dussel, o sociólogo porto-riquenho Ramón Grosfoguel e o semiólogo e teórico cultural argentino Walter D. Mignolo.

de qualquer outra forma de cultura existente. Segundo Dussel (2000), o primeiro momento desse processo de modernização caracterizou-se pela invasão e conquista, designada como modernidade colonial. Já o segundo momento surgiu a partir da Revolução Industrial, que acarretou a propagação das práticas de exploração do trabalho e produziu diversas formas de desigualdades.

As construções intelectuais oriundas dos processos de transformações socioeconômicas do capitalismo das chamadas teorias da modernização se configuraram como modelo hegemônico mundial. Ou seja, esse modelo dicotômico de representações das relações entre o Ocidente e o restante do mundo, fazendo alusão aos termos metrópole/colônia ou países desenvolvidos/subdesenvolvidos, serviu por muito tempo para justificar as narrativas dos “processos civilizatórios” iniciados nas grandes navegações, e se expandiu com o imperialismo e estruturou-se pelo processo globalização.

Os fenômenos do colonialismo e da colonialidade, para Grosfoguel (2009), constituem duas faces da mesma moeda. O colonialismo sendo um período histórico de expansão territorial marcado pelas navegações, conquistas dos novos continentes e pela relação de poder e dominação imperialista europeia (metrópole) sobre os territórios tidos como colonizados (colônia), e a colonialidade, uma continuidade das formas coloniais de dominação e exploração, mesmo após o seu término, que, segundo Ballestrin (2013), se configurou como o “lado obscuro e necessário da modernidade”, pela qual ainda exerce uma relação de poder articulada pelo mercado capitalista.

Para Anibal Quijano (2010, p. 84),

Colonialidade é um conceito diferente de, ainda que vinculado a Colonialismo. Este último refere-se estritamente a uma estrutura de dominação/exploração onde o controle da autoridade política, dos recursos de produção e do trabalho de uma população determinada domina outra de diferente identidade e cujas sedes centrais estão, além disso, noutra jurisdição territorial. Mas nem sempre, nem necessariamente, implica relações racistas de poder. O colonialismo é obviamente, mais antigo, enquanto a Colonialidade tem vindo a provar, nos últimos 500 anos, ser mais profunda e duradoura que o colonialismo. Mas, foi, sem dúvida, engendrada dentro daquele e, mais ainda, sem ele não poderia ser imposta na intersubjetividade do mundo tão enraizado e prolongado.

A colonialidade, como poder estrutural, criou na América Latina um novo padrão de racionalidade (eurocentrismo) e um sistema de dominação social alicerçado na divisão do trabalho, exploração de mão de obra e acumulação primitiva de riqueza, possibilitando o desenvolvimento do capitalismo enquanto sistema mundial. Walter Mignolo (2007)

afirma que a América nunca foi um continente a se “descobrir” e que a intenção civilizatória do descobrimento foi na verdade um apagamento das identidades dos povos originários.

Sendo assim, o projeto civilizatório homogeneizador e uniformizador não considerou a pluralidade e adversidade das sociedades latino-americanas. Os povos originários não puderam participar do processo de constituição da América Latina, foram silenciados e invisibilizados. De acordo com Ballestrin (2013), a colonialidade como uma continuidade da propagação do pensamento colonial trouxe uma matriz que se expressa essencialmente em relações dominantes de poder, saber e ser.

Anibal Quijano (2005) afirma que a colonialidade do poder está diretamente relacionada à propagação do capitalismo, tendo como um novo padrão de poder e classificação a ideia de raça como diferenciadora de identidades sociais e uma forma de legitimação do processo de colonização e dominação europeia sobre os povos latino-americanos, submetendo os/as dominados(as)/colonizados(as) a uma situação de inferiorização. O racismo, segundo Walter Dignolo (2007), se tornou uma forma de anular todas as outras histórias em prol da superioridade europeia.

Essa construção colonial epistemológica, na qual os países europeus eram considerados superiores racionalmente e intelectualmente, e qualquer conhecimento produzido por outra origem geográfica foi descartado como inferior e não racional, caracteriza a colonialidade do saber. Estabeleceu um padrão que justifica e naturaliza a superioridade do conhecimento europeu e a inferioridade de outros conhecimentos. Essa “reprodução dos regimes de pensamento colonial” (MALDONADO-TORRES, 2007, p. 130) impõem seus saberes e conseqüentemente influencia os indivíduos externos a ela, refletindo na valorização de certos conhecimentos em detrimento de outros.

A colonialidade do ser refere-se a uma perspectiva de diferenciação dos povos em relação ao gênero e à sexualidade que faz com que as pessoas sejam inferiorizadas, logo é uma forma de destituir a existência humana e os efeitos da colonização são sentidos diretamente nos colonizados. Segundo Nelson Maldonado-Torres (2007, p. 96, tradução nossa), essa maneira de desumanizar e subalternizar “refere-se ao processo pelo qual o senso comum e a tradição são marcados por dinâmicas de poder de carácter preferencial: discriminam pessoas e tomam por alvo determinadas comunidades”.²² Sendo assim, os

²² “[...] se refiere al proceso por el cual el sentido común y la tradición están marcados por dinámicas preferenciales de poder: discriminan a las personas y apuntan a ciertas comunidades [...]”. (MALDONADO-TORRES, 2007, p. 96).

povos latino-americanos são considerados inferiores e subalternos em relação à sua intelectualidade, racionalidade e capacidade, em contraponto ao padrão do homem europeu, branco, burguês, racional e civilizado.

Em contraste a essa perspectiva da modernidade/colonialismo e diante da continuidade dessa opressão e exclusão ocasionadas pela colonialidade atualmente, as teorias pós-coloniais²³ apontam para a ruptura desse discurso único, sustentado pelas narrativas do colonizador que legitimaram as ideologias do processo de colonização, naturalizando a dominação e exploração do homem pelo homem, a partir das diferenças étnico-raciais.

O termo pós-colonial sugere aquilo que vem depois do colonialismo. Para Stuart Hall (2003, p. 56), “o pós-colonial não sinaliza uma simples sucessão cronológica do tipo antes/depois”, o uso “pós” tem um sentido mais profundo, representa tudo aquilo que vai além, pois o fim do colonialismo não representou o fim das relações de poder e dominação, mas “marca a passagem de uma configuração ou conjuntura histórica de poder para outra” (HALL, 2003, p. 56). As antigas relações de poder e exploração entre o colonizador e o colonizado foram “deslocadas e reencenadas como lutas entre forças sociais [...] no interior da sociedade descolonizada, ou entre ela e o sistema global como um todo” (HALL, 2003, p. 57).

Nesse sentido, o pós-colonial vai além do cronológico, estabelece-se como um novo olhar para essa relação de dominação. A leitura crítica parte de uma desconstrução de uma narrativa, escrita pelo colonizador, para uma valorização da narrativa contada e escrita pelo colonizado. Para Boaventura Santos (2008), essa valorização do colonizado e a releitura do processo de colonização a partir das margens para o centro permitiriam a desconstrução e transformação das relações de dominação.

²³ O Pós-colonialismo refere-se a uma perspectiva conceitual de (re)leitura do colonialismo. Não se trata de uma única teoria, mas de vários estudos de diversas áreas do conhecimento, que criticam as narrativas eurocêntricas de superioridade e a desconstrução do seu discurso como um modelo de civilização. A construção de novas epistemologias e paradigmas de análise sociocultural a partir da valorização de saberes dos povos tidos como marginalizados, inferiores e subalternos proporciona uma experiência concreta da descolonização. Inicialmente, os estudos pós-coloniais analisavam apenas as consequências do processo de colonização europeia. Atualmente, tais estudos foram ampliados e passaram também a analisar as consequências do imperialismo estadunidenses e o processo de exclusão das minorias como uma consequência da colonialidade. Entre os/as intelectuais pós-coloniais, os estudos do médico e filósofo político antilhano Frantz Fanon (2008), da crítica e teórica indiana Gayatri Spivak (2010), do professor português Boaventura de Sousa Santos (2009), do teórico cultural e sociólogo britânico-jamaicano Stuart Hall (2006) e da escritora e psicóloga portuguesa Grada Kilomba (2019) foram de grande relevância para o trabalho de pesquisa realizado.

A decolonialidade surge como uma proposta de enfretamento da colonialidade e do pensamento colonial. É apontada pelos intelectuais pós-coloniais como um caminho para a desconstrução de padrões e conceitos impostos aos povos subalternizados com o objetivo “de tirar todos da miragem da modernidade e da armadilha da colonialidade” (MIGNOLO, 2017, p. 10).

Considerado um movimento denominado “pós do pós-colonialismo” (BERNADINO-COSTA; GROSGOUEL, 2016), a decolonialidade representa uma resistência teórica e prática, epistemológica e política contrária à lógica da modernidade/colonialidade, que visa construir um espaço de fala e visibilidade aos povos subalternizados, oprimidos e silenciados. Para Dussel (2000), trazer a constituição do “outro” para o cerne do discurso é uma alternativa para a construção de uma consciência das lutas sociais e da corporalidade do sujeito considerado subalternizado.

Escritoras negras como Maria Firmina dos Reis, Ruth Guimarães, Carolina Maria de Jesus, Elizandra Souza, Jenyffer Nascimento, Jarid Arraes, Ana Maria Gonçalves, Alzira Rufino, Geni Guimarães, Miriam Alves, Lia Vieira, Conceição Evaristo e tantas outras utilizaram das suas memórias e através das tintas romperam a dominação da modernidade/colonialidade, e tornaram-se porta voz para que esses sujeitos subalternos (SPIVAK, 2010) falassem por si mesmos, se autorrepresentassem nas suas vivências e escrituras (EVARISTO, 2008).

2.2 MÉTODO E METODOLOGIA DA INVESTIGAÇÃO

A pesquisa realizada foi classificada como qualitativa em razão do tipo de investigação indutiva e descritiva, na medida em que o investigador desenvolveu conceitos, ideias e entendimentos a partir de padrões encontrados nos dados. Segundo Bruno Miranda (2018), é pertinente desenvolver um estudo com método qualitativo, uma vez que este aborda questões relacionadas às singularidades das pessoas e permite explorar o contexto e os atores sociais de maneira mais aprofundada.

Segundo a socióloga e pesquisadora Maria Cecília de Souza Minayo (2000, p. 21-22),

A pesquisa qualitativa preocupa-se com uma realidade que não pode ser quantificada, respondendo a questões muito particulares, trabalhando um universo de significados, crenças, valores e atitudes que correspondem a um espaço mais profundo das relações, dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis.

As características das pesquisas qualitativo-subjetivas implicam análises em que a mensuração numérica não desempenha papel primordial e os resultados dependem mais intensamente de uma análise interpretativa. Nesse sentido, ao analisar as contribuições da leitura das obras de Carolina de Jesus para a construção das subjetividades e enfrentamentos das realidades sociais vivenciadas por mulheres negras, a pesquisa preocupar-se muito mais com o processo do que com o produto, com a interação do pesquisador com o campo na pesquisa, com as relações que os sujeitos estabelecem com o meio, e atribui uma valorização maior às experiências de vida.

A investigação proposta tem um caráter autobiográfico, o que justifica a escolha do método autobiográfico e a utilização de procedimentos como entrevistas, rodas de conversas e oficinas de interação. Todos em busca de dados qualitativos, interativos e dialógicos, valorizando narrativas, sentidos e expressões de sujeitos participantes.

A abordagem autobiográfica foi utilizada pelos sociólogos da Escola de Chicago entre 1920 e 1930 como uma busca de alternativas à sociologia positivista. Caiu em desuso devido à predominância da pesquisa empírica entre os sociólogos americanos, mas na década de 1980 o método passou a ser novamente utilizado. Os estudos autobiográficos têm sido uma referência, principalmente no campo educacional, nos estudos de formação continuada de professores (NÓVOA, 1992).

A nova atenção concebida as abordagens (auto) biográficas no campo científico é a expressão de um movimento social mais amplo [...] encontramos-nos perante uma mutação cultural que pouco a pouco faz reaparecer os sujeitos face as estruturas e aos sistemas, a qualidade face a quantidade, a essência face ao instituído. (NÓVOA, 1992, p. 18).

Para o sociólogo Franco Ferrarotti (1988), a crescente utilização do método está relacionada à necessidade de renovação metodológica para corresponder a uma exigência antropológica. Já Bella Jozeff (1997) aponta que a importância da autobiografia e a sua crescente utilização na atualidade está diretamente relacionada a um processo de revolução intelectual fundamentado em uma consciência histórica na qual se problematiza a construção do “eu” moderno.

O interesse pela abordagem autobiográfica está relacionado a essa importância da subjetividade nas formulações teóricas, pois ao serem concebidas como sujeitos da investigação e não como objetos, as estudantes negras da pesquisa tornam-se

protagonistas da sua história de vida, isto é, sujeitos ativos no processo de apropriação do mundo social através de ações manifestadas pelas suas subjetividade e identidades.

Para Delory-Momberger (2011), o método autobiográfico consiste em uma abordagem descritiva, quer seja biográfica ou autobiográfica, utilizando-se da história de vida para observações, construções de análises e reflexões dos fenômenos narrativos. Ao priorizar a história de vida, ao valorizar as identidades e subjetividades, as narrativas autobiográficas contribuem para a compreensão do sujeito individual e social, pois através dele “o pesquisador poderá desenvolver uma compreensão que desenrola no interior da pessoa, sobretudo em relação as vivências e as experiências que tiveram lugar no diário da sua história de vida” (NÓVOA; FINGER, 1988, p. 84).

Utilizar o método autobiográfico é falar de história de vida, identidade e subjetividades, é explorar o campo de representação social e cultural. A escolha da metodologia para percorrermos esse mundo figurado sob olhar da narradora é crucial para elucidar a problemática desta pesquisa, atender os objetivos propostos e reiterar a justificativa através dos resultados que possam atender as necessidades acadêmicas.

De acordo com Pedro Demo (1987, p. 9),

[...] a metodologia é uma preocupação instrumental, que trata de o caminho para a ciência tratar a realidade teórica e prática e centra-se, geralmente, no esforço de transmitir uma iniciação aos procedimentos lógicos voltados para questões da causalidade, dos princípios formais da identidade, da dedução e da indução, da objetividade etc.

O primeiro caminho trilhado foi a busca por outras fontes através da pesquisa bibliográfica, que, segundo Fonseca (2002), é inerente a qualquer trabalho de pesquisa científica. O levantamento das fontes primárias (documentos, escrita, fotografias, desenhos e produções audiovisuais) produzidos por Carolina Maria de Jesus e das fontes secundárias (documentos, escrita e produções audiovisuais) produzidos por outros pesquisadores contribuíram para uma melhor compreensão e construção dos eixos temáticos e materiais das rodas de conversas, e para as motivações das oficinas da “escrita de si”.

A pesquisa bibliográfica é feita a partir de levantamento de referências teóricas já analisadas e publicadas por meios de escrita e eletrônica, como livros, artigos científicos [...]. Qualquer trabalho científico inicia-se com uma pesquisa biográfica, que permite ao pesquisador conhecer o que já se estudou sobre o assunto. (FONSECA, 2002, p. 34).

O caráter empírico da pesquisa foi realizado nos meses de agosto, setembro e outubro de 2022, a partir de entrevistas, rodas de conversas e oficina de “escrita de si”, com mulheres negras de 15 a 62 anos, discentes²⁴ do Colégio Estadual Professor Edilson Souto Freire (CEPESF), tendo como base propulsora a leitura de trechos autorais de Carolina Maria de Jesus. Para que o trabalho desenvolvido nos ateliês obtivesse êxito, seguimos a recomendação de Delory-Monberger (2006a) de que o grupo não ultrapassasse doze pessoas. Neste caso a pesquisa contou com dez estudantes negras,²⁵ como podemos observar no Quadro 1.

Quadro 1 – Perfil das entrevistadas

NOMES	IDADE	ANO/ TURMA / TURNO
Maria Firmina	18	3º ANO/ TURMA D / VESPERTINO
Ruth	19	3º ANO/ TURMA C/ VESPERTINO
Elizandra	19	EJA – EIXO VII / TURMA A/ NOTURNO
Geni	15	1º ANO/ TURMA B/ VESPERTINO
Jarid	18	3º ANO/ TURMA D/ VESPERTINO
Ana Maria	62	EJA – EIXO VII/ TURMA B/ NOTURNO
Alzira	18	3º ANO/ TURMA D/ VESPERTINO
Miriam	18	3º ANO/ TURMA C/ VESPERTINO
Lia	62	EJA – EIXO VI/ TURMA A/ NOTURNO
Conceição Evaristo	16	3º ANO/ TURMA A/ VESPERTINO

Fonte: Elaborado pelo autor desta dissertação com base nos dados da pesquisa.

O Colégio Estadual Professor Edilson Souto Freire (CEPESF), localizado na rua da Holanda, nº 188, bairro Urbis, no município de Dias d’Ávila, foi construído pelo Governador do Estado da Bahia, Paulo Souto, em 02 de agosto de 1997, tendo como secretário de educação o professor Edilson Souto Freire, que se tornou o patrono da Unidade de Ensino. A escola pertencia à rede municipal e destinava-se somente ao ensino fundamental. Em 08 de janeiro de 2002, através de um decreto, o governador Cesar

²⁴ As estudantes do CEPESF que integraram a pesquisa foram contatadas diretamente pelo pesquisador – após encaminhamento e aprovação do Comitê de Ética (CEP/UCSal) – em agosto de 2022, com a elaboração e cumprimento de agenda formativa e de coleta empírica com os sujeitos. Identificadas as mulheres, compondo como critérios de exclusão e inclusão mulheres negras acima de 15 anos, alunas do Ensino Médio e EJA, turno vespertino e noturno, do CEPESF, os primeiros contatos foram estabelecidos, em horário e local acessível e convenientes.

²⁵ A identificação das entrevistadas será mantida em sigilo, assegurando o anonimato e mantendo a confidencialidade das informações. Como uma forma de homenagear a literatura negra, cada entrevistada adotou o primeiro nome de escritoras brasileiras

Borges e o secretário da educação Eraldo Tinoco integraram o colégio à rede estadual de ensino, passando a ser chamado Colégio Estadual Professor Edilson Souto Freire (CEPESF) e direcionado ao Ensino Médio e à Educação de Jovens e Adultos (EJA).

A unidade de ensino, no ano letivo de 2022, possuía 1824 alunos, distribuídos em três turnos (matutino, vespertino e noturno). Considerado um colégio de grande porte, o seu quadro funcional era composto de 49 docentes (profissionais efetivos e contratados), 20 auxiliares (administrativos, limpeza e porteiros) e 3 gestores (diretora e vice-diretores).

O pesquisador pertence ao quadro funcional da unidade de ensino como professor efetivo da disciplina de História, com carga horária de 40 horas semanais, desde 2009. Em 2022, ano da pesquisa empírica, foi professor das turmas de 2º Ano A e 3º Ano A, B, C, D, E, F do turno vespertino; e das turmas do 3º Ano A, B, C, D, e E do Ensino de Jovens e Adultos (EJA) do turno noturno. São aproximadamente 580 discentes na faixa de 15 a 65 anos, distribuídos nos dois turnos.

No CEPESF já existe desde 2012 um projeto estruturante construído pelos professores para a aplicabilidade da Lei nº 10.639/03 (BRASIL, 2003), que torna obrigatório o ensino de História da África e dos afro-brasileiros nas escolas. A proposta de intervenção foi realizada pelo pesquisador durante o processo de organização e construção nos meses de agosto, setembro e outubro de 2022. Já a devolutiva da pesquisa empírica (os diários) será compartilhada com a Comunidade Escolar na culminância do mesmo projeto, programada para o próximo ano, em novembro de 2023.

Pensando no processo de construção das subjetividades e nos enfrentamentos das realidades sociais vivenciadas pelas mulheres negras como um processo educativo que acontece por meio de uma interação social de diferentes maneiras, a proposta pedagógica da pesquisa se constitui em utilizar a temática Carolina de Jesus: Mulher, Negra, Favelada, Catadora de Papel, Mãe e Companheira, mesmo assim, Escritora, como um dos eixos do projeto estruturante da Consciência Negra realizado pela unidade de ensino, e através das rodas de conversas e oficinas de “escrita de si” promover discussões sobre os temas propostos, incentivando a escrita autobiográfica.

Dessa forma, além das sugestões de pesquisas sobre Carolina de Jesus e da leitura dos seus livros autobiográficos, foram escolhidos, para a realização das rodas de conversas e das oficinas de “escrita de si”, trechos dos livros *Diário de Bitita* (JESUS, 2007), *Quarto de despejo: diário de uma favelada* (JESUS, 2014a) e *Casa de alvenaria: diário de uma ex-favelada* (JESUS, 1961), com a finalidade de promover a reflexão sobre a importância de pensar sua própria trajetória de vida, partindo do exemplo de Carolina

de Jesus e estimulando as discentes do CEPESF a criarem as suas próprias autobiografias mediante a experiência do contato com os escritos dessa autora e os temas discutidos. Os diários produzidos nas oficinas serão editados em formato de um livro eletrônico e serão apresentados à Comunidade Escolar na culminância do Projeto da Consciência Negra, em 2023.

O processo de coleta de dados foi realizado em três etapas. Na primeira etapa foram realizadas as entrevistas²⁶ individualizadas a partir de um roteiro orientador de caráter parcial – não fechado – e observando a complexidade das relações e vivências narradas, com dez discentes negras do Ensino Médio e EJA, turnos vespertino e noturno, do CEPESF.

Na segunda etapa, foram realizadas as rodas de conversas²⁷ com as discentes, onde coletivamente conversaram, reconheceram e observaram quais são os contributos e qual foi a produção de Carolina Maria de Jesus. Foram realizados quatro encontros com eixos temáticos: Carolina Maria de Jesus: Mulher e Negra; Carolina Maria de Jesus: Favelada e Catadora de Papel; Carolina Maria de Jesus: Mãe e Companheira; e Carolina Maria de Jesus: Escritora. Cada encontro durou 50 minutos e foi distribuído um breve texto de apresentação sobre a temática de cada encontro com sugestão de perguntas como forma de motivar e estimular diálogos sobre identidades, racismo, gênero e projeto de vida; seguido de distribuição de citações das obras de Carolina de Jesus de acordo com a temática da reunião; e o fechamento e/ou composição de um trabalho conclusivo.

Na última etapa da pesquisa foram ministradas as oficinas de “escrita de si”,²⁸ momento mais pessoal, subjetivo e personalizado. Trata-se da construção de uma redação elaborada em uma sala sossegada, vinculada à escola, na qual as participantes tiveram um tempo livre para produção escrita. As oficinas foram previamente agendadas e aconteceram após cada encontro das rodas de conversas. Portanto, foram também quatro momentos, de acordo com o eixo temático proposto em cada reunião.

Como procedimento para análise de conteúdo, com a intenção de investigar as evidências identificadas na pesquisa realizada, foram consideradas categorias estruturantes ou adotadas neste estudo. A priori, as categorias utilizadas emergiram após a leitura do referencial teórico e tendo o referencial em vista os elementos presentes na

²⁶ O roteiro semiestruturado da entrevista com as discentes da pesquisa encontra-se no Apêndice A da pesquisa

²⁷ O material utilizado em cada encontro das de conversa encontra-se no Apêndice B da pesquisa.

²⁸ As orientações utilizadas durante cada uma das oficinas de “escrita de si” encontram-se no Apêndice C da pesquisa.

autobiografia de Carolina Maria de Jesus que impactam na escrita de si de estudantes negras de uma escola pública na Bahia.

Segundo Antônio Carlos Gil (2002), o objetivo da análise é organizar sistematicamente os dados da pesquisa de forma que possibilitem o fornecimento de respostas ao problema de investigação. Ao analisar, o pesquisador estabelece as relações necessárias entre a teoria, os dados obtidos e a hipótese formulada. Neste sentido, a análise de conteúdo qualitativa permite “analisar textos de maneira sistemática, por meio de um sistema de categorias desenvolvido a partir do material e guiado por teoria” (MAYRING, 2002, p. 114).

Foram utilizadas como categorias estruturantes a priori a construção de subjetividades, interseccionalidade, subalternidade e decolonialidade. Partindo das categorias estruturantes, analisou-se os conteúdos obtidos nas entrevistas, rodas de conversas e oficinas da “escrita de si” fornecidas pelos sujeitos da pesquisa. Os livros de Carolina e os conteúdos obtidos na pesquisa empírica nortearam a escolha das categorias e possibilitaram maior aprofundamento sobre as questões apresentadas pelas discentes.

A estratégia de análise foi organizada em três etapas, como mostra o Quadro 2.

Quadro 2 – Etapas do processo de Análise

ETAPA	PROCESSO DE ANÁLISE
Primeira	Análise de trechos das obras <i>Quarto de despejo: diário de uma favelada</i> , <i>Casa de Alvenaria: diário de uma ex-favelada</i> e <i>Diário de Bitita</i> , com base nas categorias identificadas no referencial teórico deste estudo.
Segunda	Análise das entrevistas, e das transcrições das rodas de conversas e das oficinas da “escrita de si”, com base nas categorias identificadas no referencial teórico deste estudo.
Terceira	Comparar e analisar as evidências encontradas nas etapas anteriores a fim de elencar como Carolina impactou na construção das subjetividades das mulheres que a leram.

Fonte: Elaborado pelo autor desta dissertação com base nos dados da pesquisa.

Após a análise dos resultados alcançados na terceira etapa do processo mencionado anteriormente, será verificada a continuidade ou a descontinuidade do processo de marginalização, discriminação e subalternidade, assim como quais as novas formas de manifestações de interseccionalidade e os novos comportamentos adquiridos de enfrentamentos das realidades vivenciadas.

Quadro 3 – Codificação da Terceira Etapa da Análise

Código	Análise dos dados
1	Continuidade do processo de marginalização, discriminação e subalternidade.
2	Descontinuidade do processo de marginalização, discriminação e subalternidade.
3	Novas formas de atravessamentos da interseccionalidade
4	Novos comportamentos adquiridos de enfrentamentos das realidades vivenciadas

Fonte: Elaborado pelo autor desta dissertação com base nos dados da pesquisa.

A análise das entrevistas, das transcrições das rodas de conversas e da oficina da “escrita de si”, tendo como inspiração uma obra literária e embasada em pressupostos teóricos, não isenta o pesquisador de imprimir a sua visão a respeito do objeto de estudo, pois analisar autobiografias é antes de tudo um convite para se colocar também como um ser humano em análise e construção.

3 ENTRE OS TEXTOS AUTORAIS E CONTEXTOS EDUCACIONAIS E FAMILIARES: UMA MULHER NEGRA CHAMADA CAROLINA MARIA DE JESUS

Não digam que fui rebotalho, que vivi à margem da vida. Digam que eu procurava trabalho, mas fui sempre preterida. Digam ao povo brasileiro que meu sonho era ser escritora, mas eu não tinha dinheiro para pagar uma editora. (JESUS, 2014a, p. 167).

Carolina Maria de Jesus nasceu na cidade de Sacramento, interior de Minas Gerais, tendo no seu registro a data de 14 de março de 1914. Descendente de escravizados, filha de Maria Carolina de Jesus, de apelido Cota, e de João Cândido Veloso. Carolina não conheceu o pai, descrito no diário “como negro boêmio que não gostava de trabalhar” (JESUS, 2007, p. 8). Quando conheceu João Cândido, Cota era casada com Osório Pereira e tinha um filho, Jerônimo Pereira. Segundo Tom Farias (2018, p. 20), “Osório [...] não estava muito preparado para constituir e construir a base de uma sólida família, ainda mais esta sendo preta”, e abandonou a casa logo depois do nascimento do bebê.

A mãe de Carolina passou a ser excluída pela vizinhos, e com dificuldade para sobreviver, precisou trabalhar em dois turnos e cuidar sozinha das crianças pequenas, e sem ajuda financeira. As lembranças da vida atribulada da mãe e ao mesmo tempo independente, sem homens, permeou as memórias de Carolina, que desde pequena demonstrou o seu desejo em ser homem, como descreveu em seu diário: “Mamãe... eu quero virar homem. Não gosto de ser mulher! Vamos, mamãe! Faça eu virar homem!” (JESUS, 2007, p. 11) e “Quero ter a força que tem o homem [...] Quero ter a coragem que tem o homem [...] o homem que trabalha ganha mais dinheiro que uma mulher.” (JESUS, 2007, p. 13).

Apelidada por seu avô de Bitita,²⁹ Carolina morava próximo aos familiares maternos, em um bairro pobre, casinha de adobe, coberta de capim e chão de terra. Tinha no avô, Benedito José da Silva, ex-escravizado, a referência de sabedoria e honestidade. O ‘Sócrates Africano’, como carinhosamente Bitita chamava seu avô, se rendia aos gostos da neta e com a contação de histórias mantinha viva a sua sede do saber.

²⁹ Apelido dado por seu avô Benedito José da Silva. Segundo o Historiador Tom Farias (2018), autor de *Carolina: uma Biografia*, “refere-se a uma espécie de griô. Bitita é o diminutivo, singular e feminino da palavra ‘bita’, que tem correlação com o termo feminino ‘ibita’, da língua xichanqana, falada em Moçambique. Bita, que gera a palavra bitita, significa panela de barro. Bitita, portanto, é designativo de algo vindo do barro, de cor cobre ou preta, alusão à cor da Carolina” (FARIAS, 2021).

Sobre a sua infância, a maior fonte de informação é o seu livro póstumo *Diário de Bitita* (JESUS, 2007), no qual escreveu sobre suas vivências. Costumava auxiliar a sua mãe nas atividades domésticas, ajudando no sustento da família. O trabalho era informal e mal remunerado. As “patroas” de Cota queixavam-se de Carolina por ser “uma negrinha atrevida, mal-educada e questionadora” (FARIAS, 2018, p. 45), e para conter tantos interrogatórios, sua mãe usava de força física para silenciá-la: “Eu era insuportável. Quando queria alguma coisa era capaz de chorar dia e noite até consegui-la. Eu era persistente em todos os caprichos. Pensava que o importante é conseguir o que desejamos.” (JESUS, 2007, p. 14).

O tempo de escolarização de Bitita foi de apenas dois anos. Em 1921, ingressou no colégio espírita Allan Kardec, sob o incentivo de dona Maria Leite, antiga “patroa” de sua mãe. Entrou tardiamente na escola por falta de recursos. Foi um período difícil para Carolina, que sofreu desde o primeiro momento assédios preconceituosos dos seus colegas de classe, que a chamavam de “negrinha feia, com olhos grandes, parece sapo” (JESUS, 2007, p. 149). Sua professora Lonita, em várias ocasiões, utilizou-se de métodos inadequados para ensinar Carolina a ler e escrever, como uso de reguadas, palmatórias e impondo-lhe medo para discipliná-la.

De acordo com o historiador Tom Farias (2018), esses métodos violentos, que na época eram uma prática formal, trouxeram sofrimentos. Bitita começou a associar letras, formar palavras e criar frases para evitar as ameaças e os castigos. Carolina passou a ser a primeira da sala e descreveu o seu contentamento interior ao ler os nomes das lojas Casas Brasileiras e Armond Goulart no seu diário: “Oh! Mamãe! Eu já sei ler! Como é bom saber ler!” (JESUS, 2007, p. 154).

Carolina precisou abandonar os estudos com nove anos de idade. Em 1923, sua mãe aceitou o convite de José Romualdo, novo companheiro de Cota, e decidiu se mudar com os dois filhos para a fazenda Lajeado, em Uberaba, Minas Gerais. Bitita a princípio não ficou muito feliz, mas logo se acostumou com a troca da rotina diária da cidade repleta de confusões familiares, brigas com os vizinhos, “batidas policiais”, distrações por causa dos bailes, além do preconceito social e racial pelo sossego do campo e a dedicação à leitura: “Conta que a mãe, às vezes, saía de casa cedo e dava ordens para ela cuidar da casa e ‘botar o feijão no fogo’. A panela ia para o fogo e Carolina para a leitura. Quando dava conta de si, o feijão tinha queimado e a bronca da mãe comia solta.” (FARIAS, 2018, p. 56).

A vida na fazenda não durou muito. Durante a adolescência, Carolina migrou entre várias cidades com a sua mãe em busca de melhores condições de sobrevivência. Mudou-se para Franca, São Paulo, em 1927, retornou para Sacramento, Minas Gerais, em 1928, depois partiu para Conquista, Minas Gerais, em 1929, e retornou no mesmo ano para sua cidade natal. Como resultado da vida itinerante, adquiriu feridas nas pernas que não cicatrizavam e iniciou uma nova peregrinação em busca da cura. Foi primeiro para Uberaba, Minas Gerais, e depois para as cidades paulistas de Ribeirão Preto e Orlandia, retornando para Sacramentos em 1932. Foi um período de altos e baixos, algumas vezes pensou em suicídio e em outros momentos escreveu: “E hei de lutar para curar-me, ainda hei de ver meus parentes invejando-me. Não hei de ficar sempre assim, classificada como farrapo humano.” (JESUS, 2007, p. 186).

Cansada de ser humilhada, Carolina já não se importava mais com o que se dizia ou se pensava sobre ela. Diante da dificuldade de encontrar um bom emprego em Sacramento, sentava-se na porta de casa e dedicava-se à leitura dos livros que adquiriu nas suas andanças pelas cidades. A visão de uma negra admiradora dos livros em geral começou a incomodar. Carolina foi presa, acusada de ler o livro de São Cipriano³⁰ para fazer “feitiços” contra os brancos. Sua mãe, ao tentar defendê-la, também recebeu voz de prisão e ambas ficaram reclusas por vários dias. Foram agredidas, passaram fome e obrigadas a trabalhos braçais. Com o pagamento das fianças pelo seu primo Paulo, mãe e filha foram liberadas, mas precisou deixar definitivamente Sacramento após ser intitulada “Carolina do Diabo”.

No início de 1937, uma insatisfação profunda com a vida a impele à cidade desejada e temida – São Paulo, onde a mulher negra viverá novos desafios como favelada, catadora de papel e mãe solo. Vislumbrando o sonho de ser escritora, Bitita trabalha em vários locais como doméstica, auxiliar de cozinha e operária nas fábricas, e “nos seus primeiros anos de vida na cidade de São Paulo, Carolina Maria de Jesus conta que se apoderou dela um desejo de escrever” (FARIAS, 2018, p. 118).

Em 1939, escreveu o seu poema mais famoso *O colono e o fazendeiro*, inspirado na fase de sua vida no campo. Tem a sua primeira foto publicada no jornal *Folha da Manhã*, com o título “poetisa preta”, em 1940. Contudo, o seu fazer poético lhe custou

³⁰ O livro de São Cipriano é atribuído ao mago ou feiticheiro São Cipriano, nascido na Tunísia entre 200 e 258 d. C. Esse livro era considerado poderoso, pois poderia ser lido de trás para frente ou vice-versa. Tratar-se “de um grimório que contém diversos rituais de ocultismo e exorcismo, supostamente magias negras e ‘simpatias’ (conjurações populares, como se diz), com múltiplas finalidades, inclusive de inferir no cotidiano das pessoas” (FARIAS, 2018, p. 96).

fortes críticas, injúrias raciais e exclusões sociais. Carolina não se ajustou à vida de doméstica em São Paulo e por isso mudou-se para o Rio de Janeiro na tentativa de buscar novos ares e oportunidades de viver da literatura através das suas poesias.

De volta à capital paulista em 1942, em meio ao trabalho diário, continua sua peregrinação às redações de jornais e consegue algumas publicações. Em 1945, Carolina teve uma relação com um homem americano branco, ficou grávida, mas a criança³¹ não conseguiu sobreviver. Em 1948, engravidou do seu segundo filho, João José de Jesus, fruto de uma rápida relação com um marinheiro português branco, que logo a abandonou. Acabou sendo dispensada do emprego, morou na rua, em albergues noturnos, cortiços, debaixo de viadutos e em casas populares. Com o novo projeto de urbanização da cidade, precisou migrar para a favela do Canindé,³² às margens do rio Tietê.

[...] em 1948, quando começaram a demolir as casas térreas para construir os edifícios, nós os pobres que residíamos nas habitações coletivas fomos despejados e ficamos debaixo de pontes. É por isso que eu denomino que a favela é o quarto de despejo de uma cidade. Nós os pobres somos os trastes velhos. (JESUS, 2014a, p. 17).

Favela Canindé, Rua A, eis o novo endereço de Carolina Maria de Jesus. O seu barraco era o número 9, construído com suas próprias mãos, usando restos de tábua da construção de uma igreja e pedaços de lona reaproveitada. Sem apoio de ninguém, resolveu iniciar uma nova profissão, catar papéis e materiais recicláveis nas ruas para vender no depósito da Rua Joaquim Murtinho, próximo do bairro Bom Retiro. Para Tom Farias (2018, p. 157), o ofício de catar papel era “uma alternativa para a falta de emprego fixo, à carência de dinheiro e do que comer dentro do barraco”, e “sem encontrar outra melhor alternativa, arriscava-se deixando o menino no barraco sozinho” (FARIAS, 2018, p. 157).

³¹ A sua primeira filha, Maria Carolina, nasceu morta na maternidade Frei Caneca em São Paulo. Carolina dedicou um poema a ela intitulado “Minha filha” escrito no livro *Antologia pessoal* (JESUS, 1996).

³² No século XX, o Brasil passou por três acelerados processos de transformações: o crescimento demográfico, a industrialização e o êxodo rural. As constantes migrações do campo para as cidades por melhores oportunidades de vida aceleraram a urbanização. Entre as décadas de 1940 e 1980, São Paulo possuía uma população desigual: de um lado os ricos donos de indústrias, e do outro o proletariado pobre, destituído de direitos sociais, vivendo de forma precária. Nesse contexto socioeconômico, as pessoas não tinham dinheiro para pagar o aluguel de imóveis e começaram a construir suas casas em terrenos irregulares ou inadequados, desprovidos de infraestrutura, próximos às cidades. Essas habitações irregulares e periféricas receberam o nome de favela e os seus moradores de favelados. Canindé é considerada uma das primeiras favelas da capital paulista, situada às margens do rio Tietê, formada por volta dos anos de 1940 (COMO SURGIRAM..., 2018).

No dia 6 de agosto de 1950 nasceu o seu terceiro filho, José Carlos de Jesus, fruto do seu relacionamento com um namorado espanhol branco. O pai do menino apareceu dois dias depois do seu nascimento e pela primeira vez deu a Carolina cinquenta cruzeiros para as despesas, mas pediu que registrasse a criança apenas em seu nome e depois desapareceu. Após dez dias, Carolina voltou a trabalhar nas ruas, deixando novamente as crianças sozinhas no barraco.

O cuidar dos dois filhos pequenos, a falta de comida e as dificuldades para sobreviver faziam parte do cotidiano de Carolina, que vai se transformando em uma mulher triste e amarga devido às atribulações da vida. As saídas para catar papéis nem sempre eram promissoras, principalmente nos dias de chuva. O amor pela leitura também dificultava que Carolina vendesse os livros e os jornais que encontrava antes de lê-los.

Mesmo diante das adversidades, ainda mantinha seu sonho de ser escritora. Escrevia escritos poéticos, breves textos em prosa, rápidas incursões de drama que inventava para as radionovelas da época e apresentações de circo, além de músicas e peças teatrais. Por saber ler e escrever, era muito requisitada, ora como a porta-voz para resolver alguns problemas e representar os moradores, ora pela “língua de fogo” que denunciava os políticos, criticava os comportamentos dos moradores e ameaçava colocar tudo que via ou ouvia no seu livro.

Foi nesse período de efervescência criativa e de grandes dificuldades econômicas que se relacionou com um rico comerciante espanhol branco e engravidou novamente. Em 15 de julho de 1953, nasceu sua quarta filha, Vera Eunice de Jesus. Vera foi denominada a “joia da favela” por nascer através de uma parteira no barraco, diferente dos dois irmãos que nasceram nos hospitais, e por ser a mais companheira de sua mãe. O pai de Vera era casado e no início não assumiu a paternidade, mas anos depois começou a pagar uma pensão alimentícia.

Abandonada novamente, sem apoio dos vizinhos, Carolina não conseguiu completar o resguardo e precisou voltar a catar papel, pois como dizia: “lágrimas não solucionam as dificuldades e tinha três boquinhos para dar de comer” (FARIAS, 2018, p. 176). A fome fazia parte da sua vida desde os tempos de criança e aparece nos seus escritos como uma personagem de cor amarela. Como costumava dizer, era um soco no estômago que lhe roubava o ar e o prazer de viver. Afirmava que “a pior coisa do mundo é a fome” (JESUS, 2014a, p. 191), e quando não tinha nada para comer, em vez de xingar, escrevia sobre a fome existencial que sentia.

Os “cadernos encardidos” feitos das folhas recolhidas no lixo foram se multiplicando conforme o tempo foi passando. Em 1955, já eram trinta e cinco cadernos que contavam a história da favela sob olhar da escritora Carolina Maria de Jesus. Todos já sabiam da existência dos diários e dos conteúdos neles abordados. As ameaças feitas por Carolina aos moradores eram frequentes, assim com seus desafetos. Quem não se comportasse de maneira distinta, era colocado no chamado “diário denúncia”.

Foi assim que tudo começou, não poderia ser diferente. As suas ameaças em 1958 chamaram atenção do jornalista Audálio Dantas. Durante a inauguração de um *playground* na favela do Canindé, alguns rapazes ocuparam de maneira não apropriada os balanços das crianças, impedindo-as de brincar. Ao assistir a cena, indignada, Carolina ameaçou: “Deixa estar que eu vou botar vocês no meu livro!” (JESUS, 1961, p. 9). O jovem repórter, que cobria o evento, ao ouvir a ameaça quis saber que livro era aquele e Carolina logo fez questão de mostrar os cadernos que guardava no seu barraco: “A história da favela que eu buscava estava escrita em uns vinte cadernos encardidos que Carolina guardava em seu barraco. Li, e logo vi: repórter nenhum, escritor nenhum poderia escrever melhor aquela história – a visão de dentro da favela.” (JESUS, 2004).

As anotações de Carolina interessaram tanto ao jornalista que no dia seguinte, 9 de maio de 1958, nas principais colunas estavam estampadas fotos retiradas pelo repórter da “negra, exótica e favelada”. A reportagem intitulada “O drama da favela escrito por uma favelada” (DANTAS, 1958), escrita na *Folha da Noite*, na qual o repórter chama atenção ao fato de Carolina não se intimidar com a fome e a situação da favela e mesmo assim conseguiu enxergar além, trouxe visibilidade aos moradores e, sobretudo, à escritora, que ficou extasiada ao ler o jornal. Outras reportagens foram publicadas em várias revistas, como *O Cruzeiro*,³³ intitulada “O retrato da favela no diário de Carolina”.

De posse dos 35 cadernos, Audálio Dantas deu a voz a Carolina, afirmou que a sua escrita representava a sua necessidade de dizer algo ao mundo. Em agosto de 1960, os seus “cadernos encardidos” foram publicados pela Editora Francisco Alves, da capital paulista, como um livro intitulado *Quarto de despejo: o diário de uma favelada* (JESUS, 2014a). O jornalista condensou os cadernos em um único diário e o título foi escolhido pela própria Carolina, somente o subtítulo foi acrescentado por Dantas.

³³ Revista sediada no Rio de Janeiro, publicada de 1928 a 1981, fundada por Assis Chateaubriand, que em 1929 tinha uma tiragem de 50 mil exemplares. Revista de variedades de grande relevância política na época.

[...] Eu era alvo dos olhares. O Dr. Lelio de Castro Andrade, o meu ilustre editor, conduziu-me num lugar apropriado para eu autografar. Não fiquei nervosa quando vi afluência. Fiquei alegre. Para uns as frases eram longas, para outros era só cordialidades. Os meus filhos percorriam a livraria. Era tantos livros para eu autografar que eu não vi as horas passar. (JESUS, 1961, p. 40).

Segundo Tom Farias (2018), no dia do lançamento de sua primeira obra, Carolina autografou 800 exemplares. Vendeu cerca de dez mil exemplares em uma semana, esgotando a primeira edição. No dia 21 de agosto, o livro estava no primeiro lugar dos mais vendidos de acordo com *ranking* do jornal *Folha de São Paulo*. Afirmou em seu livro que “ninguém estava entendendo nada ou não queria entender o porquê uma mulher da favela, semianalfabeta, estava ganhando tanta notoriedade da sociedade e da imprensa” (FARIAS, 2018, p. 226).

Em um ano de vida pública como escritora, Carolina estava se equiparando em números de cópias vendidas ao escritor Jorge Amado (MEIHY; LEVINE, 2015). E enfim pode realizar o seu sonho de sair da favela e residir em uma casa de tijolo. No dia 30 de agosto de 1960, Carolina e seus três filhos deixam o “quarto de despejo”, a favela, sob aplausos e pedradas, para a vida na casa de alvenaria cedida pelo senhor Antônio Soeiro Cabral, em Osasco, um bairro de classe média de São Paulo. Contudo, a vida na “sala de visita” não foi como esperava, os atritos com os vizinhos foram constantes por causa dos comportamentos dos seus filhos, tidos como inapropriados pelos moradores.

Em 1961, mudou-se para sua casa própria no bairro de Santana, mas continuou sem sossego, pois a fama alcançada com a venda dos livros e as participações em programas de televisão levou várias pessoas a lhe pedirem dinheiro. Todos os dias alguém batia a sua porta com uma história triste e lhe pedia ajuda. Os “empréstimos” e “doações” feitos por Carolina para pessoas que mal conhecia resultariam em uma soma de dinheiro que iria fazer muita falta à escritora no futuro próximo.

A vida de Carolina mudou completamente de acordo com Audálio Dantas: a “patética Cinderela, saída do borralho do lixo para brilhar intensamente sob as luzes da cidade” (JESUS, 2014a), agora era bajulada pela elite com convites para jantares e participações em eventos. “Eu não tenho diploma do Grupo escolar e tenho da Academia da Faculdade de Direito.” (JESUS, 1961, p. 56), assim expressou a sua alegria ao receber homenagens na academia Paulista de Letras e na Academia de Letras da Faculdade de Direito de São Paulo no ano de 1960.

“Eu classifico São Paulo assim: O Palácio é a sala de visita. A prefeitura é a sala de jantar e a cidade é o jardim. E a favela é o quintal onde jogam os lixos.” (JESUS,

2014a, p. 32). Na “sala de visita” conheceu muitas pessoas ilustres e artistas consagrados. Participou dos movimentos negros e foi presenteada com uma peça teatral baseada no seu primeiro livro, estreada por Ruth de Sousa. Lançou um disco com composições autorais. Realizou várias viagens e seu livro foi publicado em mais de 14 países.

Embalada pelo sucesso das publicações no exterior, escreveu outro diário, fazendo o mesmo percurso que o primeiro, e dois livros abordando as temáticas sociais e políticas. Em 1961, publicou *Casa de Alvenaria: diário de uma ex-favelada* (JESUS, 1961), tendo como tema central a sua nova vida na “sala de visita” entre os indivíduos da classe média, suas novas perspectivas, impressões, alegrias e desencantos após o sucesso de seu primeiro livro. No ano de 1963, publicou dois livros: *Pedaços da fome* (JESUS, 1963a), romance que conta a história de uma jovem rica que se casa com um homem considerado “de bem”; e *Provérbios* (JESUS, 1963b), que apresenta as visões e posições de Carolina sobre o mundo.

As novas publicações das obras não tiveram êxito, pelo contrário, trouxeram um prejuízo significativo para Carolina de Jesus. Aos poucos foram diminuindo os convites para eventos, as entrevistas nos meios de comunicação e as propostas para novas publicações. As remessas de dinheiro vindo do exterior diminuíram e assim intensificaram-se as cobranças e a dificuldade de manter a vida ostensiva.

O dia a dia na casa de Santana ficou insuportável. Já não tinha mais dinheiro para manter as despesas e os empregados. As constantes queixas dos vizinhos sobre os comportamentos de seus filhos e a busca incessante de doações e empréstimos por desconhecidos roubavam a sua paz. Em 1969, Carolina abandona a casa de alvenaria em Santana e muda-se para um sítio em Parelheiros, com seus três filhos. O local era precário, distante de tudo e sem estrutura, não tinha luz elétrica e nem água encanada. Sem o aconchego da “sala de visita”, Carolina volta à vida rural, mas continua sendo vítima de jornalistas sensacionalistas que criticavam o seu ostracismo e a chamavam de louca.

O convívio intenso com seus filhos gerou muitos conflitos e a lida diária do sítio era muito cansativa. Carolina não conseguiu reagir a tudo isso, entregou-se às desilusões e doenças respiratórias tornaram-se frequentes. Em 13 de fevereiro de 1977, morreu aos 62 anos, vítima de violenta crise de bronquite asmática e insuficiência respiratória crônica, a caminho do hospital. Esquecida, apagada e silenciada, Carolina Maria de Jesus, que outrora fora utilizada como um produto mercadológico e exótico da elite burguesa brasileira, deixou seu legado existencial sobre a terra, e sobre si mesma escreveu:

Quarto de despejo³⁴

Quando infiltrei na literatura
 Sonhava so com a ventura
 Minha alma estava chêia de hianto
 Eu não previa o pranto.

Ao publicar o Quarto de Despejo
 Concertisava assim o meu desejo.
 Que vida. Que alegria.
 E agora... Casa de alvenaria.
 Outro livro que vae circular
 As tristêsas vão duplicar.
 Os que pedem para eu auxiliar
 A concretisar os teus desejos
 Penso: eu devia publicar....
 - o 'Quarto de Despejo'.

No início vêio admiração
 O meu nome circulou a Nação.
 Surgiu uma escritora favelada.
 Chama: Carolina Maria de Jesus.
 E as obras que ela produz

Deixou a humanidade habismada
 No início eu fiquei confusa.
 Parece que estava oclusa
 Num estôjo de marfim.
 Eu era solicitada
 Era bajulada.
 Como um querubim.

Depôis começaram a me invejar.
 Dizia: você, deve dar
 Os teus bens, para um asilo
 Os que assim me falava
 Não pensava.
 Nos meus filhos.

As damas da alta sociedade.
 Dizia: praticae a caridade.
 Doando aos pobres agasalhos.
 Mas o dinheiro da alta sociedade
 Não é destinado a caridade
 É para os prados, e os baralhos

E assim, eu fui desiludinho
 O meu ideal regredindo
 Igual um corpo envelhecendo.
 Fui enrugando, enrugando...
 Petalas de rosa, murchando, murchando
 E ... estou morrendo!

Na campa silente e fria
 Hei de repousar um dia...
 Não levo nenhuma ilusão
 Porque a escritora favelada

³⁴ Respeitarei fielmente a linguagem e a grafia das palavras presentes nas autobiografias de Carolina Maria de Jesus, como uma forma de realismo utilizada por ela para enxergar e expressar o seu mundo.

Foi rosa despetalada.
 Quantos os espinhos em meu coração.
 Dizem que sou ambiciosa
 Que não sou caridosa.
 Incluíram-me entre os usuários
 Porque não critica os industriaes
 Que tratam como animaes.
 -Os operários...
 (JESUS, 1996, p. 151-153 apud FARIAS, 2018, p. 350-352).

Após a sua morte, diversas publicações foram realizadas baseadas nos cadernos deixados por Carolina nas mãos de repórteres, amigos e familiares. Em 1986, foi publicado o livro *Diário de Bitita* (JESUS, 2007): trata-se de escritos que trazem as memórias de infância de Carolina enquanto vivia em Sacramento. O livro faz um recorte da opressão, injustiça social, abuso de poder e racismo presente na sociedade brasileira. Outros livros póstumos foram também publicados como *Meu estranho diário* (JESUS, 1996b), *Antologia pessoal* (JESUS, 1996a), *Onde estaes felicidade?* (JESUS, 2014b), *Meu sonho é escrever – contos inéditos e outros escritos* (JESUS, 2018) e *Clíris: poemas recolhidos* (JESUS, 2019). Em 2020, a Editora Ática publicou uma edição comemorativa do *Quarto de Despejo: diário de uma favelada*, e em 2021 a Companhia da Letras publicou em dois volumes *Casa de alvenaria*.

Existe um material inédito deixado por Carolina de Jesus, segundo o pesquisador Tom Farias e sua filha Vera Eunice. São 58 cadernos que somam 5000 páginas de textos contendo sete romances, 60 textos curtos, 100 poemas, 4 peças teatrais e 12 letras para marchas de carnaval. Esses materiais encontram-se custodiados por diversas instituições, como a Biblioteca Nacional (RJ), o Instituto Moreira Salles (RJ), o Museu Afro Brasil (SP), o Arquivo Público Municipal de Sacramento (MG) e o Acervo de Escritores Mineiros (UFMG).

No dia 9 de novembro de 2020, o Conselho de Coordenação do Centro de Filosofia e Ciências Humanas (CFCH) da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), concedeu o título de Doutora Honoris Causa à escritora Carolina Maria de Jesus pela relevância da escritora na luta antirracista no Brasil. Destacou que Carolina foi vítima um “racismo estrutural”, que dentre as suas mais variadas formas de opressão produziu o apagamento e o silenciamento das mulheres negras, principalmente na literatura brasileira. O documento afirma que a concessão do título se trata de uma reparação histórica do apagamento não de uma personalidade, mas de um segmento ético a que historicamente foi negado o lugar na cultura nacional (UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO, 2020).

3.1 “ESCRITA DE SI”: RELATO DE VIDA

Escrevo a miséria e a vida infausta dos favelados. Eu era revoltada, não acreditava em ninguém. Odiava os políticos e os patrões, porque o meu sonho era escrever e o pobre não pode ter ideal nobre. Eu sabia que iria angariar inimigos, porque ninguém está habituado a esse tipo de literatura. Seja o que Deus quiser. Eu escrevi a realidade. (JESUS, 2014a).

Carolina não foi a primeira negra na literatura, mas a sua escrita é única. Ela buscou esclarecer o mundo para si e para o “Outro”³⁵ (BEAUVOIR, 1980), através de um olhar de quem não somente observava a favela, mas fazia parte dela. Carolina escrevia de um “lugar de fala”,³⁶ de sua realidade, por isso trouxe consigo as angústias, desilusões e os medos dos favelados da forma mais real e possível, dentro de seus limites e conhecimento.

A escritora favelada pertencia a um meio que a excluía por saber ler e escrever, e também não foi acolhida no mundo letrado burguês. O desprestígio em relação à obra de Carolina ocorreu dentro e fora da favela. Precisou encontrar por si mesmo o seu espaço e optou por narrar a sua luta diária contra a fome e para sobreviver às adversidades da vida. O que tinha a dizer uma “escritora improvável” (SANTOS, 2009) sobre sua trajetória de mulher, negra, favelada, mãe e companheira? O que ela buscava na escrita?

Para Pedro Melo (2014), a sua escrita era intencional, pois na primeira pessoa ela relatava as agruras vividas pelos moradores da favela de Canindé (as enchentes, as “batidas policiais”, os conflitos entre os vizinhos e a fome) e, ao mesmo tempo, expunha

³⁵ Refere-se o termo “Outro” à categoria cunhada pela filósofa francesa Simone de Beauvoir no seu livro *O segundo sexo* (BEAUVOIR, 1980), de 1949, tomando como ponto de partida a dialética do senhor e do escravo de Hegel. A categoria do “Outro” beauvoiriano explica a questão de gênero, no qual a mulher não é definida em si mesma, mas em comparação ao homem (dualidade entre a do “Mesmo” e a do “Outro”). Identificada como o “Outro”, a mulher é vista como um objeto funcional dentro de uma relação de submissão e dominação. Para Simone de Beauvoir, o fato de a mulher ser o “Outro” por não ter reciprocidade do olhar do homem, leva a uma perda da identidade social, impedindo-a de ser e impondo-lhe um lugar de fragilidade e inferioridade, legitimado por uma sociedade machista.

³⁶ Lugar de fala é um termo que deriva da Teoria do ponto de vista, em inglês *feminist standpoint*, divulgada pelo movimento feminista estadunidense. O termo não está relacionado ao conceito de representatividade. É uma perspectiva teórica do movimento feminista que argumenta que o conhecimento decorre da posição social do indivíduo. Djamila Ribeiro (2020) traz o conceito de “lugar de fala” como uma importante ferramenta de construção de novos olhares e perspectivas para romper a legitimação da norma colonizadora e das vozes hegemônicas que atribuem um poder absoluto ao discurso dominante branco e masculino. Pensar no “lugar de fala” a partir de sua localização social seria para Djamila Ribeiro (2020, p. 83) uma postura ética, pois “saber o lugar onde falamos é fundamental para pensarmos as hierarquias, as questões de desigualdades, pobreza, racismo e sexismo”.

o seu ponto de vista da marginalizada-periférica, trazendo uma reflexão crítica sobre as desigualdades, machismo, racismo e toda opressão do Estado sobre os vulnerabilizados.

Diante de uma sociedade de base nuclear familiar patriarcal, na qual as mulheres negras foram colocadas à margem da história e invisibilizadas, e tiveram sua escrita silenciada, esquecida e apagada, Carolina traz reflexões sobre o silenciamento imposto a sujeitos que foram colonizados (SPIVAK, 2010) e utilizou a autobiografia como uma afirmação de si. E ao escrever sobre si, tornou-se protagonista da sua história ao assumir um papel de autora, narradora e personagem ao mesmo tempo.

Os marcadores sociais das diferenças (gênero, classe, raça, religião, sexualidade, geração e deficiências) presentes nas suas obras literárias, principalmente nos seus diários *Quarto de despejo: diário de uma favelada* (JESUS, 2014a) e *Casa de alvenaria: diário de uma ex-favelada* (JESUS, 1961), foram e são utilizados como referências em investigação nacionais para construir diálogos transdisciplinares a respeito de diferentes temas como desigualdade social, violências e racismo, entre outros. Segundo Meihy (2015), Carolina é uma escritora especial não pelo escreveu, mas pelo modo como fez.

No seu primeiro diário, *Quarto de despejo: diário de uma favelada* (JESUS, 2014a), Carolina, ao retratar as suas vivências como mulher, negra, favelada e catadora de papel, permite pensar nessa articulação de várias categorias (gênero, raça e classe) para entender as opressões particulares (BRAH, 2006) sofridas por ela e o lugar de subalternidade (SPIVAK, 2010) no qual se encontra dentro de um contexto globalizante excludente: “Sou rebotalho. Estou no quarto de despejo e o que está no quarto de despejo ou queimar-se ou joga-se no lixo.” (JESUS, 2014a, p. 37).

A visão de mundo descrita nas linhas do seu primeiro diário traduz essa luta pessoal sobre a fome e a miséria. Com a publicação do seu primeiro diário em 1960, como uma *Cinderela Negra* (MEIHY; LEVINE, 2015), Carolina passou de uma total desconhecida a uma “escritora favelada” famosa. Até então, jamais havia ocorrido no Brasil tamanho sucesso editorial. Tudo na sua narrativa causa incômodo, não há como ficar imune diante de suas palavras. A poeta negra que vivia lendo e escrevendo no seu “quarto de despejo” encontrou no gênero autobiográfico uma maneira de relatar e denunciar as situações as quais estava acostumada a presenciar.

Carolina não apenas destacou essa marginalização da mulher negra, mas as suas experiências e desilusões após sair da favela de Canindé e morar em uma casa de tijolos. Nas entrelinhas do seu segundo diário, *Casa de alvenaria: diário de uma ex-favelada*

(JESUS, 1961), deixou expostas as feridas provocadas por uma violência simbólica³⁷ (BOURDIEU, 1999) que produziu uma desvalorização de si mesma e sentimento de inadequação, assim como as múltiplas violências ou “violências sobrepostas” (CAVALCANTI, 2018) por parte de toda a sociedade: “Os vizinhos crianças, em especial os meninos, não podiam brincar com os filhos de Carolina. Suas mães não deixavam que se misturassem com gente favelada.” (FARIAS, 2018, p. 271).

[...] considera como violência simbólica toda coerção que só se institui por intermédio da adesão que o dominado acorda ao dominante (portanto, à dominação) quando, para pensar e se pensar ou para pensar sua relação com ele, dispõe apenas de instrumentos de conhecimento que têm em comum com o dominante e que fazem com que essa relação pareça natural. (BOURDIEU, 1997, p. 204).

Contudo, apesar das conceitualizações epistemológicas, a importância da “escrita de si” (CARLOS; ESTEVES, 2009) para Carolina era de um espaço singular e subjetivo. Longe das produções acadêmicas e de palavras conceitualizadas, muitas vezes eurocêntricas, Bitita falava de um lugar seguro, um espaço onde tudo poderia ser dito, aceito e respeitado. Esse lugar especial de vivência descreve em tempo real suas lutas e conquistas no cotidiano de miséria, “violências sobrepostas” (CAVALCANTI, 2018) e marginalização.

Carolina, em tempo presente, continua a saltar o muro da subalternidade e através de uma narrativa escreveu o *Diário de Bitita* (2007) evocando a memória, o “eu” edificado na escrita, para deixar sua marca de tinta no mundo. Nesse livro de memórias, publicado após a sua morte, olha para traz e tenta mapear as raízes, o seu princípio de vida. Retrata a sua história desde os tempos de criança e assim traça uma linha no pensamento, oferecendo uma possível comparação entre suas vivências no “quarto de despejo”, na “sala de visita”, no ostracismo do sítio de Parelheiros e durante décadas em que foi silenciada, apagada e cancelada por uma elite burguesa que ainda persiste nas mesmas opressões racistas e machistas, e foi subjugada por ser uma escritora negra e pobre. E como outrora, continua atualmente a se fazer voz ativa e altiva dos excluídos, representando as mulheres negras.

³⁷ Trata-se de uma violência “invisível”, exercida por meios simbólicos de comunicação e conhecimento que se estabelece em uma relação de subjugação-submissão e que resulta de uma dominação. Bourdieu (1999) descreve como um processo em que se perpetuam e se impõem determinados valores da cultura dominante, que é imposta e acaba sendo naturalizada.

Não se pode esquecer, jamais, o movimento executado pelas mãos catadoras de papel, as de Carolina Maria de Jesus que, audaciosamente reciclando a miséria de seu cotidiano, inventaram para si um desconcertante papel de escritora. Carolina escrevendo *O Quarto de Despejo* apresentou uma escrita que para muitos veio macular uma pretensa e desejosa assepsia da literatura brasileira. (EVARISTO, 2005, p. 54.).

As autobiografias de Carolina contribuem para uma melhor compreensão do processo histórico de desenvolvimento das regras e normas que norteiam o modelo patriarcal da família do início de século XX e orientam o comportamento e os pensamentos sobre gênero e relações familiares. Mãe solo e filha de mãe solo, os seus relatos refletem sobre as dificuldades de cuidar dos filhos, dos afazeres domésticos e da jornada de trabalho como catadora de papel: “13 de junho... Vesti as crianças e elas foram para a escola. Eu fui catar papel.” (JESUS, 2014a, p. 60).

Os marcadores sociais da diferença presentes nas suas obras literárias são referências para investigação e construção de um conhecimento interdisciplinar a respeito de diferentes temas. A necessidade de pensar nos contextos educacionais e familiares, nas relações entre gênero, etnia e classe, e como essa dinâmica contribui no atual quadro de desigualdade econômica, remete uma reflexão sobre o lugar da mulher, negra, pobre, mãe e companheira na sociedade brasileira.

Diante de uma sociedade patriarcal dominadora, ao narrar sua própria vida, Carolina tornou-se porta-voz da experiência negra feminina. Nos seus cadernos encardidos, denunciou as violências e o racismo: “O povo negro num lugar de subalternidade inscrita na pele.” (FANON, 2008, p. 126). Sua literatura representa uma recusa à dominação branca e masculina (KILOMBA, 2019), e a resistência ao silenciamento e apagamento da escrita afro-brasileira.

A escrita autobiográfica de Carolina proporciona um texto que pode revelar aspectos da sua construção intelectual e suas vivências. O “lugar de fala” de quem escreve, frente às condições colocadas pelo seu tempo, tem um valor documental e literário. Traz em si um caráter de denúncia e um testemunho que vai além das expectativas comuns que um livro possa oferecer. A filósofa Djamila Ribeiro (2020, p. 42) afirma que “ser é ter-se tornado, é ter sido tal qual se manifesta”; sendo assim, nas linhas dos seus cadernos está contido um relato de uma vida, as marcas vitais de uma mulher negra brasileira. Portanto, o “Quarto de despejo não é um livro de ontem, é de hoje. Os quartos de despejo, multiplicados, estão transbordando.” (JESUS, 2014a, p. 8).

3.2 AS MARCAS IDENTITÁRIAS DE CAROLINA MARIA DE JESUS

Dela se disse que era calma, mas também inquieta, explosiva, nervosa. Que era discreta, mas também sedenta de fama, glória e projeção social. Descreveram-na como alegre e como profundamente triste; como ousada, corajosa e brava e, também, como rebelde, transgressora, difícil. Foi dita trabalhadora, honesta e terna; solitária, arredia e distante. Era alguém que pendia para o lado da ordem estabelecida, mas também alguém capaz de questionar e desafiar autoridades. (CASTRO, 2007, p. 27).

Entre movimentos de idas e vindas das crianças barulhentas, mulheres briguentas e dos homens bêbados da favela do Canindé e o odor que exalava do “quarto de despejo”, encontramos no seu diário do dia 19 de julho de 1955 a seguinte afirmação: “O meu registro geral é 845.936.” (JESUS, 2014a, p. 18). Trata-se de número registrado em cartório que expressa a afirmação de uma identidade enquanto ser humano e a consciência de um pertencimento a uma sociedade. O que mais esse registro geral poderia falar de Carolina Maria de Jesus?

Carolina sempre foi marcada por essa diferença – mulher, negra, pobre e mãe solo –, precisou ter vários papéis sociais, tornando-se performática para superar as dificuldades nas quais estava inserida. Ela não se identificava com o contexto em que vivia, por isso sonhava em ascender socialmente. E ao projetar-se na sala de visita (cidade), utiliza-se da “narrativização do eu” (HALL, 2004) para (re)construir suas identidades distorcidas pela miséria e exclusão social.

Todas as práticas de significação que produzem significados envolvem relações de poder, incluindo o poder para definir quem é incluído e quem é excluído. A cultura molda a identidade ao dar sentido à experiência e ao tornar possível optar, entre as várias identidades possíveis, por um modo específico de subjetividade. [...] Somos constrangidos, entretanto, não apenas pela gama de possibilidades que a cultura oferece, isto é, pela variedade de representações simbólicas, mas também pelas relações sociais. (WOODWARD, 2000, p. 18-19).

Segundo os estudos teóricos que propomos até aqui, iremos trilhar o percurso de Carolina Maria de Jesus desde o seu nascimento, em 14 de março de 1914, em Sacramento, Minas Gerais, até a sua morte em Parelheiros, São Paulo, em 13 de fevereiro de 1977. A sua autobiografia possui os principais eixos de intersecções de discriminação no Brasil: mulher, negra, pobre, trabalhadora informal e mãe solo. É através da escrita que Carolina constrói sua subjetividade, cria para si suas identidades para lidar com as adversidades da vida e assume assim o seu papel de sujeito e objeto da sua história,

conforme afirmou: “[...] eu não entrei no mundo pela sala de visitas. Entrei pelo quintal. Eu ia vencer porque era outra.” (JESUS, 2007, p. 244) e “Compreendi que dependia de mim mesma lutar para vencer.” (JESUS, 2007, p. 243).

3.2.1 Mulher e Negra

Esquecendo eles que eu adoro a minha pele negra, e o meu cabelo rústico. Eu até acho o cabelo de negro mais educado do que o cabelo branco. Porque o cabelo de preto onde põe, fica. É obediente. E o cabelo branco, é só dar um movimento na cabeça ele já sai do lugar. É indisciplinado. Se é que existe reencarnações, eu quero voltar sempre preta. (JESUS, 2014a, p. 64).

Como uma mulher negra no Brasil, nascida no século XX, Carolina enfrentou, desde criança, limites e regras para a sua sobrevivência. Tais imposições, oriundas de uma sociedade sexista e racista, condenaram, ao longo da história, as mulheres negras a uma situação de marginalização social, exclusão e violências.

A mulher negra é a síntese de duas opressões, de duas contradições essenciais a opressão de gênero e a da raça. Isso resulta no tipo mais perverso de confinamento. Se a questão da mulher avança, o racismo vem e barra as negras. Se o racismo é burlado, geralmente quem se beneficia é o homem negro. Ser mulher negra é experimentar essa condição de asfixia social. (CARNEIRO, 2018, p. 10).

Carolina escreveu sua própria história e a de seus pares, representou a voz da mulher negra e seus escritos remetem a um debate que ultrapassa a relação gênero, raça e classe. Tal relação necessita ser pensada a partir de uma subalternização para se adequar a uma sociedade branca, de família nuclear patriarcal, em espaços domésticos e profissionais. Para Gayatri Spivak (2010) é necessária uma desconstrução dessa dominação, pois essa representação do colonizado pelo colonizador impossibilita o subalterno de falar por si e constitui uma invisibilização do outro.

As implicações da dominação colonial na construção da identidade de Carolina influenciaram a sua escrita, trechos do livro *Diário de Bitita* (JESUS, 2007), no qual, adulta, volta à sua infância, relatam os preconceitos e as discriminações sofridas: “Os meninos não dançavam comigo; diziam que eu era muito feia, muito magra.” (JESUS, 2007, p. 99); “Eu ficava com inveja e pensava: ‘Por que é que eu não nasci homem para ficar rico, e ganhar muito dinheiro?’” (JESUS, 2007, p. 102); e “Eu sabia que era negra por causa dos meninos brancos. [...] diziam: – Cabelo de pixaim! Cabelo duro! [...] O negro é filho de macaco. Que vontade de jogar pedras.” (JESUS, 2007, p. 111).

Pensar em “gênero” como uma categoria importante para atribuir significado de vida e as relações hierárquicas pelas quais passou Carolina é uma das formas de entender como as relações de poder contribuíram para as formações das suas identidades individuais. Ao vivenciar uma estrutura patriarcal, mesmo não fazendo parte de uma família nuclear (pai, mãe e filho), Carolina percebe essa dominação masculina (BORDIEU, 1999) e descreve essa desigualdade entre os papéis de gênero que naturaliza a submissão feminina: “[...] O homem que trabalha ganha mais dinheiro do que uma mulher e fica rico e pode comprar uma casa bonita para morar.” (JESUS, 2014a, p. 17).

Se a perspectiva da mulher como “Outro” (BEAUVOIR, 1980) foi um importante marco para o movimento feminista de 1960, quem seria essa mulher negra? Djamilia Ribeiro (2020) e Grada Kilomba (2019) apontam que a mulher negra seria “o Outro do Outro”, ou seja, diante da condição machista imposta pela não reciprocidade do olhar masculino, a mulher negra, por nem ser homem nem branca, ocupa um lugar ainda mais inferior diante da hierarquia machista e racista.

Nos seus escritos, Carolina cria seu próprio conceito de identidade racial, ao mencionar que “na África os negros são classificados assim: negro tú. Negro tururutú. É negro sim senhor. Negro tú é o negro mais ou menos. Negro tururutú é o que não vale nada. E o negro Sim Senhor é o da alta sociedade” (JESUS, 2014a, p. 55). As suas vivências expressam uma identificação étnico-racial que vai além do gênero e da cor da pele, perpassa pela interseccionalidade de discriminações, subordinações e opressões estruturantes da realidade na qual estava inserida.

Eu disse: meu sonho é escrever!
Responde o branco: ela é louca.
O que as negras devem fazer...
É ir pro tanque lavar roupa.
(JESUS, 1996a, p. 201).

Esse tipo de linguagem racista, utilizada também como recurso do discurso machista, faz parte do processo de desnaturalização do lugar da mulher negra na sociedade. Para Sueli Carneiro (2003), o racismo superlativa os gêneros por meio de privilégios oriundos da exploração e exclusão dos gêneros subalternos, ao impor a superioridade de um grupo racial e a inferioridade do outro, gerando diversas perversidades que contribuem para um mundo separatista, no qual “[...] o mundo é negro para o negro, e branco para o branco” (JESUS, 2007, p. 67).

Mas a dona Maria Candida disse-me:

- Sabe, Carolina, você vem trabalhar para mim e quando eu for a Uberaba eu compro um vestido novo para você, vou comprar um remédio para você ficar branca e arranjar outro remédio para seu cabelo ficar corrido. Depois um doutor para afilar seu nariz. (JESUS, 2007, p. 164).

Ao analisarmos o trecho descrito anteriormente a partir da teoria de interseccionalidade de Kimberlé Crenshaw (1999),³⁸ percebemos como são os sistemas de “opressões interligadas” (COLLINS, 2021). Neste caso, gênero e raça aumentam a invisibilidade das mulheres negras comparadas aos homens negros e às mulheres brancas. Tais violências, direcionadas sobretudo às mulheres negras, reforçam a fala de Sojourner Truth em 1851, no seu celebre discurso³⁹ “E não sou uma mulher?” (TRUTH, 2014). Ao se levantar para falar, após ouvir de pastores que mulheres não deveriam ter os mesmos direitos que os homens e interrogar se a mulher negra não é uma mulher, desafiou e resistiu à opressão de caráter machista e racial.

Carolina, em seus diários, também compartilha dos processos de resistências ao cobrar oportunidades para as mulheres negras no mundo. Para opor-se à reprodução das relações de dominação através de estereótipos construídos, ao invés de utilizar a fala, como Thuth, para responder a dona Maria Cândida acima citada, ela escreveu: “olhei minhas mãos negras, acariciei o meu nariz chato e meu cabelo pixaim, e decidi ficar como nasci.” (JESUS, 2007, p. 165).

3.2.2 Favelada e Catadora de Papel

[...] Quando estou na cidade tenho a impressão de que estou na sala de visita com seus lustres de cristais, seus tapetes de veludos, almofadas de sitim. E quando estou na favela tenho a impressão que sou um objeto fora de uso, digno de estar num quarto de despejo. (JESUS, 2014a, p. 37).

Esse trecho de *Quarto de despejo: o diário de uma favelada* (JESUS, 2014a) foi escrito no dia 19 de maio de 1956. Neste dia, Carolina levantou às cinco horas da manhã, ficou contemplando os pardais e concluiu que o mundo das aves é melhor do que o dos favelados, “que deitam e não dormem porque deitam sem comer” (JESUS, 2014a, p. 35).

³⁸ A teoria da interseccionalidade, criada por Kimberlé Williams Crenshaw, estuda como as identidades sociais sobrepostas ou interseccionalizadas se relacionam como sistemas e estruturas de opressão, dominação e discriminação. Segundo Carla Akotirene (2020, p. 19), “a interseccionalidade visa dar instrumentalidade teórico-metodológico a inseparabilidade estrutural do racismo, capitalismo e cisheteropatriarcado”.

³⁹ Discurso proferido em 1851, na Convenção dos Direitos da Mulher em Akron, Ohio.

Ao longo da sua narração, apresenta a vida cotidiana sofrida, a luta pela sobrevivência e toda a marginalização ocasionada pelos poderes públicos, que indiretamente decidem quem vai viver e quem irá morrer. São inúmeras situações de violências sobrepostas (CAVALCANTI, 2018) em que os marcadores sociais da diferença são determinantes.

A expressão ‘marcadores sociais da diferença’ transformou-se, assim, numa maneira de denominar essas diferenças socialmente construídas e cuja realidade acaba por criar, com frequência, derivações sociais, no que se refere à desigualdade e à hierarquia. (HIRANO, 2019, p. 11, grifo do autor).

Os marcadores sociais (gênero, classe, raça, religião, orientação sexual, geração e deficiência) e suas características classificatórias servem como um instrumento para a hierarquização e perpetuação das desigualdades. Sob o olhar da interseccionalidade (CRENSHAW, 1999) podemos compreender como uma mulher, negra e pobre pode sofrer ainda mais opressões e violências por ser atravessada por mais de uma categoria.

A exclusão e a desigualdade, produtos das relações sociais, estão presentes na vida de Carolina e como ela vivencia as suas identidades: “Sou um rebotalho. Estou no quarto de despejo, e o que está no quarto de despejo ou queima-se ou joga-se no lixo.” (JESUS, 2014a, p. 37). Tal desigualdade “[...] passa a ser justificada e naturalizada na medida em que é percebida como resultado do ‘mérito’ e, portanto, como produto de qualidades individuais” (SOUZA, 2005, p. 47, grifo do autor).

A meritocracia é o discurso feito pela classe dominante, para manter as desigualdades sociais e a discriminação racial. As classes sociais fazem parte da estrutura social com a qual o indivíduo se relaciona, logo a organização da sociedade é feita por uma classe dominante, e a partir de seus interesses e dominação. Carolina descreve em seus livros situações que ilustram essa realidade: “[...] mas os doutores de Coimbra diziam que quem deveria estudar eram os filhos da classe predominadora, e não os que deveriam ser predominado; que o amo e o servo não poderiam ter sapiência igual” (JESUS, 2007, p. 41) e demonstra uma consciência e ao mesmo tempo um desejo de modificá-la “[...] não poderei viver nesse mundo, que é semelhante a uma casa em desordem. Oh! Se me fosse possível lutar para deixá-lo em ordem.” (JESUS, 2007, p. 60).

Essa consciência social e política é um legado que a escritora traz das memórias de infância, na qual se mostra uma criança extremamente curiosa e reflexiva, que irritava a sua mãe e os familiares com tantos questionamentos. Bitita só frequentou os dois primeiros anos escolares e precisou abandonar a escola para ir trabalhar numa fazenda

em outra cidade. De acordo com sua filha Vera Eunice, em uma entrevista ao historiador e brasilianista Robert Levine, “foi o gosto pela leitura, a facilidade que ela tinha de ler livros e jornais que motivaram a continuar se desenvolvendo” (MEIHY; LEVINE, 2015, p. 176). E mais uma vez Carolina recusa a estrutura social subalterna, pois não existia um projeto para educação dos negros, e continua persistente na sua escrita, fazendo ecoar as vozes dos colonizados (subalternos) que sofrem as consequências da marginalização.

A fome dita o ritmo de dois livros de Carolina, *Quarto de despejo: diário de uma favelada* (JESUS, 2014a) e *Pedaço da fome* (JESUS, 1963a). Os textos mostram as estratégias diárias que criava para disfarçar a fome ou saciá-la. Para conseguir alguma comida para seus filhos, quando não tinha como trabalhar, recorria aos vizinhos ou até mesmo ao lixo. Descrita pelo Jornalista Audálio Dantas no prefácio de *Quarto de despejo: diário de uma favelada* (JESUS, 2014a) como uma “[...] personagem trágica, inarredável. Tão grande e tão marcante que adquire cor na narrativa tragicamente poética de Carolina” (JESUS, 2014a, p. 6), a fome também foi usada como uma forma de protestar: “[...] O Brasil precisa ser dirigido por uma pessoa que já passou fome. A fome também é professora” (JESUS, 2014a, p. 29).

Acostumada a buscar alimentos no lixo e a procurar livros e folhas de cadernos para escrever, Carolina começou a catar recicláveis para vender: “Eu cato papel, mas não gosto. Então eu penso: ‘Faz de conta que estou sonhando.’” (JESUS, 2014a, p. 29). Ao passar de doméstica a catadora de papel, perdeu seu salário fixo e vivenciou, segundo a pesquisadora Eliana Castro (2007, p. 35), um dos momentos mais difíceis da sua vida, pois a sua “sobrevivência física e psicológica estava ameaçada pela fome, o medo e o sentimento de perda”. Invisibilizada e excluída socialmente, escreve: “Parece que eu vim ao mundo predestinada a catar. Só não cato a felicidade.” (JESUS, 2014a, p. 81).

A favela fazia parte da vida de Carolina, foi o principal assunto do seu livro mais vendido, mas ela não fazia parte da favela, não se identificava com os outros favelados. Afirmava que não era uma questão de classe, mas sim de valores. O seu maior sonho era morar em uma casa de alvenaria: “É que eu estou escrevendo um livro, para vendê-lo. Viso com esse dinheiro comprar um terreno para eu sair da favela. Não tenho tempo para ir na casa de ninguém.” (JESUS, 2014a, p. 27).

A narrativa do *Quarto de Despejo: diário de uma favelada* (JESUS, 2014a) expressa claramente o fato de nunca se conformar com a vida na favela, assim como seus gostos e comportamentos eram diferentes dos demais. Como uma forma de fugir da realidade, dedica-se à leitura e à escrita dos seus diários, contos, poemas e letras musicais.

Estou residindo na favela. Mas se Deus me ajudar, hei de mudar daqui. [...] Há os que prevalecem do meio em que vivem, demonstram valentia para intimidar os fracos. Há casa que tem cinco filhos e a velha é quem anda o dia inteiro pedindo esmola. Há as mulheres que os esposos adoecem e elas no penado da enfermidade mantêm o lar. Os esposos, quando veem as esposas manter o lar, não saram nunca mais. (JESUS, 2014a, p. 20).

Essa habilidade com a leitura, a escrita e as palavras era admirada por todos, por isso Carolina tinha o respeito na favela. Segundo Meihy e Levine (2015), Carolina era a conselheira e responsável pelo gerenciamento da segurança e da moralidade dos favelados. Quando havia briga na favela, ela chamava a polícia. Em todos os comícios de candidatos, fazia questão de estar presente e falar do desamparo social e das precariedades da vida na favela, o que lhe levou a ter o apelido de “língua de fogo”.

3.2.3 Mãe Solo e Companheira

Além de ser negra, pobre, filha de mãe solteira, o que mais poderia ser pior? A vida era só trabalho duro e depois voltar para casa, sempre assim, todo dia, tudo igualzinho. Comigo já aconteceu diferente, muito diferente, porque só fui trabalhar com 16, 17 anos. Minha mãe não queria deixar que nós passássemos pelo que ela passou. (MEIHY; LEVINE, 2015, p. 75).⁴⁰

Os contextos familiares que envolvem a vida de Carolina Maria de Jesus são essencialmente relacionais, por isso é preciso também ter uma visão relacional para compreender como esses vínculos familiares foram formados e vivenciados. Os vínculos de pertença nem sempre foram baseados em relações saudáveis, mas, muitas vezes, em opressões e violências sobrepostas (CAVALCANTI, 2018).

Quando fui jovem tive os sonhos dos jovens. Mas os homens que me pediram em casamento deixaram-me decepcionada. Uns queriam que eu roubasse, outros queria que eu comercializasse o meu corpo. Os que me pedi em casamento não serviam [...] eu ficava horrorizada com as propostas e fui ficando sozinha. Mas a mulher, com o decorrer do tempo, acaba iludindo-se com os homens. (JESUS, 1963a, p. 161).

Ao elaborar um conceito relacional para compreendermos os fenômenos da sociedade, Pierpaolo Donati (2008) centraliza a sua atenção nas relações sociais que se estabelecem entre sujeitos humanos ao interagir nas diversas circunstâncias da vida social. Essa abordagem relacional que analisa e interpreta os aspectos que levam as

⁴⁰ Fala de Vera Eunice de Jesus Lima, filha de Carolina Maria de Jesus.

peças a uma cooperação ou a um conflito dentro de uma convivência social ajudará a compreender a identidade materna e companheira de Carolina.

Não podemos explicar a relação social nem na base da ação dos indivíduos, nem na base dos condicionamentos das estruturas: a relação coloca-se noutra ordem de realidade com relação à dos indivíduos que agem (agency) e à das operações (os mecanismos) dos sistemas sociais. Nem se trata de conceber a relação como uma ponte entre o indivíduo e o sistema, ou como um mix de elementos individuais e sistêmicos, como a grande parte das sociologias a entendem. Trata-se, pelo contrário, de compreender que a relação social é o efeito emergente das interações entre ação e sistema social, que são realidades dotadas de propriedades e poderes próprios. (DONATI; COLOZZI, 2006 apud MOREIRA, 2009, p. 4)

Foi nesse cotidiano de miséria, violência e marginalização, que fazia parte do cenário familiar marcado pela ausência da paternidade, que a construção da maternidade de Carolina se deu, em uma dialética entre práticas e valores reconstruídos constantemente (BOURDIEU, 1996). Carolina Maria de Jesus foi mãe solo. A noção de relações familiares está presente nos escritos de Carolina nas maneiras como expressa as suas identidades:

Mas são felizes. Luto por eles, não deixando-os abandonados. Tem crianças legalizadas que invejam meus filhos, porque tem pais ébrios que transformam a casa num inferno. Tem mulher que interna os filhos nas instituições filantrópicas porque não quer lutar por eles. Os meus filhos não sentem a falta de um pai. Eu luto por eles. (JESUS, 1961, p. 162).

A vida familiar de Carolina foi muito afetada pelas experiências vividas na favela. Era um núcleo muito fechado, em torno da figura da mãe: “eles tinham uma certa vida própria: próximos à mãe, distante das favelas e livres no mundo” (MEIHY; LEVINE, 2015, p. 169). A autoridade suprema era a mãe e por isso não obedeciam a outras pessoas. Carolina tentava proteger seus filhos de qualquer exposição daquilo que denominava degradação (violências, miséria e promiscuidade), e por isso fazia questão de levá-los para o trabalho ou deixá-los trancados no barraco para evitar confusões. São muitos os relatos descritos no livro de brigas conjugais, maus tratos das crianças, agressões e mortes.

Ficar com minha mãe, era o nosso maior prazer, e nos tempos do barraco não fazíamos outra coisa. [...] o filho pode crescer longe do pai, não da mãe [...]. Minha mãe nos criou, protegeu. Na favela, não fosse por ela, o João tinha

morrido a facadas por uma prostituta. Quem salvou e tomou as facadas no seu lugar? As cinco facadas? A dona Carolina. (MEIHY; LEVINE, 2015, p. 75).⁴¹

Ser mãe solo e exposta ao trabalho informal em São Paulo do século XX implicava em uma única prioridade: alimentar os filhos diariamente. A tripla jornada de trabalho das mulheres faveladas, como Carolina, é acrescida do abandono afetivo de uma sociedade machista e patriarcal que justificava o pai ausente e o marido violento. Essa autora se orgulhava de cuidar dos filhos sem precisar mendigar o pão à igreja, ou mesmo ser espancada por um homem como as outras mulheres da favela (JESUS, 2014a).

Sua relação com os filhos era muito forte. Carolina foi uma boa mãe. Sabia que tinha obrigação de lhes dar, no mínimo, uma alimentação correta. Além disso, educação, proteção, afeto, respeito e ainda lhes transmiti os valores morais. Isso, às vezes, significava lhes dar uma boa surra. Consciente da importância da escola, é com orgulho que declara, no dia 27 de novembro de 1958, que seus filhos já sabem ler. (CASTRO, 2007, p. 41).

Como chefe de família, Carolina assumia sua responsabilidade sem transferi-la para ninguém. É importante perceber como essa conjuntura geracional foi estabelecida para compreender sua relação com os homens. Para João Carlos Petrini (2012), as relações são produzidas, consumidas, modificadas e postas de lado num incessante movimento de construção e desconstrução. Na sociedade, cada indivíduo participa de uma pluralidade de ambientes, e em cada um deles desempenha uma determinada função. Carolina foi mãe e companheira, mas fez juras de amor eterno com seu maior ideal – ser escritora.

Na favela do Canindé, teve um namoro com Sr. Manoel, que desejou se casar com ela, mas alegou que “[...] um homem não há de gostar de uma mulher que não pode passar sem ler. E que levanta para escrever. E que deita com lápis e papel debaixo do travesseiro. Por isso é que prefiro viver só para meu ideal [...]” (JESUS, 2014a, p. 49). Justificava a tendência a viver sozinha por causa da atividade como escritora e da necessidade de recolhimento em seu mundo literário.

Segundo o jornalista e escritor da sua biografia, Tom Farias (2018), quando morava em Santana, na casa de Alvenaria, Carolina anunciou que iria se casar com um professor chileno chamado Jorge Ivan Mendoza Enríquez. Eles se conheceram na sua segunda viagem ao Chile, mas este relacionamento não seguiu adiante. Em relação aos homens e ao casamento, escreveu: “Não me casei e não estou descontente. Os que preferi

⁴¹ Fala de José Carlos de Jesus, filho de Carolina Maria de Jesus.

me eram soezes e as condições que eles me impunham eram horríveis...” (JESUS, 2014a, p. 17).

As vivências e os relatos sobre como as mulheres eram tratadas pelos companheiros na favela, descritos nas suas autobiografias, reforçam a todo momento a sua opção de não se casar, cuidar sozinha dos filhos e dedicar o tempo para leitura e escrita. Ao assumir esse lugar de mãe solo e solteira, sofreu as discriminações e exclusões da sociedade machista e patriarcal, mas sua decisão contribuiu para sua consciência de gênero e para romper com a hierarquia patriarcal.

As experiências familiares como um lugar de acolhimento, totalidade do ser em contrapartida a um contexto social direcionado às funções e utilidades do indivíduo, também faziam parte vida cotidiana familiar de Carolina. “20 de maio... O dia vinha surgindo quando eu deixei o leito. A Vera despertou e cantou. E convidou-me para cantar. Cantamos. O João e o José Carlos tomaram parte.” (JESUS, 2014a, p. 37).

3.2.4 Escritora

Eu consegui enriquecer com o meu livro. O meu foi uma fada que transformou-me de gata borralheira a princesa. Os meus sonhos estão concretizando. Eu desejava uma casa de alvenaria. Consegui. O que emociona-me é introduzir a chave na fechadura e abrir a porta e saber que a casa é minha. Tem hora que tenho vontade de dar um grito para ser ouvido no universo: ‘Viva o meu livro! Viva os meus dois anos de grupo escolar!’ E viva os livros, porque é a coisa que eu mais gosto, depois de Deus. (JESUS, 1961, p. 123).

Mulher, negra, catadora de papel, mãe solo e companheira. As marcas identitárias de Carolina Maria de Jesus apresentadas até aqui revelam como as relações e interações vivenciadas por ela ao longo da vida contribuíram para a construção da sua subjetividade. Em todo seu processo de identificação a escrita ocupou um lugar especial de vivências, onde descreveu em tempo real suas lutas e conquistas no cotidiano de miséria, “violências sobrepostas” (CAVALCANTI, 2018) e marginalização.

Percorrer as andanças dessa mulher negra em meio às tintas, às páginas de papéis recolhidas no lixo, à fome e à solidão do seu barraco é compreender como a luta pelos seus direitos foi escrita com sangue, suor e letras, pois esses cadernos que outrora foram rejeitados por tantos jornais, nas mãos do jornalista Audálio Dantas realizaram o seu sonho de sair da favela, residir em uma casa de tijolo e ser famosa.

Carolina só tinha um sonho, escrever e publicar um livro, e com o dinheiro realizar o seu desejo de comprar a tão sonhada casa de alvenaria para sair do quarto de despejo e adentrar na sala de visita. Assim o fez: “fiquei alegre olhando o livro [...] O que eu sempre invejei nos livros foi o nome do autor. E li o meu nome no livro. Carolina Maria de Jesus. Diário de uma favelada. Quarto de Despejo. Fiquei emocionada.” (JESUS, 2014a, p. 33).

Como uma narradora e personagem, escreveu aquilo que ouviu e viveu. Rompeu com que se esperava de uma mulher negra ao registrar as injustiças, as discriminações, as dores e os silêncios que de outra forma permaneceriam ocultos. Sua escrita de denúncia saltou os muros da subalternidade e foi na contramão das adversidades. A escritora favelada, sem pedir licença, adentrou com sua matéria poética da vida nos salões canônicos, brancos, masculinos e burgueses da literatura brasileira, refletindo sobre a situação das mulheres negras e o seu direito de falarem e de serem ouvidas.

A sociedade patriarcal dominadora do século XX, que há tempos colocava as mulheres negras à margem da história e invisibilizadas, precisou se calar diante de Bitita, neta de um ex-escravizado, que utilizou a autobiografia como uma afirmação de si, e ao escrever resgatou a memória, construiu uma identidade, tornou-se protagonista da sua história, assumiu o papel de autora, narradora e personagem da sua vida e enfrentou o preconceito, o machismo e a desigualdade social.

A publicação do livro *Quarto de despejo: diário de uma favelada* (JESUS, 2014a) abalou os parâmetros literários burgueses e a força da sua palavra escrita reinventou a sua realidade para construir uma literatura de libertação, com um impacto social muito importante. Carolina passou a pertencer ao mundo. As experiências de opressões e de observação de uma realidade brasileira presente nos seus diários tornaram-se referências para a investigação e construção de um conhecimento interdisciplinar a respeito de diferentes marcadores sociais.

A catadora de papel transformou-se na voz feminina negra e marginal em todos os sentidos: gênero, étnico-racial e social. Ao utilizar o seu “lugar de fala” (RIBEIRO, 2020) e para romper as barreiras sociais e chamar atenção do mundo para as favelas, apresentou o melhor diagnóstico da vida de uma mulher preta no Brasil. Para o historiador Joel Rufino dos Santos (2009, p. 117), nenhuma “especulação sobre a intelectualidade e pobreza no Brasil pode passar ao largo da antiga catadora de papel, ex-empregada doméstica, [...] vendedora de cerveja e artista de circo”.

No exterior, sua obra foi publicada em diversos países, em 14 línguas. Esperava-se que, pela aceitação do seu livro, ela seria uma porta-voz dos pobres e marginalizados,

e que mudanças, principalmente na vida dos favelados, fossem acontecer. Entretanto, após três anos da publicação, Carolina voltou a experimentar o desprezo e o esquecimento da sociedade brasileira da época. Este espaço conquistado não durou muito tempo, novamente foi colocada na condição subalterna (SPIVAK, 2010), pois a sua escrita em formato de denúncia representava um perigo para a classe dominante.

4 SOMOS TODAS CAROLINAS!

As obras de Carolina Maria de Jesus têm uma importante influência na educação para a afirmação da identidade das mulheres negras no Brasil. Ao analisarmos os seus diários, deparamos a todo momento com aspectos educativos presentes na sua escrita que revelam a afirmação de uma identidade e uma consciência de pertencimento. A sua narrativa é uma comunicação, mesmo que seja para um interlocutor imaginário, de alguém que ultrapassou a linha divisória entre o quarto de despejo e a sala de visita, venceu as fomes física e de saber, educou os filhos e conseguiu tornar-se escritora. Ao se narrar e permitir ser a voz da favela, a leitura dos seus diários tornou-se uma ferramenta didática de aprendizados.

Carolina escreve de forma consciente e articulada de um “lugar de fala” (RIBEIRO, 2020) e com propriedade de quem está inserida num contexto de desigualdade social e de exclusão de direitos civis, sociais e políticos. Ela foi capaz de refletir a sociedade na qual estava inserida, e na condição de sujeito/narradora coloca-se numa posição de “identidade narrativa” (RICOUER, 1991) como sujeito e intérprete de sua própria vida.

É desse lugar especial, de “escrita de si”, que as leituras das obras de Carolina poderão contribuir para a descolonização (FANON, 2008; SEGATO, 2015) dos conhecimentos produzidos por uma educação eurocêntrica, promover uma reflexão sobre temas e a construção de uma prática pedagógica das aulas e dos projetos relacionados à Lei nº 10.639/2003 (BRASIL, 2003) que possibilite a identificação de novos protagonistas e a reflexão do porquê faz-se necessário o ensino de História e Cultura Africana e Afro-Brasileira nas escolas.

O lema “Nada sobre nós, sem nós”⁴² tornou-se uma fonte expiradora para essa proposta pedagógica de utilizar a autobiografia como uma importante ferramenta para o enfretamento e protagonismo das mulheres negras de escola pública. De uma forma mais prática, o que propomos é oportunizar a experiência da “escrita de si” através dos ateliês autobiográficos para estudantes negras, e que os resultados das produções possam orientar de forma mais efetiva a aplicabilidade da Lei nº 10.639/2003 (BRASIL, 2003) nas aulas

⁴² O lema significa que “nenhum resultado a respeito das pessoas com deficiência haverá de ser gerado sem a plena participação das próprias pessoas com deficiência” (SASSAKI, 2007, p. 8), ou seja, nenhuma política deveria ser decidida por nenhum representante sem a plena e direta participação dos membros do grupo atingido por essa política.

de história e projetos pedagógicos, como o da Consciência Negra, realizado pela unidade escolar escolhida para a realização da pesquisa empírica.

Ao transitar pela vida e obras de Carolina de Jesus, que utilizou a escrita como um instrumento para saltar os muros da subalternidade, podemos refletir sobre a situação das mulheres negras e o seu direito de falarem e de serem ouvidas. Segundo Ivor Goodson (1992), um dos principais estudiosos dos estudos curriculares da atualidade, o direito de falar e de ser representado por si mesmo constitui um mecanismo que atua contra o poder institucionalizado. Dar voz aos invisibilizados supõe uma valorização da subjetividade e o reconhecimento do “Nada sobre Nós, sem Nós”.

Como uma moradora da favela, Carolina denunciou as injustiças e o descaso dos políticos, suas palavras representam espelhos que refletem uma realidade. É preciso ouvir também as “Carolinas” do tempo presente, aquelas que estão em sala de aula, e enxergá-las de formas individuais e coletivas, pois a força das suas palavras escritas expressa a subjetividade de cada pessoa. Por isso a proposta do projeto literário Carolina Maria de Jesus é dar voz e assegurar que sejam ouvidas como sujeitos da investigação e não apenas como meros objetos do conhecimento. Essa nova relação que se estabelece entre o investigador e seu objeto de estudo favorece uma retomada de consciência tanto no plano individual como no coletivo. E diante dessas possíveis reflexões que a “escrita de si” pode gerar, poderemos nos espelhar e afirmar: “Somos todas Carolinas!”

4.1 DIREITOS ESCRITOS COM SANGUE, SUOR E LETRAS

A educação se faz presente em todos os espaços sociais, seja em casa, na escola, na igreja ou na rua. Ninguém escapa do processo educativo, pois ele é estabelecido por uma sociedade e reflete as condições e contradições que dela derivam. Segundo Paulo Freire (1997), como não é um processo mecânico, a sociedade estrutura a educação em razão dos interesses de quem tem o poder. Logo, ao pensarmos na base do processo educacional brasileiro, em sua constituição e formação, servirá a uma sociedade que a princípio se organizou na perspectiva eurocêntrica, cristã, heteronormativa e capitalista.

A colonialidade do poder esteve presente no início do Brasil republicano através do discurso de eugenia⁴³ como um elemento essencial para o projeto de nação em

⁴³ Segundo a historiadora Nancy Stepan (2005), a eugenia se constituiu em um movimento que defendia a perfeição humana a partir da genética. A proposta era garantir indivíduos puros e superiores através do cruzamento entre sujeitos selecionados. No Brasil, foi utilizada no século XX como um projeto político-

construção. O eurocentrismo foi o emblema de civilidade do projeto político pedagógico nacional, no qual os/as negros(as) deveriam ser “educados”, ou seja, deveriam ter acesso ao conhecimento para se adaptarem às exigências de convívio de uma sociedade elitista branca.

As ideias racistas presentes nos currículos escolares representavam a implementação de programas governamentais de “embranquecimento” da população brasileira. Segundo o historiador Jerry D’Ávila (2006), a implementação tinha como objetivo externo o estímulo à vinda de imigrantes europeus e a proibição de imigração africana e asiática para o país, e internamente originaram propostas pedagógicas que inferiorizavam ou invisibilizavam a identidade e a cultura negras.

[...] ‘aperfeiçoar a raça’ – criar uma ‘raça brasileira’, saudável, culturalmente europeia, em boa forma física e nacionalista. As elites brasileiras da primeira metade do século XX tendiam a acreditar que os pobres e não brancos eram, em sua maioria, degenerados. Definindo esse estado de degeneração em termos médicos, científicos e científicos–sociais, eles chamaram para si próprios o poder de remediá-lo e assumiram para si a questão da educação pública. (D’ÁVILA, 2006, p. 21).

O ensino público no período da Primeira República tornou-se um instrumento de manutenção de poder hierárquico. A organização curricular e a infraestrutura eram de responsabilidade dos estados, que não se preocupavam em atender as necessidades da população de maioria negra e pobre. Foi essa estrutura que Carolina descreveu nos seus livros, embora só tenha frequentado a escola por dois anos.

O que admirava é que dona Maria Leite não auxiliava os brancos, só os pretos, e nos dizia: Eu sou francesa. Não tenho culpa da Odisséia de vocês; mas eu sou rica, auxílio vocês porque tenho dó. Vamos alfabetizá-los para ver o que é que vocês nos revelam: se vão ser tipos sociáveis e tendo conhecimento poderão desviar-se da delinquência e acatar a retidão. (JESUS, 2007, p. 150).

Em 1932, o Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova trouxe uma proposta de reflexão em torno da educação laica e gratuita para todos. Nessa nova proposta de uma política educacional com base no currículo e identidade brasileira, o recorte racial foi debatido pela Frente Negra Brasileira⁴⁴ na tentativa de desconstruir o discurso racial, criar

social que se apoiava em uma suposta cientificidade para justificar e implantar um controle populacional da população mais pobre, em especial dos(as) negros(as).

⁴⁴ Criada em 16 de setembro de 1931, na cidade de São Paulo, a Frente Negra Brasileira (FNB) foi a mais importante organização civil de luta no período da Segunda República brasileira e tinha como objetivo conquistar posições para o negro em todos os setores da sociedade, principalmente na educação (LEITE, 2017).

mecanismos para a inclusão e permanência do(a) negro(a) na escola. A principal luta dos movimentos negros ao longo do século XX foi contra a “democracia racial”⁴⁵ justificada na ideia de uma convivência harmoniosa entre raças.

Para Kabengele Munanga (1999, p. 80), a democracia racial é um mito que encobre o racismo e impossibilita as camadas subalternas “a tomada de consciência de suas características culturais que teriam contribuído para a construção e expressão de uma identidade própria”, por isso foi pauta das lutas travadas pelos movimentos negros como o Teatro Experimental Negro (1941), o Teatro Popular Brasileiro (1943) e a Associação dos Negros Brasileiros (1945).

Em 1960, a publicação do livro *Quarto de despejo: diário de uma favelada* (JESUS, 2014a) acalorou ainda mais as discussões sobre as desigualdades sociais e o racismo com a realidade descrita e vivenciada na favela de Canindé. O escritor e historiador Tom Farias (2018, p. 243) menciona na sua biografia o envolvimento de Carolina com as questões étnico-raciais e como ela “passou a ser bem notada e aceita por ícones do movimento negro como Fernando Góes, Eduardo Oliveira, Solano Trindade e José Correia Leite, entre outros”.

A realidade da favela retratada por uma das suas moradoras colocou em “xeque-mate” a ideia de uma sociedade com direitos iguais sustentada pelo “mito da democracia racial”. Como falar de uma convivência harmoniosa entre as raças quando existe uma população, na sua maioria negra, em uma situação de vulnerabilização social? Os questionamentos e as reflexões provocados por Carolina e os/as demais escritores(as) negros(as) que surgiram, mesmo diante do regime militar instaurado no Brasil em 1964, trouxeram grandes mudanças. A exemplo, em 1971, a data da morte de Zumbi,⁴⁶ principal liderança do quilombo de Palmares, passou a ser comemorada como um expoente de luta e resistência em substituição à comemoração da assinatura da Lei Áurea, em 13 de maio, uma vez que, após a “libertação”, os/as negros(as) foram entregues à própria sorte, sem nenhuma assistência do poder público brasileiro.

O processo de redemocratização brasileira instaurado em 1985 expandiu as lutas, até então políticas, para a educação na perspectiva de construção de um novo currículo

⁴⁵ Segundo o historiador Petrônio Domingues (2005, p. 117), a democracia racial é “um sistema racial desprovido de qualquer barreira legal ou institucional para a igualdade racial, e, em certa medida, um sistema racial desprovido de qualquer manifestação de preconceito ou discriminação”.

⁴⁶ O Dia Nacional de Zumbi e da Consciência Negra, comemorado no dia 20 de novembro, foi criado pela Lei nº 12.519, no dia 10 de novembro de 2011. A homenagem ao guerreiro de Palmares, símbolo da resistência dos negros escravizados, iniciou-se com o Movimento Negro Unificado contra a Discriminação Racial em 1978 (FERNANDES, 2023).

que atendesse as pluralidades étnico-raciais. A Lei nº 10.639 (BRASIL, 2003), sancionada pelo presidente Luis Inácio Lula da Silva em 2003, que institui a obrigatoriedade, no ensino fundamental e médio, público e particular, do ensino de História e Cultura Africana e Afro-Brasileira foi o resultado das lutas dos Movimentos Negros e principalmente do testemunho de mulheres negras⁴⁷ por esses direitos, escritos com sangue, suor e letras, para desconstruir os estereótipos e lutar por sua subsistência.

Essa lei pretende ampliar e aprofundar o conhecimento sobre a história africana e afro-brasileira e desconstruir o modelo eurocêntrico presente nos currículos escolares, com ênfase na perspectiva de (re)educação das relações étnico-raciais. A proposta de descolonização é uma intervenção político-pedagógica que permitirá repensar o currículo e definir novas abordagens que priorizem a pluralidade da história ensinada nas escolas.

Para a pedagoga Nilma Lino Gomes (2012), primeira mulher negra do Brasil a comandar uma universidade pública federal, o currículo escolar necessita construir um diálogo entre a escola e a realidade social e refletir sobre as culturas silenciadas e negadas ao longo do processo histórico brasileiro. Segundo a historiadora Lorene Santos (2011), a Lei nº 10.639/03 (BRASIL, 2003) possibilita que as temáticas étnico-raciais, amplamente discutidas nos movimentos políticos, sejam introduzidas em sala de aula através de uma proposta pedagógica de se pensar o ensino das relações étnico-raciais e sociais como forma de construir um currículo que contemple todas as formas identitárias na sociedade brasileira.

4.2 PROJETO LITERÁRIO CAROLINA MARIA DE JESUS

A proposta de intervenção pedagógica produzida para esta dissertação tem como objetivos aproximar estudantes negras de uma escola pública dos diários da escritora Carolina de Jesus e proporcionar, a partir das narrativas autobiográficas, uma reflexão sobre suas próprias vidas, no que tange ao protagonismo e enfrentamento das realidades vivenciadas por elas. Ao mesmo tempo, os escritos autobiográficos, produzidos durante

⁴⁷ Mulheres negras como Dandara dos Palmares (século XVII), símbolo de resistência feminina dos quilombos; Maria Firmina dos Reis (1822-1917), a primeira romancista negra a publicar um livro no Brasil; Antonieta de Barros (1901-1952), primeira deputada estadual negra e defensora de uma educação de qualidade para as mulheres; Laudelina de Campos Melo (1904-1991), lutava contra o racismo e era líder sindical; Carolina Maria de Jesus (1914-1977), primeira escritora negra brasileira a ser reconhecida mundialmente; Ruth de Souza (1921-2019), primeira atriz negra a atuar no Teatro Municipal do Rio de Janeiro; Tia Ciata (1824-1924), religiosa e incentivadora cultural; Dona Ivone Lara (1922-1018), primeira mulher negra a compor um enredo de escola de samba, dentre outras personalidades da atualidade.

as oficinas de “escrita de si”, poderão ser utilizados como ferramenta para ampliar a discussão das relações étnico-raciais em sala de aula e fomentar temáticas a serem abordadas no projeto de Consciência Negra realizado anualmente pela Unidade de Ensino.⁴⁸

O projeto literário Carolina Maria de Jesus tem como referencial teórico o projeto dos ateliês autobiográficos, desenvolvido pela professora e pesquisadora educacional Christine Delory-Momberger (2006b).⁴⁹ Ao priorizar a história de vida, valorizando as identidades e subjetividades das discentes, o método autobiográfico foi escolhido como uma abordagem descritiva, para as construções de análises e reflexões dos fenômenos narrativos.

Para Delory-Momberger (2006b), a história de vida construída durante a narrativa é compreendida como uma ficção verdadeira do sujeito, por isso, uma vez apropriada como uma verdade, ajudará na construção de sua subjetividade. Logo, segundo essa autora, as narrativas de vida contribuem “para a capacidade de mudança qualitativa, pessoal e profissional, engendrada por uma relação reflexiva com sua ‘história’, considerada como processo de formação” (DELORY-MOMBERGER, 2006b, p. 363). Esse processo de formação leva o sujeito ao protagonismo e enfrentamento da realidade e a projetar-se na perspectiva de um futuro melhor.

O uso de narrativas como forma de expressão, de narrar um fato ou contar uma história está presente em toda experiência humana. O contar história implica a construção de estados intencionais que podem aliviar ou tornar familiares acontecimentos e sentimentos que confrontam a vida cotidiana normal. (GOSS, 2009, p. 223-224).

⁴⁸ Desde 2012, o CEPESF realiza o projeto de Consciência Negra, que inicia no mês de setembro e tem sua culminância no dia 20 de novembro. O objetivo do projeto político pedagógico é reconhecer a relevância do pluralismo racial e cultural afro-brasileiro, refletindo sobre a contribuição real da população negra para a sociedade, e combater qualquer espécie de preconceito, discriminação e violência através de uma campanha de conscientização política e social. O projeto literário de Carolina em uma escola pública, realizado com mulheres negras para a dissertação, aconteceu no período no qual a escola estava desenvolvendo o Projeto da Consciência Negra, e o material produzido durante os ateliês da “escrita de si” será utilizado pela escola como tema para o Projeto esse ano, assim como todo o material estará disponível em um formato de livro na abertura do projeto para a comunidade, com as devidas autorizações das estudantes, a ser realizada em 20 de novembro de 2023.

⁴⁹ Christine Delory-Momberger (2006, p. 359) descreve o ateliê biográfico de projeto como “um procedimento que inscreve a história de vida em uma dinâmica prospectiva que liga o passado, o presente e o futuro do sujeito e visa fazer emergir seu projeto pessoal, considerando a dimensão do relato como construção da experiência do sujeito e da história de vida como espaço de mudança aberto ao projeto de si. No quadro de um grupo de 12 pessoas, as histórias de vida individuais são o objeto de um trabalho de exploração e de socialização que passa por atos de escritura de si (autobiografia) e pela compreensão do outro (heterobiografia)”.

Ao percorrer os caminhos trilhados por Carolina Maria de Jesus como mulher, negra, favelada, catadora de papel, mãe solo, companheira e escritora, a partir das leituras dos textos selecionados dos diários e das discussões nas rodas de conversas, as estudantes negras foram inseridas nesse processo de formação citado pela professora Delory-Momberger (2006b) através das oficinas de “escrita de si”, onde ressignificaram as suas histórias de vida durante as narrativas autobiográficas que foram construídas durante os ateliês e realizaram novas descobertas para incentivar a tomada de decisões dentro da sua capacidade e como protagonistas das suas próprias vidas, transformando o mundo ao mesmo tempo em que foram se transformando.

A metodologia para percorrermos esse caminho através do olhar da narradora/personagem Carolina de Jesus foi dividida em três etapas: entrevistas, rodas de conversas e oficinas de escrita, tendo como viés condutor a autobiografia da escritora transcrita nos seus três diários: *Quarto de despejo: diário de uma favelada* (JESUS, 2014a), *Casa de alvenaria: diário de uma ex-favelada* (JESUS, 1961) e *Diário de Bitita* (JESUS, 2007).

Na primeira etapa foram realizadas as entrevistas individuais exploratórias com as dez mulheres negras entre 15 e 62 anos, estudantes do CEPESF. Esse primeiro contato foi utilizado para a leitura dos termos de esclarecimento, explicação dos objetivos e das etapas da pesquisa e uma entrevista exploratória semiestruturada.

As rodas de conversas com as estudantes foram realizadas em uma sala da própria escola, que disponibilizou todos os recursos necessários. Foi uma reunião semanal de 50 minutos durante quatro semanas. Nessa segunda etapa, percorremos a trajetória de vida de Carolina Maria de Jesus através da leitura de trechos selecionados previamente dos diários, que possibilitaram discussões sobre temáticas como gênero, raça/etnia, classe, subalternidade e projeto de vida.

O primeiro encontro da roda de conversa, intitulado “Carolina Maria de Jesus: Mulher Negra”, apresentou a trajetória de vida da escritora e promoveu uma reflexão sobre as diferentes identidades que compõem a sua personalidade, aprofundando nesse primeiro momento as discussões de gênero e raça/etnia. No segundo encontro, com a temática “Carolina Maria de Jesus: Favelada, Catadora de papel”, adentramos no “quarto de despejo”, refletimos as dificuldades enfrentadas por Carolina e ressaltamos a importância da educação e do conhecimento como uma importante ferramenta para o enfrentamento das desigualdades sociais e na luta pelos direitos humanos. O contexto familiar e os relacionamentos da escritora trouxeram ao terceiro encontro, “Carolina

Maria de Jesus: Mãe solo e companheira”, suas memórias afetuosas, indignações, empoderamento e discussões sobre como a vida familiar pode ser afetada pelas relações e vivências sociais. A última roda de conversa, “Carolina Maria de Jesus: Escritora”, relembrou sonhos e inspirou projetos de vida.

A terceira etapa, dos ateliês autobiográficos, intitulados de oficinas da “escrita de si”, foram realizados também em quatro momentos, agendados previamente após cada encontro da roda de conversa. Esse momento mais pessoal, subjetivo e personalizado ocorreu na biblioteca da escola, onde as estudantes tiveram um tempo livre em uma sala climatizada e sossegada para a produção da escrita, tomando como parâmetro a vida de Carolina Marai de Jesus e as vivências de cada uma delas, a partir do momento em que se apropriam da sua trajetória de vida, em uma abordagem autobiográfica.

As produções literárias durante os ateliês autobiográficos, como sugestão das estudantes, foram digitalizadas no formato de cartas⁵⁰ atemporal como um método de comunicação literária e articulação entre as discentes e a escritora Carolina Maria de Jesus. A escolha pelas cartas pessoais partiu de uma necessidade de refletir sobre as discussões realizadas nas rodas de conversas e, a partir delas, apropriar-se do lugar de fala por meio das palavras.

Escrever cartas para Carolina de Jesus foi uma forma de se expor, compartilhar experiências e construir laços de papel vencendo a distância e ausência. As “cartas a uma negra”, fala tanto de quem escreve como revela sempre algo sobre quem a recebe, assim como aprofunda laços e intimidade, pois “escrever é mostrar-se, dar-se a ver, fazer aparecer o rosto próprio junto ao outro [...] De certo modo, a carta proporciona um face a face [...] pois cada um aí deve desvelar sua alma” (FOUCAULT, 2000, p. 200-210).

As entrevistas, as transcrições das rodas de conversas e as cartas escritas nas oficinas foram analisadas e estarão presentes no livro digital que será apresentado, com os consentimentos das autoras e seus responsáveis, à comunidade Escolar na culminância do projeto da Consciência Negra a ser realizado em 20 de novembro de 2023.

⁵⁰ O diário e a carta são gêneros textuais relacionados às diversas formas de comunicação utilizados nas práticas sociais diárias. Cada gênero textual possui uma estrutura e uma função comunicativa. O diário, é um registro mais íntimo e pessoal, em que sentimentos e percepções da vida cotidiana são permeados pela vivacidade das experiências e subjetividades do (a) escritor (a) que utiliza da narrativa temporal para um registro pessoal e social. A carta é um documento, um instrumento de diálogo e comunicação direcionada a um interlocutor. A carta também possui uma função pedagógica ao interagir, comunicar, provocar diálogo, valorizar conhecimentos produzidos em situações de experiências didáticas. As “cartas pedagógicas” (CAMINI, 2012) servem de material para compreender e refletir sobre os processos de formação, de conhecimento e de aprendizagem.

4.3 CARTAS A UMA NEGRA – TRANSCRIÇÕES DOS CADERNOS DAS OFICINAS “ESCRITA DE SI”

4.3.1 “O Sapato que não era de cristal, mas que não impediu meus sonhos de princesa preta.” (JARID, 18 anos).

“Cara amiga Carolina, estou lendo o seu diário e conhecendo um pouco de você. Nossas vidas se entrelaçam, pois tudo que escreveu, eu vejo e vivi. As suas vivências espelham as minhas, por isso posso lhe chamar de amiga e de fato desejo ser, pois você tem me inspirado a reinventar meu sonho de princesa e dar a ele o final que desejo.

Meu nome é Jarid, sou uma garota preta de 18 anos, moradora de Dias d’Ávila (Bahia). O meu sonho é me formar em uma profissão que ganhe bastante dinheiro e me tornar independente. Meus hobbies são dançar, ler mangás, assistir animes e filmes de super-heróis.

Primeiramente gostaria de lhe dizer que fiquei muito chateada por nunca ter ouvido falar de você. Na verdade, vou usar o termo indignada, pois é a segunda vez que me sinto assim. A primeira foi quando só descobri no 9º ano que Machado de Assis era negro. Desse escritor já tinha pelo menos ouvido falar na escola. Mas de você? Não entendo, pois participei de vários projetos de Consciência Negra, com seus desfiles e suas feiras culturais que envolviam comidas, danças e músicas. Conhecer uma mulher negra e escritora foi a grande novidade quando o professor de História me convidou para participar da pesquisa. Nas rodas de conversas, ao passo que fui lhe conhecendo e vendo tudo que passou, vi sua vida espelhada na minha e vice-versa.

Gostaria de iniciar minha carta falando sobre meu sapatinho que não era de cristal. Sim, Carolina, aquele 15 de julho de 1955 narrado no livro *Quarto de Despejo*, onde você conta que em um dos aniversários de sua filha Vera queria presenteá-la com um sapato, mas não tinha dinheiro para comprar, então achou um sapato no lixo, pegou e remendou e deu para sua filha. Isso também já aconteceu comigo. Queria ir para a escola, mas não tinha um sapato, e minha mãe estava sem dinheiro para comprar. Seu marido, que trabalhava como garçom, achou um sapato da Nike no lixo e trouxe para casa. Era um sapato muito caro e eu particularmente adorei. Minha mãe lavou e me deu. Comecei a usar para ir à escola. Algumas pessoas me zoavam pela cor do sapato e fiquei conhecida como a menina do sapato roxo. Mas eu não ligava, foi um presente da minha mãe e eu amava,

assim como a Vera Eunice amou o seu presente, afinal foi um presente entregue com amor por nossas rainhas guerreiras.

Como uma garota preta já passei por muitas coisas ruins. Sou filha de uma mulher preta e um homem claro com tranças negras. Puxei a cor da pele de minha mãe e as tranças de meu pai. A família de meu pai tem a genética bem forte para o lado preto e a da minha mãe têm feições mais finas. Agora imagina só, meus pais são separados e eu e meus irmãos crescemos com a família de nossa mãe, sendo que puxamos as tranças de meu pai.

Já deve imaginar as piadinhas que ouvimos desde crianças, como por exemplo: ‘Puxou o nariz pisado do pai e o cabelo de bombril.’ E quando rebatíamos as brincadeiras, diziam: ‘Aff, só estou brincando, não levem a sério.’ Não sabiam eles que essas brincadeiras me causavam traumas e inseguranças que eu levo comigo até os dias de hoje. O que mais dói é que meus primeiros casos de racismo vieram da minha família. Você também viveu isso, Carolina! Por isso que é tão fácil conversar com alguém que compreende minha dor.

Lendo seu livro, *Quarto de despejo*, lembrei dos episódios de racismo que aconteceram na minha infância que me deixaram insegura até hoje. Sou evangélica e minha igreja estava planejando uma saída para o clube, lá tinha uma piscina enorme, um sonho de qualquer criança, né? Estávamos nos divertindo, então decidir entrar também. Fui correndo e dei um ‘timbum’ dentro da piscina. Quando saí veio um irmão da igreja e disse: ‘Eita, Jarid, nesse cabelo não entra água mesmo, né?’ Todos deram risadas e eu não achei um pingão de graça, fiquei muito envergonhada, estava quase chorando e minha avó disse: ‘Não precisa chorar, foi uma brincadeira.’

Como não gostava muito do meu cabelo crespo, no 5º Ano, antiga 4ª série, usava tranças para disfarçar e sofri *bullying* por isso. As outras crianças me chamavam de cabelo de miojo. Era tão frequente que lembro até hoje que chorei tanto que cheguei a soluçar. As crianças daquela época eram cruéis. Elas copiavam tudo de seus pais que achavam que qualquer coisa da cultura negra era feia e inferior. Eu até cheguei a pensar assim. Era o tal do racismo estrutural que estou aprendendo agora nas rodas de conversas. É isso que deixa uma criança totalmente constrangida! Até hoje sinto-me mal e insegura com meu cabelo crespo, me acho feia quando estou perto de meninas de cabelo liso.

Como você escreveu no seu *Diário de Bitita*, também chorei em frente ao espelho pedindo para nascer branca de cabelo liso. Mas não era tão retada como você, Carolina, que soube dar uma resposta àquela Dona Maria Cândida. Mas espero que também a minha escrita possa ajudar as meninas pretas inseguras, como eu. Quero dizer às mulheres pretas

que elas são lindas, dos pés à cabeça. A cor de sua pele, seus cabelos e tranças. E não é o racismo das outras pessoas que vai diminuir sua beleza. O meu cabelo crespo é como uma coroa natural e ao mesmo tempo pode representar a juba de um leão feroz e poderoso para se defender. Assim como você, estou aprendendo a gostar mais dos meus cabelos. É por isso que a representatividade é tão importante para que as crianças possam conhecer e valorizar todas as culturas e etnias. Assim vão aprender a beleza da diversidade e ninguém vai passar pelo que passei.

Carolzinha, assim como você, eu também não tive uma relação próxima com o meu pai. Já de primeira, meu pai não quis saber de mim. Ele deu dinheiro para minha mãe me abortar. Só que minha avó não deixou. Prefiro aqui chamá-lo de progenitor, pois ele traiu minha mãe com a mulher que ele é casado atualmente e não é presente em minha vida. Não lembro de momentos de pai e filha que tivemos. Ele nem sequer foi me buscar quando nasci. Vejo o carinho dos meus tios com meus primos e fico desejando que meu progenitor se importasse comigo. Acho que ele nem lembra que existo.

Felizmente tive um ‘Sr. Benedito’, como você. Meu avô, não era um ‘Sócrates Africano’, mas ajudou a me criar e supriu essa falta paterna. Ele esteve presente em todos os meus aniversários, me levava para passear, comprava minhas roupas e queria ajudar a pagar minha futura faculdade. Quando você, Carolina, escreve sobre a importância de seu avô e Sinhá Maruca, fico emocionada. Meu avô, meus tios e irmãos são essa figura paterna na minha vida. Embora deseje o carinho de meu pai, sou muito feliz e grata a Deus por ter colocado meu avô na minha vida. Confesso, Carolina, que às vezes choro escondida pensando em que fiz de errado para meu progenitor deixar de agir como pai. Será que me ter como filha é tão ruim assim?

Bem disse você que ‘um homem não há de gostar de uma mulher que não passa sem ler’. É outro caso que gostaria de compartilhar com você e que penso muito. Desde pequena ouço minha avó dizer: ‘Estude, minha filha. É a melhor coisa que você pode fazer, esqueça meninos e pense em seu futuro.’ Ela sempre falou isso, pois na sua época precisou parar de estudar por causa do casamento e dos filhos. Ela só conseguiu completar os estudos com 40 anos. A minha mãe e meus irmãos também tiveram os estudos interrompidos. Deve ser por isso que a escola é algo tão importante para mim. Mesmo que não seja tão inteligente, procuro me esforçar muito.

Confesso, amiga, que está muito difícil nessa reta final do 3º Ano, mas lendo o seu diário e tudo que você passou, é muito inspirador. Sabe, Carolina, às vezes choro por não conseguir ir bem em uma matéria e tem aqueles professores que falam coisas

desmotivadoras. Lembro que no 6º Ano, uma professora de matemática que dava aula no meu antigo colégio, chamado Anfrisia Santiago, falou que eu era mal-educada e que não se esforçaria para me ensinar nada porque era incapaz de aprender. Fiquei muito envergonhada, me senti burra.

Nossas vidas são tão entrelaçadas, pois você também passou por isso logo que entrou no Colégio Allan Kardec, a professora Lonita lhe chamou de burra e lhe ameaçou com a visita de um inspetor. Apesar de tudo que viveu, você venceu e tornou-se uma escritora. Realmente, eu não era boa em matemática, mas ela não precisava dizer aquilo. Para ela eu deveria repetir de ano, mas não aconteceu. Como você, hoje estou concluindo o Ensino Médio, com alguns professores que acreditaram no meu potencial. Posso ver o olhar da minha avó orgulhosa e perceber que todo o esforço valeu a pena.

Aquela professora de matemática estava errada, pois tenho as melhores notas da sala em matemática e estou concorrendo a uma vaga de emprego no INSS. Cheguei até aqui por minha avó, mãe e meus irmãos. Aprendi com minha avó a importância da escola na formação de um indivíduo. Ainda tenho muita estrada pela frente e pretendo cursar a faculdade de Direito. Ter chegado aqui já é uma vitória! Lendo tudo que você passou para realizar o seu sonho de escrever e comprar uma casa de tijolos para educar melhor seus filhos, me impulsiona como mulher preta a ir mais além. Quem sabe mudar o mundo como você, pois também não gosto dele como está.

Antes de residir em Dias d'Ávila, morei uma parte da minha infância em uma favela de Salvador, próxima à região do Bonocô. A vida cotidiana por lá era muito parecida com a sua na favela de Canindé. Quando faltava água, a rua fazia aquela fila enorme para tirar água de um poço. Eu carregava aqueles baldes de água pesados. Hoje o poço não existe, mas quando vou visitar minha irmã não consigo beber água, pois continua salobra e às vezes barrenta. Eu fico com sede, mas não bebo aquela água de lá. Como você, fico horrorizada com isso! Uma das lembranças mais fortes que tenho de lá, Carolina, é a violência: tráfico de drogas, pessoas armadas andando pelas ruas e muitas brigas entre os vizinhos. Lembro de um dia chuvoso em que minha mãe pediu para que não ficássemos próximos à janela porque também estava tendo uma chuva, não de água, mas de tiros entre policiais e bandidos.

Desse tempo que vivi na favela de Salvador, tive alguns amigos, entre eles alguém especial que brincava comigo e que não tenho notícias. Ele infelizmente entrou para o mundo das drogas, largou o estudo e precisou fugir com a família para não morrer. Isso me entristece muito! Queria saber como eles estão. Fico pensando que se ele não tivesse

largado a escola, ele poderia ser um advogado, juiz e até mesmo um médico. Como você sempre disse, Carolina, o estudo é importante, principalmente para os pretos. Se ele tivesse na escola, tudo poderia ser diferente, mas essa é a realidade que ultrapassou o tempo.

De Canindé para uma favela atual do Brasil, essa é a realidade da maioria dos favelados. Não sei se ele vai ler esse livro, mas eu queria que ele soubesse que enquanto ele estiver vivo é possível mudar. Espero que um dia ele possa abandonar as drogas e o crime. Ele merece muito mais que isso e acredito na sua capacidade. Acredito que o estudo pode melhorar a vida da gente.

Por fim, não poderia deixar de agradecer pelos seus diários, minha amiga Carolina. Fui impactada por sua escrita, não pelo que você escreveu, mas pelo que você representou. Foi nas linhas escritas nos papéis coletados do lixo que essa menina preta do sapatinho que não era de cristal encontrou uma inspiração para através do estudo realizar todos os seus sonhos de princesa preta.”

4.3.2 “Sou uma mãe solo e luto por uma educação antirracista.” (MARIA FIRMINA, 18 anos).

“Minha amiga Carolina, lendo e conhecendo um pouco da sua história senti suas dores, angústias e desilusões. Não me considero uma simples leitora, mas alguém que foi perfeitamente descrita nas suas páginas amareladas. Falo sobre isso com conhecimento de causa, pois como você sou uma mulher preta e mãe solo que luta por uma educação antirracista. Antes de escrever o quanto a leitura dos seus diários e as rodas de conversas sobre sua história de vida me impactaram, gostaria de lhe contar um pouco sobre a minha história e por que, apesar de vivermos em épocas diferentes, as nossas preocupações e inquietações são iguais.

Sou Maria Firmina, tenho 18 anos. Meus pais se conheceram ainda jovens e minha mãe engravidou da primeira filha com 15 anos. Sou a segunda de 5 filhos. Minha mãe não teve a presença materna e meu avô era muito rígido com ela, foi um dos motivos dela sair de casa cedo. Quando engravidou, foi morar com minha avó paterna. Quando minha irmã mais velha tinha três meses, minha avó a enviou para a casa da sua irmã. Era para passar um final de semana, mas ela não quis mais devolvê-la. Minha mãe não se conformou, e mesmo já grávida de mim, andava quilômetros para ver minha irmã na

expectativa de trazê-la para casa, mas voltava sempre chorando. Durante as suas gestações, minha mãe sofreu muito, não tínhamos muitos recursos, apesar de meu pai ser trabalhador e não deixar que faltasse nada em casa.

Os conflitos familiares sempre foram frequentes em minha casa e durante a juventude se intensificaram. Aos 15 anos engravidei de um namorado de infância, fiquei sem chão. Senti que meu mundo tinha acabado. Tive o apoio de minha mãe nos momentos mais difíceis, ela sempre foi meu porto seguro. Contudo, com meu pai foi diferente. Precisei sair de casa com medo de sua reação quando soubesse da gravidez. Já não tínhamos uma relação estável e o fato de a filha de 15 anos ter engravidado mexeu bastante. Assim como você, Carolina, passei por um período de humilhação e preconceitos. Algumas pessoas não acreditavam e outras apenas julgavam.

Com muita resiliência, meu pequeno chegou nesse mundo; apesar de nascer com oito meses, veio com saúde. Foi um momento único. Somente uma mãe sabe o que o nascimento de um filho representa. Relembrei de todas as rupturas, questões emocionais, violências e dificuldades financeiras pelas quais passei ao ler as páginas do seu livro, *Quarto de despejo*. Você enfrentou tudo e abdicou da sua vida para a sobrevivência dos seus filhos. Assim também fiz! Com meu pequeno nos braços, vi todas as inseguranças, medos e arrependimentos sumirem. Enfrentei momentos difíceis como você, Carolina, por isso as suas palavras escritas traduzem a dor de uma alma que guarda cicatrizes internas e profundas.

Quando li trechos do seu livro nos quais você relata a tristeza de não conseguir atender aos pedidos de seus filhos, ou a sua felicidade ao ver a alegria deles comendo carne e repetindo duas vezes o prato de comida, lembro da minha tristeza quando não consegui, por motivo financeiro, comemorar o primeiro aniversário de meu pequeno; no segundo, com a ajuda da minha mãe, realizamos a sua festa. Foi tudo lindo! Senti a sua dor, senti a sua alegria. O seu diário também é o meu, os meus enfrentamentos e vivências para fazer o meu filho feliz, pois só isso importa.

Hoje meu pequeno tem 2 anos e com ele todos os dias aprendo o verdadeiro sentido do amor. Ganhei um anjo, companheiro, amigo e um amor sincero para a vida toda. Assim como você encontrou forças em seus filhos para superar a realidade da favela, vencer a fome, comprar sua casa de tijolos e realizar seu sonho de ser escritora. É no meu príncipe que encontro uma força inexplicável e uma motivação para seguir a vida e tentar

viver nesse mundo de ilusão. Apesar de não ter um pai presente, ele tem uma família que o ama muito.

Por ele voltei a estudar e no momento estou cursando o 3º Ano do Ensino Médio. Não foi fácil conciliar a vida de mãe solo e os estudos. Tenho um apoio da minha família, mas meu filho também precisa de mim. Desejo dar a ele uma vida melhor, por isso eu sou uma ‘Carolina’ como você, uma mãe solo que fará de tudo para ver seu filho feliz. É por isso que a leitura do seu diário e as rodas de conversas foram um grande estímulo nessa luta diária, e agora por uma educação antirracista, pois não desejo que meu filho vivencie o que sofri na pele.

As discriminações que sofro, minha amiga, vão além do fato de ser mãe solo. Elas são reflexos de uma infância que continuam a ser reproduzidos. Eu e minha mãe somos negras. Minha terceira irmã nasceu com uma pele mais clara, puxou ao meu pai. Quando minha mãe precisava sair sozinha conosco, enfrentava olhares de desconfiança e preconceitos. Aonde chegássemos, podia ser em hospitais, igrejas e parques, tinha sempre alguém desconfiado ou curioso em saber se minha irmã era realmente filha da minha mãe. Chegaram a comentar que só podia ser uma empregada doméstica com sua filha negra levando a filha da patroa para passear. Acredite, Carolina, hoje passo por isso, pois meu filho também tem a pele clara e as pessoas duvidam que seja meu filho. Até dizem que é filho da minha irmã mais clara. Não ligo mais, vou fazer igual a você. Quem falar o quer, vai ouvir o que não quer. Não é?

Por muito tempo já fui chamada de crioula, de neguinha, mas não entendia a proporção e o significado de tais apelidos. Já fui atacada porque eu era muito seca, Olívia Palito de cabelo duro, muriçoca e zoião. Já disseram que minha irmã era mais bonita porque era mais clara e que não era irmã de sangue, mas adotada ou achada. Agora, lendo seu livro e com as rodas de conversas com as mulheres pretas, percebo o quanto tudo isso me afetou e não percebia. Você também foi chamada de tantas coisas, mas não deixava para lá. Colocava tudo no seu livro. Vou fazer isso, então!

Lembro que do 3º ao 5º Ano do Ensino Fundamental tive uma professora que todo ano fazia questão de continuar com a minha turma. Nessa turma tinha uma menina que tinha um cabelo liso e que ela fazia questão de destacá-la, colocando-a na frente do coral. Apesar de ter sido eleita, através de uma votação, como a melhor voz, ela colocou-me para ficar atrás de todo mundo e colocou a menina na frente. Na festa de Natal da escola,

como era o encerramento do 5º Ano, todos ganharam presente. A menina branca de cabelo liso ganhou uma maleta de maquiagem e a menina negra de cabelo duro, uma toalhinha. Isso porque ela dizia que ‘gostava de mim’. Imagine, Carolina, se ela não gostasse.

Quantas vezes, na fila da merenda na escola, eu e minhas colegas fomos acusadas pelas tias (professoras e merendeiras) de querer pegar o lanche novamente, e quando conseguíamos provar que não tínhamos lanchado, ouvíamos a desculpa sarcástica: ‘É porque todo preto se parece.’ Volto a perguntar, até quando esses comentários vão continuar?

Para não falar somente da infância, quero dizer um acontecimento que ocorreu nesse ano de 2022 na sala de aula do 3º Ano. Após receber o resultado da avaliação vocacional, uma colega ficou feliz porque tinha vocação para ser médica e era o seu sonho, mas antes dela concluir a fala, foi interrompida por um professor dizendo que desistisse, pois jamais ela conseguiria, que nem tentasse, pois aluno pobre de escola pública deveria pensar em fazer curso técnico. Acrescentou que o filho dele só entrou em uma boa faculdade porque estudou em um dos melhores colégios particulares de Salvador. Todos na sala ficaram em choque, pois estávamos motivados com o projeto de orientação vocacional e com a palestra do psicólogo que tinha acabado de acontecer. Fiquei imaginando a frustração daquela colega, pois aquele que deveria lhe motivar foi o primeiro a jogar um balde de água fria. Depois, quando ele viu a tristeza em nossos olhares, disse que a função dele era mostrar a realidade e nos tirar de um mundo de fantasia. Mas Carolina, o lugar de uma mulher negra, pobre e estudante de escola pública não é onde ela quiser? Parece que esse professor, com tanto estudo, não sabe disso! Você tem razão quando escreveu que ‘tem um mundo só para brancos e um mundo só para negros’.

Carolina, sei que você vivenciou, em apenas dois anos de escola, discriminações. Chamavam você de negra feia, olhos grandes e que parecia um sapo. Comigo não tem sido diferente. Apesar de estudar em uma escola pública, em que a maioria dos estudantes são negros, como mulher preta e mãe solo enfrento olhares pelos corredores, julgamentos pelo que devo vestir ou como devo me comportar. Certo dia cheguei na sala de aula e coloquei minha mochila na minha cadeira de costume. Como o professor não tinha chegado, sentei-me no fundo para conversar com algumas colegas. Quando o professor chegou, fui para meu lugar. Você acredita que uma aluna foi sentar-se onde eu estava, mas antes passou álcool em gel em torno de toda a cadeira e na mesa e ainda disse uma

piadinha. Ela só fez isso porque foi uma mulher preta que se sentou. Não tive reação! Todos ficaram aguardando uma resposta, mas fui silenciada, amordaçada por uma atitude que jamais esperaria dentro de uma sala de aula.

Por isso, Carolina, que através da leitura do seu livro e das rodas de conversas não permitirei que minha voz seja silenciada ou apagada, como a sua escrita foi por muito tempo. Como mãe solo não quero que meu filho seja educado por um modelo racista e por ele faço da minha escrita uma ferramenta de denúncia a qualquer tipo de preconceito, discriminação ou intolerância. Não aceito que minha mãe, por ser negra e estar com sua filha mais clara, seja vista com olhares subalternos ou desconfiados. Não irei tolerar qualquer tipo de discriminação contra meu filho, ou que ele seja desmotivado na realização de seu sonho pelo fato de ser pobre e aluno de escola pública.

Foi muito bom conhecer você, Carolina! Lhe admiro por ser essa mulher preta desafiadora que ultrapassou o seu tempo e até hoje nos ensina. Somos filhas de guerreiras, pois assim como a sua mãe Cota, a minha mãe representa essa resistência. Graças às nossas mães solo lutamos cada uma em seu tempo por um mundo melhor. Que um dia meu príncipe possa também se orgulhar, como João, José e Vera Eunice, da mãe que teve e dizer como sempre finalizamos as nossas rodas de conversas ‘muito bem, Carolina’.”

4.3.3 “Minha mãe é uma ‘Carolina’.” (CONCEIÇÃO EVARISTO, 16 anos).

“Querida Carolina Maria de Jesus, conheci um pouco sobre sua história através de minha mãe. Cheguei a ler alguns poemas que você escreveu, mas não tinha a dimensão da importância da sua escrita para a literatura brasileira. Estou lendo seu diário e em cada página vejo personagens reais saltando do Quarto de despejo e ganhando a vida real. É impressionante como a sua história se confunde com tantas histórias de mulheres negras, especialmente a da minha mãe. Mas ela também é a da minha família. Gostaria agora de escrever um pouco de mim. Na verdade, deveria estar limpando a casa, mas preferi escrever, pois a cabeça estava fervilhando de ideias e tenho muito a lhe dizer.

Tenho 16 anos e vivo com minha família em Dias d’Ávila, porém somos soteropolitanas. Atualmente resido com minha mãe e duas irmãs menores, uma com 8 anos e a caçula ainda é um bebê. Minha mãe cria as três filhas sozinha. Tenho muito orgulho dela e confesso que sou muito ciumenta, não gosto de dividir minha família com

ninguém. Somos independentes e não gostamos de pessoas pessimistas e invejosas. Como mulheres autênticas, fomos criadas para não depender de uma figura masculina para ser feliz.

Talvez você não acredite em mim, Carolina, mas pouca coisa mudou desde 1977 para as mulheres. Vivo em uma sociedade com uma educação machista e racista. Ser uma mulher preta independente e mãe solo incomoda muito. Por isso minha mãe é uma guerreira e assim como você não abaixou a cabeça e enfrentou todas as dificuldades sempre me ensinando a superar os obstáculos.

Sou de descendência miscigenada, trago a herança indígena paterna e a negra materna. Como resultado dessa mistura, herdei a cor da pele de minha mãe e o cabelo liso ondulado e altura de meu pai. Mas por um longo período tive dificuldade em me autodefinir e aceitar. Seguia a opinião dos outros no que se refere a aparência e comportamento e aos poucos tornei-me apenas uma cópia de tantas bonecas iguais, sem uma expressão única e singular. Atender as expectativas dos outros era cansativo e incomodava bastante, por isso a sua escrita é tão relevante, pois me lembrou o que sou.

Sabe, Carolina, na infância era tida como bobinha. Na escola, dois meninos colocaram chiclete no meu cabelo. Até hoje lembro do penteado que estava e de como a professora puxou o meu cabelo para tirá-lo. Fiquei muito triste quando vi meu cabelo quebrado e tentei esconder o ocorrido de minha mãe. Mas ela percebeu e, como você, foi uma leoa defendendo seus filhotes. Sobrou para todo mundo. Entendi sua indignação, pois ela tinha se esforçado tanto para cuidar do meu cabelo. Ele realmente estava muito bonito e minha mãe sofreu comigo por isso.

Confesso que não gostava muito da maneira como minha mãe tentava resolver as coisas na escola, por isso evitava de contá-la. Mas não adiantava, sempre atenta aos mínimos detalhes, descobria ou, desconfiada, fazia-me contar a verdade. Aí já viu. Ia na escola para resolver e era aquela confusão. Foi assim quando o menino pisou no meu pé, quando um outro pegou meu celular e levou para casa e quando fui acusada de pegar R\$ 0,50 de uma menina. As pessoas tinham medo de minha mãe, principalmente os meninos. Eu ficava muito envergonhada da forma como ela resolvia, mas ao mesmo tempo sentia-me segura, pois tinha uma mãe superprotetora.

Apesar de você e minha mãe terem vivido em épocas diferentes, vocês são parecidas em gênero, número e grau. Cada uma com as suas especificidades, mas com

um jeito atrevido, explosivo e independente. Minha mãe também não aceita injustiças e faz de tudo para a nossa felicidade. Carolina, você tomou várias facadas para proteger seu filho João de um ataque. Deixou de comer várias vezes para que sobrasse comida para seus filhos. Catou papel para não viver de esmola de igreja. Quando li tudo isso, só pensei em todas as vezes que minha mãe se sacrificou por nós. Só para exemplificar, no final de 2013 precisamos nos mudar para Salvador e para não faltar à escola, minha mãe pegava um ônibus da Turim, percorria um trecho de quase 1h30 para Dias d'Ávila e depois retornávamos para Salvador. Coisas de mãe! Poderia citar milhares de outros exemplos.

Lembrei de outro acontecimento marcante quando cursava o 4º Ano do Ensino Fundamental. Estava com minhas amigas brincando durante o intervalo com alguns brinquedos da escola, quando uma delas prendeu a mão e começamos a falar ao mesmo tempo. A professora, sem saber o que tinha acontecido, chegou e tomou os brinquedos dizendo que ninguém iria brincar, pois ela já tinha percebido que estávamos excluindo a menina, uma colega, porque ela era negra e por isso ela ia brincar sozinha com todos os brinquedos. Ficamos sem entender nada, pois essa colega já estava brincando com a gente.

Que absurdo, Carolina. Erámos cinco garotas, por que iríamos implicar com uma colega? Antes daquele dia, a cor de ninguém fazia diferença, mas depois daquela atitude da professora começamos a classificar assim: uma era branquinha, outra era clarinha, eu e outra colega éramos negras e a colega que a professora falou era a mais retinta. Foi como você escreveu no seu livro sobre os tipos de negros na África: 'Negro tú. Negro turuturú e o Negro sim senhor.' Apesar da professora ter obrigado a pedirmos desculpas por algo que não aconteceu, só na mente dela, tudo foi resolvido em um abraço rápido para voltarmos a brincar. Como o adulto complica tudo.

No 7º Ano percebi como a nossa educação é machista. Tinha um amigo e como morávamos próximos íamos juntos para a escola, gostava muito dele, pois era supersensível. Sempre que acontecia alguma, ele chorava e isso não me incomodava, pelo contrário, achava isso fofo. Um dia ele chorou na sala e a professora gritou com ele dizendo que era feio um menino velho chorando. Quando estávamos voltando da escola, disse a ele que não tinha problema ele chorar porque todo mundo chora. Mas ele, gaguejando e prendendo o choro, me disse que tinha sim, pois era menino, e homem não chora. Ah, Carolina, não deixei para lá e retruquei novamente que chorar é normal, feio seria engolir o choro e esconder o que está sentindo.

Carolina, tem uma frase que sempre digo: ‘Eu odeio homens, mas gosto de homem.’ Não sei se as pessoas conseguirão entender, mas o que vou escrever agora ajudará na compreensão, pois na verdade o que odeio é como os homens são educados por essa sociedade com uma educação machista e sexista. Digo isto pelas observações e experiências vivenciadas.

Carolina, o seu sonho era construir uma casa de tijolo para criar seus filhos, por isso enfrentou tudo. Esse também sempre foi o sonho de minha mãe. Morar em um lugar em paz que pudesse chamar de seu. Por isso mudei várias vezes de casa, cidade e, conseqüentemente, de escola. Assim como você descreveu o ambiente da favela de Canindé e dos arredores, as constantes mudanças e os lugares em que residi e estudei impactaram a minha história. Cresci no meio de problemas, conflitos e adversidades. Como eu era sempre a novata nas escolas, era muito introvertida. A primeira impressão que as pessoas tinham de mim era de uma menina metida e arrogante. Mas na verdade sou uma mulher preta ignorante, brincalhona e antissocial.

Considero 2014 como o pior ano de minha vida. Passamos por grandes dificuldades financeiras e minha mãe precisou voltar a trabalhar antes de terminar a sua licença-maternidade. O seu companheiro da época não a ajudava muito. Precisei cuidar da minha irmã que estava com 4 meses, enquanto ele não ajudava em nada. Foram tempos difíceis, em que enfrentamos ameaças e situações de violências. Cheguei a perder a esperança, como você, e achava que Deus não escutava as minhas orações. Por isso não tem como não ver a história da luta de minha mãe nas entrelinhas da sua escrita. Como João e José precisaram cuidar de Vera para você ir trabalhar e trazer comida para casa, também cuidei de minha irmã e estive do lado de minha mãe. Hoje somos quatro mulheres pretas contra o mundo!

Depois desse doloroso ano, passamos por várias mudanças e transformações. E 2017 foi o melhor ano da minha vida. Consegui estudar pela manhã, adaptei-me à turma, estava muito feliz e satisfeita comigo. Fiz amizades inesquecíveis, participei da gincana e adorava a comida da escola. Por isso entendo a alegria de seus filhos quando foram morar na casa de alvenaria. Também me senti assim, pertencente a um lugar e me sentindo segura.”

4.3.4 “Quem disse que sou um sexo frágil? Sou mais mulher que muito homem [risos].” (MIRIAM, 18 anos).

“Carolina... Até então era um simples nome, mas que depois da oportunidade de participar dessa pesquisa tornou-se algo mais significativo. Ser chamada de ‘Carolina’ hoje representa a responsabilidade de trazer na pele as marcas das vivências de uma mulher negra, favelada, catadora de papel e mãe solo. É assim que gostaria de começar a escrever essa carta para você, Carolina Maria de Jesus. Foi uma honra conhecer um pouco mais sobre você, participar das rodas de conversas com mulheres negras e mergulhar na minha história através das oficinas de escrita de si. Momento único de reflexões, reconciliações e ressignificações que contribuíram para um enfrentamento e protagonismo de quem eu sou e do que esperam de mim.

Sou Miriam, tenho 18 anos, mulher preta, com cabelos trançados e sem papas na língua. Nasci e cresci no município de Dias d’Ávila. Vim de uma família humilde, assim como você. Ao ler os trechos do seu diário, fiquei imaginando tudo que você passou com seus filhos. Nunca passei fome, graças a Deus, mas sempre faltava uma coisa ou outra. Lembro das histórias de minha avó, que trabalhou em casa de família para alimentar seus filhos e quando não tinha o suficiente, deixava de comer para sobrar. Ela também catava lenha e fazia de tudo pela sobrevivência de todos.

Fui criada por uma mãe solo que sempre lutou para dar o de melhor para os filhos. Tenho muito orgulho dela e uma enorme gratidão. Meu genitor nunca foi presente, embora ajudasse financeiramente, apenas assumiu um papel empreendedor de pagar a pensão alimentícia e pronto. Isso nunca foi suficiente para mim, pois sempre desejei o amor de um pai.

Sabe, Carolina, quando tinha 5 anos, descobri que iria ter uma irmã por parte de pai e mesmo com pouca idade tive medo de ser esquecida, pois ele iria dar para ela o que mais desejava, o amor de um pai. E assim aconteceu, fui colocada mais ainda de escanteio. Passou algum tempo e, quando estava para completar 10 anos, ele resolveu aparecer e me levou para sair. Foi uma grande diversão, pois até então nunca o tinha visto pessoalmente, só havíamos falado por telefone. Imagine a minha alegria de vê-lo tão de perto. Depois de 6 meses, ainda estava revivendo aquele encontro tão esperado, quando recebo uma ligação informando que ele tinha falecido. Fiquei muito triste, pois tinha a esperança de que iríamos recuperar todo o tempo perdido e ter a relação tão sonhada de pai e filha.

Precisei viajar para São Paulo para resolver questões de herança. Sou grata pelo que ele deixou, mas o que eu queria era o amor e a presença de meu pai, que não tive oportunidade de aproveitar. Hoje convivo com isso, como se dentro de mim estivesse faltando algo.

Desde pequena sempre tentei aceitar meus cabelos cacheados, pois diziam que tinha cabelo duro ou de bombril. Foi por causa desses apelidos maldosos que comecei a alisar meus cabelos. Como minhas primas tinham o cabelo liso e eu não, comecei a pranchar o cabelo para ser aceita e evitar enfim o *bullying* e os preconceitos.

Eu não tenho filhos, mas tenho um sobrinho, filho de meu irmão mais velho. Desde recém-nascido que ele é apegado a mim. Eu amo e cuido dele como se fosse meu filho. Sei que o amor de mãe vai muito mais além. Não pretendo ter filhos agora, penso em estudar, trabalhar e ajudar minha família.

Poucas pessoas sabem, mas eu já fui agredida na rua. Estava voltando da minha antiga escola e um menino me seguiu. Como era um dia chuvoso, não percebi a aproximação dele. Ele me atacou por trás, quis abusar de mim e ameaçou tirar a minha vida depois. Precisei lutar para sobreviver. Gritei, apanhei muito e consegui sair correndo, entrei em uma casa e consegui fugir. Fui na delegacia registrar o boletim de ocorrência, mas como se tratava de uma mulher e preta, nada foi resolvido. Ao contrário, tentaram colocar a culpa em mim, dizendo que tinha feito alguma coisa para um homem me atacar assim do nada e que não deveria estar andando assim sozinha na rua. Confesso que por um momento me senti culpada, mesmo sendo a vítima. Durante muito tempo evitei andar sozinha na rua e às vezes perdia o sono, pois tinha medo de que ele aparecesse.

Pensando nesse episódio e nas discussões das rodas de conversas, qual era a minha culpa? Seria porque sou mulher? Fico indignada com essa ideia machista de que a mulher é um sexo frágil ou um objeto de posse e apropriação. Sabe, Carolina, como mulher preta precisamos mudar esse pensamento desde a época da escravização. Mulheres escravizadas foram estupradas e tidas como um objeto de uso. Você lutou contra isso, preferiu ficar sozinha a submeter-se a qualquer tipo de proposta indecente ou violência masculina.

Aqui na rua onde moro tem um casal que bebe todo final de semana. Depois começam a discutir e sempre ele agride a esposa. Sou contra a violência contra a mulher. Fico indignada quando vejo mulheres que, após agredidas, retornam para seus companheiros. O primeiro marido de minha mãe um dia se atreveu e bateu nela, mas só

fez isso uma vez, pois logo ele se tornou ex-companheiro. Não sou um sexo frágil, Carolina. Sou é muito mais mulher que muito homem. Não irei baixar a cabeça para ninguém. Confesso que sou palmiteira como você, gosto de homens brancos, não é preconceito e sim preferência. Pois o problema da violência masculina não é a cor da pele e sim a educação machista. Tem pessoas negras que também são preconceituosas. Recentemente um colega de sala do 3º Ano C disse que não gostava de ser pobre e preto, segundo ele foi com um tom de ironia. Sarcasmo ou não, juro que tive vontade de dar uma cadeirada na cabeça dele, pois ele é preto e pobre.”

4.3.5 “Somos tudo que vivemos e muito mais o que esperamos viver.” (GENI, 15 anos).

“Cara amiga Carolina, estou lendo o seu diário e conhecendo um pouco sobre você. É uma mistura entre a surpresa e a empolgação do que irei encontrar nas próximas páginas do livro ou discussões nas rodas de conversas, e ao mesmo tempo uma decepção, pois estudamos tantos escritores brasileiros e em nenhum momento, seja em sala de aula, nos livros ou no projeto de Consciência Negra, seu nome foi sequer mencionado. De fato, ainda existe a tentativa do seu silenciamento, apagamento e cancelamento. Por isso já começo a lhe dizer que, se depender de mim, isso não acontecerá. O pouco que já sei sobre você fez uma diferença na minha vida e desejo que outras mulheres negras possam serem impactadas por sua escrita fascinante e realista que ultrapassa o tempo.

Você pode me chamar de Geni, tenho 15 anos e estou cursando o 1º Ano do Ensino Médio em uma escola pública do Município de Dias d’Ávila. Tenho olhos escuros, cabelos cacheados e um pelo um pouco mais clara. Muitas pessoas me consideram branca, inclusive colegas de sala criticaram o professor por ter me convidado para participar da pesquisa. Cheguei a ficar desanimada e triste, mas durante as discussões nas rodas de conversa, compreendi que ser negro vai mais além do que uma cor de pele. Trata-se de sua identificação na história; conhecer sua origem e árvore genealógica; vivência e valorização da cultura afro-brasileira; posicionamento diante da luta antirracista e, o mais importante, é como você se autodefine. Precisamos compreender que essa classificação em ser negra ou não é construção social. Somos todos iguais.

Acredito que nunca passei por nenhuma situação de racismo ou talvez ainda não soubesse identificar. Já vivenciei situações de preconceito e discriminação por ser mulher

e pobre. Talvez pelo fato de ter uma pele mais clara, as pessoas não me considerem como mulher preta, embora seja uma mulher negra. Contudo, os parâmetros de beleza relacionados ao cabelo foi uma questão que incomodou bastante. Achava meus cabelos cacheados feios e rebeldes. Não conseguia enxergá-los como educados, como você disse em relação aos cabelos dos brancos. Por isso, uma vizinha sempre me dizia para alisar o meu cabelo duro, pois assim ficaria mais bonito. Caí nessa tentação e pranchei meu cabelo. A princípio achei bonito, mas com o tempo senti-me superficial, perdi minha naturalidade. Fiquei obrigada a ser como todo mundo. E como uma Carolina, decidi aceitar o meu cabelo como ele é e ser feliz com meu cabelo crespo, cacheado, lindo, brilhoso e com um volume que adoro. Essa atitude foi um dos primeiros passos para aceitar quem eu sou.

Ah, Carolina, a leitura do livro *Quarto de despejo* trouxe um furacão de lembranças e acredito que escrever essa carta para você ajudará a organizar as coisas para enfrentar, ressignificar, e a maioria delas, apenas esquecer. Como você, quero esvaziar tudo que sufocava, denunciar o que ameaçava e enfrentar o que amedrontava. Esse momento de escrita de si é uma oportunidade de resgatar o meu protagonismo e reforçar aquilo que sou, uma mulher negra.

A primeira lembrança foi de 2013. Nesse ano senti muito a falta de meu pai e, como você, ficava me perguntando onde ele estava? Olhava para minha vida conturbada e não tinha um pai presente como as outras crianças. Eu o conhecia, mas ele estava sempre distante. Não vinha me visitar e a quando ligava usava a desculpa de estar trabalhando ou viajando, mas que assim que tivesse tempo iria levar um presente. Ele e o presente não chegavam, pois todo o dinheiro que tinha gastava no vício da bebida. Era tão cansativo ouvir as pessoas dizendo a uma criança que ia passar. Não passava, Carolina, nunca passou e você sabe disso. Existem dores que deixam marcas eternas. E assim como você, perguntava às vezes onde estava 'deus' que não via a dor de uma criança de 5 anos.

Além da ausência paterna, precisei também lidar com algumas dificuldades financeiras e outros conflitos familiares em casa. A ideia que as pessoas tinham de que pelo fato de ser muito pequena e ingênua não iria lembrar ou iria superar mais fácil me acompanhou durante esses anos como aquela sensação de mãos apertando seu pescoço, lhe sufocando. Pensamento infausto! Assim como eu, seus filhos não esqueceram tudo que viveram na favela do Canindé. Mesmo quando já moravam na casa de alvenaria, que você chamou de sala de visita, acredito que João, José e Vera não esqueceram tudo que

viveram no quarto do despejo ao seu lado. Desde a enchente que invadia o barraco, a comida recolhida do lixo para matar a fome e as violências da favela povoaram as suas lembranças e contribuíram de alguma forma na construção da sua identidade.

Quanto a mim, amiga Carolina, me sentia estranha. Tinha uma dor no peito que achava que era um problema no meu corpo, mas era na alma. Que dor era essa? Aquela provocada pelo olhar de pena das pessoas. Não sou uma coitada e a vida ruim que tinha, nunca quis aceitá-la. Talvez seja por isso que durante as discussões nas rodas de conversas, enquanto as outras mulheres negras falavam das suas dificuldades e do quanto lamentavam por tudo que você passou, meu pensamento estava além. Não desejei nenhum sofrimento para você, mas o que me impressionou é que você não parou nele, você enfrentou tudo e se tornou quem deseja ser. Uma ESCRITORA!

Confesso, Carolina, que assim como você, algumas vezes fui me acostumando com as adversidades da vida, pois precisava sobreviver. Não acho que deveríamos ter tudo, pois quando temos tudo às vezes não sabemos dar valor aos momentos e às pessoas. A geladeira cheia e o cartão de débito deixam as pessoas cegas. Como você, nunca quis ter muito dinheiro, mas conseguir o necessário para ter uma vida digna e ajudar outras pessoas. Por isso lhe admiro, pois além de conseguir ser escritora, você ajudou muitas pessoas e não esqueceu de onde veio. Penso que todas as pessoas deveriam ser ajudadas, independente se forem boas ou ruins. O sofrimento não me impediu de estar disposta a sempre ver o lado bom das pessoas, querer conhecer o mundo e ajudar os animais, é claro!

Em 2020 foi o despertar daquela menina tida com ingênua, que esqueceria tudo facilmente. Já com 13 anos, no auge da impetuosidade, queria transformar a minha realidade. Não saí pelo mundo como você, mas acreditava que pelo estudo iria conseguir mudar para uma casa nova com piso, telhado forrado e um quarto só meu. Esse sonho ainda não se realizou, mas continuo estudando muito, viu!

A minha casa era bem simples, não tínhamos condições para melhorá-la, pois a prioridade era comida no prato. O telhado estava torto, quando chovia iniciava-se a maratona com os baldes por causa das pingueiras. O muro era baixo, por isso as pessoas pulavam facilmente e ficava com muito medo de ficar sozinha. Apesar de ser uma casa de tijolo, estamos no quarto de despejo e confesso que tinha vergonha de onde morávamos. Diante dos seus relatos de como vivia na favela e escrevendo sobre isso

agora, fiquei até constrangida de ter vergonha do meu lar, pois ele também fez parte do que hoje sou.

Em vários trechos do seu livro percebi a sua forma autêntica de descrever suas emoções. Seja falando das suas revoltas contra os políticos, da dor da fome, dos seus pensamentos em relação aos favelados e até mesmo as vezes que teve o desejo de se suicidar. Essa era você, Carolina! Independente se estava no quarto de despejo com os favelados ou na sala de visita com escritoras intelectuais e pessoas da elite. Você foi o que é e o que desejava ser.

As vivências da minha infância e pré-adolescência desencadearam muitos traumas, medos e inseguranças. Fiquei muito confusa e questionava muito por que o mundo foi tão ruim comigo. Cheguei à errônea conclusão de que a culpa era minha e comecei a justificar o porquê com isso. Mal sabia que se substituísse o porquê pelo para quê, assim como você fez, já poderia ter chegado à conclusão que somente pude enxergar quando um rapaz em situação de rua me pediu uma colher para comer um pouco de comida que tinha encontrado no lixo. Além da colher, ofereci a ele um pouco de comida também, e o seu ‘deus lhe pague’ com um sorriso produziu uma das melhores sensações em mim. Todo mundo, por mais que tenha sido ferido pela vida ou que passe por dificuldades financeiras, pode dar algo a alguém, pois ninguém, nem mesmo a pessoa mais rica do mundo, tem tudo. Esse era o meu para quê. Assim como você, através da sua escrita de si, revelou o sofrimento dos favelados e invadiu a sala de visita da literatura para falar como uma mulher negra, pobre, favelada e mãe solo. O meu para que aos poucos vai fazendo sentido. Quero ajudar as pessoas de alguma forma e isso me faz bem. Obrigado, Carolina, por isso!

Preciso lhe confessar uma coisa, amiga Carolina. As experiências que vi e vivenciei com homens agressivos, alcoólatras e mentirosos ocasionaram um certo medo de me relacionar. Tenho medo dos homens! E com isso fui me fechando aos relacionamentos e, conseqüentemente, tornando-me superficial com todo mundo.

Como lhe disse, a minha adolescência foi bastante confusa. Comecei a adentrar em um mundo de mentiras para fugir da realidade, inventar uma persona para agradar e não decepcionar as pessoas e ao mesmo tempo me proteger da maldade dos outros. As mentiras foram uma forma de ser aceita sem ser criticada e com elas fui mudando os comportamentos para me adaptar a uma realidade que não era a minha. Nem mesmo as

cacetadas com o pedaço de madeira que minha mãe me dava quando descobria as minhas mentiras estavam adiantando. A minha coluna torta e a dor miserável que hoje sinto são marcas desse tempo em que não estava sendo eu, mas uma cópia de um outro alguém que achava que resolveria os meus problemas.

Em muitos momentos preferi ser agredida por minha mãe, ‘tomar uma surra bem dada’ ou ser taxada como uma pessoa terrível e que não merecia ter nascido do que dizer algo que a magoasse ou fosse de encontro ao que ela esperava que deveria ser o comportamento certo para ela e não para mim. A entrada da adolescência foi marcada por esse comportamento de agradar os outros e esquecer de mim.

Com isso, fui me sentindo sozinha, mesmo em meio a uma multidão ao meu redor. E com isso várias outras situações foram acontecendo e, ao contrário de você, que tudo denunciava, permiti que minha voz fosse silenciada. Logo eu, que desejo ajudar tanto as pessoas e fazer o bem sem olhar a quem, permiti ser amordaçada como a escravizada Anastácia. Mas a vida é feita de atitude, e principalmente você, Carolina, sabe que precisamos dar um salto no escuro e diante do para quê mencionado resolvi me fortalecer para depois ajudar os outros.

Quem é esse ‘outro’? Até então, Carolina, não tinha a dimensão. Era algo generalizado. Só sabia que mesmo sem condições financeiras ou estabilidade emocional, me sentia bem ajudando alguém. A priori seriam as pessoas vulnerabilizadas, aquelas que passaram por qualquer tipo de violências, preconceito, discriminação e injustiça. Contudo, foi preciso esse momento de escrita de si para mais uma vez olhar para minha história de vida e, sem vitimismo, encontrar esse ‘outro’ de forma específica.

Sabe, Carolina, como falei, sou cismada com todos os homens. Passei por algumas situações constrangedoras de assédio e tentativas abusivas. O machismo escancarado em que vivemos sempre ocasionou indignação. Por isso que foi empolgante quando, na roda de conversa, discutimos sobre a sua independência como mulher preta e o fato de você ter trocado o homem pela escrita. Por isso que também digo: ‘Muito bem, Carolina!’

Foi essa ‘outra’ que deu o sentido específico do meu para quê. Quero ajudar as mulheres no enfrentamento das suas realidades a ressignificar as suas vivências e tornarem-se protagonistas da sua história de vida. Esse é o caminho que fui construindo sem saber ao longo do percurso, e que através da escrita de si tornou-se mais claro, pois

sou tudo o que vivi e tudo o que desejo viver. Aprendi que conquistar nossos sonhos não é tão difícil, o mais difícil é chegar no topo e se manter.

Como seus poemas me inspiraram, a pedido do professor fiz um poema para finalizar minha carta:

Minha cor não define quem sou,
Mas será que minha cor de dentro
Sabe quem eu sou?
Em meio a tantos conflitos
Consegui entender que sou uma mulher negra
E não tenho medo de dizer
O meu único medo é debater
Mas eu tenho a verdade.
E com a palavra vamos vencer.
Me tornei protagonista da minha própria história
Uma mulher negra de corpo e alma
Minha capa pode esconder o que sou
Mas minha alma sabe quem sou
Não tenho medo de lutar,
Negra sou e não vou me calar
A força grita no meu ouvido para continuar
Pois não quero que me chame de fracassada
Quero ser reconhecida por ser honesta e honrada.”

4.3.6 “Eu e meu lugar de fala, enfrentando gigantes.” (RUTH, 19 anos).

“Sou uma mulher negra de 19 anos. Estou no 3º Ano do Ensino Médio e concluir esta etapa do estudo irá me deixar muito feliz. Gosto muito de ler, dançar e ouvir músicas, principalmente em outros idiomas. Isso ajuda a aprender um pouco mais sobre as outras culturas.

Sabe, Carolina, tenho muitos sonhos. Gostaria de fazer faculdade, recompensar minha família por tudo que fizeram por mim, ter uma casa própria, ser poliglota e, principalmente, conhecer outros países. Tenho a sensação de que não pertencço a um só lugar, sou uma cidadã do mundo.

Não conseguir realizar algum desses sonhos são os meus piores medos e pesadelos. Ser uma mulher negra, pobre e estudante de escola pública torna as coisas mais difíceis, principalmente no país em que moramos, onde o racismo e o machismo continuam sendo tão escancarados.

Confesso que antes de conhecer um pouco sobre sua história e ler o seu livro, esses medos me paralisavam, mas com as rodas de conversas e refletindo sobre a sua trajetória, percebo que basta ter ousadia e acreditar que é possível realizar para que as coisas possam acontecer. Claro que terei que enfrentar tantas coisas como você fez. Aliás, preciso lhe dizer que o *Quarto de despejo* provocou em mim uma mistura de emoções difíceis de descrever nessas linhas. Prefiro apenas lhe dizer que você se tornou um exemplo de luta e superação e uma grande inspiração.

Lamento muito só ter lhe conhecido agora, na reta final. Talvez, se tivesse acesso à leitura de escritoras negras, como eu, o enfrentamento das realidades vivenciadas seria diferente. Quantas vezes me senti só, achando que os meus sonhos eram inalcançáveis? Hoje essa distância depende muito mais dos meus esforços e de como enfrento os obstáculos que são colocados pela sociedade no meu caminho. A grande diferença é que não estou sozinha. Tenho você! E continuarei lendo sobre outras mulheres pretas. O professor me falou de Evaristo Conceição e de uma tal Djamila que escreveu sobre o lugar de fala. Essa expressão, lugar de fala, me empoderou. Prometo que irei lutar e correr atrás dos meus sonhos, e diante das dificuldades irei me impor e usar a minha voz. Só eu poderei falar sobre mim com propriedade.

Gostaria muito de compartilhar com você, Bitita, um pouco de algumas situações de racismo e machismo que vivi. A que mais me marcou aconteceu na escola. A diretora da escola que estudava exigiu que eu prendesse o cabelo para assistir a aula, pois o volume

do meu cabelo atrapalhava que os colegas que estavam atrás de mim enxergassem o quadro. Isso mexeu tanto comigo. Eu só sabia chorar, e quando cheguei em casa não tive muito apoio. Mas eu não prendi o meu cabelo não, dizia para mim que não era justo eu ter que prender o meu cabelo quando várias meninas usavam o cabelo solto e ninguém falava nada porque eram cabelos lisos ou menos volumosos. Carolina, eu enfrentei mesmo, sozinha. Afinal, não tinha nada escrito na regra da escola sobre isso. Contudo, apesar de não ceder à solicitação da diretora, isso marcou. Hoje a minha indignação aumentou, pois não se tem tempo para falar de escritores negros na sala, mas para ficar incomodada com um cabelo volumoso de uma mulher negra, até a diretora arranja tempo.

Em um outro momento, estava voltando da escola e alguns homens que estavam trabalhando consertando um poste começaram a dar risadas. Um deles gritou: ‘Como você tem coragem de sair com o cabelo assim? Não tem pente em casa não? Quer que eu compre um?’ Carolina, aquilo foi tão cruel de se ouvir que não conseguir responder, simplesmente fui para casa. Preciso muito aprender com você a dar uma resposta. Mas escrever sobre o quanto eles foram racistas e preconceituosos trouxe-me um alívio a essa injustiça.

O meu cabelo sempre foi alvo de discriminação. Por isso que durante a leitura, me pipoquei na risada quando você disse que o cabelo do negro é mais “iducado” do que o do branco, pois onde a gente coloca, ele fica, mas o do branco é só fazer um movimento na cabeça e ele sai do lugar, pois é indisciplinado. Só uma mulher negra para entender e consolar a outra. Obrigado, Carolina!

Comportamentos machistas são constantes e vivo isso todos os dias. Principalmente o machismo contra as mulheres negras. Em várias ocasiões, eu e minhas amigas pretas somos alvos de comentários maldosos. No seu livro você escreveu sobre isso, o fato da mulher negra ser vista como um objeto para satisfazer sexualmente o homem branco. Além de sermos alvos de agressões e violências. Onde eu moro existem mulheres que estão presas a um casamento no qual são agredidas e inferiorizadas a todo momento. Mas elas não conseguem sair dessa situação, pois são pobres e não têm como sustentar os filhos sozinhas.

Apesar de todos esses anos, as pessoas continuam cruéis e ainda reproduzem esse comportamento machista. Ele está em todo canto, na escola, em casa ou na rua. Até sabem que é crime, mas esses nojentos não ligam, porque simplesmente nada acontece com eles.

Espero que isso um dia possa mudar. Ou eles mudam ou nós mulheres precisamos mudar isso.

Queria lhe dizer uma coisa muito importante. Já disse que você se tornou uma inspiração para mim em várias coisas, mas existe uma delas que mais impactou. Na verdade, também penso assim, e saber que uma mulher negra, favelada, catadora de papel e mãe solo conseguiu realizar, deixou-me bastante empolgada. Uma das coisas que mais desejo é ser independente, não precisar de homem nenhum para me sustentar. E enquanto lia as páginas do seu diário e imaginava você passando tudo que passou e o que você se tornou, fiquei muito motivada. Carolina, você teve uma infância difícil, precisou sair da sua cidade para buscar sua cura, andou por vários lugares procurando emprego, construiu seu barraco com suas próprias mãos, cuidou dos seus três filhos, trabalhou como catadora de papel para sobreviver, não aceitou ficar dependendo de esmolas de igreja e de nenhum homem, e mesmo assim lutou para realizar o seu sonho de ser escritora e comprar sua casa de tijolos. Só consigo exclamar: ‘Ufa! Muito bem, Carolina!’

Minha mãe, assim como você, também é um exemplo. Ela saiu de casa muito cedo, e engravidou, mas sempre lutou e cuidou de mim e dos meus irmãos, inclusive foi ela que me ensinou a não baixar a cabeça para homem nenhum. Ela é uma das mulheres mais fortes que convivi.

Falar de família não é tão fácil para mim. Traz algumas lembranças difíceis. Meus pais se separaram quando eu tinha 5 anos. Eles brigavam muito. No início fui morar com meu pai, e com 8 anos voltei a residir com minha mãe, que já tinha se casado e tido um outro filho. O meu padrasto virou um segundo pai para mim. Com o tempo a família cresceu, ganhei outro irmão que amo muito e o considero como um filho. Atualmente tenho 5 irmãos por parte de mãe e 3 irmãos por parte de pai. Convivo com todos eles, em especial minha irmã mais velha, que sempre me apoiou em tudo, principalmente nos estudos, pois, infelizmente, não teve as oportunidades que tive.

O apoio familiar foi muito crucial para que perseverasse nos meus estudos e de fato fez toda a diferença. Podemos observar claramente as crianças que os pais participam da sua vida escolar e aquelas que os pais não participam. O rendimento escolar de uma criança e adolescente é influenciado também pela participação dos seus pais na sua vida escolar. Eu acredito nisso e você sabe disso, Carolina. Você valorizava os estudos e fez todos os sacrifícios para que seus filhos concluíssem a escola.

Os pais deveriam apoiar seus filhos, principalmente se eles forem negros, pobres e de escola pública. Sei que a maioria dos pais às vezes não tiveram oportunidade de estudar, pois precisaram trabalhar. Mas isso não é desculpa. Pelo menos não foi para você, que só frequentou a escola por dois anos. Carolina, você se levantava bem cedo para catar papel e depois voltava rápido para casa para levar seus filhos na escola. Foi emocionante quando, na roda de conversa, o professor falou da sua emoção em ver seus três filhos letrados. Também ouvimos os depoimentos dos seus filhos escritos em outro livro, que não lembro o nome. Queria que cada mãe e pai brasileiro, principalmente os pais negros, pudesse ler seu livro e seguir seu exemplo. Que apoiassem seus filhos e não apenas se intrometessem nos seus sonhos. Sua filha Vera tornou-se professora. Era o sonho que sua mãe, Cota, desejava para você. Mas não fique triste, pois sua filha realizou e foi você que se sacrificou para que isso acontecesse. Assim também aconteceu comigo! Minha mãe queria que eu fizesse Direito, mas quando disse para ela que não queria, ela entendeu.

Às vezes, Bitita, é cansativo ser uma mulher negra na sociedade. Não que não goste da minha etnia. Mas sempre temos que ser 3 vezes melhor para sermos notadas. Isso acontece na escola e no mercado de trabalho. Precisamos estar sempre arrumadas, senão somos chamadas de desleixadas. O currículo precisa valer três vezes mais. Uma vez como trabalhadora, outra como mulher e a última como negra. Isso quando passamos da primeira etapa da seleção. Nascemos predestinadas a aceitar ou precisar se esforçar três vezes mais que um homem branco, duas vezes mais que uma mulher branca e uma vez mais que um homem negro para ser aceita.

Na escola, os garotos sempre tentam me calar só porque sou uma mulher e acham que não poderia opinar em assuntos como futebol e outros que dizem ser do tal universo masculino. Machismo estrutural! Isso quando não sou sexualizada e sempre trocada, acredite, muitas mulheres vivem ou já vivenciaram isso, inclusive vindo de homens negros. Por isso que não me incomoda de ser chamada de palmiteira, ou seja, gostar de homens brancos como você. Para mim o machismo não tem cor de pele. Se abaixar a cabeça, não importa se for homem branco ou negro, sempre irão querer me inferiorizar ou me ver como um objeto para satisfazer suas necessidades sexuais.

Sei que existem vários movimentos empoderados que lutam contra essas questões, mostrando que não podemos aceitar, suportar ou fingir não ver situações racistas, machistas e de violências contra as mulheres. Mas saber o papel da escrita e através dela falar, denunciar e ecoar esse grito preso na garganta está sendo uma experiência única.

Como disse meu professor de História: ‘Vamos tirar a máscara de Anastácia que foi imposta e gritar que o lugar de mulher negra é onde ela quiser.’

Sou grata por ter sido escolhida para participar desta pesquisa. Conhecer você e sua trajetória foi muito importante para mim. Compartilhar da história de sua vida com outras estudantes negras e a partir dela discutirmos sobre vários temas como o racismo, machismo, intolerância, desigualdade social, preconceitos e outros impactou minha vida, principalmente nessa reta final de conclusão de Ensino Médio. Todo esse conhecimento trouxe-me um pertencimento e empoderamento que me levaram a um lugar somente meu. Lugar onde posso falar e escrever sobre o que sinto e como vejo a vida. Com as oficinas de escrita, senti você próxima, como uma nova amiga, minha amiga preta que fará parte da minha vida.

Obrigado, Carolina, por ajudar a encontrar esse lugar de fala; sinto-me mais preparada e empoderada para desafiar os meus gigantes e assumir meu protagonismo. Vou realizar o meu sonho, ser uma mulher negra independente, uma cidadã do mundo.”

4.3.7 “O lugar de uma estudante negra de escola pública é onde ela quiser.” (ALZIRA, 18 anos).

“Cara amiga Carolina. Estou lendo o seu livro e conhecendo um pouco sobre você. As leituras dos seus diários e poemas, as discussões na roda de conversas e agora com a oficina da escrita de si estão trazendo grandes reflexões sobre minha vida. Viajando no seu mundo é impossível não pensar nas minhas vivências até aqui e nos medos e expectativas que tenho em relação ao porvir.

Sou Alzira, uma mulher negra de 18 anos, curso o 3º Ano do Ensino Médio e estou solteira, esperando Deus arrumar uma pessoa bem legal. Enquanto essa pessoa não chega, estou dedicada à conclusão dos meus estudos. Sempre fui sonhadora, e como você corro atrás do que desejo. Ainda não sei qual será a minha profissão, mas sempre me vejo formada, vestida em um avental com meu nome ou abrir meu próprio negócio, ter minha marca de joias e viajar pelo mundo, conhecer pessoas e culturas diferentes.

Nasci em São Sebastião do Passé, mas vim morar em Dias d’Ávila com um ano de vida. Minha mãe se separou de meu pai, mas até hoje tenho contato com ele. Ele não

foi um pai muito presente na minha vida no que diz respeito a dar atenção. Só conseguia vê-lo uma vez por ano e isso trouxe algumas tristezas, pois sempre quis ter uma família.

Quando, na roda de conversa, lemos aquele capítulo em que você insistia em querer saber sobre o seu pai, comecei a perceber o quanto as nossas histórias eram parecidas. Eu também desejava saber mais coisas sobre o meu pai e sentia a falta dele, principalmente quando tinha os festejos do dia dos pais na escola. É muito ruim alguém crescer sabendo que tem um, mas ele está ausente.

Tenho uma mãe solo que cuida de mim e do meu irmão como uma leoa. Nunca deixou faltar nada, independentemente de qualquer situação. Adoro a alegria de minha mãe. A qualquer hora do dia, mesmo diante dos mais variados problemas, ela está sempre sorrindo e de bem com a vida. Mesmo quando a vida lhe dá uma rasteira daquelas. Sabe, Carolina, perdemos três pessoas da família no mesmo ano. Primeiro meu avô paterno, depois uma tia e por último meu avô materno. Minha mãe ficou firme e ajudou toda a família. Assim como seus filhos tinham orgulho e se inspiraram em você, da mesma forma tenho muito orgulho e me inspiro nela. Ela é o meu porto seguro, o meu tudo e um grande presente de Deus para mim.

Quando eu era pequena, estudei em uma escola particular, mas no 1º Ano do Ensino Fundamental ingressei em uma escola pública. Até o 4º Ano foi tudo tranquilo, não tive problemas. A tribulação começou no 5º Ano, quando sofri o primeiro *bullying* por causa dos meus dentes. Eles eram montados e para frente, por isso os colegas começaram a me chamar de dentuça. Como também era magra, me chamavam de Olívia Palito, seca, e diziam que o vento iria me levar de tão leve. Diziam que era uma negra muito feia. Por isso, tinha uma baixa autoestima, não gostava do meu corpo e nem me aceitava de jeito nenhum. Era o tempo todo me comparando com as outras pessoas. E quanto mais o *bullying* acontecia, só piorava a situação, pois me sentia insuficiente e inferior. Desde muito cedo conheci a crueldade humana e de uma forma monstruosa as pessoas foram me colocando à margem de uma realidade e de um padrão de mulher branca de cabelo liso, olhos claros e corpo esbelto.

Ao fechar os olhos agora, Carolina, lembro que quando chegava a noite e pensava que no outro dia iria enfrentar tudo de novo na escola, começava a chorar. Não aguentava aquela pressão. E não conseguia falar com ninguém adulto. Por fora aparentava que tudo

estava bem, mas por dentro desmoronava. Passar por isso foi muito chato e afetou bastante o meu psicológico, trouxe uma insegurança horrível.

Para ser aceita, comecei a dar química no cabelo aos 13 anos. Todo mês tinha que passar por aquele processo para evitar que o cabelo ficasse inchado. Um dia, indo para a casa de minha avó para alisar, deixei o cabelo solto. Quando passei por uma praça tinha umas mulheres conversando; quando elas viram o meu cabelo gritaram: ‘Na sua casa não têm pente não? Amarra essa bucha.’ Fiquei tão mal que pensei em raspar a cabeça para ficar livre daquelas zombarias. Chorei tanto esse dia. Lembro que precisei cortar o cabelo bem pequeno para que quando fosse crescendo perdesse a química. Os dias passavam, eu cada vez mais constrangida, e o cabelo não crescia. Demorei muito para aceitar os meus cabelos crespos, mas foi a melhor coisa que fiz. E apesar de sentir-me livre, ainda tenho um pouco de receio de andar por aí com o cabelo solto.

Sou uma aluna muito esforçada e aproveito as oportunidades que a escola pública oferece. Esse ano, como mulher negra, vivenciei duas experiências que exemplificam como um ensino pode impactar na vida de uma mulher negra estudante de uma escola pública. Infelizmente, o primeiro exemplo foi negativo e gerou um grande incômodo nos meus colegas de sala. Em uma determinada aula, estávamos conversando sobre os resultados dos testes vocacionais realizados por um psicólogo através do projeto de orientação profissional e um professor, ao olhar o papel de uma aluna, questionou o fato dela pensar fazer Medicina. Segundo ele, estudante pobre de escola pública deveria pensar em fazer um curso técnico, pois não tinha condição de passar em uma boa universidade pública e nem condição de pagar uma faculdade particular. Na sua justificativa, disse que o ensino público não é de qualidade, os alunos não se esforçam e a cidade onde moramos não tem oportunidades. Até citou o fato de o filho só estar cursando uma boa faculdade porque estudou em uma escola particular na capital.

Essas palavras machucaram bastante, pois não esperávamos isso de um professor. Tudo bem que ele não acredite na gente, é uma opinião dele. Mas usar do seu poder para desmotivar e humilhar a gente foi constrangedor. Ficamos sem palavras, um olhando para o outro sem acreditar. Quando terminou a aula ficamos perplexos e alguns alunos até disseram que não iriam mais participar das outras atividades do projeto, pois depois de tudo que ouviram, não fazia mais sentido.

Por outro lado, também temos professores que motivam muito os alunos. Uma professora que trata cada um de nós como filhos, deseja ver todos formados e fazendo o que desejam para ser felizes. Um outro professor incentiva a irmos além de tudo que nos limita. Ele orientou sobre as profissões, falou das possibilidades dos programas do governo para alunos pobres e estudantes de escola pública e citou exemplos de ex-alunos da escola que já se formaram na faculdade pública da capital. Até tivemos a oportunidade de conhecer Gláucia, filha de uma auxiliar administrativa da escola, uma mulher negra e ex-aluna do Edison que se formou em Direito na UFBA e passou na OAB na primeira tentativa que fez. Ela se sentou na mesma cadeira no qual estou nesse momento e a maioria dos seus professores ainda está dando aula na escola. Na palestra ela disse que podemos, sim, conquistar o que desejamos, apesar de todos os obstáculos.

Ser aluna negra, pobre e estudante de escola pública no Brasil já é por si só uma desvantagem em relação às oportunidades dos estudantes de escolas particulares. Somos limitados pelas estruturas e enfrentamos muitos desafios externos para conseguir concluir nossos estudos. Falamos muito de igualdade, Carolina, mas sabemos que na prática essa igualdade não se traduz em oportunidades iguais. Não adianta todos terem direito à educação, quando a qualidade e a oportunidade de ensino não é a mesma. Enquanto uma estudante branca de uma escola particular vai para a escola de carro, assistir aula em salas com ar-condicionado, possui vários recursos e só tem como responsabilidade os estudos, a estudante negra da escola pública precisa pegar busu atravessando a cidade, sai de casa sem comer, não tem material escolar e ainda precisa ajudar nos afazeres da casa ou trabalhar no turno oposto às aulas. Como falar de igualdade, se as oportunidades não são iguais?

Estou no quarto de despejo, como você escreveu, enquanto eles estão na sala de visita. Contudo, gostaria de dizer, através da minha escrita, a esse professor que desmotivou a turma que estar aqui não significa que não desejo sair. O meu destino não está selado, e como disse a advogada Gláucia: ‘O lugar da mulher negra é onde ela quiser.’ É importante sermos incentivados. O papel da escola é construir sonhos, e não os destruir.

Como você, Carolina, desejo realizar todos os meus sonhos. Sei que diante de uma sociedade racista e machista, como sou uma mulher negra, pobre e estudante de escola pública, enfrentarei muitos desafios. Encontrarei muitas pessoas no meu caminho para me desmotivar ou tentar me desviar, mas também para ajudar e me dizer: ‘Muito bem, Carolina!’

Espero que assim como tive oportunidade de participar dessa pesquisa e de lhe conhecer, que outras mulheres pretas possam também ter essa experiência. É muito bom saber que não estou sozinha, não de ouvi falar, mas de ler um diário tão real que ultrapassou o tempo. Obrigado, Carolina! Até peguei uma foto sua e moldurei para dar de lembrança ao professor. Aquela em que você está vestida com sua fantasia de pena no carnaval. Pois é assim que quero lembrar de você e também ser lembrada. A imagem que retrata a alegria de mulher preta que realizou os seus sonhos.”

4.3.8 “Valorizar minha beleza negra é uma das formas de preservar a minha identidade.” (ELIZANDRA, 19 anos).

“Olá, Carolina. Tudo bem? Gostaria de iniciar minha escrita a você pedindo desculpas desde já por não conseguir colocar no papel tudo que gostaria. Apreendi muito com e sobre você na leitura do seu diário e nas rodas de conversa, mas iniciei um novo trabalho e é muito corrido, quase não tenho tempo para muita coisa. Só quem vive fazendo tantas coisas ao mesmo tempo sabe de fato o que aconteceu com você quando deixava queimar o feijão para ler. No meu caso, infelizmente preciso deixar de ler e estudar para trabalhar.

Me chamo Elizandra, tenho 19 anos e sou com muito orgulho uma mulher preta. O professor, quando me viu pela primeira, vez disse que tinha encontrado a Carolina dele. Fiquei sem entender, e como ele falou na sala de aula e na frente dos colegas, achei que ele era maluco [risos]. Hoje sinto-me lisonjeada de ser parecida com você, tanto fisicamente como por me considerar uma mulher trabalhadora, estudiosa e dedicada como você. Sou, sim, uma Carolina!

Nasci e fui criada em Dias d’Ávila, sou filha de uma mulher preta e de um homem preto que tiveram oito filhos. Minha infância foi boa e ruim ao mesmo tempo. Quando éramos crianças, meu pai raspou nosso cabelo, pois ele queria um filho homem e até então havia tido cinco mulheres. Ele comprava tudo de menino. Ao contrário de você, que queria ser menino quando criança para ter privilégio, eu e minhas irmãs lutávamos para ser meninas, a contragosto de meu pai.

Meus pais eram separados. Tiveram uma relação conflituosa. Por causa da bebida de meu pai, presenciamos várias situações de violências. Em uma delas, ele prendeu

minha mãe e irmãs em casa e tocou fogo. Uma outra situação, que não sai da minha memória, foi quando ele bebeu muito e pegou a furadeira para furar minha mãe. Saí correndo desesperada para pedir ajuda a minha tia paterna. Ela sempre foi o meu refúgio nessas horas e várias vezes, quando as coisas estavam difíceis, era para a casa dela que fugia de mala e cuia.

Quando crianças, sempre procuramos um modelo para nos apoiar e não sucumbir. Você gostava das palavras do poeta Castro Alves. O meu modelo era minha tia. Sabe, Carolina, ela fez o curso de técnica de enfermagem e trabalhava. Um exemplo de mulher que não dependia de homem. Ela me deu um brinquedo que tinha vários instrumentos de saúde, foi quando comecei a sonhar em ser médica. Ainda não sabia que tinha vários tipos de médicos e quando fui crescendo decidi ser uma médica cirurgiã geral. Esse é um dos meus grandes sonhos. Sou uma mulher preta, moradora de bairro popular, trabalhadora, solteira, sem filhos e um dia serei médica cirurgiã geral.

Desejo escrever uma coisa para você. Confesso que não gosto muito de lembrar disso, mas quando li seu diário e vi que você escreveu tudo que lhe acontecia e o quanto isso lhe fazia bem, queria também partilhar isso com você. Principalmente depois da roda de conversa de hoje, quando o professor falou de uma mulher negra chamada Conceição Evaristo e de uma tal de escritivências. Discutimos muito sobre a importância de eternizar nossas memórias e de como enfrentar o nosso passado é importante para reconciliarmos com a nossa história. Nunca pensei que a escrita poderia ser uma forma de resistência. É uma experiência nova e impactante para mim. Enfim, aí vai!

De todas as piores lembranças que tenho, a mais marcante foi aos 8 anos de idade, quando perdi minha mãe, em 2010. Ali parecia ser meu fim. Lembro do velório e como pedia para ser enterrada junto com ela. Me joguei em cima do corpo e pedi para que fechassem o caixão comigo dentro. Os dias que sucederam aquele momento pareciam não passar, eu carregava uma dor intensa e profunda que roubou vários momentos da minha vida. Desde então fui criada pelos meus irmãos, que não sabiam nem cuidar de si, quanto mais dos mais novos.

Minha relação com meus irmãos sempre foi inconstante. Uma relação de amor e ódio, com várias questões para a sobrevivência. Isso prejudicou muito o meu lado psicológico e tenho mudanças de humor. Às vezes gosto de estar na companhia deles, já em outros momentos prefiro ficar no meu quarto, sozinha. Brigamos muito por coisas

bestas. Amo cada um deles e sou grata pelos esforços de cada uma para se manterem unidos, principalmente quando nossa mãe faleceu e nosso pai mudou-se para outro estado. Enfrentamos tempos difíceis.

Passei por um período rebelde, em que não queria saber de nada e nem de ninguém. Larguei os estudos e a princípio o sonho de ser médica caiu no esquecimento do abismo de ser uma órfã. Aos treze anos me apaixonei, comecei a namorar, mas o relacionamento não durou muito. Passei desde muito nova por alguns relacionamentos abusivos. Enquanto ele podia sair com os amigos e fazer tudo, eu não podia fazer nada. Chegou ao ponto de que quando ele saía para trabalhar, me trancava dentro de casa. Não podia ter celular e nem falar com ninguém. Foram momentos sombrios, mas relembrar tudo isso que vivi e pensar como estou hoje é experimentar de uma liberdade muito grande. Como mulher negra somos escravizadas de várias formas, pela cor e pelo fato de sermos mulheres. Não quero isso para mim, por isso escrevo aqui agora, **SOU UMA MULHER NEGRA LIVRE** e ninguém irá mais me amordaçar.

Assim como essas lembranças dos relacionamentos abusivos, também preciso me libertar de outros episódios de preconceitos e discriminações que vivi. Quando estudava no 7º Ano do Ensino Fundamental em uma escola pública municipal, as pessoas me chamavam de cabelo de bombril ou de assolan, pois sempre tive um cabelo crespo. Eu gosto de um menino da minha sala, ele tinha uma pele um pouco mais clara que a minha. Um dia, o creme que passava na pele para não ficar acinzentada tinha acabado, mas decidi ir para a escola assim mesmo. Quando ele me viu, se juntou com outros meninos e começaram a me chamar de pés de fumo. Era um dos tantos apelidos que tinha, além de Olívia Palito, pois era seca e criticavam minha roupa e minha aparência física. E o pior é que quase todos eles eram negros, mesmo tendo a pele um pouco clara, tinham traços negros.

Me sentia tão mal por ter nascido preta e com o cabelo crespo, achava que por ser assim ninguém me queria por perto. Pedi tantas vezes a Deus para morrer e nascer novamente branca com cabelo liso. Escrever sobre isso tem sido uma experiência libertadora, pois hoje já não penso assim. Não sei como aconteceu essa mudança, mas quando discutimos na roda de conversa sobre essa questão de aceitação, empoderamento e enfrentamento, percebi que tenho orgulho de quem sou, da minha cor e das minhas origens. Hoje não aliso mais os meus cabelos. Só estou um pouco incomodada porque estou um pouco fortinha [risos].

Carolina, tudo é motivo para os vizinhos falarem, pois quando estava magra, em 2019 e 2020, diziam que estava muito magra, ao contrário das outras pessoas que estavam engordando com o isolamento provocado pela pandemia do COVID-19. Chegaram a dizer que estava doente. Depois comecei a engordar e começaram a dizer que estava grávida. Outros estão me chamando de ‘rasputia’, uma personagem gorda de um filme de comédia, ou baleia. E não são só os vizinhos. Na minha própria casa, onde deveria me sentir protegida e em paz, também sofro comentários maldosos sobre o meu corpo. Meu irmão disse que tem nojo das minhas estrias.

Na verdade, Carolina, fui diagnóstica com a síndrome dos ovários policísticos, que desregulariza todo o meu organismo e produz vários efeitos colaterais. Mas não vou ficar justificando para as pessoas as mudanças que acontecem no meu corpo. Quem precisa gostar de mim sou eu e não irei ficar me sacrificando para agradar gregos e troianos. Não vou mesmo.

Nesse momento da oficina da escrita em que escrevo essa carta para você fiquei olhando as suas fotos no livro. E fiquei refletindo quantas vezes nós mulheres pretas fomos obrigadas a nos adequar ao padrão de beleza imposto por um mundo racista e machista. Quando criança, o modelo era de mulher branca, magra e de cabelo liso das bonecas Barbie ou das princesas da Disney. Na adolescência e juventude, o mesmo padrão era reproduzido nas novelas e filmes. Sei que uma vez ou outra aparecia uma boneca ou atriz preta, mas era uma exceção na qual jamais iria me encaixar.

Pergunto-me onde você estava, Carolina? Por que não conheci mulheres pretas como você antes? Você é mulher, tem a pele preta tiziu, cabelo crespo, olhos esbugalhados e nariz largo. Foi desejada por muitos homens e preferiu os livros a se casar. Independentemente, não baixou a cabeça para homem nenhum e criou sozinha os seus três filhos. Foi pobre, catadora de papel e moradora da favela de Canindé. Não atendia a nenhum padrão de beleza, intelectual ou de condição financeira esperado das mulheres do seu tempo. Mesmo assim incomodou, e muito. Você sou eu e eu sou você. Quero incomodar também pelo que sou, como sou e seja quem for.

Que a sua imagem jamais seja esquecida da minha mente e que essas palavras que lhe escrevi nunca sejam apagadas. Que as escolas e os livros didáticos reproduzam essas fotos para que mulheres pretas como eu conheçam mulheres pretas como você. E assim rompermos essa prisão e enfrentarmos esse racismo estrutural escondido também por trás

desse padrão de beleza. Olhar para você é sentir-me livre e amar quem sou. E valorizar a minha beleza negra é uma das formas de preservar a minha identidade.”

4.3.9 “Minhas andanças.” (ANA MARIA, 62 anos).

“Olá, Carolina! Estou lendo o seu livro e encantada com tudo que você viveu. Você foi uma mulher guerreira, mãe maravilhosa e, apesar da sua situação financeira não ser muito boa, soube cuidar muito bem de seus filhos. Eu não lhe conhecia, nunca ouvi falar de uma escritora negra e várias vezes você me deixou emocionada.

Sou Ana Maria, tenho 62 anos e estou concluindo esse ano meu Ensino Médio através do Ensino de Jovens e Adultos. Meu avô era português e minha avó era uma negra escravizada. A mistura de etnias está presente em toda a minha família. Temos traços africanos, portugueses e indígenas. Tenho irmão negros com olhos verdes e brancos com olhos negros. Nasci negra, com os olhos claros e traços de índio.

Nossa família era humilde, composta de nove irmãos. Meu pai trabalhou sozinho para sustentar a todos enquanto minha mãe cuidava da casa e da educação dos filhos. A minha infância foi marcada pelo alcoolismo do meu pai e pelo sofrimento de minha mãe. Como assalariado, meu pai não conseguia pagar as contas e sustentar o vício. Então faltava tudo em casa, inclusive comida. Já passei fome, Carolina. Por isso que sei na pele o que é a dor avassaladora da fome e como é o rosto desesperado de uma mãe que não tem o que dar para seus filhos. Às vezes eram os vizinhos que davam um pouco de comida e tantas vezes vi minha mãe deixar de comer para sobrar um pouco mais para a gente. A dor da fome deixa um vazio no estômago e na alma.

Meu pai sempre foi ausente em nossas vidas. Era um namorado igual ao seu, Carolina. Ele não valorizava minha mãe e a traía muito. Acredito que ela suportava tudo por causa dos filhos. Como não estudou e não tinha um emprego, teve medo de abandoná-lo e a situação piorar mais ainda. E quando ele perdeu o emprego, tivemos que sair do interior em busca de oportunidade em Salvador. Como não consegui arranjar emprego, a solução encontrada por minha mãe foi dividir os filhos, cada um foi para a casa de um parente. Lembro-me do semblante de sofrimento e impotência da minha mãe, mas ela preferiu fazer isso a nos ver passar fome. Como a vida foi cruel com ela.

Ah, Carolina! Como foi difícil ficar longe de minha mãe. Fui levada para a casa de um tio que nem conhecia. Não queria ficar lá e fiz o maior escândalo. Chorei e gritei muito, mas não teve jeito, pois fui obrigada a ficar. Apesar de minha tia e prima me tratarem bem, eu queria ficar perto de minha mãe. E toda semana era tão sofrido quando ela vinha me visitar e não podia me levar para casa com ela. Somente depois de alguns meses meu pai conseguiu um trabalho e pudemos voltar para casa. Foi um dos momentos mais inesquecíveis, uma alegria sem igual. Todos juntos, eramos uma família novamente.

Minha mãe não frequentou a escola, mas se esforçava para auxiliar-nos nas atividades e manter-nos na escola. Ela sempre acreditou que somente pelos estudos poderíamos mudar nossas vidas. Contudo, os conflitos em casa e a chegada da adolescência trouxeram novos desafios. Sofri uma tentativa de abuso dentro de minha própria casa e depois fui assediada por um marido de uma tia. Isso mexeu muito com minha cabeça. Tornei-me uma adolescente rebelde, desinteressada dos estudos e mesmo proibida pelo meu pai, comecei a namorar.

Carolina, você acredita que saía escondida para namorar. Um rapaz chegou até a ir conversar com meu pai para morarmos juntos, mas não aceitei e ainda terminei o namoro com ele. Meu pai me bateu tanto para obrigar-me a casar com ele, mas não aceitei. O jeito que eles encontraram foi eu ir morar com minha irmã mais velha, que tinha se casado e residia no Rio de Janeiro. Fiquei dois anos residindo no Rio e lá também arranjei um paquera.

Logo que retornei para casa dos meus pais em Salvador, encontrei um colega antigo da escola, conversamos e ele perguntou se eu queria morar com ele. Confesso que não sentia nada por ele no início, mas aceitei sua proposta de forma impulsiva. Paguei muito caro por isso. A minha vida virou um inferno, pois minha sogra não gostava de mim. Engravidei logo em seguida, mas foram tantas brigas que perdi meu filho com sete meses de gestação. Para evitar uma tragédia, decidimos nos mudar para outro bairro bem distante da minha sogra. Só assim tive paz! Engravidei novamente e tive meu primeiro filho.

O tempo foi passando e os conflitos no casamento começaram a se agravar. Revivi aquelas cenas da infância, só que agora eu estava no lugar de minha mãe. O pai de meu filho começou a beber, trair e me agredir constantemente. Contudo, não aceitei esse destino e, ao contrário de minha mãe, resolvi deixá-lo. Conhecia aquela dor e não queria

que meu filho passasse pelo que passei ao ver minha mãe se sacrificando pelos filhos. Ao contrário de minha mãe, tinha um pouco de estudo e a possibilidades de enfrentar, de prosseguir sozinha.

Fui trabalhar como caixa de supermercado para sustentar meu filho. Em um determinado dia conheci um marinheiro. Ele disse que tinha gostado de mim e perguntou se poderia me esperar até o final do expediente. Saímos e foi uma noite inesquecível. Mas no outro dia o seu navio partiu e nunca mais o vi novamente. Na época não tinha celular e só tinha o primeiro nome dele. Com o passar do tempo fiquei enjoada. Estava grávida de alguém que só sabia o primeiro nome. E agora, o que fazer? Foi uma gestação complicada, passei por momentos difíceis. Mas meu filho nasceu com cinco quilos e 53 centímetros. Uma criança linda, branca e com a cara do pai. Pena que ele até hoje não sabe da existência dele.

Quando meu filho completou cinco meses, conheci um rapaz. Ele me convidou para morar com ele e registrou meu filho como sendo dele. A vida seguia tranquila, até que engravidei novamente e tive meu terceiro filho. Estávamos felizes e pela primeira vez parecia que tudo estava indo bem. Mas só parecia, Carolina, pois a vida novamente me deu uma rasteira. Um dia meu companheiro dormiu fora de casa. Fiquei preocupada pois ele demorou para chegar e fui procurá-lo. Depois de muito tempo fiquei sabendo que ele tinha ido embora com minha vizinha. Me deixou sozinha com três filhos e desempregada. Ufa, como foi difícil!

Como não podia sair para trabalhar, abri um pequeno negócio para vender cerveja na porta de casa. Mas percebia que alguns rapazes preferiam ir para um bar mais longe do que frequentar o meu. Achei tão estranho que comentei com a vizinha mais próxima porque marido dela não bebia no meu bar. Foi aí que ela me disse que mulher sem homem era igual a cachorro sem dono. Chorei muito com aquelas palavras, mas precisava continuar de pé. Um ano se passou, Carolina, e sabe o que aconteceu? Ela entrou na minha casa chorando porque o marido tinha ido embora de casa. Então lhe disse: ‘Agora somos duas cachorras sem dono.’ Ela lembrou que tinha me dito isso, chorou e pediu perdão. Eu perdoei, pois não se chuta cachorro sem dono [risos].

Outro dia entrou um homem no bar que se dizia amigo de um vizinho. Bebeu e pagou a primeira vez, e quase todas as noites aparecia. Até que me pediu em namoro. Lembro que cheguei a perguntar a ele se era solteiro. Afirmou que sim, mas que tinha

uma filha e morava sozinho. Acreditei e voltei a me abrir aos relacionamentos. Trabalhava tanto no bar que não tive interesse de ir na casa dele. Ao contrário, ele passou a frequentar minha casa, meus filhos e eu já estávamos acostumados com ele. Até que uma certa noite, após fechar o bar e nos sentarmos para assistir TV, alguém bateu na porta. Quando abri, uma mulher adentrou gritando descontroladamente que estava com o marido dela e já me agredindo. Fiquei surpresa e sem reação. Ele começou a gritar e dizer que não tinha nada com ela, pediu para ela ir para casa. Só aí fui entender que era a mãe da filha dele.

Terminei com ele, passei vergonha diante dos meus filhos e vizinhos, pois as pessoas pensavam que eu sabia que ele estava com ela. E como a vida dá várias voltas, após 30 anos voltei a estudar e no colégio reencontrei essa mulher que invadiu minha casa me agredindo e acusando de roubar o marido dela. Ela trabalhava lá e mesmo com a cara fechada no início, passou a me conhecer melhor e acredito que hoje pensa diferente. Contudo, não desisti de frequentar a escola, pois tenho consciência que não fiz nada de errado e, assim como ela, também fui enganada.

Sabe, Carolina, o racismo também acontece dentro da nossa própria casa. Fui para o casamento de uma prima com um rapaz preto. Minha tia não gostava dele por causa da cor e no meio da festa, você acredita que ela pegou uma folha de isopor que tinha um bode desenhado e pintado de preto com o nome do esposo da minha prima e colocou na mesa do bolo. Minha prima chorou muito e todos ficaram assustados com aquela atitude racista.

Depois desse episódio, aí que o bar não iria para frente. Mas Deus abençoou e fui chamada para trabalhar em uma empresa. Precisei deixar meus filhos sozinhos para garantir nossa sobrevivência. Mas teve um lado muito ruim e meu coração foi transpassado por um sofrimento angustiante. Na minha ausência, meus filhos, o mais velho e do meio, começaram a andar em más companhias e experimentar drogas. Foi uma luta. O meu primogênito conseguiu largar logo com a ajuda do amor. É que ele se apaixonou por uma moça e ela o ajudou a deixar essa vida. Paguei um curso de caldeiraria e a vida dele está fluindo normalmente. Para meu filho do meio paguei um curso de solda, está trabalhando na serralheria e aos poucos está caminhando. O meu filho mais novo representa o que Vera Eunice foi para você. É o mais próximo, meu companheiro e ajudante. Fez o curso de caldeiraria também e irá prosperar.

Carolina, depois que minha mãe faleceu, meu pai resolveu morar na minha casa. Apesar de tudo que aconteceu, aceitei. Só não sabia da confusão que ocasionaria junto aos meus irmãos, pois como ele tinha um bom salário, outros irmãos também queriam tomar conta dele. Enfim, virou um caso de Justiça, e perante a juíza meu pai disse que queria ficar comigo. Meus irmãos ficaram sem falar comigo, achando que o estava manipulando para ficar com o dinheiro. Ele morou comigo durante cinco anos. Nesse período teve dois derrames e ficou bastante debilitado. Precisei cuidar dele sozinha. Foi um momento de grandes desafios. Depois de tudo que passei na infância, estava ali trocando suas fraldas. Mas fiz tudo com amor e carinho até o momento em que ele descansou. Aos poucos meus irmãos estão voltando a falar comigo.

Frequentei algumas religiões ao longo dessa caminhada. Depois da morte do meu pai, quase entrei em depressão. Estava me sentindo muito sozinha e sentia falta dele. Foi quando fui convidada a participar da obra divina. Hoje, sou evangélica. Sirvo ao Deus Vivo e dei um novo sentido a minha vida. Comecei a ajudar as pessoas, principalmente aos usuários de drogas. Fico triste em ver seres humanos vivendo como lixo no meio do lixo. Assim como também é maravilhoso vê-los sair das ruas, irem para o centro de recuperação e depois voltarem para suas casas.

Nesse trabalho de evangelização, vivenciei algo que marcou minha vida. Uma pessoa em situação de rua que estava evangelizando morreu queimado vivo. Ele estava dormindo bêbado e um colega jogou álcool e riscou fósforo. Não teve nem condição de ser socorrido a tempo, morreu ali. Nem consegui me despedir, cheguei a ir até o local, mas o corpo já tinha sido removido. Quando penso nessas pessoas, vejo em cada uma os meus filhos.

Como você, Carolina, fui mãe solo e lutei muito para criar meus filhos. Não tive sorte em relacionamentos e quero agora me dedicar a minha missão, terminar os meus estudos e ser enfermeira.”

4.3.10 “Minhas lembranças, meus sonhos e minha vida.” (LIA, 62 anos).

Sou Lia, tenho 62 anos e iniciei o Ensino Médio esse ano através da Educação de Jovens e Adultos. Não tive oportunidade de estudar, pois meu pai foi embora para viver com uma outra mulher e os outros filhos que teve fora do casamento, e como minha mãe

precisou ir trabalhar, precisei cuidar dos meus irmãos e da casa. Ela era empregada doméstica e às vezes ficava quase 15 dias sem ir em casa. Só tinha 9 anos, Carolina, e já tinha uma grande responsabilidade.

Como não podia sair muito, inventávamos muitas brincadeiras dentro de casa para passar o tempo. Brincávamos de gangorras e bambolê. Adorava fazer roupas coloridas para minhas bonecas. Tenho boas lembranças de quando ficava observando minha mãe arrumando a casa e lavando roupa. Com oito anos, minha mãe me deu o primeiro tempero para colocar na panela e peguei o gosto para cozinhar. Fiz até um curso de culinária, doces e salgados, quando fiquei mais adulta.

Sabe, Carolina, durante a infância também sofremos muito com as críticas dos vizinhos. Eles diziam que meu pai tinha ido embora e deixado eu e meus irmãos à toa. Na ausência de minha mãe, tive que dar conta de tudo. Uma vez meu irmão caiu em uma fossa cheia de água, tive a reação de puxá-lo rapidamente pela cabeça. Até hoje, ele lembra do episódio e fica agradecido por ter salvado a vida dele.

Como você, Carolina, para ajudar nossa mãe precisamos começar a trabalhar desde cedo. Minha mãe me colocou cedo para trabalhar, dizia que era para pegar logo o gosto. Aos 11 anos de idade fui trabalhar em uma casa de família na Avenida Sete de Setembro, em Salvador. Desse dia em diante não parei mais de trabalhar.

Na juventude, conheci um rapaz e tive dois filhos. Engravidei da minha primeira filha com 19 anos e do segundo com 21 anos. A minha segunda gestação foi complicada, ele me traiu com duas mulheres que moravam no mesmo bairro, elas eram irmãs e moravam juntas. Eu não aceitei aquela situação e acabamos o relacionamento. Continuei trabalhando, comprei uma casinha e criei meus filhos sozinha. Saía para trabalhar e deixava eles com os vizinhos ou pagava a alguém para cuidar deles.

Quando estava lendo seu diário, todas as vezes em que você descrevia a luta do seu dia a dia para catar papel, vender e depois comprar comida, várias cenas se passavam na minha cabeça, pois senti na pele o que você passou, não de ouvi falar. Saía de casa cedo para trabalhar, ficava preocupada com os meus filhos e em pagar as contas da casa para que nada faltasse. Não tinha tempo para pensar em mim. Em tudo só pensava neles e como deixá-los feliz.

Hoje meus filhos estão crescidos, estudaram e trabalham. Estou orgulhosa por eles serem boas pessoas. Já tenho netos e adoro cuidar deles. Sou uma mãe que se preocupa muito com o bem-estar deles. Adoro fazer carinho nos meus netos, sempre cuidei deles, mesmo quando trabalhava, nas horas de folga queria estar presente.

Carolina, trabalhei de tudo um pouco, de vendedora, cozinheira e serviços gerais. Quando tinha 30 anos fui trabalhar em um cursinho famoso em Salvador. Trabalhei durante 21 anos lá. Consegui uma bolsa para uma sobrinha estudar no cursinho. Ela se formou em Direito pela Universidade Federal da Bahia. Apesar de trabalhar em um lugar de ensino durante esse tempo, não consegui estudar. Confesso que em nenhum momento alguém lá dentro me motivou para isso, mas ficava olhando os jovens estudando para passar na faculdade e sempre acreditei que também chegaria meu dia. Assim como seu sonho foi ser escritora, o meu era completar o Ensino Médio.

E estou prestes a realizar, com fé em Deus! Quando me aposentei, voltei a estudar. Dessa vez estou mais comprometida. Estou fazendo a aceleração para jovens e adultos e no próximo ano irei me formar para a glória de Deus. É muito bom realizar esse sonho. Gosto da escola, dos professores e colegas. Para chegar à escola tenho que andar uma grande distância a pé em ruas um pouco desertas, mas me apego com Deus e vou. Não gosto de faltar e chego na escola sempre mais cedo. Já estou pensando em fazer uma faculdade de enfermagem. Por isso às tardes vou para aulas de reforço. Quero recuperar o tempo perdido e sonhar mais alto.

Quando me aposentei, conheci um rapaz. Ele era amigo de um professor do cursinho onde trabalhei. Gostei dele de verdade, pois me tratava bem. Meus filhos até hoje sentem a falta dele. Mas não estamos mais juntos. Em minhas orações peço a Deus que também realize um outro sonho meu e de minha mãe. Quero me casar na igreja e de papel passado. Ter alguém para partilhar a vida comigo.

Hoje moro sozinha. A minha casa representa muito para mim. É uma vitória concretizada. Como você, lutei muito para conseguir comprar minha casa de tijolos e hoje gosto de cuidar dela. Pela manhã arrumo, faço meus afazeres e minha comida. No início da tarde tiro meu cochilo e faço o reforço escolar. À noite vou para a escola e depois das aulas vou fazer companhia a uma senhora. Foi uma maneira que encontrei de ajudar as pessoas e complementar a renda ao mesmo tempo.

Quando o professor falou da vizinha que você mais gostava, Carolina, lembrei de Dona Dete. Ela era para mim o que Dona Maria Puerta foi para você. Sinto tanta saudade de conversar com ela. Às vezes me sinto sozinha, por isso que nos finais de semana, quando não fico em casa, gosto de visitar meus filhos e amigos e ir ao cinema, à praia e comprar roupas e bolsas nas lojas. No domingo vou para a igreja. Sou evangélica e uma mulher de oração. Gosto de rezar pelas pessoas e participar das correntes de oração.

Hoje o custo de vida está um absurdo. Fui no mercado comprar alguns alimentos e precisei cortar mais coisas da lista. Levo o mesmo dinheiro e saio de lá com menos alimento. Peço a Deus que multiplique o meu salário e não deixe faltar nada para a minha família. Com o dinheiro que recebo preciso pagar as minhas contas, comprar algumas coisas para minha mãe, que está bem velhinha, e os remédio de meu pai.

Você foi uma grande inspiração para mim. Espero que esse meu relato também possa ajudar as pessoas, assim como seu diário e a sua vida me ajudaram. Obrigado, Carolina, por você existir!”

4.4 CAROLINA COMO ATO DE UM AUTO

Na presente subseção, organizaremos sistematicamente os dados da pesquisa de forma que possibilitem a análise de elementos presentes nas autobiografias de Carolina Maria de Jesus que impactam na escrita de si de estudantes negras de uma escola pública. É na análise que o pesquisador estabelece as relações necessárias entre o conteúdo obtido e as hipóteses formuladas, por isso a escolha do título “Carolina como ato de um auto” propôs a ideia de que toda mulher negra deve ser compreendida por ela mesma na sua identidade e subjetividade, pois as histórias de vida nos possibilitam pensar tanto no autor/sujeito como na relação que ele tem com a sociedade na qual está inserido.

Desse modo o projeto literário Carolina Maria de Jesus assume uma amplitude que começa com a apresentação de quem é Carolina para estudantes negras de escola pública, proporciona através das leituras dos seus diários uma reflexão sobre as relações étnico-raciais e sociais, e aprofunda-se na experiência de “escrita de si” com a resignificação da história de vida e do mundo em que se vive.

Para a análise das produções das entrevistas, rodas de conversas e oficinas de “escrita de si” foram realizadas as leituras dos materiais transcritos e das produções dos

ateliês autobiográficos para apreendermos a noção do conjunto e identificarmos as suas particularidades. Depois estabelecemos as categorias de construção de subjetividades, interseccionalidade, subalternidade e decolonialidade como norteadores para a análise e interpretação dos dados.

Por fim, organizamos a análise a partir de três perspectivas: trechos dos diários de Carolina discutidos nas rodas de conversa; transcrições das entrevistas, das rodas de conversa e da oficina da “escrita de si”; e comparação das evidências encontradas nas etapas anteriores a fim de elencar como Carolina impactou na construção das subjetividades das estudantes que a leram, referente à continuidade e descontinuidade de marginalização, discriminação e subalternidade, às novas formas de atravessamento interseccional e novos comportamentos adquiridos de enfrentamentos das realidades vivenciadas.

4.4.1 Através do espelho vejo você, Carolina!

Carolina Maria de Jesus traz em si os estereótipos e os estigmas que cingem a realidade das mulheres negras, pobres e marginalizadas do Brasil. A ela, por muito tempo, foi negada a identidade como sujeito na história do país, e como uma mulher negra foi condicionada a uma situação de marginalização, exclusões e violências. Suas narrativas evidenciam a realidade vivida nesse lugar imposto pela sociedade, o qual chamou de “quarto de despejo”, pois assim o descreveu: “Nós somos pobres, viemos para as margens do rio. As margens do rio são os lugares do lixo e dos marginais. Gente da favela e considerado marginais.” (JESUS, 2014a, p. 54). E classificou São Paulo assim: “O Palácio, é a sala de visita. A prefeitura é a sala de jantar e a cidade é o jardim. E a favela é o quintal onde jogam os lixos” (JESUS, 2014a, p. 32).

Para melhor compreender o processo das identidades negras (MUNANGA, 1999) e as subjetividades (GUATTARI, 2000) que permeiam a história de vida da escritora, precisamos entender como o racismo, o machismo, o patriarcalismo e a subalternização, atravessamentos interseccionais, interferiram na sua construção identitária e subjetiva a partir de um pressuposto da representação negativa e inferiorizada, dificultando o seu pertencimento e a autoafirmação. No livro *Diário de Bitita* (JESUS, 2007), Carolina expressa essa opressão machista quando diz: “tem hora que eu tenho desgosto de ser mulher” (JESUS, 2007, p. 178). E demonstra a sua indignação em relação ao racismo,

pois “[...] o homem que nasce escravo, nasce chorando, vive chorando e morre chorando” (JESUS, 2007, p. 68).

A identidade não se constitui isoladamente, mas em constante relação com outras pessoas e o ambiente (HALL, 2006), e por isso os sujeitos assumem diferentes papéis para se representarem em cada contexto social e cultural. Ao afirmar que “aqui na favela quase todos lutam com dificuldades para viver, mas quem manifesta o que sofre é só eu [...] e faço isso em prol dos outros” (JESUS, 2014a, p. 36), Carolina demarcou o seu lugar de fala e a sua subjetividade no que se refere à sua individualidade como pessoa e no que a diferencia dos outros.

As dificuldades de pertencimento e da autoafirmação de Carolina de Jesus vão além da cor da pele. Ao escrever aquilo que ouviu e viveu, a narradora/personagem testemunha o quanto as mulheres negras foram hipersexualizadas, subalternizadas e invisibilizadas pelos contextos sociais impregnados de sexismo e violências sobrepostas (CAVALCANTI, 2018). Em 15 de julho de 1957, escreveu: “[...] quando passei diante de uma vitrine vi o meu reflexo, desviei o olhar, porque tinha a impressão de estar vendo um fantasma” (JESUS, 2014a, p. 182) e “Minha mãe me obrigava a carregar um feixe de lenha [...] não podia reclamar. Já estava começando a compreender que para viver temos que nos submeter aos caprichos de alguém. Quando não é a mãe, é o esposo ou o patrão.” (JESUS, 2007, p. 117).

Nas narrativas das suas experiências e desilusões, Bitita descreve nas entrelinhas como a colonialidade do poder historicamente foi determinante para a opressão e subalternização das mulheres negras. Primeiro Carolina se sente como um ser humano inferior e confessa: “[...] eu pedi que fizesse eu virar homem [...] queria plantar lavouras e comprar um Ford” (JESUS, 2007, p. 114). Depois exemplifica no diário o comportamento da objetificação do corpo feminino ao escrever: “[...] se a cozinheira tinha filha, pobre negrinha! O filho da patroa a utilizaria para seu noviciado sexual [...]. No fim dos nove meses a negrinha era mãe de um mulatinho ou um pardo.” (JESUS, 2007, p. 40).

Na trajetória de vida de mulher, negra e pobre, Carolina resistiu às múltiplas opressões que lhe foram impostas e precisou ter vários papéis sociais – mãe solo, empregada doméstica, catadora de papel e escritora –, tornando-se performática para superar as dificuldades nas quais estava inserida. Ela não se identificava com o seu contexto vivencial, sonhava em ascender socialmente, idealizava sair da favela e projetava seu futuro na cidade.

21 de maio... Passei uma noite horrível. Sonhei que eu residia numa casa residível, tinha banheiro, cozinha, copa e até quarto de criada. [...] Quando fui pegar outro bife, despertei. Que realidade amarga! Eu não residia na cidade. Estava na favela. Na lama, às margens do rio Tietê. E com 9 cruzeiros apenas. (JESUS, 2014a, p. 39).

E ao projetar-se na sala de visita (cidade), Carolina utiliza-se da “narrativização do eu” (HALL, 2006) para (re)construir suas identidades distorcidas pela miséria e exclusão social impostas pelo colonialismo. A decolonialidade como uma proposta de enfretamento ao pensamento colonial e construção do lugar de fala e visibilidade do sujeito considerado subalternizado é a própria “escrita de si”, utilizada por Carolina como uma forma de fugir das realidades vivenciadas e ao mesmo tempo denunciar o desamparo social e as precariedades da vida na favela.

Carolina não se conformava em residir na favela de Canindé, declarou “[...] que ninguém gosta da favela, mas precisa dela [...] olhava o pavor estampado nos rostos dos favelados” (JESUS, 2014a, p. 190). A convivência com as outras pessoas não era uma prioridade, gostava de “[...] ficar dentro de casa, com portas fechadas [...] de ficar sozinha e lendo. Ou escrevendo!” (JESUS, 2014a, p. 25) e dizia que estava “[...] escrevendo um livro, para vendê-lo. Viso com esse dinheiro comprar um terreno para eu sair da favela. Não tenho tempo para ir na casa de ninguém” (JESUS, 2014a, p. 27).

O gosto pela leitura e escrita é um elemento marcante na obra de Carolina. A publicação do seu livro *Quarto de despejo: diário de uma favelada* (JESUS, 2014a), descrito por ela “como a melhor invenção do homem” (JESUS, 2014a, p. 167), realizou o seu sonho de comprar sua casa de alvenaria e de ser conhecida mundialmente em 14 países. Carolina só frequentou a escola por dois anos, mas a sua intimidade com os livros e o ato de ler transcendeu os muros da escola.

O fato de saber ler e escrever trouxe para Carolina desafetos e ao mesmo tempo o reconhecimento dos moradores da favela. Em 20 de julho de 1955, escreveu em seu diário: “Aqui, todas impricam comigo. Dizem que falo muito bem. Que sei atrair os homens. [...] Quando fico nervosa não gosto de discutir. Prefiro escrever. Todos os dias eu escrevo. Sento no quintal e escrevo.” (JESUS, 2014a, p. 22). Em outro trecho, escrito em 8 de maio de 1960, descreve essa notoriedade da sociedade e o reconhecimento do seu lugar de fala: “[...] fui no açougue. Escolhi um pedaço de carne [...] agora eu falo e sou ouvida. Não sou mais a negra suja da favela” (JESUS, 1961, p. 17) e “[...] os favelados

estavam abismados vendo-me, eu preta, tratada como se fosse uma imperatriz” (JESUS, 1961, p. 40).

4.4.2 Eu também estou vendo vocês, “Carolinas”!

Nesta etapa serão analisados os dados das entrevistas, das rodas de conversas e das oficinas da “escrita de si” com as dez mulheres negras, com idade entre 15 e 62 anos, estudantes do CEPESF dos turnos vespertino e noturno.

A primeira etapa de entrevistas individuais foi realizada nos dias 1, 3, 5 e 8 de agosto de 2022, em uma sala reservada da unidade de ensino, após as aulas do turno vespertino e antes do início das aulas do turno noturno. O objetivo desse encontro foi saber se as estudantes conheciam escritores(as) negros(as) ou tiveram acesso à literatura negra, e se já ouviram falar sobre Carolina Maria de Jesus e seus livros. São perguntas para disparar e estimular as interações para a próxima etapa.

Os encontros das rodas de conversas foram realizados semanalmente, totalizando quatro encontros. Os eixos temáticos contemplados em cada encontro foram, respectivamente: “Carolina Maria de Jesus: Mulher e Negra”; “Carolina Maria de Jesus: Favelada e Catadora de Papel”; “Carolina Maria de Jesus: Mãe Solo e Companheira”; e “Carolina Maria de Jesus: Escritora”. Os encontros aconteceram às segundas-feiras, das 18h às 18h50, no auditório do CEPESF. Ao final de cada encontro foi oferecido um lanche coletivo para as estudantes.

A primeira roda de conversa aconteceu no dia 15 de agosto de 2022, e estiveram presentes todas as estudantes, o pesquisador e uma professora da unidade de ensino que se ofereceu para ajudar como apoio. O objetivo da primeira roda de conversa foi apresentar “Carolina Maria de Jesus: Mulher e Negra”. Na ocasião, foram entregues a cada estudante um classificador com todo o material didático, que foi utilizado durante os encontros, o livro *Quarto de despejo: diário de uma favelada* (JESUS, 2014a) e textos referentes ao *Diário de Bitita* (JESUS, 2007) e *Casa de Alvenaria: diário de uma ex-favelada* (JESUS, 1961).

A segunda roda de conversa, com a temática “Carolina Maria de Jesus: Favelada e Catadora de Papel”, foi realizada em 22 de agosto de 2022 e ressaltou a importância da educação e do conhecimento como ferramentas para o enfrentamento da desigualdade social e na luta pelos direitos humanos. Estiveram presentes nove estudantes e o pesquisador.

“Carolina Maria de Jesus: Mãe Solo e Companheira” foi a temática da terceira roda de conversa, que descreveu como o contexto familiar foi importante na vida de Carolina e ao mesmo tempo deixou cicatrizes, pelas suas relações e vivências. O encontro foi realizado no dia 29 de agosto de 2022 e contou com a participação das dez estudantes, o pesquisador e duas professoras da unidade de ensino que desejaram participar.

O último encontro da roda de conversa foi realizado no dia 1º de setembro de 2022 e estiveram presentes as dez estudantes e o pesquisador. O tema “Carolina Maria de Jesus: Escritora” teve como objetivo promover uma reflexão sobre a sua trajetória de vida, partindo das leituras e discussões sobre trechos dos seus diários que revelam como a escritora enfrentou as adversidades para realizar seu sonho de ser escritora.

As rodas de conversa foram gravadas com a autorização das estudantes e seus respectivos responsáveis e as transcrições dos áudios também foram apresentadas para que pudessem autorizar a utilização dos dados, conforme o Termo de Consentimento Livre Esclarecido (TCLE).

Na terceira etapa foram realizadas as oficinas de “escrita de si”. Foi um momento mais pessoal, subjetivo e personalizado no qual as dez estudantes foram convidadas a experienciar, através da proposta dos ateliês autobiográficos, o momento de escrita. As oficinas aconteceram uma vez por semana, nos dias 17, 24 e 31 de agosto e 9 de setembro de 2022, das 18h às 18h50, na biblioteca da escola, e seguiram a ordem dos eixos temáticos discutidos nas rodas de conversas. O local foi previamente agendado pelo pesquisador junto à direção da escola para garantir um bem-estar às estudantes e as condições favoráveis ao seu processo de escrita. Antes de cada encontro foi entregue um classificador contendo materiais didáticos (canetas, lápis, borracha, apontador e lápis de cor), um caderno personalizado com o nome de cada estudante e um papel com orientações e frases de Carolina Maria de Jesus para estimular a escrita.

4.4.2.1 Os primeiros contatos com Carolina de Jesus

Nesta etapa são apresentados os resultados das 10 entrevistas exploratórias cujo objetivo era saber se as estudantes conheciam escritores(as) negros(as) ou tiveram acesso à literatura negra, e se já ouviram falar sobre Carolina Maria de Jesus e seus livros. As perguntas e suas respectivas respostas foram:

- a) Na escola, você teve alguma formação, acesso ou integrou alguma atividade que trabalhou com histórias de mulheres negras?

Quatro entrevistadas disseram que nunca participaram de nenhuma atividade envolvendo histórias de mulheres negras e seis disseram ter participado de palestras ou de temas específicos. Todas as estudantes mencionaram a existência do projeto da Consciência Negra na unidade de ensino e algumas já participaram do desfile da beleza negra realizado na Culminância do projeto.

- b) Você já teve alguma aula sobre literatura negra ou já foi indicada a leitura de livros de autores negros?

Somente uma entrevistada disse sim, e que gostou muito de ler o livro de Conceição Evaristo em uma atividade na escola. Nove entrevistadas disseram que não tiveram aula sobre literatura negra ou foi indicada qualquer leitura.

- c) Você já ouviu falar de Carolina de Jesus?

Sete entrevistadas nunca ouviram falar em Carolina Maria de Jesus e somente três disseram que sim. Entre as alunas que já ouviram falar, duas estudantes leram na internet que Carolina era uma mulher negra, favelada e usava os papéis para escrever, e uma estudante disse que a mãe utiliza a história de Carolina, como uma mulher negra, com pouco estudo e que enfrentou tudo para ser escritora, para motivá-la, pois a filha quer ser jornalista.

- d) Você já leu algum livro de Carolina de Jesus?

Nove entrevistadas afirmaram que não leram nenhum livro de Carolina Maria de Jesus. Somente uma estudante disse que leu o livro *Antologia Pessoal*, pois gosta muito de poesia.

Ao analisar as respostas das entrevistas exploratórias, à luz do vigésimo aniversário da Lei nº 10.630/03 (BRASIL, 2003), que instituiu a obrigatoriedade do ensino de História e Cultura Africana e Afro-Brasileira, observamos que a aplicabilidade da lei não tem sido efetivada com seriedade por parte do sistema educacional brasileiro.

Segundo os relatos das estudantes, as questões étnico-raciais não são abordadas ao longo do ano letivo durante as aulas. Discussões sobre o racismo, discriminação ou intolerância geralmente são discutidos no mês de novembro ou se limitam ao Dia da Consciência Negra. Faz-se necessário que as escolas tenham um projeto político pedagógico que contemple as diversidades e repense os planos de aulas na perspectiva de uma autenticidade étnica para que as discussões não se limitem apenas ao desfile da beleza negra, conforme as respostas das entrevistadas.

Apesar de a lei prever uma obrigatoriedade do ensino de História e Cultura Africana e Afro-Brasileira com foco nos eixos de história, literatura e artes, nove das dez

estudantes não tiveram aulas sobre literatura negra ou foi indicada a leitura de livros escritos por autores(as) negros(as). A inclusão da literatura afro-brasileira nos debates e discussões em sala de aula é importante para os estudos sobre decolonialidade e possibilita a construção de um espaço de fala e visibilidade de novos saberes e valores.

§ 3º O ensino sistemático de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana na Educação Básica, nos termos da Lei 10639/2003, refere-se, em especial, aos componentes curriculares de Educação Artística, Literatura e História do Brasil. (BRASIL, 2004, p. 32).

É por meio da literatura negra que autores(as) e personagens negros(as) constroem suas identidades e subjetividades, rompendo o racismo estrutural, também enraizado na prática literária. A escritora Carolina de Jesus foi e continua sendo vítima de um silenciamento, esquecimento e apagamento provocados por uma ocultação do saber proposital (STOLER, 2010), no passado pelos padrões canônicos brancos elitistas e atualmente pelo descaso na aplicação da Lei nº 10.639/03 (BRASIL, 2003), visto que somente três das estudantes já haviam ouvido falar de Carolina e somente uma leu um dos seus livros.

4.4.2.2 Percorrendo os caminhos trilhados por Carolina de Jesus

O Projeto literário Carolina de Jesus aproximou as estudantes negras de uma escola pública dos diários autobiográficos da escritora. Ao percorrer os caminhos trilhados por Carolina, as discentes, a partir das rodas de conversas e das oficinas de “escrita de si”, estabeleceram relações entre o passado e o presente; refletiram e ressignificaram suas histórias de vidas; e produziram nos ateliês autobiográficos novos conhecimentos e saberes acerca de si e do mundo.

A interpretação e análise dessas produções permitiram a ampliação das discussões sobre as relações étnico-raciais e identificaram os impactos que as leituras das autobiografias de Carolina de Jesus tiveram na “escrita de si” de mulheres negras, estudantes de escola pública. Nesse contexto, podemos perceber algumas particularidades no que tange às semelhanças e diferenças nas vivências em relação à construção de subjetividade, à interseccionalidade, à subalternidade e à decolonialidade.

A construção das subjetividades é um produto da interação entre o indivíduo e o meio, por isso, muitas vezes, em uma sociedade racista, machista e patriarcal, esse

processo se inicia através dos valores, status e prerrogativas dos brancos. Esse tornar-se negro(a) numa sociedade de classe, ideologia, estética, comportamentos e expectativas dominantes brancas foi um grande desafio para as estudantes da pesquisa.

Mas por um longo período tive dificuldade em me autodefinir e aceitar. Seguia a opinião dos outros no que se refere à aparência e comportamento e aos poucos tornei-me apenas uma cópia de tantas bonecas iguais, sem uma expressão única e singular. Atender as expectativas dos outros era cansativo e incomodava bastante, por isso a sua escrita é tão relevante, pois me lembrou o que sou. (CONCEIÇÃO EVARISTO, 16 anos).

O relato da estudante Conceição Evaristo denuncia a dupla violência sofrida por ela ao tentar assumir um corpo e os ideais de ego do sujeito branco e ao mesmo tempo recusar, negar e anular a presença do seu corpo negro, através dos traços da pele e do cabelo crespo. Na tentativa de uma aceitação e ascensão social, muitas mulheres negras renunciam suas identidades e perdem suas subjetividades. A estudante Miriam partilhou na roda de conversa do dia 15 de agosto de 2022 que, como não tinha os cabelos lisos das primas, começou “a pranchar o cabelo para ser aceita e evitar enfim o *bullying* e os preconceitos” (MIRIAM, 18 anos).

O padrão de classificação gênero-étnico-racial estabelecido pela colonialidade dita o ritmo dessa opressão, pois a experiência de ser mulher e negra está ancorada historicamente à imagem de inferior e subalterna. Pensando nas discussões das rodas de conversa, no momento da oficina de “escrita de si”, Miriam questionou: “qual era a minha culpa? Seria porque sou mulher? Fico indignada com essa ideia machista de que a mulher é um sexo frágil ou um objeto de posse e apropriação”.

Para Ruth,

[...] é cansativo ser uma mulher negra na sociedade. Não que não goste da minha etnia. Mas sempre temos que ser 3 vezes melhores para sermos notadas. Isso acontece na escola e no mercado de trabalho. Precisamos estar sempre arrumadas, senão somos chamadas de desleixadas. O curriculum precisa valer três vezes mais. Uma vez como trabalhadora, outra como mulher e a última como negra. Isso quando passamos da primeira etapa da seleção. Nascemos predestinadas a aceitar ou precisar nos esforçar três vezes mais que um homem branco, duas vezes mais que uma mulher branca e uma vez mais que um homem negro para sermos aceitas.

Em relação à interseccionalidade, como a interdependência das relações de poder de gênero, raça/etnia e classe que marginalizam as mulheres negras, os relatos de racismo,

sexismo e patriarcalismo evidenciam como tais comportamentos são produzidos e reproduzidos para naturalizar as diferenças e justificar a hierarquia de opressão.

[...] tem uma frase que sempre digo: ‘eu odeio homens, mas gosto de homem.’ Não sei se as pessoas conseguirão entender, mas o que vou escrever agora ajudará na compreensão, pois na verdade o que odeio é como os homens são educados por essa sociedade com uma educação machista e sexista. Digo isto pelas observações e experiências vivenciadas. (CONCEIÇÃO EVARISTO, 15 anos).

Para as estudantes, os discursos e comportamentos racista, sexista e patriarcal se iniciam no seio da própria família. Jarid cita como as tidas “brincadeiras” racistas e machistas dos pais são copiadas pelos filhos e, conseqüentemente, serão passadas para as novas gerações: “o tal do racismo estrutural que estou aprendendo agora nas rodas de conversas. É isso que deixa uma criança totalmente constrangida!” (JARID, 18 anos). Tais “brincadeiras” foram experienciadas por várias estudantes, e segundo elas estão presentes em todos os lares, independentemente se a família for branca ou negra.

Já deve imaginar as piadinhas que ouvimos desde crianças, como por exemplo: puxou o nariz pisado do pai e o cabelo de bombril. E quando rebatíamos as brincadeiras, diziam: ‘Aff, só estou brincando, não levem a sério.’ Não sabiam eles que essas brincadeiras me causavam traumas e inseguranças que eu levo comigo até os dias de hoje. O que mais dói é que meus primeiros casos de racismo vieram da minha família [...] Gostaria de entender como esse racismo estrutural acontece [...] minha tia me apelidava de cabelo de assolan, cabelo de bombril [...] a gente dava risada, mas agora sei que é errado. A discriminação e o preconceito racial começam em casa, na própria família. Isso é triste. (JARID, 18 anos).

O patriarcalismo também foi citado pelas estudantes como uma das formas de inferiorização, dominação e subalternização das mulheres através de um sistema de hierarquia baseado em gênero, que atribui mais valor e supremacia aos homens e aos traços e aspectos de masculinidade. Em relação a essa supervalorização do gênero masculino, a estudante Elizandra descreveu um fato marcante da sua infância no seu diário: “Quando éramos crianças, meu pai raspou nosso cabelo, pois ele queria um filho homem e até então havia tido cinco mulheres. Ele comprava tudo de menino [...] eu e minha irmãs lutávamos para ser meninas, a contragosto de meu pai.”

Para Badinter (1981), o patriarcado não se refere apenas à ideia do parentesco masculino ou ao poder do pai. O termo é uma configuração sociocultural que confere aos homens predominância, autoridades e vantagens sobre as mulheres, que em situações de vulnerabilização e/ou ameaças tendem a permanecer numa relação de subordinação e

dependência. Ana Maria relatou o comportamento de seu pai, que “não valorizava minha mãe e a traía muito”, e acrescentou que sua mãe “suportava tudo por causa dos filhos. Como não estudou e não tinha um emprego, teve medo de abandoná-lo e a situação piorar mais ainda”.

Essa dominação masculina (BOURDIEU, 1999) é sustentada por uma tradição cultural e por instituições sociais, políticas e religiosas. Atualmente, vivenciamos um modelo da família brasileira baseada em uma estrutura civil capitalista em concordância ao pensamento patriarcal tradicional, uma vez que ideologias machistas naturalizam o comportamento de dominação e interferem diretamente na construção da subjetividade feminina.

Ela me disse que mulher sem homem era igual a cachorro sem dono. Chorei muito com aquelas palavras, mas precisava continuar de pé. Um ano se passou, Carolina, e sabe o que aconteceu? Ela entrou na minha casa chorando porque o marido tinha ido embora de casa. Então lhe disse: ‘Agora somos duas cachorras sem dono.’ Ela lembrou que tinha me dito isso, chorou e pediu perdão. Eu perdoei, pois não se chuta cachorro sem dono [risos]. (ANA MARIA, 62 anos).

A ideologia de uma dependência feminina em relação ao homem presente no relato da estudante Ana Maria corrobora a ideia de que o colonialismo de fato não se findou enquanto relação social, ao contrário, ele se reinventou através das distinções de papéis e ausência de oportunidades e direitos iguais entre homens e mulheres, e se manteve sustentado por novas formas de dominação e exclusão social.

Minha mãe me colocou cedo para trabalhar, dizia que era para pegar logo o gosto. Aos 11 anos de idade fui trabalhar em uma casa de família [...]. Desse dia em diante não parei mais de trabalhar [...] trabalhei de tudo um pouco, de vendedora, cozinheira e serviços gerais. Quando tinha trinta anos fui trabalhar em um cursinho famoso em Salvador. Trabalhei lá durante vinte e um anos [...] Apesar de trabalhar em um lugar de ensino durante esse tempo, não consegui estudar. Confesso que em nenhum momento alguém lá dentro me motivou para isso, mas ficava olhando os jovens estudando para passar na faculdade e sempre acreditei que também chegaria meu dia. Assim como seu sonho foi ser escritora, o meu era completar o Ensino Médio. (LIA, 62 anos).

O ambiente escolar também foi apontado pelas estudantes como produtor e reproduzidor de comportamentos racistas e sexistas. Ao descrever o seu cotidiano na escola, a estudante Maria Firmina relatou que várias vezes na fila da merenda foi acusada de querer pegar o lanche novamente, e quando conseguia provar que ainda não tinha recebido o alimento, ouvia a desculpa sarcástica da merendeira: “É porque todo preto se

parece.” (MARIA FIRMINA, 18 anos). Em outro trecho, a estudante Conceição Evaristo relata que “no 7º Ano percebi como a nossa educação é machista. Tinha um amigo [...] gostava muito dele, pois era supersensível [...] um dia ele chorou na sala e a professora gritou com ele dizendo que era feio um menino velho chorando”.

Para Catarina Martins (2019), é nos espaços educacionais que se reproduzem comportamentos, se estiguem ou superam preconceitos e defendem valores. Contudo, os ambientes educacionais, que deveriam ser espaços protetivos de direitos humanos, foram mencionados pelas estudantes como excludentes, repressores e desmotivadores quando se trata do(a) estudante negro(a) de escola pública.

No dia 29 de agosto, no terceiro encontro das rodas de conversa, fomos surpreendidos com um episódio lamentável em uma determinada sala do 3º Ano vespertino que impactou as estudantes e foi descrito nos diários da seguinte forma:

Para não falar somente da infância, quero dizer um acontecimento que ocorreu nesse ano de 2022 na sala de aula do 3º Ano. Após receber o resultado da avaliação vocacional, uma colega ficou feliz porque tinha vocação para ser médica e era o seu sonho, mas antes dela concluir a fala, foi interrompida por um professor dizendo que desistisse, pois jamais ela conseguiria, que nem tentasse, pois aluno pobre de escola pública deveria pensar em fazer curso técnico. Acrescentou que o filho dele só entrou em uma boa faculdade porque estudou em um dos melhores colégios particulares de Salvador. Todos na sala ficaram em choque, pois estávamos motivados com o projeto de orientação vocacional e com a palestra do psicólogo, que tinha acabado de acontecer. (MARIA FIRMINA, 18 anos).

Essas palavras machucaram bastante, pois não esperávamos isso de um professor. Tudo bem que ele não acredite na gente, é uma opinião dele. Mas usar do seu poder para desmotivar e humilhar a gente foi constrangedor. Ficamos sem palavras, um olhando para o outro sem acreditar. Quando terminou a aula, ficamos perplexos e alguns alunos até disseram que não iriam mais participar das outras atividades do projeto, pois depois de tudo que ouvimos, não fazia mais sentido. (ALZIRA, 18 anos).

A proposta do lugar de fala sugere refletir sobre as pautas de marginalização, silenciamento e exclusão, assim como romper barreiras, conquistar espaços e oportunidades. Diante do episódio citado, ocorrido na sala do 3º Ano, as estudantes foram motivadas a refletir sobre o “lugar de fala” (RIBEIRO, 2020) e a utilizar a “escrita de si” como uma ferramenta de denúncia. E os resultados dessa ação também foram transcritos nos diários, e sobre essa experiência “caroliniana”, a estudante Alzira escreveu:

[...] tivemos a oportunidade de conhecer Gláucia, filha da auxiliar administrativa da escola, uma mulher negra, pobre e ex-aluna do Edison que se formou em Direito na UFBA e passou na OAB na primeira tentativa que fez. Ela se sentou na mesma cadeira no qual estou nesse momento e a maioria

dos seus professores ainda estão dando aula na escola. Na palestra ela disse que podemos, sim, conquistar o que desejamos, apesar de todos os obstáculos. Estou no quarto de despejo, como você escreveu, enquanto eles estão na sala de visita. Contudo, gostaria de dizer, através da minha escrita, a esse professor que desmotivou a turma, que estar aqui não significa que não desejo sair. O meu destino não está selado, e como disse a advogada Gláucia: ‘O lugar da mulher negra é onde ela quiser.’ É importante sermos incentivados. O papel da escola é construir sonhos, e não os destruir. (ALZIRA, 18 anos).

Os relatos das múltiplas violências ou “violências sobrepostas” (CAVALCANTI, 2018) por parte da sociedade estiveram presentes em todos os encontros das rodas de conversas. Desde a violência física: “[...] ele prendeu minha mãe, eu e minhas irmãs em casa e tocou fogo” (ELIZANDRA, 19 anos); violência psicológica: “[...] chegou ao ponto de me trancar dentro de casa. Não podia ter celular e nem falar com ninguém” (ELIZANDRA, 19 anos); violência moral: “tudo é motivo de os vizinhos falarem [...] comecei a engordar e começaram a dizer que estava grávida.” (ELIZANDRA, 19 anos); violência patrimonial: “[...] elas não conseguem sair dessa situação, pois são pobres e não têm como sustentar os filhos sozinhas.” (RUTH, 19 anos); e violência sexual: “[...] sofri uma tentativa de abuso dentro de minha própria casa e depois fui assediada por um marido de uma tia.” (ANA MARIA, 62 anos).

A identificação com Carolina de Jesus vai além das aparências físicas ou das experiências vivenciadas como mulheres negras. O quarto de despejo, local de moradia caracterizado como um lugar marginal e periférico, também foi um elemento de aproximação e identificação entre a leitoras e a escritora. Ao ver pela primeira vez a foto de Carolina na favela de Canindé, a estudante Elizandra não conteve a emoção, e durante o encontro da roda de conversa do dia 15 de agosto de 2022, exclamou: “Ela parece fisicamente comigo, a mesma cor preta, preta mesmo, e mora também na favela, mas moro em uma casa, lá não tem barraco.” (ELIZANDRA, 19 anos).

O cotidiano dos bairros populares, as antigas favelas, estão descritos nos diários nas “boas lembranças de quando ficava observando minha mãe arrumando a casa e lavando roupa (LIA, 62 anos); nas festas com som alto e bebedeira que terminam sempre com brigas entre “vizinhos, casal e traficantes de drogas” (GENI, 15 anos); na luta diária pela sobrevivência, pois “saía de casa cedo para trabalhar, ficava preocupada com os meus filhos e em pagar as contas da casa para que nada faltasse” (LIA, 62 anos); na falta de perspectiva: “infelizmente preciso deixar de ler e estudar para trabalhar” (ELIZANDRA, 19 anos); na tristeza por um amigo que “infelizmente entrou para o mundo das drogas” (JARID, 18 anos); pôr fim à insegurança, a ponto de precisar “sair pelo telhado para fugir

do tiroteio” (GENI, 15 anos); e na indignação pelo descaso dos órgãos de segurança pública, descrita por Miriam:

Ele me atacou por trás, quis abusar de mim e ameaçou tirar a minha vida depois [...] fui na delegacia registrar o boletim de ocorrência, mas como se tratava de uma mulher e preta, nada foi resolvido. Ao contrário, tentaram colocar a culpa em mim, dizendo que tinha feito alguma coisa para um homem me atacar assim do nada, e que não deveria estar andando assim sozinha na rua.

A ida de Miriam até a delegacia para registrar o boletim de ocorrência foi mencionada como uma das maneiras de resistir à opressão e dominação masculina. Outras ações de lutas e resistências também foram compartilhadas pelas discentes durante os momentos das rodas de conversas. Percebeu-se que a proposta de leitura dos diários de Carolina sob uma perspectiva decolonial ajudou no arcabouço teórico contra esse colonialismo do poder, até então desconhecido pela maioria das estudantes, e os ateliês autobiográficos se constituíram na prática em uma intervenção, pois a “escrita de si” se transformou em um instrumento de tomada de consciência, um espaço de fala e visibilidade que foi grandiosamente ocupado pelas estudantes da pesquisa.

[...] escrever essa carta para você ajudará a organizar as coisas para enfrentar, ressignificar e, a maioria delas, apenas esquecer. Como você, quero esvaziar tudo que sufocava, denunciar o que ameaçava e enfrentar o que amedrontava. Esse momento de escrita de si é uma oportunidade de resgatar o meu protagonismo e reforçar aquilo que sou, uma mulher negra. (GENI, 15 anos).

Como mulheres negras, somos escravizadas de várias formas, pela cor e pelo fato de sermos mulheres. Não quero isso para mim, por isso escrevo aqui agora, SOU UMA MULHER NEGRA LIVRE e ninguém irá mais me amordaçar. (ELIZANDRA, 19 anos).

Esses depoimentos falam por si, traduzem as subjetividades de mulheres negras que através da escrita desejam falar, ser ouvidas e representar a si mesmas: “Quero que as pessoas respeitem minha opinião sobre o que posso ser e o que não posso ser. Quero ser respeitada na minha pauta e no meu modo de ver minha cor.” (GENI, 15 anos); “[...] ser chamada de ‘Carolina’ hoje representa a responsabilidade de trazer na pele as marcas das vivências de uma mulher negra, favelada e estudante de uma escola pública” (MIRIAM, 18 anos).

Apesar de a unidade de ensino ter uma proposta pedagógica que direciona a aplicabilidade da Lei nº 10.369/03 (BRASIL, 2003) através do projeto de Consciência Negras, percebe-se lacunas no processo da formação das estudantes quanto ao

reconhecimento da identidade negra e ao enfrentamento do racismo, sexismo e patriarcalismo. A maioria das estudantes estava cursando o último ano do ensino médio e do EJA e não foram apresentadas aos/às escritores(as) negros(as).

Em relação a essa ausência do contato com escritores(as) negros(as), afirmou Ruth:

Lamento muito só ter lhe conhecido agora, na reta final. Talvez, se tivesse acesso à leitura de escritoras negras, como eu, o enfrentamento das realidades vivenciadas seria diferente. Quantas vezes me senti só, achando que os meus sonhos eram inalcançáveis? Hoje essa distância depende muito mais dos meus esforços e de como enfrento os obstáculos que são colocados no meu caminho. A grande diferença é que não estou sozinha. Tenho você! E continuarei lendo sobre outras mulheres pretas.

Quanto ao desconhecimento de Carolina Maria de Jesus, a estudante Geni escreveu o sentimento de todas após a finalização da pesquisa, ao dizer:

É uma decepção, pois estudamos tantos escritores brasileiros e em nenhum momento, seja em sala de aula, nos livros ou no projeto de Consciência Negra, seu nome foi sequer mencionado. De fato, ainda existe a tentativa do seu silenciamento, apagamento e cancelamento. Por isso já começo a lhe dizer que, se depender de mim, isso não acontecerá. O pouco que já sei sobre você fez uma diferença na minha vida e desejo que outras mulheres negras possam ser impactadas por sua escrita fascinante e realista que ultrapassa o tempo.

Assim como Carolina, as estudantes também escreveram sobre suas referências, ideais, lutas, conquistas e sonhos, que revelaram o quanto assumiram o protagonismo das suas vidas. Como filhas de “guerreiras” (GENI, 15 anos) e mulheres autênticas que foram “criadas para não depender de uma figura masculina para ser feliz” (CONCEIÇÃO EVARISTO, 15 anos), desejam dar aos seus filhos o melhor, por isso é “uma ‘Carolina’ [...] uma mãe solo que fará de tudo para ver seu filho feliz” (MARIA FIRMINA, 18 anos). Elas trazem em si a responsabilidade de “incomodar também pelo que sou, como sou e seja quem for” (ELIZANDRA, 19 anos), pois o “cabelo crespo é como uma coroa natural e ao mesmo tempo pode representar a juba de um leão feroz e poderoso para se defender” (JARID, 18 anos), e consideram-se “mais mulher que muito homem” (MIRIAM, 18 anos). Mulheres negras que sonham em ser “independente” (RUTH, 19 anos), “viajar o mundo” (ALZIRA, 18 anos) e aos 62 anos “fazer enfermagem” (LIA, 62 anos) e “cuidar das pessoas” (ANA MARIA, 62 anos).

4.4.3 Os reflexos das “Carolinas” para o mundo

A articulação da interseccionalidade gênero, raça/etnia e classe e a proposta da decolonialidade permitiram analisar como a leitura das autobiografias de Carolina de Jesus impactaram na construção das subjetividades das mulheres negras que participaram do projeto literário. A análise de dados considerou que existe uma influência da Modernidade/Colonialidade nos espaços e contextos familiares e educacionais que fundamentam e perpetuam as práticas de racismo, sexismo e patriarcalismo nas relações sociais.

Na terceira etapa da análise dos dados alcançados na pesquisa, as evidências encontradas nos relatos transcritos das entrevistas e rodas de conversas, assim como nas cartas escritas nos ateliês autobiográficos, identificaram na atualidade semelhanças e diferenças nas vivências de Carolina de Jesus e das estudantes negras de uma escola pública de gerações distintas. Logo, para a codificação dessa terceira etapa foram consideradas as questões de continuidade e descontinuidade do processo de marginalização, discriminação e subalternidade; as novas formas de atravessamentos interseccionais; e os novos comportamentos adquiridos de enfrentamentos das realidades vivenciadas.

Considerando as questões de continuidade do processo de marginalização, discriminação e subalternidade nos relatos de Carolina e das discentes, a colonialidade do poder através da prática do racismo, sexismo e patriarcalismo produz uma representação negativa da mulher negra, dificultando o seu pertencimento e autoafirmação na sociedade. Assim como colonialidade do saber através do discurso de inferiorização desqualifica o lugar de fala, provocando o silenciamento e a exclusão, enquanto a colonialidade do ser demarca uma hipersexualização, vulnerabilização e objetificação dos corpos negros femininos, incitando violências contra as mulheres negras. Embora a questão temporal e os contextos históricos vivenciados por Carolina de Jesus e as estudantes sejam distintos, mesmo assim é possível perceber que as questões abordadas permanecem sendo identificadas nos diários autobiográficos escritos.

Apesar da colonialidade se reinventar e continuar reproduzindo suas múltiplas opressões e “violências sobrepostas” (CAVALCANTI, 2018), evidencia-se que algumas questões abordadas podem ser interpretadas de maneiras distintas, ou seja, existe uma descontinuidade do processo de marginalização, discriminação e subalternidade em relação às barreiras e aos obstáculos impostos a Carolina de Jesus que atualmente foram

superados pelas estudantes negras, principalmente no que se refere à igualdade de direitos e oportunidades.

Carolina esteve presente na efervescência dos movimentos negros no Brasil, iniciados em 1931, contudo, nessa época ainda não existia um movimento específico contra os preconceitos e as discriminações sofridos pelas mulheres negras. O Movimento de Mulheres Negras (MMN), criado em 1970, é responsável atualmente por várias ações sociais de emancipação financeira e conquistas de espaços nas universidades, mercado de trabalho, política e nas mídias sociais, através dos quais as estudantes sentem-se representadas e valorizadas.

As novas formas de atravessamentos interseccionais estão associadas à multiplicidade de experiências a partir da interrelação gênero, raça/etnia e classe, que constituíram novos significados de opressões relacionados aos marcadores sociais da sexualidade, identidade de gênero e gerações. A leitura dos diários de Carolina permite identificar a interseccionalidade como uma questão de gênero, raça/etnia e classe a partir de alguma predominância de marcadores de privilégios nos grupos, como homem e mulher, branco e negro, burguês e favelado etc. Já na escrita das estudantes, essa interseccionalidade tornou-se mais abrangente, pois o ser mulher negra lésbica e idosa representa novos atravessamentos que vão além do simples reconhecimento da multiplicidade dos sistemas de opressão e condiciona sua interação na produção e na reprodução das desigualdades sociais.

Em resposta às discussões e à experiência de ressignificação da “escrita de si”, as estudantes adquiriram novos comportamentos de enfrentamentos das realidades vivenciadas através da decolonialidade como uma tentativa de legitimar o ser, saber e poder; (re)afirmaram as identidades negras; e ocuparam todos os espaços sociais. A construção e a conquista do lugar de fala e visibilidade através das rodas de conversas ajudaram na participação e elaboração dos planos de aulas e projetos relacionados à Lei nº 10.639/03 (BRASIL, 2003). Assim como o empoderamento feminino negro trouxe acesso ao conhecimento e às oportunidades, incentivou a independência financeira, a decisão de ter filhos e a recomposição das famílias (JACQUET; COSTA, 2004).

A influência das obras de Carolina Maria de Jesus e da “escrita de si” no processo da construção das subjetividades das estudantes negras tem seu ponto forte na identificação e representação. Através da escrita foi possível se reconhecerem uma na vida da outra e verem suas marcas identitárias refletirem para o mundo. E é por isso que dizemos, como outras já disseram: “Muito obrigada, Carolina!”

5 CONSIDERAÇÕES (NUNCA) FINAIS

Como uma pessoa comum, professor, historiador e psicólogo, a experiência de descortinar minhas formações frente à necessidade de reconhecer que as produções autobiográficas são marcas registradas das vivências dignas de uma investigação acadêmica, conduziu-me a Carolina de Jesus e “Outras” semelhantes. Sei que de onde as olhei continua sendo um lugar privilegiado – um homem negro, classe média, que sempre esteve na sala de visita, por isso nunca passou frio ou fome, e por ter uma pele mais clara também não sofreu discriminações ou preconceitos. Contudo, os relatos de humilhação social, opressões, subalternidades e violências vivenciadas por minhas alunas negras me permitiram pensar nelas e em mim em relação a elas.

Carolina foi a ponte para que esse diálogo fosse possível. Foi o megafone para propagar e ecoar essas vozes marginalizadas e invisíveis, pois ao aproximar pedagogicamente as discentes do CEPESF da sua autobiografia, refletimos sobre essa necessidade e direito de falar e de ser ouvida. As rodas de conversas estimularam a expressão de pontos de vista tanto mais pessoais quanto mais críticos, e as oficinas de “escritas de si” revelaram-se como um instrumento sinalizador de resistência e construção das subjetividades.

Carolina Maria de Jesus continua sendo inexplicável. Como sujeita da História, sua escrita proporciona uma visão do passado com reflexos no presente devido às semelhanças encontradas nas vivências nos “quartos de despejos” atuais. Seus diários remetem à emergência de um debate sobre a importância da autobiografia como uma ferramenta de construção da subjetividade para o protagonismo e enfretamento das realidades vivenciadas por mulheres negras.

Percorrer os caminhos trilhados por Carolina de Jesus, reconhecendo as suas marcas identitárias como mulher, negra, favelada, catadora de papel, mãe solo, companheira e escritora, foi um convite feito às dez estudantes negras do CEPESF através do Projeto Literário Carolina Maria de Jesus. O objetivo foi promover os ateliês autobiográficos com inspirações nos três principais diários da escritora: *Quarto de despejo: diário de uma favelada* (JESUS, 2014a), *Casa de alvenaria* (JESUS, 1961) e *Diário de Bitita* (JESUS, 2007), a fim de analisar como os elementos presentes nas autobiografias de Carolina de Jesus impactaram na “escrita de si” das discentes.

O projeto literário Carolina Maria de Jesus foi pensado também como uma proposta que pudesse atender as necessidades do ensino e aprendizagem das relações

étnico-raciais, com o objetivo de inserir as discentes na construção e uma participação mais afetiva. De forma que as discussões nas rodas de conversas e as produções dos ateliês autobiográficos foram digitalizadas em formato de um livro digital para serem trabalhadas durante as aulas ou nos projetos escolares referentes à Lei nº 10.639/03 (BRASIL, 2003).

A pesquisa realizada é qualitativa e a escolha do método autobiográfico como uma abordagem narrativa, utilizando-se da história de vida para observações, construções de análise e reflexões dos fenômenos narrativos atendeu aos objetivos gerais e específicos. O caráter formativo do método exercitou a reflexão e a tomada de consciência individual e coletiva, pois a (re)significação das histórias de vida desencadeou um processo de desconstrução das imagens e estereótipos que se formaram sobre as mulheres negras no decorrer da história do Brasil. Foi também observado durante as rodas de conversas e nos ateliês autobiográficos que, ao falar e/ou escrever, as estudantes (re)construíram um modo próprio de se perceberem em relação a si e aos outros.

A interpretação e análise dessas produções dos ateliês autobiográficos permitiram a ampliação das discussões sobre as relações étnico-raciais e identificaram os impactos que as leituras das autobiografias de Carolina de Jesus tiveram na “escrita de si” das estudantes. Nesse contexto, podemos perceber algumas particularidades na continuidade do processo de marginalização, discriminação e subalternidade nos relatos de Carolina e das discentes em relação ao racismo, sexismo e patriarcalismo; os discursos de inferiorização que desqualificam o lugar de fala, provocando o silenciamento e a exclusão, e ao mesmo tempo demarcam uma hipersexualização, vulnerabilização e objetivação dos corpos negros femininos, incitando violências contra as mulheres negras.

Os dados analisados também serviram de comparação em relação às barreiras e aos obstáculos impostos a Carolina de Jesus e que atualmente foram superados pelas estudantes negras, principalmente no que se refere à igualdade de direitos e oportunidades. Assim como apresentaram novas formas de atravessamentos interseccionais associadas à multiplicidade de experiências a partir da interrelação gênero, raça/etnia e classe, que constituíram formas de opressões relacionadas aos marcadores sociais da sexualidade, identidade de gênero e gerações.

A experiência da “escrita de si” impactou as estudantes na medida em que novos comportamentos de enfrentamento das realidades vivenciadas foram adquiridos, como a legitimação do ser, saber e poder através da afirmação das identidades negras e ocupação dos espaços sociais; a construção e conquista do lugar de fala e visibilidade; a

ressignificação das vivências e participação na elaboração dos planos de aulas e projetos relacionados à Lei nº 10.639/03 (BRASIL, 2003); e o empoderamento feminino negro através do acesso ao conhecimento e às oportunidades de trabalhos e carreiras profissionais.

Somos todos, e para sempre, sujeitos do nosso tempo histórico. Para conseguirmos mudar a realidade de uma sociedade racista, machista e patriarcal, faz-se necessário um esforço coletivo, uma reflexão acerca da colonialidade e uma vivência da decolonialidade. A pesquisa apontou a importância da autoafirmação, pertencimento e representatividade para a construção da identidade da mulher negra. A autobiografia de Carolina impactou na “escrita de si” das estudantes enquanto referência de escritora negra e influenciou no processo de construção das subjetividades, levando-as a refletir e questionar a situação de silenciamento e invisibilidade imposta à mulher negra

O Brasil precisa ler Carolina Maria de Jesus para ver o seu reflexo diante do espelho. A literatura negra se constitui um importante testemunho histórico, e a autobiografia, por tratar da vida, trajetória e questões do cotidiano, contribui para uma identificação, seja enquanto sentimento e vivências experienciadas, seja como uma maneira de relatar e denunciar as situações de opressões. A narrativa de si de Carolina poderá contribuir para a educação, a afirmação da identidade e uma consciência de pertencimento das mulheres negras no Brasil. A sua narrativa é uma comunicação de alguém que ultrapassou a linha divisória entre o quarto de despejo e a sala de visita, por isso que a escritora favelada se tornou um porta-voz da mulher negra da sua época e sua literatura revelou a necessidade de pensar nos contextos educacionais e familiares.

Acreditamos que este trabalho possa contribuir para aproximar estudantes negras dos diários de Carolina Maria de Jesus e proporcionar, a partir das narrativas autobiográficas, uma reflexão sobre suas vidas, no que tange ao seu protagonismo e enfrentamento do racismo e machismo. Ao mesmo tempo, esperamos que o modelo dos ateliês autobiográficos e as cartas escritas nas oficinas sejam utilizadas como uma ferramenta para promover uma reflexão sobre temas e a construção de uma prática pedagógica das aulas e dos projetos relacionados à Lei nº 10.639/03 (BRASIL, 2003) que possibilitem a identificação de novos protagonistas e a reflexão do porquê faz-se necessário o ensino de História e Cultura Africana e Afro-Brasileira nas escolas.

REFERÊNCIAS

AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade**. São Paulo: Sueli Carneiro; Editora Jandaíra, 2020. (Coleção Feminismos Plurais).

ALMEIDA, Silvio Luiz de. **Racismo estrutural**. São Paulo: Sueli Carneiro; Editora Jandaíra, 2021.

ALVAREZ, Sonia E. Para além da sociedade civil: reflexões sobre o campo feminista. **Cadernos Pagu**, n. 43, p. 13-56, 2014.

BADINTER, Elisabeth. **¿Existe el amor maternal**. Barcelona: Paidós-Pomaire, 1981. (Colección Padres e Hijos).

BALLESTRIN, Luciana. América Latina e o giro decolonial. *Revista Brasileira de Ciência Política*, Brasília, DF, n. 11, p. 89-117, maio/ago. 2013. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbcpol/a/DxkN3kQ3XdYYPbwwXH55jvh/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 20 jan. 2023.

BANDEIRA, Lourdes Maria; OLIVEIRA, Eleonora M. de. Trajetória da produção acadêmica sobre as relações de gênero nas ciências sociais. *In: ENCONTRÓ ANUAL DA ANPOCS*, 19., 1990, Caxambu, MG. **Anais [...]**. Caxambu, MG: ANPOCS, 1990.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

BEAUVOIR, Simone. **O segundo sexo: fatos e mitos**. Tradução de Sérgio Milliet. 4. ed. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1980.

BERNARDINO-COSTA, Joaze; GROSGOUEL, Ramón. Decolonialidade e perspectiva negra. **Sociedade e Estado**, v. 31, p. 15-24, 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/se/a/wKkj6xkzPZHGcFCf8K4BqCr/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 23 jan. 2023.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. *In: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes (org.). Usos & abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 1996. p. 183-191.

BOURDIEU, Pierre. Esboço da teoria da prática. *In: ORTIZ, Renato (org.). Pierre Bourdieu/ Sociologia*. 2. ed. São Paulo: Ática, 1994. p. 46-81. (Coleção Grandes Cientistas Sociais).

BOURDIEU, Pierre. **Meditations pascaliennes**. Paris: Seuil, 1997.

BRAH, Avtar. Diferença, diversidade, diferenciação. **Cadernos Pagu**, n. 26, p. 329-376, 2006.

BRASIL. Presidência da República. Casa Civil. **Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003**. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira”, e dá outras providências. Brasília, DF, 2003. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/110.639.htm. Acesso em: 14 dez. 2022.

BRASIL. Ministério da Educação. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana**. Brasília, DF, 2004. Disponível em: <https://www.gov.br/inep/pt-br/centrais-de-conteudo/acervo-linha-editorial/publicacoes-diversas/temas-interdisciplinares/diretrizes-curriculares-nacionais-para-a-educacao-das-relacoes-etnico-raciais-e-para-o-ensino-de-historia-e-cultura-afro-brasileira-e-africana>. Acesso em: 14 dez. 2022.

BRASIL. Presidência da República. Casa Civil. **Lei nº 11.645, de 10 de março de 2008**. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena”. Brasília, DF, 2008. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/111645.htm. Acesso em: 16 dez. 2022.

BUENO, Belmira Oliveira. O método autobiográfico e os estudos com histórias de vida de professores: a questão da subjetividade. **Educação & Pesquisa**, v. 28, p. 11-30, 2002.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

BUTLER, Judith. **Vida precária: os poderes do luto e da violência**. Belo Horizonte: Autêntica Business, 2019.

CAMINI, Isabela. Cartas Pedagógicas. **Cadernos de Educação**, n. 65, 2021. Disponível em: <https://revistas.ufpel.edu.br/index.php/educacao/article/view/3444/2800>. Acesso em: 23 jan. 2023.

CANDIDO, Antônio. A literatura e a formação do homem. **Ciência e Cultura**, São Paulo, v. 24, n. 9, p. 81-90, 1972.

CANDIDO, Antônio. **Literatura e sociedade**. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2000.

CANDIDO, Antônio. **O direito à literatura**. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2011.

CARLOS, Ana Maria; ESTEVES, Antonio R. **Narrativas do eu: memória através da escrita – Ensaios**. Bauru, SP: Canal 16, 2009.

CARNEIRO, Sueli. Mulheres em movimento. **Estudos Avançados**, v. 17, n. 49, p. 117-132, 2003.

- CARNEIRO, Sueli. **Escritos de uma vida**. Belo Horizonte: Letramento, 2018.
- CASTRO, Eliana de Moura; MACHADO, Marília Novais da Mata. Muito bem, Carolina!: biografia de Carolina Maria de Jesus. Belo Horizonte. C/Arte, 2007.
- CAVALCANTI, Vanessa Ribeiro Simon (org.). **Inovação e gênero**: em busca de um mundo inclusivo. Ponta Grossa, PR: Atena, 2021.
- CAVALCANTI, Vanessa. Violência(s) sobreposta(s): contextos, tendências e abordagens num cenário de mudanças. *In*: DIAS, Isabel (org.). **Violência doméstica e de gênero**: uma abordagem multidisciplinar. Lisboa: Pactor, 2018. p. 97-122.
- CAVALCANTI, Vanessa Ribeiro Simon; GOMES, Gina Emília. Violência(s) portas adentro: categorias relacionais como gênero e famílias em foco interdisciplinar. BASTOIS, Ana Cecília de Sousa et al (org.). **Família no Brasil**: recurso para a pessoa e sociedade. Curitiba: Juruá, 2015. p. 313-338. (Coleção Família e Interdisciplinaridade).
- CAVALCANTI, Vanessa Ribeiro Simon; SILVA, Antônio Carlos da. Entre mundos e discursos em prol dos Direitos Humanos: enlaces, agendas e redes ampliadas. *In*: BALLESTEROS, María de la Paz Pando; RAMÍREZ, Alicia Muñoz; RODRÍGUEZ, Pedro Garrido (ed.). **Pasado y presente de los derechos humanos**: Mirando al futuro. Salamanca: Ediciones de la Universidad de Salamanca, 2019. p. 447-459.
- CIAMPA, Antonio da Costa. **A estória do Severino e a história da Severina**: um ensaio de Psicologia Social. São Paulo: Brasiliense, 2001.
- CIAMPA, Antonio da Costa. Identidade. *In*: CODO, Wanderley; LANE, Silvia (org.). **Psicologia social**: o homem em movimento. São Paulo: Brasiliense, 2007. p. 58-75.
- COLLINS, Patricia Hill; BILGE, Sirma. **Interseccionalidade**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2021.
- COMO SURGIRAM as favelas no Brasil. **Casa Vogue**, São Paulo, 30 out. 2018. Disponível em: <https://arqfuturo.com.br/post/como-surgiram-as-favelas-no-brasil>. Acesso em: 1 jul. 2022.
- COMUNIDADE DA TRINDADE. 2009. Disponível em: <https://igrejatrindade.blogspot.com/2009/>. Acesso em: 22 out. 2022.
- COSTA, Fernando Braga da. **Homens invisíveis**: relatos de uma humilhação social. São Paulo: Globo, 2004.
- COUTO, Mia. **Tradutor de chuvas**. São Paulo: Leya, 2015.
- CRENSHAW, Kimberlé Williams. **Black men on race, gender, and sexuality**: a critical reader. New York: NYU Press, 1999.
- CUTI, Luiz Silva. **Literatura negra brasileira**. São Paulo: Selo Negro, 2010. (Coleção Consciência em Debate).

DANTAS, Audálio. O drama da favela escrito por uma favelada. **Folha da Noite**, São Paulo, ano XXXVII, nº 10.885, 9 maio 1958, p. 1 e 9.

D'ÁVILA, Jerry. **Diploma de brancura: política social e racial no Brasil, 1917-1945**. São Paulo: Unesp, 2006.

DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe**. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2016.

DEL PRIORI, Mary. Biografia: quando o indivíduo encontra a História. **Revista Topoi**, v. 10, n. 19, p. 7-16, jul./dez, 2009.

DELORY-MOMBERGER, Christine. Abordagens metodológicas na pesquisa biográfica. **Revista Brasileira de Educação**, v. 17, n. 51, p. 523-536, 2012. Disponível em: <http://educa.fcc.org.br/pdf/rbedu/v17n51/v17n51a02.pdf>. Acesso em: 23 jan. 2023.

DELORY-MOMBERGER, Christine. **Biografia e educação: figuras do indivíduo-projeto**. Tradução de Maria Conceição Passegi, João Gomes da Silva Neto, Luis Passegi. Natal: EDUFRRN, 2006a.

DELORY-MOMBERGER, Christine. Formação e socialização: os ateliês biográficos de projeto. **Educação e Pesquisa**, v. 32, n. 2, p. 359-371, maio/ago. 2006b. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/ep/a/GxgXTXCCBkYzdHzbMrbbkpM/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 16 mar. 2023.

DELORY-MOMBERGER, Christine. Narrativa de vida: origens religiosas, históricas e antropológicas. **Revista Educação em Questão**, Natal, v. 40, n. 26, p. 31-47, 2011. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/5639/563959972003.pdf>. Acesso em: 16 jan. 2023.

DEMO, Pedro. **Introdução da metodologia**. São Paulo: Atlas, 1987.

DERRIDA, Jacques. **Essa estranha instituição chamada literatura: uma entrevista com Jacques Derrida**. Tradução de Marileide Dias Esqueda. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.

DOMINGUES, Petrônio. O mito da democracia racial e a mestiçagem no Brasil (1889-1930). **Diálogos Latinoamericanos**, n. 10, p. 116-131, 2005. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/162/16201007.pdf>. Acesso em: 12 dez. 2022.

DONATI, Pierpaolo. **Família no século XXI**. Abordagem relacional. São Paulo: Paulinas, 2008.

DOSSE, François. **O desafio biográfico: escrever uma vida**. São Paulo: Edusp, 2016.

DUSSEL, Enrique. Eurocentrism and Modernity (Introduction to the Frankfurt Lectures). *Boundary 2*, v. 20, n. 3, p. 65-76, 2000.

EAGLETON, Thierry. **Teoria da literatura: uma introdução**. Tradução: Waltensir Dutra-6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

ELIAS, Norbert. **A sociedade dos indivíduos**. Tradução: Vera Ribeiro. Revisão técnica e notas: Renato Janine Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

ENGELMANN, Franciele. **Processos de constituição dos vínculos familiares em pessoas adultas que vivenciaram a situação de rua, membros da comunidade da Trindade**. 2019. Tese (Doutorado em Família na Sociedade Contemporânea) – Programa de Pós-Graduação em Família na Sociedade Contemporânea, Universidade Católica do Salvador (UCSal), Salvador, 2019.

EVARISTO, Conceição. **Becos da memória**. São Paulo: Pallas, 2017.

EVARISTO, Conceição. Da representação à auto-apresentação da mulher negra na literatura brasileira. **Revista Palmares**, Brasília, DF, ano 1, n. 1, p. 52-57, 2005.

EVARISTO, Conceição. Escritivências da afro-brasilidade: história e memória. **Releitura**, Belo Horizonte, n. 23, p. 1-17, 2008.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Salvador: EDUFBA, 2008.

FARIAS, Tom. **Carolina**: uma biografia. Rio de Janeiro: Malê, 2018.

FARIAS, Tom. **Uma revolução chamada Carolina Maria de Jesus**. Curso on-line ministrado nos dias 23 a 27 de março de 2021, patrocinado pela Diáspora Black. Disponível em: <https://eventos.diaspora.black/products/531/uma-revolucao-chamada-carolina-maria-de-jesus>. Acesso em: 12 dez. 2022.

FERNANDES, Claudio. 20 de Novembro – Dia da Consciência Negra. **Brasil Escola**. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/datas-comemorativas/dia-nacional-da-consciencia-negra.htm>. Acesso em: 11 mar. 2023.

FERRAROTTI, Franco. Sobre a autonomia do método biográfico. In: NÓVOA, António; FINGER, Mathias (org.). **O método (auto)biográfico e a formação**. Lisboa: Ministério da Saúde/Departamento de Recursos Humanos da Saúde/Centro de Formação e Aperfeiçoamento Profissional, 1988. p. 17-34.

FONSECA, João José Saraiva. **Apostila de metodologia da pesquisa científica**. 2002.

FOUCAULT, Michel. **O que é um autor?** Lisboa: Passagens, 2000, p. 200-210.

FRANCO, Paki Venegas; CERVERA, Julia Pérez. **Manual para o uso não sexista da linguagem**. O que bem se diz... bem se entende. 2006. Disponível em: <https://mulherespaz.org.br/site/wp-content/uploads/2021/04/manual-para-o-uso-nao-sexista-da-linguagem.pdf>. Acesso em: 5 fev. 2023.

FREIRE, Paulo. Educação “bancária” e educação libertadora. **Introdução à psicologia escolar**, v. 3, p. 61-78, 1997.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 63. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2017.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2002.

GOFFMAN, Erving. **Estigma**: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. Tradução: Mathias Lambert. 4, ed. Sabotagem, 1988. Disponível em: https://www.mprj.mp.br/documents/20184/151138/goffman,erving.estigma_notassobrea%20manipulacaodaidentidadedeteriorada.pdf. Acesso em: 9 mar. 2023.

GOMES, Nilma Lino. Relações étnico-raciais, educação e descolonização dos currículos. **Currículo sem Fronteiras**, v. 12, p. 98-109, 2012. Disponível em: https://moodle.ufsc.br/pluginfile.php/5298127/mod_resource/content/1/%C3%89tnico-racial%202.pdf. Acesso em: 9 mar. 2023.

GONZALEZ, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. **Revista Ciências Sociais Hoje** – Anuário de Antropologia, Política e Sociologia, p. 223-244, 1984. Disponível em: file:///C:/Users/Anderson%20Dias/Downloads/Racismo_e_Sexismo_na_Cultura_Brasileira.pdf. Acesso em: 10 jan. 2023.

GONZALEZ, Lélia; HASENBALG, Carlos. **Lugar de negro**. São Paulo: Marco Zero, 1982.

GOODSON, Ivor (ed.). **Studying teachers' lives**. London: Routledge, 1992.

GOSS, Karine Pereira. Retóricas em disputa: o debate entre intelectuais em relação às políticas de ação afirmativa para estudantes negros no Brasil. **Ciências Sociais Unisinos**, v. 45, n. 2, p. 114-124, 2009. Disponível em: http://redeacaoafirmativa.ceao.ufba.br/uploads/unisinos_artigo_2009_KPGoss.pdf. Acesso em: 18 jan. 2023.

GROSFUGUEL, Ramón. Para decolonizar os estudos de economia política e os estudos pós-coloniais: transmodernidade, pensamento de fronteira e colonialidade global. **Periferia**, v. 1, n. 2, p. 115-147, 2009.

GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely. **Micropolítica**: cartografias do desejo. 6. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

GUEDES, Maria. Gênero, o que é isso? **Psicologia**: ciência e profissão, v. 15, p. 4-11, 1995. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1414-98931995000100002>. Acesso em: 20 jan. 2023.

GUIMARÃES, Antonio Sérgio Alfredo. Como trabalhar com “raça” em sociologia. **Educação e Pesquisa**, v. 29, n. 1, p. 93-107, 2003. Disponível em: <http://educa.fcc.org.br/pdf/ep/v29n01/v29n01a08.pdf>. Acesso em: 16 dez. 2022.

GUIMARÃES, Geny Ferreira. Até onde Carolina nos leva com seu pensamento? Ao poder. In: DINHA; FERNANDEZ, Raffaella (org.). **Onde estaes felicidade?** Carolina Maria de Jesus. São Paulo: Me Parió Revolução, 2014. p. 77-98.

GUTFREIND, Cristiane Freitas (org.). **Narrar o biográfico**: a comunicação e a diversidade da escrita. Porto Alegre: Sulina, 2015.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva & Guaciara Lopes Louro. Rio de Janeiro: Lamparina, 2006.

HALL, Stuart. **Da diáspora**. Identidades e mediações culturais. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

HALL, Stuart. Quem precisa da identidade? *In*: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). **Identidade e diferença**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004. p. 103-133.

HARAWAY, Donna. “Gênero” para um dicionário marxista: a política sexual de uma palavra. **Cadernos Pagu**, n. 22, p. 201-246, jun. 2004. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-83332004000100009>. Acesso em: 12 dez. 2022.

HIRANO, Luis Felipe Kojima, ACUÑA, Maurício; MACHADO, Bernardo Fonseca (org.). **Marcadores sociais das diferenças**: fluxos, trânsitos e intersecções. Goiânia: Editora Imprensa Universitária, 2019. (Coleção Diferenças).

HIRATA, Helena. Gênero, classe e raça Interseccionalidade e consubstancialidade das relações sociais. **Tempo Social**, v. 26, p. 61-73, 2014.

JACQUET, Christine; COSTA, Livia Fialho da. As práticas educativas nas famílias recompostas: notas preliminares. **Sociedade e Cultura**, v. 7, n. 2, p. 179-189, 2004. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/fcs/article/view/982/1185>. Acesso em: 23 jan. 2023.

JESUS, Carolina Maria de. **Antologia pessoal**. Organização de José Carlos Sebe Bom Meihy. Revisão de Armando Freitas Filho. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1996a.

JESUS, Carolina Maria de. **Casa de alvenaria**: diário de uma ex-favelada. São Paulo: Livraria Francisco Alves, 1961.

JESUS, Carolina Maria de. **Clíris**: poemas recolhidos. Organização de Raffaella Fernandez e Ary Pimentel. Rio de Janeiro: Desalinho, 2019.

JESUS, Carolina Maria de. **Diário de Bitita**. Sacramento, MG: Bertolucci, 2007.

JESUS, Carolina Maria de. **Meu estranho diário**. Organização de José Carlos Sebe Bom Meihy e Robert Levine. São Paulo: Xamã, 1996b.

JESUS, Carolina Maria de. **Meu sonho é escrever...** contos inéditos e outros escritos. Organização de Raffaella Fernandez. São Paulo: Ciclo Contínuo, 2018.

JESUS, Carolina Maria de. **Onde estaes felicidade?** Organização de Dinha e Raffaella Fernandez. São Paulo: Me Parió Revolução, 2014b.

JESUS, Carolina Maria de. **Pedaços da fome**. São Paulo: Águila, 1963a.

JESUS, Carolina Maria de. **Provérbios**. São Paulo: Edição Popular, 1963b.

- JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo**: diário de uma favelada. Ilustração Vinicius Rossignol Felipe. 10. ed. São Paulo: Ática, 2014a.
- JOZEFF, Bella Karacuchansky. (Auto) biografia: os territórios da memória e da História. *In*: AGUIAR, Flavio. **Gêneros de fronteira**: cruzamento entre o histórico e o literário. São Paulo: Xamã, 1997. p. 217-225.
- KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação**: episódios de racismo cotidiano. Tradução Jess Oliveira. 1. ed. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.
- LEITE, Ana Mafalda. Pós-colonial/ismo: conceito e conflitos. *In*: GARCIA, Flavio; MATA, Inocência (org.). **Pós-colonial e pós-colonialismo**: propriedade e apropriações de sentido. Rio de Janeiro: Dialogarts Publicações, 2016. p. 65-70.
- LEITE, Carlos Roberto Saraiva da Costa. A Frente Negra Brasileira. **Portal Geledés**, São Paulo, 14 dez. 2017. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/frente-negra-brasileira-2/>. Acesso em: 5 mar. 2023.
- LOURO, Guacira Lopes. Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista. 16. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.
- MALDONADO-TORRES, Nelson. Sobre la colonialidad del ser: contribuciones al desarrollo de um concepto. *In*: CASTRO-GÓMEZ, Santiago; GROSFUGUEL, Ramón. **El giro decolonial**: reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo. Bogotá: Siglo del Hombres Editores, 2007. p. 127-167.
- MARTINS, Catarina Isabel Caldeira. Desalinhar abismos no reverso do moderno: perspectivas feministas pós-coloniais para “um pensamento alternativo das alternativas”. *In*: SOUSA SANTOS, Boaventura; MARTINS, Bruno Sena. **O pluriverso dos direitos humanos**: a diversidade das lutas pela dignidade. Coimbra: Almedina, 2019. p. 531-554.
- MAYRING, Phillip. **Introdução a pesquisa social qualitativa**: uma introdução para pensar qualitativamente. 5. ed. Weinheim: Beltz, 2002.
- MEANA SUÁREZ, Teresa. **Palabras no se las lleva el viento...** Por un uso no sexista de la lengua. 2004. Disponível em: <http://web.psoe.es/source-media/000000336500/000000336696.pdf>. Acesso em: 16 jan. 2023.
- MEIHY, José Carlos Sebe Bom; LEVINE, Robert M. **Cinderela negra**: a saga de Carolina Maria de Jesus. 2. ed. Sacramento, MG: Bertolucci, 2015.
- MELO, Pedro da Silva de. **Carolina Maria de Jesus e a paixão pela escrita**: um estudo sociolinguístico de *Quarto de Despejo*. 2014. 172 f. Dissertação (Mestrado em Filologia e Língua Portuguesa) – Programa de Pós-graduação em Filologia e Língua Portuguesa, Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, 2014. Disponível em: https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8142/tde-27062014-104330/publico/2014_PedroDaSilvaDeMelo_VCorr.pdf. Acesso em: 16 dez. 2022.

MIGNOLO, Walter D. Colonialidade: o lado mais escuro da modernidade. Tradução de Marco Oliveira. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 32, n. 94, p. 1-18, 2017.

Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/rbcsoc/a/nKwQNPrx5Zr3yrMjh7tCZVk/?format=pdf&lang=pt>.

Acesso em: 23 jan. 2023.

MIGNOLO, Walter D. **La idea de América Latina: la herida colonial y la opción decolonial**. Barcelona: Editorial Gedisa Blackwell Publishing, 2007.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. São Paulo: Hucitec, 2000.

MIRANDA, Bruno. **Método quantitativo versus método qualitativo**. 2018.

Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/csc/a/8MGqFCjhjvXKQsq37t6q7PK/?format=pdf&lang=pt>.

Acesso em: 10 mar. 2023.

MOREIRA, Lúcia Vaz de Campos *et al.* **Abordagem relacional da família**. Semana de Mobilização Científica (SEMOC) – Segurança: a paz é o fruto da justiça. 2009.

MUNANGA, Kabengele. **Rediscutindo a mestiçagem no Brasil – identidade nacional versus identidade negra**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.

MUNANGA, Kabengele. **Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia**. 2003. Disponível em: <https://www.ufmg.br/inclusaosocial/?p=59>.

Acesso em: 16 dez. 2022.

NASCIMENTO, Érica Peçanha. **“Literatura marginal”**: os escritores de periferia entram em cena. 2006. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, 2006.

NÓVOA, Antônio. **Formação e profissão docente**. 1992. Disponível em:

https://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/4758/1/FPPD_A_Novoa.pdf. Acesso em: 25 jan. 2023.

NÓVOA, António; FINGER, Mathias (org.) **O método (auto)biográfico e a formação**. Lisboa: Ministério da Saúde/Departamento de Recursos Humanos da Saúde/Centro de Formação e Aperfeiçoamento Profissional, 1988.

PESAVENTO, Sandra J. **História & história cultural**. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

PETRINI, Giancarlo; ALCÂNTARA, Miriã Alves Ramos de; MOREIRA, Lucia Vaz de Campos; REIS, Lilian Perdigão Caixêta; FONSECA, Ricardo Sampaio da Silva; DIAS, Marcelo Couto. Família, capital humano e pobreza: entre estratégias de sobrevivência e projetos de vida. **Memorandum**, v. 22, p. 165-186, 2012.

QUEIROZ, Leide Fernanda de Oliveira Queiroz. **Levante-te e anda: pessoa em situação de rua, vida familiar e direitos humanos**. 2020. Dissertação (Mestrado em Família na Sociedade Contemporânea) – Programa de Pós-graduação em Família na

Sociedade Contemporânea, Universidade Católica do Salvador (UCSal), Salvador, 2020.

QUIJANO, Anibal. Colonialidade do poder e classificação social. *In*: SANTOS, Boaventura de Sousa; MENEZES, Maria Paula (org.). **Epistemologias do sul**. São Paulo: Cortez, 2010. p. 84-130.

QUIJANO, Anibal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. *In*: QUIJANO, Anibal. **A colonialidade do saber**: eurocentrismo e ciências sociais, perspectivas latino-americanas. Buenos Aires: Conselho Latino-americano de Ciências Sociais (CLASCO), 2005. p. 117-142.

RIBEIRO, Djamila. **Lugar de fala**. São Paulo: Jandaíra, 2020.

RICOEUR, Paul. O si-mesmo como um outro. Tradução de Lucy Moreira Cesar. Campinas, SP: Papirus, 1991.

ROCHA, Wesley Henrique Alves da. **Diário de Bitita, de Carolina Maria de Jesus**: saltando os muros da subalternidade. 1. ed. Salvador: Devires, 2021.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes. *In*: SANTOS, Boaventura de Sousa; MENEZES, Maria Paula (orgs.). **Epistemologias do sul**, Coimbra: Edições Almedina, 2009.p. 23-72.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **A gramática do tempo**: para uma nova cultura política. São Paulo: Cortez, 2008.

SANTOS, Joel Rufino dos. **Carolina Maria de Jesus**: uma escritora improvável. Rio de Janeiro: Guaramond, 2009.

SANTOS, Lorene dos. Ensino de História e a Lei 10.639/2003: diálogos entre campos de conhecimentos, diretrizes curriculares e desafios da prática. **Cadernos de História**, Belo Horizonte, v. 12, n. 17, 2º semestre, 2011. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/277183034_Ensino_de_Historia_e_a_Lei_1063903_dialogos_entre_campos_de_conhecimento_diretrizes_curriculares_e_os_desafios_da_pratica_-_DOI_105752P2. Acesso em: 9 mar. 2023.

SASSAKI, Romeu Kazumi. Nada sobre nós sem nós: da integração à inclusão. **Revista Nacional de Reabilitação**, ano 10, n. 58, p. 20-30, set./out. 2007. Disponível em: <https://www.sinprodf.org.br/wp-content/uploads/2012/01/nada-sobre-n%C3%93s-sem-n%C3%93s.pdf>. Acesso em: 23 jan. 2023.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade**, v. 20, n. 2, p. 71-99, jul./dez. 1995. Disponível em: https://www.4shared.com/office/XCWKugpJ/joan_scott_-_gnero_uma_categoria.html. Acesso em: 10 dez. 2022.

SEGATO, Rita Laura. **Raça é signo**. Inclusão Social, identidade e diferença: perspectivas pós-estruturalistas de análise social. São Paulo: Anna Blume, 2006.

SEGATO, Rita Laura. Aníbal Quijano y la Perspectiva de la Colonialidad del Poder. *In*: SEGATO, Rita Laura. **La crítica de la colonialidad em ocho ensayos y una Antropología por demanda**. Buenos Aires: Prometo, 2015. p. 10-41.

SOARES, Mei Hua. **A literatura marginal-periférica na escola**. 2008. 157 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, 2008.

SOUZA, Jessé. **A construção social da subcidadania: para uma sociologia política da modernidade periférica**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012.

SOUZA, Jessé. **A modernização seletiva: uma reintegração do dilema brasileiro**. Brasília, DF: UnB, 2000.

SOUZA, Jessé. Raça ou classe? Sobre a desigualdade brasileira. **Lua Nova**, São Paulo, n. 65, p. 43-69, ago. 2005.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Pode o subalterno falar?** Tradução de Sandra Regina Goulart Almeida, Marcos Pereira Feitosa e André Pereira Feitosa. Belo Horizonte: UFMG, 2010.

STEPAN, Nancy Leys. **A hora da eugenia: raça, gênero e nação na América Latina**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2005.

STOLER, Ann Laura. L'aphasie coloniale française: l'histoire mutile. *In*: BANCEL, Nicolas *et al.* (org.). **Ruptures postcoloniales**. Les nouveaux visages de la Société Française. Paris: La Découverte, 2010. p. 62-78.

TAYLOR, Charles. To follow a rule. *In*: CALHOUN, Craig; LIPUMA, Edward; POSTONE, Moishe (ed.). **Bourdieu: critical perspectives**. Chicago: University of Chicago Press, 1993. p. 45-61.

TRUTH, Sojourner. E não sou uma mulher? – Sojourner Truth. **Portal Geledés**, 8 jan. 2014. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/e-nao-sou-uma-mulher-sojourner-truth/>. Acesso em: 12 dez. 2022.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO. Comissão Acadêmica do Conselho de Coordenação do Centro de Filosofia e Ciências Humanas (CFCH). **Proposta de Título de Doutora Honoris causa à Carolina de Jesus**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2020. Disponível em: http://www.cfch.ufrj.br/images/parecer_comissao_academica_cfch_honoris_causa_carolina_de_jesus. Acesso em: 1 jul. 2022.

VAZ, Livia Maria Santana. Anastácias encarnadas, Candaces da Justiça. **Revista Flor de Dendê**, Rio de Janeiro, jul. 2017. Disponível em: <http://flordedende.com.br/anastacias-encarnadas-candaces-da-justica/>. Acesso em: 12 dez. 2022.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica conceitual. *In*: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000. p. 7-72.

APÊNDICE A – Roteiro da entrevista – Etapa 1

**ROTEIRO SEMIESTRUTURADO DE ENTREVISTA COM OS DISCENTES DA PESQUISA**

Projeto de Pesquisa – Entre Textos autorais e Contextos Educacionais e Familiares: a contribuição da escrita de si de Carolina Maria de Jesus para a construção das subjetividades das mulheres negras de escola pública.

Pesquisador: Anderson dos Santos Dias.

Na primeira etapa será realizada as entrevistas individualizadas a partir de um roteiro orientador abaixo, de caráter parcial – não fechado – e observando a complexidade das relações e vivências narradas e podem ser captadas em mais de uma sessão, caso seja necessário (prevista para realização em aproximadamente 50 minutos, excetuando-se o tempo para leitura e explicação do termo de consentimento livre esclarecido).

Idade _____

Série: _____

Turno: () vespertino () noturno

Religião (caso possua): _____

01. Na escola, você teve alguma formação, acesso ou integrou alguma atividade que trabalhou com histórias de mulheres negras? Se sim, comente um pouco dessa atividade.

02. Você teve alguma aula sobre literatura negra ou já foi indicada a leitura de livros de autores negros? Se sim, comente um pouco e se lembrar cite os livros indicados.

03. Você já ouviu falar da escritora Carolina Maria de Jesus? Se sim, comente um pouco sobre o que você lembra.

04. Você já leu algum livro de Carolina Maria de Jesus? Se sim, poderia dizer qual foi e o que você achou.

APÊNDICE B – Roteiro das rodas de conversas – Etapa 2



ROTEIRO PARA AS RODAS DE CONVERSA COM OS DISCENTES DA PESQUISA

Projeto de Pesquisa – Entre Textos autorais e Contextos Educacionais e Familiares: a contribuição da escrita de si de Carolina Maria de Jesus para a construção das subjetividades das mulheres negras de escola pública.

Pesquisador: Anderson dos Santos Dias.

Na segunda etapa serão realizadas rodas de conversas, onde coletivamente, 08 a 12 mulheres negras alunas do Ensino Médio e EJA, turno vespertino e noturno, do CEPESF, irão estudar as produções autobiográficas e biográficas sobre Carolina Maria de Jesus e observar, conversar e reconhecer como os elementos presentes nos textos impactam na escrita de si das estudantes. Serão realizados quatro encontros com eixos temáticos: Carolina Maria de Jesus: Mulher e Negra; Carolina Maria de Jesus: Semianalfabeta, Favelada e Catadora de Papel; Carolina Maria de Jesus: Mãe e Companheira; e Carolina Maria de Jesus: Escritora. Cada encontro terá 50 minutos de duração. Utilizaremos vídeos, músicas e textos relacionados a Carolina Maria de Jesus, assim como perguntas provocativas para motivar e estimular diálogos sobre identidades, subjetividades, racismo, gênero e projeto de vida.

PRIMEIRO ENCONTRO- Carolina Maria de Jesus: Mulher Negra.

Local da reunião: Auditório do CEPESF

Data: 12 de agosto de 2022

Horário da reunião: das 18h00 às 18h50 (finalizaremos com um café compartilhado)

Objetivo: Apresentar a escritora Carolina Maria de Jesus e sua trajetória de vida promovendo uma reflexão sobre as diferentes identidades que compõem a sua personalidade, aprofundando nesse primeiro momento as questões de gênero e etnia.

Propostas:

- Exibição do vídeo *Carolina Maria de Jesus (1914-1917) – Heróis de Todo Mundo* (<https://www.youtube.com/watch?v=mLkJy86VU84>), seguido de um bate

papo (questões norteadoras: Qual o nome da personagem principal do vídeo? Qual é a sua origem racial e social? Quais foram as dificuldades enfrentadas ao longo da vida? Qual o caminho escolhido para superar essas dificuldades?).

- Apresentar fotos de outras mulheres negras e conversar um pouco sobre o protagonismo exercido em suas ações sociais, políticas e culturais ao longo da História (Dandara, Maria Firmina, Harriet Tubman, Tia Ciata, Mãe Menininha de Gantois, Ruth de Souza, Conceição Evaristo, Sueli Carneiro etc.). No final dos slides aparecerá fotos individuais das alunas e será solicitado que se apresentem livremente.
- Leitura dinâmicas de trechos dos livros *Quarto de Despejo: diário da favelada*, *Casa de Alvenaria: diário de uma ex-favelada* e *Diário de Bitita*, de Carolina, relacionados ao fato de ser Mulher Negra e abertura para discussões sobre o racismo e o machismo.
- Finalizar a declamação do poema “vidas” por Carolina no livro *Antologia Pessoal*, páginas 234 e 235, ou leitura do cordel sobre Carolina Maria de Jesus adaptado pela autora Jarid Arraes.

SEGUNDO ENCONTRO- Carolina Maria de Jesus: Semianalfabeta, Favelada, Catadora de papel.

Local da reunião: Auditório do CEPESF

Data: 19 de agosto de 2022

Horário da reunião: das 18h00 às 18h50 (finalizaremos com um café compartilhado)

Objetivo: problematizar a trajetória de Carolina Maria de Jesus, ressaltando a importância da educação e do conhecimento como uma importante ferramenta para o enfrentamento da desigualdade social e na luta pelos Direitos Humanos.

Propostas:

- Leitura de trechos do capítulo *A escola* do *Diário de Bitita* (páginas 149 a 157), utilizando como música de fundo *O Caderno*, de Chico Buarque. Após a leitura partilhar um pouco sobre as lembranças dos primeiros anos da escolarização e a importância da escola atualmente.
- Exibição de fotos de Carolina na favela de Canindé e leitura de trechos do livro *Quarto de Despejo: diário de uma favelada*, no qual a escritora fala do cotidiano da favela. Após a leitura dinâmica, colocar fotos das favelas/ bairros populares de Dias d’Ávila, disponibilizar um tempo para o bate papo (questões norteadoras: como podemos descrever a favela de Canindé através destes relatos? Quais são as semelhanças e diferenças entre a favela onde Carolina morou para as favelas/bairros populares atuais? Podemos afirmar que independentemente do local, a vida nas favelas é a mesma?) e discuti sobre desigualdades sociais e violências.
- Explicar, utilizando trechos dos livros *Quarto de Despejo: diário de uma favelada* e *Casa de Alvenaria: diário de uma ex-favelada*, como Carolina saiu do quarto de despejo (a favela) e passou a residir na Casa de Alvenaria. Após a explicação, abrir novamente a roda de conversa (questões norteadoras: vocês conhecem pessoas que tenham vividos em favelas/bairros populares e se tornaram reconhecidos e/ou famosos pelos trabalhos realizados?).

- Finalizar o encontro com Carolina Maria de Jesus cantando as suas composições, em *Quarto de despejo (1961)*, disco gravado por Carolina com músicas autorais. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=t3dzlAr4euo>.

TERCEIRO ENCONTRO- Carolina Maria de Jesus: Mãe solo e companheira.

Local da reunião: Auditório do CEPESF

Data: 26 de agosto de 2022

Horário da reunião: das 18h00 às 18h50 (finalizaremos com um café compartilhado)

Objetivo: Descrever como o contexto familiar foi importante na vida de Carolina Maria de Jesus e como a vida familiar pode ser afetada pelas relações e vivências sociais.

Proposta:

- Disponibilizar revistas e jornais para que cada aluna escolha uma imagem ou palavra que melhor define o seu conceito de família. Iniciar um momento breve de partilha sobre esse conceito.
- Exibir a árvore genealógica de Carolina, com fotos dos familiares e alguns trechos dos livros em que descreve suas lembranças, afetos e vivências familiares. Abertura da roda de conversas sobre a ideia do cuidar e do ser cuidado, tendo como base duas citações escolhidas do romance *Pedaços da fome*, escrito por Carolina Maria de Jesus.
- Escolher cinco alunas para fazer uma leitura dinâmica de depoimentos dos filhos e amigos sobre “Carolina, mãe e companheira”. Momento de partilha livre sobre os fatos mencionados no depoimento.
- Fazer uma dinâmica com a temática: Ser ou não Ser Mãe, eis a questão? (Sugestão da dinâmica interativa envolvendo bola de assoprar) O objetivo é discutir as imposições da sociedade à mulher e os desafios enfrentados por ela. Abertura para a roda de conversa sobre o assunto.

QUARTO ENCONTRO- Carolina Maria de Jesus: Escritora

Local da reunião: Auditório do CEPESF

Data: 01 de setembro de 2022

Horário da reunião: das 18h00 às 18h50 (finalizaremos com um café compartilhado)

Objetivo: Promover uma reflexão sobre sua trajetória de vida, partindo das leituras sobre Carolina Maria de Jesus e como enfrentou as adversidades para realizar seu sonho de ser escritora.

Proposta:

- Mostrar e apresentar a sinopse de três livros escritos por Carolina, intitulados de diários: *‘Diário de Bitita’*, *‘Quarto de despejo: diário de uma favelada’* e *‘Casa de Alvenaria: diário de uma ex-favelada’*.
- Exibição do vídeo *‘Escreva como uma Garota’* do Fantástico disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=IufWv4430aA>. Abertura para a roda de conversa sobre que Carolina precisou enfrentar para realizar o sonho de ser escritora.
- Construção da linha do tempo da trajetória de Carolina através das informações compartilhadas na roda de conversa.
- Leitura dinâmica do trecho intitulado “o triste epílogo, a morte”, do livro *Carolina: uma biografia*, de Tom Farias, sobre os últimos dias de Carolina.

Ressaltar na leitura palavras como apagamento, cancelamento, ostracismo e silenciamento. Solicitar que as estudantes utilizem de da arte (escrita, canto, desenho, pintura etc.) para expressar o seu sentimento em relação a esse desfecho final na vida de Carolina.

- Ressaltar como “escrita de si” foi uma importante ferramenta para o protagonismo e enfrentamento das realidades vivenciadas por Carolina. Por e através da escrita Carolina pode ser lembrando e hoje reconhecida. Descrever o legado deixado por Carolina para a cultura: os escritos inéditos, as dissertações e teses, os espaços culturais e educacionais que receberam seu nome, os enredos das Escolas de Samba, os títulos póstumos recebidos etc.

APÊNDICE C – Roteiro para as oficinas da “escrita de si” – Etapa 3



ROTEIRO PARA AS OFICINAS DE ESCRITA DE SI COM OS DISCENTES DA PESQUISA

Projeto de Pesquisa – Entre Textos autorais e Contextos Educacionais e Familiares: a contribuição da escrita de si de Carolina Maria de Jesus para a construção das subjetividades das mulheres negras de escola pública.

Pesquisador: Anderson dos Santos Dias.

Na terceira etapa serão realizadas as oficinas de “escrita de si” – *Cartas a uma negra*; será um momento mais pessoal, subjetivo e personalizado. Trata-se de uma escrita de si (autobiografia) em uma sala sossegada, climatizada e vinculado a escola, onde as estudantes terão um tempo livre para produção do seu diário. Será distribuído um classificador para cada estudante contendo caderno, lápis, borracha, caneta e lápis de cor. O caderno será personalizado com o nome de cada discente e contará com as orientações para cada oficina, assim como frases de Carolina Maria de Jesus como motivação. Essas produções literárias, serão editadas e apresentadas, com os consentimentos das autoras, a Comunidade Escolar na culminância do Projeto Novembro Negro, realizado no final de novembro.

PRIMEIRA OFICINA

Local da reunião: Biblioteca do CEPESF

Data: 17 de agosto de 2022

Horário reservado para a oficina: das 18h00 às 19h00 (Após terminar a oficina será oferecido um lanche)

Motivação: Foto de Carolina Maria de Jesus com uma mensagem de acolhida.

Orientação: construa um texto autobiográfico se apresentando para sua amiga Carolina Maria de Jesus. Fale um pouco da sua trajetória de vida: sua origem, gênero, etnia, classe, laços familiares, seus medos e sonhos. Não se preocupe com os limites de linhas e páginas.

Proposta: Na folha, logo abaixo da foto da discente, têm um convite para continuar escrevendo livremente após o trecho: “Cara amiga Carolina, estou lendo seu diário e conhecendo um pouco sobre você, quero agora falar um pouco de mim”.

SEGUNDA OFICINA

Local da reunião: Biblioteca do CEPESF

Data: 24 de agosto de 2022

Horário reservado para a oficina: das 18h00 às 19h00

Motivação: Carolina, através do seu livro *Quarto de despejo: diário de uma favelada*, tem compartilhado com você sobre o seu cotidiano na favela do Canindé, suas dificuldades e seus sofrimentos.

Orientação: Escreva um pouco sobre situações de racismo, machismo e preconceito ou sobre dificuldades que você vivenciou ou presenciou e que marcaram sua trajetória de vida como mulher, negra e estudante de uma escola pública

Proposta: Desabafe com sua amiga Carolina sobre situações difíceis que você vivenciou ou presenciou e como essas vivências impactaram na sua história de vida.

TERCEIRA OFICINA

Local da reunião: Biblioteca do CEPESF

Data: 31 de agosto de 2022

Horário da reunião: das 18h00 às 19h00

Motivação: Essa é a família de Carolina. Sua Mãe Cota, seu avô Benedito que apelidou de Sócrates-africano e seus amados filhos. Ela tem boas lembranças da sua escola, apesar de ter cursado somente dois anos, e de seus amigos, segundo ela, ‘anjos que Deus colocou na sua vida’. Leia os trechos abaixo que Carolina falou sobre eles e os testemunhos dos filhos e amigos sobre a importância dela na sua vida.

Orientação: Pense na sua família, na sua relação com seus pais, irmãos e amigos; nas vivências familiares e escolares; e afetos desde a sua infância até a vida adulta. Se for mãe, relembre um pouco sobre sua trajetória (gravidez, nascimento, educação). Depois escreva livremente sobre as lembranças e sentimentos produzidos por esses contextos familiares e educacionais.

Proposta: Partilhe com Carolina um pouco sobre sua família e a importância da educação na sua vida. Escreva um pouco sobre suas vivências familiares e educacionais e das pessoas que passaram e marcaram a sua vida.

QUARTA OFICINA

Local da reunião: Biblioteca do CEPESF

Data: 09 de setembro de 2022

Horário reservado para a oficina: das 18h00 às 19h00 (Após terminar a oficina será oferecido um lanche)

Motivação: A escrita era para Carolina um espaço único, só seu. Um lugar seguro onde tudo poderia ser dito, aceito e respeitado. Nas folhas de papéis ‘encardidas’ encontradas no lixo ela falava de suas vivências, descrevia em tempo real as suas lutas e conquistas no seu cotidiano de mulher, negra, semianalfabeta, favelada, catadora de papel, mãe e companheira. Através da “escrita de si”, Carolina eternizou suas palavras. Ninguém apagará o que ela escreveu com tinta, suor e sangue. Sua vida e sua história sobreviveram

o silenciamento, esquecimento e apagamento destinado a mulheres negras da sua época. Você também, é uma Carolina!

Orientação: Durante esse período, nas rodas e conversas e oficinas, estudamos e refletimos muitos temas utilizando com base os escritos autorais e textos sobre Carolina Maria de Jesus. Suas vivenciais sociais, educacionais, familiares e culturais são testemunhos de vidas que impactam e convidam a um protagonismo e enfrentamento de realidades vivenciadas em tempo presente.

Proposta: '*Somos todas Carolinas*'! Agora é sua vez, nessa última oficina escreva como uma '*garota negra*'. Utilize a escrita como uma ferramenta de protagonismo e enfrentamento de uma realidade que você vivencia ou vivenciou. Denuncie, seja como ela, utilize das palavras escritas para gritar ao mundo. E assim com certeza no final, você também ouvirá: "*Muito bem, Carolina!*".

APÊNDICE D – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido



UNIVERSIDADE CATÓLICA DO SALVADOR
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FAMÍLIA NA
SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

ESTA PESQUISA SEGUIRÁ OS CRITÉRIOS DA ÉTICA EM PESQUISA COM SERES HUMANOS CONFORME RESOLUÇÃO N^o 510/16 DO CONSELHO NACIONAL DE SAÚDE.

I- EXPLICAÇÕES DO PESQUISADOR À PARTICIPANTE SOBRE A PESQUISA:

Você está sendo convidada a participar, como voluntária, de uma pesquisa intitulada: *Entre Textos Autorais e Contextos Educacionais e Familiares: a contribuição da escrita de si de Carolina Maria de Jesus para a construção das subjetividades das mulheres negras de escola pública*, que será desenvolvida por Anderson dos Santos Dias, em investigação de mestrado do curso de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Família na Sociedade Contemporânea. O objetivo principal da pesquisa é analisar elementos presentes nas autobiografias de Carolina Maria de Jesus que impactam na escrita de si de estudantes negras de uma escola pública na Bahia. Como objetivos específicos têm-se: estudar a autobiografia de Carolina de Jesus à luz de uma expectativa do método autobiográfico; promover ateliês autobiográficos com inspirações nas obras de Carolina Maria de Jesus; comparar os elementos da escrita nas autobiografias das estudantes negras de uma escola pública que se aproximam das experiências de vida descrita nas obras de Carolina de Jesus; e identificar, diferenças e semelhanças nas vivências de estudantes negras de uma escola pública de gerações distintas.

Para coleta de dados/ informações será realizada uma entrevista, a partir de um roteiro que contém perguntas relacionadas ao tema estudado (prevista para realização em aproximadamente 50 minutos, excetuando-se o tempo para leitura e explicação deste Termo) e caso for necessário poderá ser agendado um outro encontro para finalizarmos. Serão também realizados 04 (quatro) encontros de rodas de conversas, com temas sugeridos pelo pesquisador e objetivos específicos, embasadas nas identidades de Carolina Maria de Jesus e contextos educacionais e familiares, com duração de 50

minutos cada encontro. No final de cada encontro você será estimulada a participar das oficinas sobre a “escrita de si”, onde poderá escrever em um diário, com seus entendimentos, sentimentos e emoções após a participação das rodas de conversa.

Todas as informações, referentes esta pesquisa, estarão sob guarda do pesquisador e após a coleta de dados, será feito o download das informações para um dispositivo eletrônico local (notebook e/ou HD externo do pesquisador) apagando todo e qualquer registro de qualquer ambiente compartilhado ou nuvem, como forma de proteção de dados. Os dados que permanecerem sob guarda do pesquisador serão descartados após o período de 5 (cinco) anos.

Ao decidir participar como voluntária deste estudo esclareço que:

1. Caso não se sinta à vontade com alguma questão da entrevista, poderá deixar de respondê-la, sem qualquer prejuízo, sendo devolvidas anotações até então realizadas;
2. Durante as entrevistas, encontros das rodas de conversas e das oficinas das escritas, você poderá ausentar-se quando achar necessário e/ou recusar a falar caso não sinta à vontade e/ou não entregar as produções literárias se não se sentir à vontade.
3. As informações fornecidas poderão, mais tarde, ser utilizadas para trabalhos científicos-acadêmicos e sua identificação será mantida em sigilo, isto é, não haverá chance do nome ser identificado, assegurando completo anonimato e confidencialidade, preservando e mantendo total confidencialidade e sigilo quanto à identidade, processo e relações de intimidade;
4. A participação não lhe causará nenhum custo financeiro e nenhum ônus, mas caso tenha alguma despesa em decorrência dessa pesquisa, você será ressarcida;
5. O estudo apresenta benefícios (Res. 510/2016 CNS/MS) e a sua participação consiste na ampliação do conhecimento sobre a importância da autobiografia como uma ferramenta de construção da subjetividade para o protagonismo e enfrentamento das realidades vivenciadas por mulheres negras, trazendo resultados parciais e finais caracterizados pela produção e difusão de conhecimento em nível do mestrado acadêmico e poderá se beneficiar de um conhecimento literário sobre a escritora Carolina Maria de Jesus e produzir um pequeno livro autobiográfico que proporcionará uma vivência subjetiva através da escrita de si;
6. Há o risco de desconforto em decorrência de abordar conteúdos durante a entrevista e/ou participação das rodas de conversas e das oficinas de escritas que podem despertar lembranças ou emoções indesejadas. Caso ocorra alguma situação que necessite de apoio psicológico, o pesquisador irá conversar com você e assumir as devidas responsabilidades,

assim como direcioná-la a Psicóloga Janaina Fragoso Blumetti, inscrita no CRP 03/03927, e-mail: janainablumetti@gmail.com para um acompanhamento específico.

Essa pesquisa está em conformidade com a Resolução 510/16 do Conselho Nacional de Saúde, e foi submetida à apreciação do Comitê de Ética e Pesquisa – CEP. Os resultados da pesquisa vão ser publicados, mas sem identificar as participantes. Quando terminarmos a pesquisa os resultados serão publicados em jornais e revistas científicas e você também terá acesso a eles. Este documento contém duas vias, sendo que uma ficará com a senhora e a outra com o pesquisador.

II. INFORMAÇÕES DE NOMES E CONTATOS DE RESPONSÁVEIS PELO ACOMPANHAMENTO DA PESQUISA, PARA CONTATO EM CASO DE DÚVIDAS

PESQUISADOR RESPONSÁVEL: Anderson dos Santos Dias – Telefone: (71) 98741-2108 ou anderson.dias@ucsal.edu.br. Rua Cyridião Durval, 206 Edif. Lucas, apt.204-Conjunto Jardim Brasília/ Pernambuco. CEP: 41100-720;

Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos – CEP/UCSAL – Endereço: Av. Cardeal da Silva, n. 205 – Federação – Salvador/BA – CEP: 40231-902. Tel: (71) 3203-8913 | Email: cep@ucsal.br.

V. CONSENTIMENTO PÓS-ESCLARECIDO.

Eu, _____, aceito, voluntariamente, o convite de participar deste estudo, estando ciente de que estou livre para, em qualquer momento, desistir de colaborar com a pesquisa. Declaro que entendi os objetivos, riscos e benefícios desta pesquisa e concordo em participar espontaneamente.

_____, __ de _____ de 2022.

Assinatura da participante da pesquisa

Assinatura do pesquisador

APÊNDICE E – Termo de Assentimento do Menor



UNIVERSIDADE CATÓLICA DO SALVADOR
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FAMÍLIA NA
SOCIEDADE TCONTEMPORÂNEA

TERMO DE ASSENTIMENTO DO MENOR

ESTA PESQUISA SEGUIRÁ OS CRITÉRIOS DA ÉTICA EM PESQUISA COM SERES HUMANOS CONFORME RESOLUÇÃO Nº 510/16 DO CONSELHO NACIONAL DE SAÚDE.

I - EXPLICAÇÕES DO PESQUISADOR AO RESPOSÁVEL DA PARTICIPANTE SOBRE A PESQUISA:

Caro (a) Senhor (a), a adolescente sob sua guarda e responsabilidade, está sendo convidada a participar, como voluntária, de uma pesquisa intitulada: *Entre Textos Autorais e Contextos Educacionais e Familiares: a contribuição da escrita de si de Carolina Maria de Jesus para a construção da subjetividade das mulheres negras de escola pública*, que será desenvolvida por Anderson dos Santos Dias, em investigação de mestrado do curso de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Família na Sociedade Contemporânea. O objetivo principal da pesquisa é analisar elementos presentes nas autobiografias de Carolina Maria de Jesus que impactam na escrita de si de estudantes negras de uma escola pública na Bahia. Como objetivos específicos têm-se: estudar a autobiografia de Carolina de Jesus à luz de uma expectativa do método autobiográfico; promover ateliês autobiográficos com inspirações nas obras de Carolina Maria de Jesus; comparar os elementos da escrita nas autobiografias das estudantes negras de uma escola pública que se aproximam das experiências de vida descrita nas obras de Carolina de Jesus; e identificar, diferenças e semelhanças, nas vivências de estudantes negras de uma escola pública de gerações distintas.

Para coleta de dados/ informações será realizada uma entrevista com a estudante, a partir de um roteiro que contém perguntas relacionadas ao tema estudado (prevista para realização em aproximadamente 50 minutos, excetuando-se o tempo para leitura e explicação deste Termo) e caso for necessário poderá ser agendado um outro encontro para finalizarmos. Serão também realizados 04 (quatro) encontros de rodas de conversas, com temas sugeridos pelo pesquisador e objetivos específicos, embasadas nas identidades

de Carolina Maria de Jesus e contextos educacionais e familiares, com duração de 50 minutos cada encontro. No final de cada encontro a estudante será estimulada a participar das oficinas sobre a escrita de si, onde poderá escrever em um diário, com seus entendimentos, sentimentos e emoções após a participação das rodas de conversas.

Todas as informações, referentes esta pesquisa, estarão sob guarda do pesquisador, após a coleta de dados, será feito o download das informações para um dispositivo eletrônico local (notebook e/ou HD externo do pesquisador) apagando todo e qualquer registro de qualquer ambiente compartilhado ou nuvem, como forma de proteção de dados. Os dados que permanecerem sob guarda do pesquisador serão descartados após o período de 5 (cinco) anos.

Ao decidir autorizar a adolescente sob sua guarda e responsabilidade, a participar como voluntária deste estudo esclareço que:

1. Caso a estudante não se sinta à vontade com alguma questão da entrevista, poderá deixar de respondê-la, sem qualquer prejuízo, sendo devolvidas anotações até então realizadas;
2. Durante as entrevistas, encontros das rodas de conversas e das oficinas das escritas, ela poderá ausentar-se quando achar necessário e/ou recusar a falar caso não sinta à vontade e/ou não entregar as produções literárias se não se sentir à vontade.
3. As informações fornecidas poderão, mais tarde, ser utilizadas para trabalhos científicos-acadêmicos e sua identificação será mantida em sigilo, isto é, não haverá chance do nome ser identificado, assegurando completo anonimato e confidencialidade, preservando e mantendo total confidencialidade e sigilo quanto à identidade, processo e relações de intimidade;
4. A participação não lhe causará nenhum custo financeiro e nenhum ônus, mas caso tenha alguma despesa em decorrência dessa pesquisa, a estudante será ressarcida;
5. O estudo apresenta benefícios (Res. 510/2016 CNS/MS) e a participação da adolescente consiste na ampliação do conhecimento sobre a importância da autobiografia como uma ferramenta de construção das subjetividades para o protagonismo e enfrentamento das realidades vivenciadas por mulheres negras, trazendo resultados parciais e finais caracterizados pela produção e difusão de conhecimento em nível de mestrado acadêmico e poderá se beneficiar de um conhecimento literário sobre a escritora Carolina Maria de Jesus e produzir um pequeno livro autobiográfico que proporcionará uma vivência subjetiva através da escrita de si;

6. Há o risco de desconforto em decorrência de abordar conteúdos durante a entrevista e/ou participação das rodas de conversas e das oficinas de escrita que podem despertar lembranças ou emoções indesejadas. Caso ocorra alguma situação que necessite de apoio psicológico, o pesquisador irá conversar com a participante e assumir as devidas responsabilidades por ela, assim como direcioná-la a Psicóloga Janaina Fragoso Blumetti, inscrita no CRP 03/03927, e-mail: janainablumetti@gmail.com para um acompanhamento específico.

Este documento contém duas vias, sendo que uma ficará com o senhor (a) e a outra com o pesquisador.

Garantimos que a identidade será tratada com sigilo e, portanto, não será identificada. Esta pesquisa respeita o que determina o ECA (Estatuto da criança e do adolescente) e o Estatuto da Juventude, desta forma a imagem será preservada. Ninguém saberá que a menor participará da pesquisa, não falaremos a outras pessoas, nem daremos a estranhos as informações coletadas. Os resultados da pesquisa vão ser publicados, mas sem identificar as participantes. Quando terminarmos a pesquisa os resultados serão publicados em jornais e revistas científicas e você também terá acesso a eles.

II. INFORMAÇÕES DE NOMES E CONTATOS DE RESPONSÁVEIS PELO ACOMPANHAMENTO DA PESQUISA, PARA CONTATO EM CASO DE DÚVIDAS

PESQUISADOR RESPONSÁVEL: Anderson dos Santos Dias – Telefone: (71) 98741-2108 ou anderson.dias@ucsal.edu.br. Rua Cyridião Durval, 206 Edif. Lucas, apt.204-Conjunto Jardim Brasília/ Pernambuco. CEP: 41100-720;

Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos – CEP/UCSAL – Endereço: Av. Cardeal da Silva, n. 205 – Federação – Salvador/BA – CEP: 40231-902. Tel: (71) 3203-8913 | E-mail: cep@ucsal.br.

III. CONSENTIMENTO PÓS-ESCLARECIDO

Eu, _____ autorizo adolescente sob a minha guarda e responsabilidade _____ a aceitar voluntariamente o convite para participar deste estudo, estando ciente de que o a mesma está livre para, a qualquer momento, desistir de colaborar com a pesquisa, sem que isso acarrete qualquer prejuízo.

Dias D'Avila , _____ de _____ de 2022.

Assinatura do (a) responsável pela participante da pesquisa.

Assinatura do pesquisador.

APÊNDICE F – Declaração Antiplágio

Eu, ANDERSON DOS SANTOS DIAS, matrícula 200017872 e estudante do curso de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Família na Sociedade Contemporânea da Universidade Católica do Salvador, declaro que o trabalho em versão digital apresentado é componente parcial da avaliação de (mestrado/doutorado), compondo-se de pesquisa original. Ademais, venho confirmar que todas as citações e as referências, bem como uso de dados primários e secundários (quando existentes) estão corretamente identificadas. Tal procedimento indica autoria e responsabilidades para os devidos fins e efeitos, podendo ser incluído como prova junto à UCSAL.

Declaro que o material é original, resultado da investigação realizada por mim e que a utilização de contribuições ou textos de autores alheios estão devidamente referenciados, obedecendo aos princípios e regras dos Direitos de Autor e Direitos Conexos.

Tenho consciência de que a utilização de elementos alheios não identificados constitui uma grave falta ética e disciplinar, sendo informadas no Regimento Interno da Pós-Graduação dessa instituição.

Salvador, 28 de abril de 2023.

Anderson dos Santos Dias.